



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JOSÉ VICTOR MELO DE LIMA

**A MULTIFUNCIONALIDADE DAS FORMAS *TÚ* E *USTED* NO ESPANHOL ORAL
DE VALÊNCIA**

FORTALEZA

2024

JOSÉ VICTOR MELO DE LIMA

A MULTIFUNCIONALIDADE DAS FORMAS *TÚ* E *USTED* NO ESPANHOL ORAL DE
VALÊNCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Descrição e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L698m Lima, José Victor Melo de.
 A multifuncionalidade das formas tú e usted no espanhol oral de Valência / José Victor Melo de
Lima. – 2024.
 216 f. : il.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em História, Fortaleza, 2024.
 Orientação: Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes.
1. Multifuncionalidade. 2. Tú e usted. 3. Espanhol oral de Valência. I. Título.

CDD 900

JOSÉ VICTOR MELO DE LIMA

A MULTIFUNCIONALIDADE DAS FORMAS *TÚ* E *USTED* NO ESPANHOL ORAL DE
VALÊNCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em: 28/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Leandra Cristina de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^a. Dra. Maria Alice Tavares
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Prof^a. Dra. Hebe Macedo de Carvalho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dra. Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Com todo amor, à minha mãe Lúcia, ao meu pai Manoel e aos meus sobrinhos Júlia e Pedro, que são meu porto seguro. E, com o coração cheio de saudade, à minha eterna e amada irmã **Emanuele** (*in memoriam*), cuja presença permanece viva em cada conquista e em cada lembrança.

AGRADECIMENTOS

A você, Manú! Você foi a primeira e a última motivação para a concretização desta etapa. Durante todo esse percurso, seu amor foi o farol que me guiou. Sei que você deve estar feliz por mais essa conquista. Ela é sua, mais que minha. Sua ausência é e continuará sendo uma lacuna imensa em nossas vidas. O impacto que você teve em minha jornada é imensurável e, por isso, meu agradecimento é eterno, minha irmã. Para sempre lhe amarei!

Aos meus queridos pais, Lúcia e Manoel, pelo suporte incondicional que sempre me ofereceram. Mesmo em momento que talvez não compreendiam completamente, sempre me ampararam verdadeiramente. Sinto-me imensamente grato e feliz por tê-los como companhia, enfrentando juntos os desafios, muitas vezes dolorosos, impostos nessa jornada do viver. Amo-os profundamente!

Aos meus sobrinhos, Júlia e Pedro, agradeço por serem fontes inesgotáveis de motivação, inspirando-me, mesmo que indiretamente, a buscar constantemente aprimorar-me tanto como pessoa quanto como profissional e lhes proporcionar sempre o melhor. Vocês são joias preciosas que me foram legadas por minha amada irmã.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Valdecy de Oliveira Pontes, pela orientação e apoio necessário para a elaboração desta tese. Agradeço por sua paciência e, sobretudo, compreensão nos momentos difíceis que surgiram ao longo desta pesquisa. Suas contribuições aprimoraram e enriqueceram o trabalho empreendido.

Ao meu amigo-irmão Zé Roberto, a quem expressei minha profunda gratidão pela amizade fiel que atravessa todas as fases da minha vida, incluindo esta. Obrigado por tanto apoio, comprometimento e orações. Você sempre foi ponto de equilíbrio em minha jornada! Não posso deixar de reconhecer as valiosas interlocuções que contribuíram com esta pesquisa.

Às amigas de longas datas, Priscila, Mara, Suzana e Glau, que traduzem o verdadeiro significado da amizade em minha vida. O amor que compartilham comigo é genuíno e muito significativo para mim.

Aos amigos Erasmo e Júnior, por estarem presentes nos momentos desafiadores. Agradeço pelas palavras de conforto e momentos descontraídos que foram essenciais para tornar este processo mais leve.

Ao amigo Victor Emanuel, pela companhia sincera, suporte e apoio inabalável em momentos difíceis. Obrigado pelo preparo de refeições durante o momento intenso de escrita e suporte inestimável que me ajudou a alcançar este objetivo.

Às professoras Dra. Márluce Coan, Dra. Maria Alice Tavares, Dra. Leandra Cristina de Oliveira e Dra. Hebe Macedo de Carvalho, por aceitarem realizar a leitura deste trabalho e dedicarem tempo e expertise em sua análise.

A todos os meus professores que contribuíram significativamente para a minha formação, desde os anos iniciais até o doutorado. Cada um, certamente, contribuiu para moldar o meu percurso acadêmico e pessoal.

Aos amigos do doutorado e de vida, Mayara, Rogiellyson, Priscila e Hélio, por compartilhar não só o ambiente acadêmico, mas a amizade de cada um de vocês. A troca de ideias, celebrações das vitórias e apoio nos momentos difíceis fizeram toda a diferença.

Aos queridos que a UFC me proporcionou: Leidiane, Vladinise, Ravena, Neurielli, Dieyme, Magno, Sávio, Zulmira, Jaqueline, Livia e Eveline. Quero expressar minha profunda gratidão pela admiração e pelo constante apoio.

Aos amigos do grupo POP's, Icla, Yunisson, Romênia, Henrique, Thayane, Tábita, Amanda, Edson, Caroline e Diogo, expesso minha profunda gratidão pelas positivas vibrações em cada conquista e apoio nos momentos difíceis.

Aos atuais e ex-alunos, agradeço por serem fontes constantes de inspiração no que diz respeito à profissão, motivando-me a buscar incessantemente o aprimoramento.

Expresso a todos minha profunda gratidão.

[...] en todo momento, lo que efectivamente *se dice* es menos de lo que *se expresa* y *se entiende*. Mas ¿cómo es posible que lo hablado signifique y se entienda más allá de lo dicho y hasta más allá de la lengua? Tal posibilidad está dada por las actividades expresivas complementarias y, sobre todo, por las circunstancias del hablar, o sea, por los *entornos*.

Los entornos intervienen necesariamente en todo hablar, pues no hay discurso que no ocurra en una circunstancia, que no tenga un “fondo”. [...] los entornos orientan todo discurso y le dan sentido, y hasta pueden determinar el nivel de verdad de los enunciados. (Coseriu, 1967, p. 308-309).

RESUMO

As formas e fórmulas de tratamento constituem um tema de grande interesse em diferentes áreas linguísticas, sobretudo na Sociolinguística, e têm sido objeto de estudo de numerosas pesquisas. No tocante à realidade hispânica, tendo em vista a complexidade do sistema de tratamento nessa língua, há uma profusão de trabalhos na literatura especializada sobre a temática. Embora clássico, esse assunto compõe um campo de estudo metodologicamente ainda bastante homogêneo, evidenciando, assim, a necessidade de abordagens não convencionais que permitam um entendimento mais amplo das razões complexas e multifacetadas subjacentes às escolhas linguísticas relacionadas às formas de tratamento em espanhol. Nesse sentido, a presente pesquisa pretende analisar a multifuncionalidade das formas *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência, Espanha. Ao considerar a língua como um sistema adaptativo, orientada funcionalmente para atender às necessidades comunicativas dos falantes em contextos específicos, este estudo apoiou-se nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, mais especificamente o de vertente norte-americana (Givón, 1971, 1979, 1984a, 1984b, 1984c, 1985, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005; Hopper, 1979, 1991; Hopper; Thompson, 1980; Hopper; Traugott, 2003, Traugot; Heine, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991; Bybee, 2016, 2020; Bybee; Hopper, 2001). Além disso, devido à afinidade entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, foram considerados os trabalhos de Langacker (1987, 1991, 2007, 2008) para utilizar uma ferramenta analítica cognitiva que oportunizasse *insights* mais abrangentes sobre as nuances envolvidas no uso das formas em questão. Para alcançar os objetivos propostos, elencaram-se distintos níveis linguísticos de análise a partir dos quais se mapearam as funções desempenhadas pelas formas sob análise. Estes incluíram o nível sintático-discursivo, em que se examinou a função de *sujeito* (*sujeito pronominal*) e *não sujeito* (*objeto de pessoa*); o nível textual-discursivo, com foco nos planos discursivos, a saber, *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*; e o nível pragmático-discursivo, em que se consideraram a função *uso dêitico* e as seguintes funções dêíticas não prototípicas: *generalização*, *generalização focalizada*, *desfocalização* e *encobrimento do eu*. Procedeu-se uma análise quali-quantitativa dos dados — embora com foco na primeira — os quais foram obtidos a partir de 12 entrevistas do tipo semiestruturada provenientes do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL). As ocorrências analisadas foram codificadas e quantificadas para fins de frequência de uso. Desse modo, visando a maior precisão e minimização de possíveis erros, utilizou-se o *software* Atlas.ti para essa finalidade. Após o tratamento dos dados, obteve-se um total de 597 registros de *tú* e *usted* e respectivos paradigmas. Desse total, o uso da forma

tú na função de sujeito e objeto foi predominante. Por outro lado, o pronome *usted*, e seu paradigma, apresentou apenas 76 dados do quantitativo total supracitado, corroborando, assim, a preferência de uso da forma *tú* evidenciada em Lima (2018) na comunidade de fala valenciana. No que se refere ao nível sintático-discursivo, observou-se que houve especialização no uso dessas formas. Os pronomes em sua função de sujeito demonstraram ser mais proeminentes que suas respectivas formas em função de objeto. Considerando um *continuum* de proeminência, a forma *tú* ocupa o primeiro lugar numa escala de mais proeminente a menos proeminente, seguido da forma *usted*, *te*, *a ti*, *le*, *a usted*, nessa ordem. Assim, as formas de segunda pessoa do singular em função de sujeito constroem o referente de modo mais claro e direto que as formas em função de objeto. No tocante ao nível textual-discursivo, percebeu-se que a forma menos marcada *tú* foi preponderante em contexto também menos marcado, isto é, *figura*. Analogamente, esse pronome foi também favorecido no plano discursivo *fundo 01*, tendo em vista tratar-se de um contexto menos marcado que o *fundo 2*. Surpreendentemente, a forma *usted*, ainda que com baixo registro, não foi favorecida no plano discursivo *fundo 2*, contexto que exige maior processamento cognitivo e em que as informações não se transmitem com tanta fluidez como no *fundo 1*. Já a análise do nível pragmático-discursivo evidenciou distintos padrões de uso e variações pragmáticas das formas de tratamento *tú* e *usted* a depender do contexto enunciativo. Considerando o conjunto das funções dêiticas não prototípicas, registrou-se um percentual de uso significativamente superior (70%) às ocorrências de uso das formas dêiticas (30%). Nesse bojo, é evidente a preferência dos falantes valencianos pela forma *tú* para generalizar o referente, especialmente quando se pretende personalizá-lo, isto é, quando o uso da segunda pessoa do singular envolve uma situação que não se aplica a todos, mas a um grupo específico de indivíduos (*generalização focalizada*). Ademais, tendo em vista a presença extremamente reduzida da forma *usted* com essa função, a frequência e ampliação dos contextos de uso da forma *tú* podem indicar um processo de gramaticalização mais acentuado para essa forma. Desse modo, ela é mais comumente utilizada para expressar certas nuances pragmático-discursivas. Conclui-se que o uso da forma *tú* ou *usted* é orientado por diferentes funções, seja através de estratégias perceptuais de organização e interpretação das informações, seja pelo grau de proeminência atribuído aos referentes na comunicação. Além disso, a segunda pessoa do singular é utilizada estrategicamente para marcar funções pragmáticas específicas em contextos de generalização. Os resultados demonstraram claramente que os falantes fazem um uso criativo da linguagem, e que as escolhas não dependem somente da aplicação estrita de

categorias fixas. É necessário levar em consideração fatores e elementos textuais, linguísticos, pragmáticos e cognitivos presentes no contexto em que o discurso ocorre.

Palavras-chave: multifuncionalidade; *tú* e *usted*; espanhol oral de Valência.

RESUMEN

Las formas y fórmulas de tratamiento constituyen un tema de gran interés en diferentes áreas lingüísticas, especialmente en la Sociolingüística, y ha sido objeto de estudio de numerosas investigaciones. En lo que se refiere a la realidad hispánica, considerando la complejidad del sistema de tratamiento en esa lengua, hay una profusión de trabajos en la literatura especializada sobre la temática. Aunque clásico, ese asunto compone un campo de estudio todavía metodológicamente bastante homogéneo, evidenciando, así, la necesidad de abordajes no convencionales que permitan un entendimiento más amplio de las razones complejas y multifacéticas subyacentes a las elecciones lingüísticas relacionadas a las formas de tratamiento en español. En ese sentido, la presente investigación pretende analizar la multifuncionalidad de las formas *tú* y *usted* en el español oral de Valencia, España. Al considerar la lengua como un sistema adaptativo, orientada funcionalmente para atender a las necesidades comunicativas de los hablantes en contextos específicos, este estudio se apoyó en los presupuestos teóricos del Funcionalismo Lingüístico, más específicamente el de vertiente norteamericana (Givón, 1971, 1979, 1984a, 1984b, 1984c, 1985, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005; Hopper, 1979, 1991; Hopper; Thompson, 1980; Hopper; Traugott, 2003, Traugot; Heine, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991; Bybee, 2016, 2020; Bybee; Hopper, 2001). Además, debido a la afinidad entre el Funcionalismo y la Lingüística Cognitiva, fueron considerados los trabajos de Langacker (1987, 1991, 2007, 2008) para utilizar una herramienta analítica cognitiva que proporcionara *insights* más amplios sobre los matices involucrados en el uso de las formas en cuestión. Para alcanzar los objetivos propuestos, se seleccionó distintos niveles lingüísticos de análisis a partir de los cuales se mapeó las funciones desempeñadas por las formas bajo análisis. Estos incluyeron el nivel sintáctico-discursivo, en que se examinó la función de *sujeto* (*sujeto pronominal*) y *no sujeto* (*objeto de persona*); el nivel textual-discursivo, con enfoque en los planes discursivos, concretamente, *figura*, *fundo 1* y *fundo 2*; y el nivel pragmático-discursivo, en que se consideró la función *uso deíctico* y las siguientes funciones no deícticas: *generalização*, *generalização focalizada*, *desfocalização* y *encobrimento do eu*. Se procedió un análisis cualitativo de los datos, los cuales fueron obtenidos a partir de 12 entrevistas del tipo semiestructurada originarias del *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL). Las ocurrencias analizadas fueron codificadas y cuantificadas para fines de frecuencia de uso. De ese modo, con el objetivo de una mayor exactitud y minimización de posibles errores, se utilizó el *software* Atlas.ti para esa finalidad. Tras el tratamiento de los

datos, se obtuvo un total de 597 registros de *tú* y *usted* y respectivos paradigmas. De ese total, el uso de la forma *tú* en la función de sujeto y objeto fue predominante. Por otro lado, el pronombre *usted*, y su paradigma, presentó solamente 76 datos del cuantitativo total mencionado anteriormente, confirmando, así, la preferencia de uso de la forma *tú* evidenciada en Lima (2018) en la comunidad de habla valenciana. En lo que se refiere al nivel sintáctico-discursivo, se observó que hubo especialización en el uso de esas formas. Los pronombres en su función de sujeto demostraron ser más prominentes que sus respectivas formas en función de objeto. Considerando un *continuum* de prominencia, la forma *tú* ocupa el primer lugar en una escala de más prominente a menos prominente, seguido por la forma *usted*, *te*, *a ti*, *le*, *a usted*, en ese orden. Así, las formas de segunda persona del singular en función de sujeto construyen el referente de modo más claro y directo que las formas en función de objeto. Con respecto al nivel textual-discursivo, se percibió que la forma menos marcada *tú* fue preponderante en contexto también menos marcado, o sea, *figura*. Del mismo modo, ese pronombre fue también favorecido en el plano discursivo *fundo 01*, teniendo en cuenta tratarse de un contexto menos marcado que el *fundo 2*. Sorprendentemente, la forma *usted*, aunque con bajo registro, no fue favorecida en el plano discursivo *fundo 2*, contexto que exige mayor procesamiento cognitivo y en que las informaciones no fluyen con tanta fluidez como en el *fundo 1*. Sobre el análisis del nivel pragmático-discursivo, se evidenció distintos patrones de uso y variaciones pragmáticas de las formas de tratamiento *tú* y *usted* a depender del contexto enunciativo. Considerando el conjunto de las funciones deícticas no prototípicas, se registró un porcentaje de uso significativamente superior (70%) a las ocurrencias de uso de las formas deícticas (30%). En ese contexto, es evidente la preferencia de los hablantes valencianos por la forma *tú* para generalizar el referente, especialmente cuando se pretende personalizarlo, es decir, cuando el uso de la segunda persona del singular implica una situación que no se aplica a todos, pero a un grupo específico de individuos (*generalização focalizada*). Además, teniendo en cuenta la presencia extremadamente reducida de la forma *usted* con esa función, la frecuencia y ampliación de los contextos de uso de la forma *tú* pueden indicar un proceso de gramaticalización más acentuado para esa forma. De ese modo, ella es más comúnmente utilizada para expresar ciertos matices pragmático-discursivos. Se concluye que el uso de la forma *tú* o *usted* es orientado por diferentes funciones, sea a través de estrategias perceptuales de organización e interpretación de las informaciones, sea por el grado de prominencia atribuido a los referentes en la comunicación. Asimismo, la segunda persona del singular es utilizada estratégicamente para marcar funciones pragmáticas específicas en contextos de

generalización. Los resultados demostraron claramente que los hablantes hacen un uso creativo del lenguaje, y que las elecciones no dependen solamente de la aplicación estricta de categorías fijas. Es necesario llevar en consideración factores y elementos textuales, lingüísticos, pragmáticos y cognitivos presentes en el contexto en que el discurso ocurre.

Palabras clave: multifuncionalidad; *tú* y *usted*; español oral de Valencia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fases da gramaticalização	80
Figura 2 – Hipotenusa	93
Figura 3 – Mapa da região metropolitana de Valência.....	104
Figura 4 – <i>Continuum</i> de proeminência das pessoas gramaticais	126
Gráfico 1 – Porcentagem formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivos paradigmas	145
Gráfico 2 – Porcentagem de uso na função de sujeito pronominal e objeto de pessoa das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivos paradigmas.....	148
Figura 5 – <i>Continuum</i> de proeminência de segunda pessoa do singular	152
Gráfico 3 – Porcentagem de uso dêitico e não dêitico das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivos paradigmas	156
Gráfico 4 – Porcentagem de uso não dêitico das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivo paradigma.....	157
Figura 6 – <i>Continuum</i> de gradiência das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> nas funções dêiticas não prototípicas	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sistema de tratamento na etapa final do latim.....	32
Quadro 2 – De <i>vos</i> a <i>vosotros</i> e a <i>vuestras mercedes</i>	32
Quadro 3 – Sistema de tratamento no início do Século de Ouro	33
Quadro 4 – Sistema moderno de tratamento pronominal.....	33
Quadro 5 – Sistema de tratamento usado no espanhol americano	34
Quadro 6 – Do latim ao espanhol: evolução das formas átonas.....	34
Quadro 7 – América tuteante	35
Quadro 8 – América voseante	35
Quadro 9 – América tuteante-voseante	35
Quadro 10 – Sistemas pronominais hispano-americano de acordo com Fontanella de Weiberg	36
Quadro 11 – Sistema pronominal de tratamento na Espanha.....	37
Quadro 12 – Paradigma Pronominal do Sistema I	38
Quadro 13 – Paradigma Pronominal do Sistema II.....	38
Quadro 14 – Formulação dos princípios de marcação e expressividade.....	76
Quadro 15 – Formulação dos princípios de iconicidade e expressividade	77
Quadro 16 – Parâmetro de transitividade segundo Hopper e Thompson.....	87
Quadro 17 – Distribuição por cotas de informantes no <i>corpus</i> PRESEVAL.....	109
Quadro 18 – Distribuição dos informantes por sexo, idade e escolaridade na amostra constituída a partir do <i>corpus</i> PRESEVAL.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivos paradigmas	144
Tabela 2 – Ocorrências das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivos paradigmas em função de sujeito pronominal e objeto de pessoa.....	147
Tabela 3 – Ocorrências de uso dêitico e não dêitico das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivos paradigmas	156
Tabela 4 – Ocorrências das formas <i>tú</i> e <i>usted</i> e respectivos paradigmas nas funções dêíticas não prototípicas	156

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	AS FORMAS DE TRATAMENTO DE SEGUNDA PESSOA NO MUNDO HISPÂNICO	31
2.1	<i>Tú, vos e usted</i>	31
2.2	As formas de tratamento no espanhol peninsular	37
2.3	<i>Tú e usted</i> em perspectiva	40
2.4	Súmula do capítulo	61
3	REFERENCIAL TEÓRICO	65
3.1	O Funcionalismo Linguístico	65
3.2	Princípios funcionalistas	72
3.2.1	Princípio de iconicidade	72
3.2.2	Princípio de marcação.....	74
3.2.3	Princípio de expressividade retórica.....	76
3.2.4	Gramaticalização	77
3.2.5	Planos discursivos.....	86
3.2.6	Princípio de proeminência	90
3.3	Súmula do capítulo	95
4	METODOLOGIA.....	98
4.1	Natureza da pesquisa	98
4.1.1	Método de abordagem.....	98
4.1.2	Objetivo	100
4.1.3	Procedimentos técnicos	101
4.2	A amostra e o universo da pesquisa.....	103
4.2.1	Descrição da coleta de dados	109
4.2.1.1	<i>A entrevista</i>	113
4.2.1.2	<i>Método de contagem dos dados</i>	119
4.3	Dados desconsiderados.....	120
4.4	Procedimentos de análise	122
4.4.1	Formas linguísticas.....	122
4.4.2	Níveis de análise.....	124
4.4.2.1	<i>Nível sintático-discursivo</i>	125

4.4.2.2	<i>Nível pragmático-discursivo</i>	128
4.4.2.3	<i>Nível textual-discursivo</i>	139
4.5	Súmula do capítulo	141
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	143
5.1	A amostra e o quantitativo de dados.....	143
5.2	Nível sintático-discursivo	146
5.2.1	Função sintática	147
5.3	Nível pragmático-discursivo	154
5.3.1	Função dêitica	158
5.3.2	Generalização.....	177
5.3.3	Generalização focalizada	180
5.3.4	Desfocalização	182
5.3.5	Encobrimento do eu	184
5.4	Nível textual-discursivo (<i>figura, fundo 1 e fundo 2</i>).....	189
5.5	Súmula do capítulo	194
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	196
	REFERÊNCIAS	201

1 INTRODUÇÃO

O aspecto mutável da língua é um fato amplamente reconhecido. Conforme Saussure (2012 [1916]), o tempo, assim como o faz com todas as coisas, age sobre a língua, alterando-a e fazendo-a evoluir. Segundo o linguista, a ação de fatores que alteram a língua quer seja no som quer seja em seu significado é algo inevitável. Esse aspecto é perceptível, por exemplo, nas formas que compõem o sistema de tratamento das línguas. Devido a sua sensibilidade às pressões socioculturais, essas formas são altamente voláteis e multifacetadas, pois também podem codificar inúmeros significados. Em razão disso, a temática do tratamento tem sido foco de várias pesquisas e apresenta uma bibliografia bastante produtiva nos estudos linguísticos.

Conforme Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017), os estudos sobre as formas de tratamento são numerosíssimos no âmbito da língua espanhola. Um exemplo notável dessa produtividade é a obra *Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico* (Hummel, Kluge e Vásquez Laslop, 2010) que reúne, em mais de mil páginas, pesquisas de especialistas nessa temática. Outro exemplo é a bibliografia organizada por Fernández e Gerhalter (2017) a qual apresenta mais de 1.500 entradas de trabalhos que abordam os pronomes de segunda pessoa e as fórmulas de tratamento no espanhol.

Em diversas pesquisas sobre o assunto, é consenso que o fenômeno do *tuteo*¹ têm se popularizado em diferentes contextos e em várias regiões do mundo hispânico. Dessa forma, uma vez que a língua reflete a estrutura social de cada sociedade e é modificada por ela, há um forte interesse em estudar esse fenômeno tão difundido nas comunidades hispanófonas. Além disso, a língua espanhola apresenta um sistema de tratamento de segunda pessoa bastante complexo em sua morfossintaxe (Fontanella de Weinberg, 1999), o que torna ainda mais importante compreender a dinâmica de uso das formas que compõem esse sistema alocutivo.

Em espanhol, os pronomes *tú* e *usted* são as formas de tratamento predominantemente utilizadas (Hernández Alonso, 1984). Nomes renomados da área, como Blas Arroyo (1994), Carricaburo (1997), Silva-Corvalán e Enrique-Arias (2017), afirmam que a primeira forma, considerada pelos compêndios clássicos como uma forma usada em contextos de maior familiaridade entre interlocutores conhecidos, tem se tornado cada vez mais comum em situações de comunicação em que se espera um tratamento mais formal, próprio do uso de *usted* — que é uma forma tida como conservadora.

¹ Segundo Calderón Campos (2010a, p. 225), *tuteo* é um conceito que se refere ao emprego de formas pronominais e verbais, relativas ao pronome de segunda pessoa do singular, *tú*, para se reportar ao interlocutor.

De acordo com as evidências disponíveis, reforçamos que o avanço do uso da forma *tú* tem se mostrado uma tendência consistente na língua espanhola. Hummel (2010c), ao estudar as formas de tratamento no Peru, aponta a predominância do uso de *tú* em relação ao *vos*. Conforme o autor, o pronome *usted* ainda mantém um papel importante como forma de tratamento padrão, mas que, rapidamente, os falantes podem migrar para o uso de *tú* se há algum marcador de confiança como: família, interlocutores de mesma idade, colegas, ambiente amistoso etc.

Em outro estudo sobre as formas de tratamento em regiões das Antilhas, como República Dominicana, Cuba e Porto Rico, Hummel (2010b) observou que, apesar da existência de *usted* como forma de respeito e da presença do uso da forma *vos*, é inquestionável a preferência pelo *tuteo* em relação à última. Segundo o autor, essa vantagem pode ser explicada pela forte ligação histórica dessas ilhas com a Espanha desde os tempos da colonização.

Em relação ao uso dos pronomes de segunda pessoa na Venezuela, Álvarez Muro e Freites Barros (2010) relatam que as formas gerais *tú* e *usted* são utilizadas com variações dependendo de determinadas regiões. No entanto, em áreas como os Andes, em que o *tuteo* é menos comum e a forma *usted* ainda é mais prestigiada, o uso de *tú* vem ganhando espaço e se desenvolvendo. Outra pesquisadora que investigou o uso da forma *tú* é Orozco (2010), que realizou um estudo na cidade de Guadalajara, no México. A autora constatou que os falantes mais jovens, com maior nível de escolaridade e nascidos nessa cidade, utilizavam a forma *tú* com maior frequência.

As pesquisas sumariamente mencionadas representam uma pequena parcela do que tem sido produzido na área do tratamento na língua espanhola. Contudo, embora haja uma quantidade considerável de trabalhos, é importante destacar que há uma escassez bibliográfica de estudos que se concentram nas variedades do espanhol peninsular em comparação com outras variedades do idioma, como apontam Calderón Campos e Medina Morales (2010). Ademais, esses autores destacam que a maioria das pesquisas se concentra em núcleos urbanos específicos dentro da península.

Para exemplificar, podemos mencionar o estudo realizado por Sanromán Vilas (2010), que analisou o uso de *tú* e *usted* em duas gerações de jovens da cidade de Cádiz, localizada no sul da Espanha. O objetivo da autora foi investigar os fatores que influenciam a escolha desses pronomes e se havia variação atrelada a características como idade e sexo dos informantes. Os resultados demonstraram uma grande variação entre as duas gerações de jovens, com um favorecimento da forma *tú* em contextos como o familiar e nas relações com

amigos de idade próxima. Sanromán Vilas (2010) concluiu que, mais do que qualquer outro fator, é a idade que condiciona a escolha de uma forma de tratamento.

Sampedro Mella (2015) realizou uma análise qualitativa da variação entre as supracitadas formas em um *corpus* de entrevistas semidirigidas na cidade Santiago de Compostela, Galiza. A autora selecionou 18 entrevistas com falantes de ambos os sexos, divididos em três faixas etárias distintas e com grau de escolaridade superior. As variações pronominais foram consideradas tanto na fala dos entrevistados como na fala do entrevistador. Segundo a autora, a alternância entre essas duas formas não é algo estável e sujeito a regras, mas depende de vários fatores que, como a idade e a formalidade da situação comunicativa. Em seu trabalho, a pesquisadora concluiu que a forma não marcada no espanhol peninsular é *tú*.

Molina (2002) é outra pesquisadora que também estudou as formas de tratamento na variedade do espanhol peninsular, conduzindo uma pesquisa em tempo real sobre a evolução dessas formas na juventude de Madri ao longo do século XX. Para isso, a pesquisadora utilizou informações sobre os sistemas de tratamento fornecidas pela bibliografia existente desde o início do século XX até o momento de sua pesquisa, completando a cronologia com dois estudos que realizou com alunos universitários durante os anos de 1988 e 2000.

Ao constatar que houve uma mudança em direção ao uso do *tuteo*, a autora concluiu que ela se deu de forma consciente por parte dos falantes e teve início no contexto urbano, sendo de uso mais frequente entre a população mais jovem. Além disso, a autora apresentou outras informações relevantes sobre o tratamento em língua espanhola, como o fato de que, embora seja difícil prever o desaparecimento da forma *usted*, tudo indica que ela está se restringindo e será usada em um contexto mais limitado no futuro.

Tendo em vista as supracitadas considerações de Calderón Campos e Medina Morales (2010), sentimos, inicialmente, a necessidade de conduzir um estudo sobre os usos das formas de tratamento de segunda pessoa, *tú* e *usted*, em uma comunidade de fala peninsular. Para isso, realizamos uma pesquisa de *corpora* que nos permitisse investigar essa questão e, entre os *corpora* aos quais tivemos acesso, optamos pelo *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia – PRESEVAL* por razões metodológicas que apresentamos a seguir.

A cidade de Valência, situada na costa mediterrânea, no leste do país, é a terceira cidade mais populosa da Espanha e, portanto, uma localidade que nos permite examinar o uso das formas de tratamento em uma comunidade de fala peninsular relevante. Dado que o *tuteo* é um fenômeno em expansão, foi de nosso interesse investigar o estado dessa questão fenomênica

nessa comunidade de fala e quais fatores, para além das variáveis sociolinguísticas clássicas, podem estar influenciando a dinâmica de uso desses pronomes.

Como já foi dito, Calderón Campos e Medina Morales (2010) observaram que a maioria dos estudos sobre o tratamento se concentra em centros urbanos na península espanhola, sendo, por exemplo, raros os trabalhos realizados em comunidades rurais. Apesar desses autores reconhecerem que são poucos os centros urbanos contemplados nesses estudos — geralmente, Salamanca, Madri, Bilbao, País Basco e Valência — e o resto da península ainda está por estudar-se, insistimos nessa última cidade pelos seguintes motivos: i) pela dificuldade inicial para encontrar *corpora* já compilados de comunidades de fala espanholas e pela inviabilidade de compormos o nosso próprio *corpus* para análise e ii) por acreditarmos que as considerações sobre os usos de *tú* e *usted* ainda não tenham sido esgotadas nessa comunidade de fala e, portanto, que é importante incluir contribuições de outras perspectivas para ampliar o entendimento sobre o uso dessas formas.

No que diz respeito à metodologia empregada para investigar as formas de tratamento em espanhol, Blas Arroyo (1994) destaca que a maioria dos estudos realizados até o momento da publicação de seu trabalho analisava o uso dessas formas com base em fatores geralmente relacionados à identidade do falante. Através de questionário, técnica unânime nessas pesquisas, os informantes eram questionados sobre o tratamento que utilizariam para se dirigir a interlocutores, esses, estratificados a partir de variáveis consideradas relevantes como sexo, condição social, idade e parentesco com o falante.

Quase duas décadas após a publicação de Blas Arroyo (1994), Calderón Campos e Medina Morales (2010) constataam que todos os trabalhos analisados na área do tratamento do espanhol peninsular apresentam estrutura semelhantes e constituem um panorama bastante homogêneo. Os autores explicam que quase todas as pesquisas focam na análise de falas da população mais jovem e consideram apenas as famosas variáveis labovianas, como sexo, idade e escolaridade. De forma análoga, todos esses estudos utilizaram questionário como técnica de coleta.

Calderón Campos e Medina Morales (2010) são categóricos ao afirmar que a literatura disponível é unânime no uso dos pressupostos teóricos da Sociolinguística e se baseia na teoria do poder e da solidariedade proposta por Brown e Gilman (1960). Por fim, os pesquisadores ressaltam a importância de se incorporar o conhecimento de outras disciplinas como, por exemplo, a Pragmática, na análise dos dados.

Além disso, acredita-se que ainda não tenha havido uma explicação profunda das

complexas motivações socioestilísticas e cognitivas que condicionam o uso das formas de tratamento, como afirma o professor associado da Universidade de Salamanca, Aijón Oliva (2009). Embora muitos trabalhos tenham continuado a contribuir para a teoria de Brown e Gilman (1960), ela ainda se mostra insuficiente para explicar muitos casos reais de alternância pronominal, de acordo com o autor.

Embora a teoria proposta por Brown e Gilman (1960) sobre a relação entre poder e solidariedade na escolha da forma de tratamento seja considerada pioneira, influente nos estudos sociolinguísticos e necessária — pelo menos em algumas situações — para entendermos a dinâmica de uso dessas formas, é importante reforçar que somente ela não dá conta de explicar completamente a complexidade do sistema de tratamento em espanhol. Ademais, apesar de a Sociolinguística ser fundamental na área do tratamento, pois essas formas estão diretamente relacionadas às questões sociais e culturais que afetam a língua e a sua utilização, existem outras dimensões linguísticas que também devem ser consideradas e melhor exploradas. Afinal, conforme Hummel, Kluge e Vázquez Laslop (2010) afirmam, as formas de tratamento apresentam variação em todas as dimensões da língua.

Considerando a afirmação de que as variações podem ocorrer em diversos níveis linguísticos, a alternância entre as formas de tratamento *tú* e *usted* é um fenômeno que também pode ser observado desde uma perspectiva pragmático-discursiva, por exemplo. Com efeito, a análise desse fenômeno nessa dimensão, ao que nos consta, ainda é pouco explorada e apresenta análises pouco diversificadas nos estudos da área do tratamento. Como observado por Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017), o supracitado nível tem sido insuficientemente pesquisado no que se refere a estudos sobre a segunda pessoa singular.

Segundo os autores citados, é importante que haja a condução de pesquisas empíricas que permitam a descrição e a análise não apenas nos níveis linguísticos básicos, mas também nas dimensões mais complexas da linguagem que refletem o conhecimento pessoal e social de uma comunidade de fala (Rivadeneira Valenzuela *et al.*, (2016). A bem da verdade, é preciso reconhecer que houve avanços teóricos na área. Medina Morales (2010), por exemplo, classifica os estudos sobre o tratamento na linguística hispânica em três grandes correntes: os estudos filológicos tradicionais, os sociolinguísticos e os sociolinguísticos + pragmáticos.

Apesar dos novos enfoques e abordagens na área do tratamento, em especial com o avanço da pragmática (Bertolotti, 2015), as investigações realizadas sobre o tema parecem se concentrar principalmente na análise da interrelação entre a cortesia e as formas de tratamento, conforme pode ser inferido a partir de Blas Arroyo (1994; 1994-1995) e Bertolotti (2015). O

primeiro afirma que é frequente a associação das formas *tú* e *usted* com a etiqueta de pronomes de cortesia na linguística em espanhol. De forma análoga, Bertolotti (2015) ressalta que os estudos sobre o tratamento foram enriquecidos nos últimos anos com a inclusão das pesquisas sobre a cortesia.

Nessa perspectiva, um exemplo de pesquisa que analisa o uso das formas *tú* e *usted* na cidade de Valência, foco desta pesquisa, foi conduzido por Blas Arroyo (1994-1995) com o objetivo de aprofundar o estudo das relações dos supracitados pronomes com o fenômeno da cortesia. A amostra foi composta por 231 informantes valencianos, considerando as variáveis sexo, idade, sexo do destinatário, situação comunicativa (bar, relação aluno/professor, relações hierárquicas de trabalho – inferior/superior, rua, vendedor – empregado, chefe/comprador, profissões liberais – médico, advogado etc.) em que o grau de familiaridade entre os interlocutores era mínimo.

Segundo os resultados obtidos pelo autor, a hipótese de que o grau de cortesia aumenta conforme a distância social entre os interlocutores é maior não foi confirmada. Seguindo as premissas dos trabalhos especializados na área da cortesia, esperava-se que o uso de *usted* fosse categórico nos contextos de menor familiaridade. Embora o uso dessa forma tenha sido mais frequente, por exemplo, em situações de hierarquia social entre os falantes, o pronome *tú* mostrou-se bastante expressivo e confirma a tendência de uso deste pronome em detrimento de *usted*. Além disso, os contextos “rua, bar, relações entre aluno-professor etc.” mostraram-se menos conservadores, o que pode indicar que a mudança esteja afetando outros âmbitos sociolinguísticos.

Para citar outro exemplo, o trabalho de Avendaño de Barón (2014) analisou as formas de tratamento e a cortesia na fala dos habitantes de Tunja, Colômbia. A autora buscou determinar a frequência de uso das formas pronominais *sumercé*, *tú* e *usted*, levando em conta as variáveis sexo, idade e escolaridade. O objetivo era descrever as variações sociodiscursivas e explicar a relação de uso com a cortesia. Os resultados obtidos a partir da análise de uma amostra de 54 informantes indicaram que a forma *sumercé* foi a mais utilizada pelos falantes tunjanos para demonstrar cordialidade e afeto, seguidas por *tú* e *usted*. Ademais, em relação à variação sociodiscursiva, os indivíduos alternaram o uso dessas formas nos contextos de discursos narrativos, descritivos, argumentativos e expositivos, evidenciando diferentes indicadores de cortesia positiva e negativa.

Visto que as formas de tratamento fazem parte do repertório de expressões linguísticas que manifestam cortesia, a incorporação dessa dimensão pragmática na área do

tratamento é crucial para uma melhor compreensão das razões pelas quais os falantes optam por uma forma em detrimento de outra em determinadas situações. Entretanto, é importante ressaltar que existem outras abordagens teórico-metodológicas que precisam ser consideradas para uma compreensão mais abrangente do fenômeno. Dado o caráter polifacético dos pronomes de segunda pessoa, uma análise de cunho multifuncional, por exemplo, possibilitaria um estudo mais amplo e contextualizado dessas formas e seus usos em diferentes situações comunicativas.

Nessa perspectiva de trabalho, Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017) apontam a existência de apenas três investigações: a de Biq (1991), que examinou os diferentes usos do pronome de segunda pessoa singular *ni* em mandarim; a de Kluge (2005), que estudou as formas de tratamento utilizadas pelos falantes procedentes do sul do Chile, com histórico de migração, especialmente mulheres que trabalharam em serviços domésticos na capital do país; e a pesquisa de Fernández Mallat (2011), que se trata de uma replicação parcial da análise realizada por Kluge (2005). O referido pesquisador estudou a variação do *voseo*² e do *tuteo* a partir de um estudo de caso envolvendo o contato dialetal de chilenos residentes no Canadá.

Conforme Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017), as pesquisas mencionadas anteriormente oferecem contribuições mais dinâmicas e compreensivas sobre as variações de uso da segunda pessoa na fala oral. Além disso, os autores destacam que, até então, em espanhol, as únicas duas análises existentes sobre o uso multifuncional das formas de tratamento de segunda pessoa estavam restritas à variedade chilena dessa língua. Dessa forma, ainda que contemplando a mesma variedade linguística dos estudos anteriores, Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2016) conduzem um estudo sobre a variação pragmático-discursiva da segunda pessoa do singular em quatro regiões dialetais do Chile. Na seção subsequente, retomaremos mais detalhadamente esses trabalhos, como faremos menção a outros (Lima, 2018; Pontes; Silva, 2023) que trouxeram contribuições relevantes para o estudo das formas de tratamento em espanhol.

De acordo com Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017, p. 82, tradução nossa), seu estudo configura-se como “a primeira investigação que integra as diversas dimensões de uso da segunda pessoa em espanhol”. A afirmação das autoras reforça a necessidade de pesquisas adicionais e a relevância da investigação que aqui propomos.

Dessa forma, com o intuito de contribuir para o preenchimento das lacunas

² “Aplica-se essa denominação ao uso do pronome *vos* como forma de tratamento dirigida a um só interlocutor, assim como o emprego das desinências que refletem as características gramaticais desse pronome na flexão verbal.” (Real Academia Española, 2011, p. 106, tradução nossa).

levantadas, decidimos conduzir uma análise morfossintática de cunho funcionalista sobre as diferentes funções indexadas pelas formas *tú* e *usted* na função de sujeito e pelas formas dos respectivos paradigmas na função de objeto³, no espanhol oral de Valência. Em outras palavras, procuramos investigar, a partir de aspectos sintáticos, pragmáticos, textuais e discursivos, de que modo cada um desses níveis linguísticos influencia a forma como os falantes valencianos constroem o seu referente no discurso.

Esses aspectos resultaram em três níveis de análise a partir dos quais elencamos diferentes categorias para examinarmos quais formas de tratamento correspondem a quais funções. São eles: o sintático-discursivo, no qual analisamos a função sintática das formas que compõem o paradigma dos pronomes *tú* e *usted*; o pragmático-discursivo, a partir do qual examinamos distintos usos desses pronomes correlacionando-os a motivações pragmáticas; e o textual-discursivo, em que nos voltamos para a noção de figura e fundo dos planos discursivos.

A partir disso, inicialmente hipotetizamos que os usos das formas de tratamento possam estar atrelados ao seu grau de proeminência cognitiva (Langacker, 2008), levando em consideração as funções sintáticas desempenhadas pela segunda pessoa (seja como sujeito pronominal ou objeto de pessoa). Assim, acreditamos que o pronome *tú* seja mais proeminente que *usted* por identificar o referente de forma mais direta e clara, emergindo, portanto, de maneira mais expressiva nos dados analisados. Além disso, ponderamos que as formas gramaticais em função de sujeito sejam mais proeminentes do que as formas de objeto dos respectivos paradigmas, resultando em maior número no *corpus* em análise.

Sabemos que o uso das formas de tratamento *tú* e *usted* reflete dinâmicas pragmáticas complexas relacionadas a diversos fatores. Em Lima (2018), variáveis como o grau de proximidade entre os interlocutores, a complexidade do tema e os estilos discursivos mostraram-se determinantes na escolha entre uma variante ou outra. Desse modo, considerando a diversidade de contextos e nuances pragmáticas envolvidas, concentramo-nos na identificação de funções específicas. Partimos do pressuposto de que as formas de tratamento *tú* e *usted* são empregadas de maneiras diferenciadas em contextos pragmáticos-discursivos específicos no espanhol oral de Valência. Acreditamos que funções como *uso dêitico*, *generalização*, *generalização focalizada*, *desfocalização* e *encobrimento do eu* revelam distintos padrões de

³ No presente estudo, serão analisadas as formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas, descritos na seção metodológica. No entanto, ressaltamos que, embora sejam utilizadas apenas as menções às supracitadas formas, compreende-se implicitamente que essas referências englobam também as formas dos paradigmas correspondentes. Quando necessária a sua pontuação, assim procederemos. Agindo dessa forma, tencionamos evitar repetições exaustivas para não cansar o leitor.

uso e variações pragmáticas que refletem a complexidade das interações comunicativas. Nessa esteira, também conjecturamos que o pronome *tú* seja mais representativo em várias dessas funções, refletindo uma tendência de uso dessa forma em uma variedade de situações discursivas. Essa tendência foi corroborada por diversos estudos, como mencionado anteriormente.

Conforme Givón (1995), a distribuição de frequência está intimamente associada às noções de figura e fundo. Portanto, considerando que a forma *tú* é amplamente utilizada em diversas comunidades de fala hispânica, no que diz respeito aos planos discursivos, postulamos que ela seja mais frequente que *usted* no plano *figura e fundo 1*, em detrimento do *fundo 2*⁴. Ao contrário desta última, acreditamos que as primeiras categorias exijam um menor esforço cognitivo, sendo, portanto, contextos menos marcados e favoráveis a formas menos marcadas, isto é, *tú* — um pronome mais frequente e de menor complexidade estrutural e cognitiva.

Isso posto, objetivamos especificamente: i) mapear as funções codificadas pelas formas *tú* e *usted* no espanhol oral de valência considerando os supracitados níveis; ii) descrever a alternância das funções desempenhadas pelas supracitadas formas e iii) examinar os contextos linguísticos e extralinguísticos prototípicos a cada função que condicionam as formas em análise. Assim, acreditamos responder, minimamente, à crítica lançada por Calderón Campos e Medina Morales (2010) sobre a ausência de trabalhos que divirjam dos modelos clássicos. Igualmente, contribuiremos para o estudo das formas de tratamento no espanhol peninsular desde uma perspectiva mais ampla de análise.

Sendo o Funcionalismo uma vertente teórica que entende a língua como um instrumento de interação social, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua (Cunha; Oliveira; Martelotta, 2015), sua abordagem nos permitirá estudar as funções comunicativas das formas de tratamento em diferentes situações de comunicação e os possíveis fatores situacionais que influenciam a escolha dessas formas pelo falante.

Em uma análise funcionalista, considera-se a estrutura linguística e os seus diferentes contextos de uso a partir de relações, tais como iconicidade, marcação, expressividade retórica, plano discursivo e/ou gramaticalização. Por essa razão, recorreremos a esses princípios funcionalistas para empreendermos a análise quali-quantitativa dos dados. Além disso, dado o crescente interesse de linguistas funcionalistas pelo aspecto cognitivo da linguagem nas últimas décadas, investimos também no princípio de proeminência proposto por Langacker (2008) no contexto da Linguística Cognitiva. Dessa forma, essas ferramentas

⁴ Ressaltamos que essas categorias são descritas em nossa seção metodológica.

analíticas nos permitirão uma investigação mais abrangente de como as formas de tratamento se relacionam com as outras dimensões da língua, como a gramática, a semântica e a pragmática.

Além disso, para Görski e Tavares (2013), os pressupostos teóricos do Funcionalismo auxiliam na elaboração de hipóteses ao analisarmos um fenômeno variável. Em virtude disso, apropriar-nos-emos do aparato teórico do Funcionalismo Norte-americano a partir dos trabalhos de Givón (1971, 1979, 1984, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005), Hopper e Thompson (1980), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Hopper e Traugott (2003), Traugott e Heine (1991), Bybee (2016, 2020), Bybee e Hopper (2001), e as propostas de Naro e Votre (1989), Votre (1992) e Cunha (1996).

A relevância desse trabalho reside, então, no fato de abordarmos um tema clássico nos estudos linguísticos, porém, bastante complexo, em uma comunidade de fala que compõe uma variedade do espanhol ainda não muito explorada na área do tratamento. Ainda que tenhamos trabalhado com essa mesma comunidade de fala em um momento anterior (*Cf.* Lima, 2018), é importante ressaltar que o potencial analítico das formas mencionadas ainda não se encontra totalmente explorado nesse contexto.

Finalmente, trabalhamos com um desenho metodológico arrojado ao considerarmos componentes que, até onde nos foi possível investigar, aparentemente são pouco contemplados em estudos dessa natureza, na variedade do espanhol em questão. Desse modo, abordamos um aspecto real do espanhol contemporâneo e, levando em consideração as pressões funcionais em diversos fenômenos linguísticos destacadas em vários estudos (*Cf.* Naro, 1998), convocamos princípios funcionalistas para embasar uma análise que prioriza, sobretudo, as necessidades comunicativas do falante no discurso. Sendo assim, o arranjo metodológico que propomos tem muito a acrescentar e a contribuir com as discussões, que não são muitas, sobre os usos funcionais das formas de tratamento de segunda pessoa realizados pelos indivíduos valencianos.

Esta tese acha-se dividida em cinco capítulos. O primeiro deles tem como objetivo apresentar e contextualizar o tema da pesquisa, assim como expor os objetivos a serem alcançados. No segundo capítulo, é feita a revisão sobre as formas de tratamento utilizadas no mundo hispânico, com ênfase, no sistema de tratamento da variedade do espanhol peninsular. Além disso, são apresentados alguns estudos relacionados à análise dessas formas nessa variedade e abordados outros estudos que tratam da multifuncionalidade desses pronomes na língua espanhola. No terceiro capítulo, são discutidos os pressupostos teóricos que embasaram

esta pesquisa. Já no quarto capítulo, são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e a análise dos dados. No quinto e último capítulo, são apresentados e discutidos, quali-quantitativamente, os resultados obtidos, bem como as contribuições do trabalho, os desdobramentos e as limitações a serem superadas em análises futuras.

2 AS FORMAS DE TRATAMENTO DE SEGUNDA PESSOA NO MUNDO HISPÂNICO

De acordo com Fontanella de Weinberg (1999), a morfossintaxe do sistema pronominal de segunda pessoa em espanhol é bastante complexa. Nessa língua, a codificação da segunda pessoa do discurso pode realizar-se através dos pronomes *tú*, *vos*, *usted*, *vosotros(as)* e *ustedes*. No que se refere às formas no singular, sabe-se que elas podem variar regionalmente. Algumas regiões, por exemplo, utilizam um sistema triádico composto pelas formas *tú*, *vos* e *usted* para se dirigir ao seu interlocutor. Vale ressaltar que o paradigma atual das formas de tratamento é resultado de uma série de transformações ocorridas ao longo dos séculos.

Assim sendo, antes de nos dedicarmos ao estado atual dos estudos na área de tratamento, é importante contextualizarmos historicamente esses pronomes. Entretanto, advertimos que não é nosso objetivo realizar uma análise minuciosa das transformações e evolução das formas de tratamento. Nesse sentido, tendo como foco desta pesquisa os pronomes *tú* e *usted*, centrar-nos-emos no desenvolvimento das formas do singular e, em seguida, faremos uma breve revisão dos sistemas de tratamento no mundo hispânico, com ênfase no sistema utilizado na Espanha. Por fim, apresentamos algumas investigações realizadas na área do tratamento.

2.1 *Tú, vos e usted*

A forma de tratamento atual *tú* tem sua origem na forma latina *tū*. No latim clássico, a segunda pessoa distinguia-se apenas quanto ao número, sendo *tū* a forma utilizada para se dirigir a uma pessoa e *vōs* para mais de uma. Desse modo, não se fazia distinção entre o pronome familiar *tū* e a forma de respeito (Penny, 1993). Já no latim pós-clássico, essas duas formas não marcavam mais apenas a diferenciação singular/plural, mas passaram a se referir a pessoas individuais para estabelecer uma diferença de classe (Hammermüller, 2010). Assim, a alteração ocorrida nos usos dessas formas evidencia não apenas mudanças linguísticas, mas também transformações socioculturais.

Na etapa final do latim, *vōs* era utilizado, também, para se referir respeitosamente a uma pessoa. De acordo com Penny (1993), inicialmente esse pronome era utilizado para dirigir-se ao Imperador, mas seu uso acabou se estendendo a outras pessoas dignas de um tratamento respeitoso ou mais formal. Assim, essa forma adquiriu dois valores: um respeitoso, no singular, e outro respeitoso ou não, no plural. No espanhol medieval, a forma *vos* continuou

sendo usada para se referir a uma ou várias pessoas em contextos de caso reto ou oblíquo (Real Academia Española, 2009). Portanto, durante esse período, o sistema de tratamento pode ser representado da seguinte forma:

Quadro 1 – Sistema de tratamento na etapa final do latim

Número	Não deferencial	deferencial
Singular	<i>tú</i>	<i>vos</i>
Plural	<i>vos</i>	<i>vos</i>

Fonte: Adaptado de Penny (1993).

Ainda na Idade Média, o pronome *vos* era utilizado no tratamento entre nobres e, em seguida, entre iguais. Com o tempo, sua utilização acabou ganhando prestígio, ampliando o seu campo de referência e perdendo o seu valor deferencial. Enquanto isso, a forma *tú* ainda era utilizada para o tratamento direcionado às crianças, às vezes, aos criados e aos adultos com os quais havia intimidade ou muita familiaridade. No século XV, o uso extensivo de *vos* se aproximou dos usos informais de *tú*, tornando-a inapropriada para o tratamento respeitoso. Consequentemente, novas formas para o tratamento deferencial surgiram a partir de substantivos abstratos como *merced* e *señoría*, entre outros. A forma mais proeminente a emergir foi *vuestra merced* e seu plural *vuestras mercedes* (Penny, 1993; Lapesa, 2008).

Com a criação da forma *vuestras mercedes* para se dirigir a várias pessoas com valor deferencial, *vos* passou a ser limitado ao valor não deferencial e evoluir para *vosotros*. Nesse período, a forma composta *vos + otros* já existia para se referir a um grupo específico dentro da segunda pessoa no plural (Penny, 1993). Segundo Calderón Campos (2010b), a substituição da forma composta pela forma *vosotros* iniciou-se no século XIII e finalizou-se no século XV. Mais adiante, quando discutirmos as formas de tratamento no espanhol peninsular, retornaremos a essa discussão. Neste momento, apresentamos apenas como Calderón Campos (2010b) ilustra a história do valor plural dessas formas:

Quadro 2 – de *vos* a *vosotros* e a *vuestras mercedes*

Até o século XIV	Século XV	A partir do século XVI
<i>Vos</i> , forma única de plural	Alternância <i>vos/vosotros</i>	Alternância <i>vosotros/vuestras mercedes</i>

Fonte: Adaptado de Calderón Campos (2010).

Penny (1993), resume o sistema de tratamento no início do Século de Ouro⁵ dessa maneira:

Quadro 3 – Sistema de tratamento no início do Século de Ouro

Número	Não deferencial	deferencial
Singular	<i>tú ~ vos</i>	<i>vuestra merced</i>
Plural	<i>vosotros</i>	<i>vuestras mercedes</i>

Fonte: Adaptado de Penny (1993).

Durante o Século de Ouro na Espanha, a forma *tú* se sobrepôs à forma *vos*, inclusive em áreas como Peru, Bolívia e México, que ainda eram bastante influenciadas pelas transformações culturais ocorridas na Península Ibérica. No século XVIII, *vos* desapareceu da Espanha como forma utilizada para o tratamento de confiança, no entanto, ainda se manteve em boa parte da América (Penny, 1993; Real Academia Española, 2009). Conforme Lapesa (2008, p. 332, tradução nossa), a meticulosidade da época relegou o “*tú* à intimidade familiar ou ao trato com inferiores e desvalorizou tanto o *vos* que, ao não se ter grande confiança, era descortês usá-lo com quem não fosse inferior.”⁶.

Como apontamos anteriormente, *vuestra merced* passou a ser utilizado para o tratamento respeitoso, no entanto, sua extensão fônica resultou incômoda para os falantes daquela época. Além disso, sua repetição acabou dando lugar a uma série de transformações: de *vuestra merced* a *vuesa merced*, *vuesarced*, *vuesançed* etc., e, por fim, a *voacé*, *vucé*, *vuced*, *vusted*, *usted*. Esta última forma que, no século XVII, era utilizada por criados, finalmente generalizou-se. De modo análogo, *vuestras mercedes* sofreu reduções até chegar a *ustedes* (Penny, 1993; Lapesa, 2008). Todas essas transformações dão lugar ao seguinte sistema moderno de tratamento:

Quadro 4 – Sistema moderno de tratamento pronominal

Número	Não deferencial	deferencial
Singular	<i>tú</i>	<i>usted</i>
Plural	<i>vosotros</i>	<i>ustedes</i>

Fonte: Adaptado de Penny (1993).

⁵ Período que vai de 1492 a 1659, época de auge correspondente ao apogeu imperial e artístico da Espanha. Esse período de grande esplendor nas ciências, na política e nas artes ficou conhecido, em espanhol, como *El Siglo de Oro Español*. Disponível em: <<https://sobrehistoria.com/el-siglo-de-oro-espanol/>>. Acesso em: 26 jul. 2021.

⁶ “[...] el tú a la intimidad familiar o al trato con inferiores y desvalorizó tanto el vos que, de no haber gran confianza, era descortés emplearlo con quién no fuese inferior.” (Lapesa, 2003, p. 332)

Na parte ocidental andaluza e em toda América, ocorre a neutralização do tratamento deferencial e não deferencial no plural. Como resultado, a forma originalmente deferencial *ustedes* substitui o pronome *vosotros* que ainda é utilizado no espanhol peninsular padrão. Por outro lado, em outras zonas americanas, a disputa entre *tú* e *vos* levou a diferentes situações, que serão brevemente apresentadas a seguir. Penny (1993) resume essa complexa situação das formas não deferenciais, no singular, da seguinte forma:

Quadro 5 – Sistema de tratamento usado no espanhol americano

Número	Não deferencial	deferencial
Singular	<i>tú ~ vos</i>	<i>usted</i>
Plural	<i>ustedes</i>	<i>ustedes</i>

Fonte: Adaptado de Penny (1993).

Neste momento, é importante destacar a evolução das formas de tratamento de segunda pessoa na função de objeto, já que analisaremos, também, essas formas. Cumpre ressaltar que realizaremos um resumo breve, desde o latim até o espanhol. Focaremos apenas nas formas utilizadas no tratamento direcionado à segunda pessoa, mas também apresentaremos, em seguida, um quadro resumido de todas as formas átonas.

De acordo com Cano Aguilar (1992), durante a transição do latim para as línguas românicas, a forma *TĒ* (acusativo e ablativo) perdeu o contraste com *TIBI* (dativo), o que resultou em castelhano nas formas *te* como complemento (direto e indireto). No que diz respeito às formas de terceira pessoa, o latim não tinha um pronome especial para essa situação, portanto, em épocas tardias, vários demonstrativos foram utilizados. No entanto, o demonstrativo de distância *ĪLLE* foi preferido por se aproximar mais do conteúdo que se queria expressar (Cano Aguilar, 1992; Menéndez Pidal, 1985). Por conseguinte, as formas átonas *lo(s)*, *la(s)*, *le(s)* derivam, respectivamente, das formas latinas *ĪLLUM*, *ĪLLOS*, *ĪLLAM*, *ĪLLAS*, *ĪLLĪ*, *ĪLLĪS* e conservam a distinção acusativo/dativo (Buenaftuentes de la Mata; Prat Sabater; Sánchez Lancis, 2015). A seguir, apresentamos um quadro ilustrativo:

Quadro 6 – Do latim ao espanhol: evolução das formas átonas

Formas de primeira pessoa		
Número	Primeira pessoa	Segunda pessoa
Singular	<i>MĒ > me</i>	<i>TĒ > te</i>
Plural	<i>NŌS > nos</i>	<i>VŌS > vos > os</i> (final do século XV)
Formas de terceira pessoa		

		Masculino	Feminino	Neutro
Formas de OD	Singular	ĬLLUM > lo	ĬLLAM > la	ĬLLUD > lo
	Plural	ĬLLOS > los	ĬLLAS > las	
Formas de OI	Singular	ĬLLĬ > le		
	Plural	ĬLLĬS > les		

Fonte: adaptado de Buenafuentes de la Mata; Prat Sabater e Sánchez Lancis (2015).

Após essa apresentação, abordaremos mais detalhadamente as formas de tratamento no espanhol moderno. Para isso, apresentaremos os sistemas elaborados por duas linguistas com trabalhos bastante renomados na área do tratamento. A primeira delas, Carricaburo (1997), divide o espanhol americano atual em três paradigmas, de acordo com os usos das formas de segunda pessoa: América *tuteante*, ou seja, que marca a segunda pessoa do singular com a forma *tú*; América *voseante*, que utiliza o *vos* para se referir a mesma pessoa e América *tutetante-voseante*, em que o *tú* pode substituir ou alternar com o *vos*. Observemos os quadros a seguir:

Quadro 7 – América tuteante

Número	Informalidade/Solidariedade/ Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia/ Poder/Distanciamento
Singular	<i>Tú</i>	<i>usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Adaptado de Carricaburo (1997)

Quadro 8 – América voseante

Número	Informalidade/Solidariedade/ Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia/ Poder/Distanciamento
Singular	<i>Vos</i>	<i>usted</i>
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Adaptado de Carricaburo (1997)

Quadro 9 – América tuteante-voseante

Número	Informalidade/Solidariedade/ Familiaridade/Aproximação	Formalidade/Cortesia/ Poder/Distanciamento
Singular	<i>vos</i> <i>tú</i> <i>usted</i>	
Plural	<i>Ustedes</i>	

Fonte: Adaptado de Carricaburo (1997)

Por fim, Fontanella de Weinberg (1999) apresenta quatro sistemas pronominais que englobam as formas usadas para se referir à segunda pessoa em espanhol. Adicionalmente, a autora distingue quatro subsistemas que compreendem diferentes zonas de fala espanhola. A

diferenciação destes sistemas aos apresentados anteriormente reside no fato de a autora considerar o paradigma pronominal (reflexivos, possessivos etc.), posto que, segundo ela, estes estão intimamente relacionados às formas pronominais de tratamento. Nesta pesquisa, faremos uso desse último quando da explanação dos sistemas de formas de tratamento na Espanha.

A seguir, apresentamos um quadro resumitivo dos sistemas III e IV das formas pronominais de segunda pessoa no espanhol americano, conforme proposto por Fontanella de Weinberg (1999). Além disso, é importante destacar que o sistema III é composto por dois subsistemas que contêm as mesmas formas pronominais, mas diferem quanto ao seu funcionamento, conforme observado pela autora.

Quadro 10 – Sistemas pronominais hispano-americano de acordo com Fontanella de Weinberg

Relação entre os interlocutores	Sistema III				Sistema IV	
	Singular		Plural		Singular	Plural
	IIIa	IIIb	IIIa	IIIb		
Intimidade		<i>vos</i>		<i>ustedes</i>		<i>ustedes</i>
Confiança	<i>vos/tú</i>	<i>tú</i>			<i>vos</i>	
Formalidade	<i>Usted</i>	<i>usted</i>	<i>ustedes</i>		<i>usted</i>	

Fonte: Adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Segundo Fontanella de Weinberg (1999), nas regiões americanas onde os fenômenos *voseo* e *tuteo* coexistem, o subsistema IIIa é o mais utilizado, e as formas se intercambiam sem uma delimitação funcional do seu uso. No Chile, por exemplo, os falantes de classes sociais mais altas preferem usar a forma *tú*, enquanto os falantes de níveis sociais mais baixos tendem a utilizar a forma *vos*. Esses dois fenômenos também se alternam em boa parte da Bolívia, no sul do Peru, em parte do Equador, em grande parte da Colômbia, no oeste da Venezuela, na região fronteira entre o Panamá e a Costa Rica e no estado Mexicano de Chiapas. Já os pronomes que compõem o subsistema IIIb são de uso comum no Uruguai, país em que os três níveis de formalidade se refletem no uso desses pronomes. Desse modo, *vos* é a forma para a intimidade, *tú* para a confiança e *usted* para o uso formal. Para Calderón Campos (2010a), esse seria o sistema que apresenta maior complexidade para se descrever.

Os pronomes do sistema IV são empregados de forma generalizada na Argentina e os seus usos também se constataem em Costa Rica, Nicarágua, Guatemala e Paraguai. Em El Salvador e Honduras, apesar de usarem amplamente essas formas, também podem fazer uso do *tuteo*. Como podemos observar, é um sistema que reconhece apenas duas formas no singular,

vos e *usted*, as quais estão separadas pelo aspecto formal. Fontanella de Weinberg (1999) afirma categoricamente que a forma *vos* tem seu uso generalizado e em nenhum contexto se registra a variação com a forma *tú*.

Na Argentina, especialmente em Buenos Aires, o uso estendido de *vos* como forma de confiança surgiu a partir da segunda metade do século XX e é utilizado praticamente em todos os estilos orais e escritos. Dessa forma, o *voseo* está presente desde os discursos de rádio aos atos oficiais com falantes das mais altas hierarquias. Situação semelhante acontece em Costa Rica, onde o uso de *tú* está atrelado à ideia de pedantismo, procedência estrangeira, afetação. Em seguida, apresentamos as formas de tratamento utilizadas na Espanha.

2.2 As formas de tratamento no espanhol peninsular

De acordo com Fontanella de Weinberg (1999), o sistema de tratamento utilizado na maior parte do território espanhol é bastante equilibrado. Carricaburo (1997) apresenta um sistema bastante similar ao da supracitada pesquisadora, por isso, utilizaremos o quadro exibido por Fontanella de Weinberg (1999), que também inclui o paradigma pronominal (reflexivos, possessivos etc.) dessas formas.⁷

No quadro abaixo, referente ao sistema I, podemos notar a presença de duas formas para o singular, *tú* e *usted*, e duas formas para o plural, *vosotros(as)* e *ustedes*. Os pronomes *Tú/vosotros(as)* são utilizados em situação de familiaridade entre os interlocutores, enquanto *usted/ustedes* são empregados em contextos comunicativos mais formais. Desse modo, dentre os sistemas de tratamento do mundo hispânico, somente o sistema I utiliza duas formas no plural, considerando a distinção de familiaridade ou formalidade. No entanto, como mencionamos anteriormente em relação ao espanhol americano, essa distinção não é mantida, sendo a forma *ustedes* utilizada tanto para situações de familiaridade e formalidade. Vejamos a seguir esses sistemas:

Quadro 11 – Sistema pronominal de tratamento na Espanha

Relação entre os interlocutores	Sistema I		Sistema II	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Confiança	<i>tú</i>	<i>vosotros/as</i>	<i>tú</i>	<i>ustedes</i>

⁷ Ressaltamos que consideraremos esses pronomes para fins de análise qualitativa, mas, conforme evidenciado em nossa metodologia, servir-nos-ão, estatisticamente, somente os pronomes que ocupem a posição de sujeito e de objeto.

Formalidade	<i>usted</i>	<i>ustedes</i>	<i>usted</i>	
-------------	--------------	----------------	--------------	--

Fonte: Adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Quadro 12 – Paradigma pronominal do Sistema I

Sujeito	Objeto	Reflexivo	Tônicos	Possessivo
<i>tú</i>	<i>te</i>	<i>te</i>	<i>ti/contigo</i>	<i>tu/s ~ tuyo/a/os/as</i>
<i>usted</i>	<i>lo/la/le</i>	<i>se</i>	<i>usted</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>
<i>vosotros</i>	<i>os</i>	<i>os</i>	<i>vosotros</i>	<i>vuestro/a/os/as</i>
<i>ustedes</i>	<i>los/las/les</i>	<i>se</i>	<i>ustedes</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>

Fonte: Adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Quadro 13 – Paradigma pronominal do Sistema II

Sujeito	Objeto	Reflexivo	Tônicos	Possessivo
<i>usted</i>	<i>lo/la/le</i>	<i>se</i>	<i>usted</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i>
<i>ustedes</i>	<i>los/las/les</i>	<i>se</i>	<i>ustedes</i>	<i>su/s ~ suyo/a/os/as</i> (<i>vuestro/a/os/as – de</i> <i>ustedes</i>)

Fonte: Adaptado de Fontanella de Weinberg (1999).

Ainda sobre a forma *vosotros*, Calderón Campos (2010a) considera que a sua permanência nesse sistema divide o mundo hispano em dois grandes sistemas de tratamento. Como vimos anteriormente, esse pronome tem suas raízes na forma *vos* e, com esta, surgiam contendas quando a referência era vários indivíduos. Isso acontecia porque *vos* passou por momentos de coexistência com *vosotros* para referir-se a várias pessoas, no entanto, *vos* ainda se utilizava para designar indivíduos no singular em usos reverenciais ou de cortesia. Essa relação, obviamente, causava conflitos. Por isso, como já adiantamos, a preferência passou a ser pelo pronome *vosotros*, uma vez que era inequívoco para fazer referência a várias pessoas (Lapesa, 2008). Como veremos mais adiante, atualmente, a forma *vosotros* persiste com todo o seu paradigma verbal e pronominal, exceto na região de Canarias e na Andaluzia Ocidental.

Sobre os usos das formas do sistema I, Carricaburo (1997) aponta para uma mudança no tratamento de segunda pessoa em Madri e em outras zonas urbanas, com relações assimétricas evoluindo para relações mais simétricas. Nesse sentido, o *tuteo* tem sido utilizado para estabelecer uma relação de solidariedade informal, ou são utilizadas as formas do âmbito da formalidade (*usted – usted*). Além disso, a autora destaca que o primeiro tipo de relação tem

se sobreposto ao segundo tipo. Esse é o tratamento preferido no contexto familiar, entre jovens ou com profissionais que exercem as mesmas atividades e têm as mesmas profissões.

No que se refere ao uso das formas de objeto, *lo/los*, *la/las* e *le/les*, também há variações nas regiões que utilizam o sistema I. Essas alternâncias estão ligadas aos fenômenos *loísmo*, *laísmo* e *leísmo*, descritos nos compêndios gramaticais. Em espanhol, quando um pronome complemento desempenha função de objeto direto, devemos empregar *lo/los* ou *la/las*, a depender do objeto. *Le* e *les* são usados como objeto indireto. No entanto, na prática cotidiana, o uso feito desses pronomes nem sempre reflete o que dita a gramática normativa⁸. Por exemplo, os falantes usam a forma *la* como complemento indireto feminino quando deveriam, de acordo com a norma, usar *le*, forma de complemento indireto. Esse uso alternativo é conhecido como *laísmo*, e é um dos fenômenos registrados nas regiões que utilizam esse sistema pronominal, juntamente com o *loísmo* e *leísmo*.

Quanto ao sistema II, percebe-se que apresenta semelhanças com o sistema I em relação às formas no singular, entretanto, no plural, segue o paradigma das formas presentes no sistema hispano-americano. Conforme Fontanella de Weinberg (1999), esse sistema é encontrado em algumas regiões da Península Ibérica, como na Andaluzia Ocidental, parte de Córdoba, Jaén e Granada. Fora da Península, encontra-se nas Ilhas Canárias. Nessa região, assim como na América, o uso de *ustedes* prevalece na norma padrão e é comum afirmar que tais ilhas desconhecem o uso de *vosotros*. No entanto, Medina López (2010) destaca estudos que comprovam o aparecimento desta forma em certas áreas geográficas rurais do arquipélago e na ilha La Gomera.

Calderón Campos e Medina Morales (2010, p. 201) apresentam dados curiosos sobre as formas de tratamento na Andaluzia Ocidental. Nessa região, como observado anteriormente, a forma *ustedes* é predominante, mas é interessante notar que, principalmente nas camadas baixas da sociedade, ocorre a combinação dessa forma de tratamento com o paradigma verbal de segunda pessoa do plural *vosotros*, como se pode perceber na frase “*ustedes tenéis*”. Além disso, há ocorrência de frases que utilizam, além do verbo, o pronome objeto *os* (*ustedes os vais*), outra forma de segunda pessoa do plural. Quanto aos possessivos, Fontanella de Weinberg (1999) acrescenta que, devido a ambiguidade gerada pelas formas *su/sus* – *suyo/a/os/as*, que são utilizadas tanto com a terceira pessoa do singular e plural quanto

⁸ “Conjunto de normas que regulam os usos idiomáticos considerados bons e corretos” (BAGNO, 2017, p. 169).

com a segunda do plural e do singular, *usted*, os falantes utilizam estratégias como “¿dónde están las carpetas de ustedes?”⁹ para evitar confusões.

2.3 Tú e usted em perspectiva

No âmbito dos estudos sobre as formas de tratamento em espanhol, destacam-se quatro trabalhos que copilam publicações dessa natureza. Até 2010, apenas dois autores se preocuparam em coletar e reunir pesquisas sobre o tratamento nessa língua. A primeira bibliografia de que se tem conhecimento é a de Medina López (1992), que reúne uma série de publicações realizadas ao longo do século XX. A segunda bibliografia sobre as formas de tratamento foi realizada por Mauro Fernández em 2006. Nessa ocasião, o autor reuniu cerca de 750 entradas de trabalhos. Em 2017, juntamente com Katharina Gerhalter, o autor partiu da bibliografia de 2006 e publicou uma nova com mais de 1500 entradas sobre os pronomes de tratamento no mundo hispânico.

O quarto e último trabalho que merece menção pela profundidade e amplitude com as quais trata a temática em questão é o volume intitulado *Formas e Fórmulas de tratamiento en el mundo hispano*, editado por Martin Hummel, Bettina Kluge e María Eugenia Vázquez Laslop (2010), e publicado pelo El Colegio de México e Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios: Graz, Austria. Nessa obra, os editores reuniram mais de mil páginas, contendo 46 trabalhos divididos nas seguintes seções temáticas: teoria e metodologia, estado da questão por região; história e diacronia; diatopia e sociolinguística e pragmática. Desse modo, a consulta a essa obra foi fundamental para a presente pesquisa, visto que proporciona uma visão geral do estado da arte e evidencia o que ainda precisa ser feito na área do tratamento no âmbito do espanhol peninsular.

Sobre os estudos acerca do uso de *tú* y *usted* na variedade do espanhol supramencionada, o primeiro trabalho foi realizado no final da década de 60, intitulado *The pronouns of address in Spanish* por Jeremy Fox (Calderón Campos; Medina Morales, 2010). Na perspectiva sociolinguística adotada pelo autor, foram analisados os usos desses pronomes com estudantes de nove escolas de Madri. A conclusão a que chega Fox (1969 *apud* Calderón Campos; Medina Morales, 2010) foi a de que o pronome *usted* tinha um uso escasso para se referir a pessoas de mais idade. Por outro lado, as classes trabalhadoras mantinham um uso mais conservador, generalizando esse pronome em tais contextos.

⁹ “Onde estão as pastas de vocês?” (Fontanella de Weinberg, 1999, p. 1.403, tradução nossa)

Esse estudo abre caminho para que outras pesquisas sejam realizadas, quase sempre focando a análise em grupos de estudantes (Marín, 1972; Borrego Nieto, Gómez Asencio e Pérez Bowie, 1978; Aguado Candanedo, 1981; Alba de Diego e Sánchez Lobato, 1980 *apud* Calderón Campos; Medina Morales, 2010). Dentre esses trabalhos, destaca-se o estudo de Moreno Fernández (1986), que analisou os usos de *tú* e *usted* em uma comunidade de fala rural, diferentemente dos anteriores que analisaram comunidade de fala urbana. No entanto, é interessante notar que, independentemente do enfoque adotado, esses estudos evidenciam o avanço da forma de tratamento *tú* em relação a *usted* (Cf. Calderón Campos; Medina Morales, 2010).

Na década de 1990, Blas Arroyo (1994-1995) realizou um estudo relevante para esta pesquisa. Objetivando aprofundar a investigação sobre os usos de *tú* e *usted* e o fenômeno de cortesia, o autor analisou as relações conversacionais em que a distância social entre os interlocutores era extrema. A amostra foi composta por 231 informantes da comunidade de fala valenciana. As variáveis consideradas foram: sexo (116 mulheres e 115 homens), idade (grupo 1: até os 25 anos, grupo 2: 25 a 40 anos, grupo 3: 40 a 60 anos e grupo 4: 60 anos em diante), sexo do entrevistador (1 homem e 1 mulher, ambos de 35 anos, aproximadamente) e situação comunicativa (bar, relações aluno-professor, relações hierárquicas no trabalho: inferior/superior, a rua, vendedor [empregado]/comprador, vendedor [chefe]/comprador, profissões liberais [médico/advogado etc.]/cliente).

Os resultados da pesquisa de Blas Arroyo (1994-1995) indicaram que a variante *usted* foi a preferida nos contextos formais analisados, corroborando a hipótese inicial do autor. A frequência de uso de *usted* foi de 57.6% enquanto *tú* foi usada em 42.4% das ocasiões. Apesar da diferença ser estatisticamente significativa, o autor admite ter esperado uma preferência ainda mais pronunciada pela variante *usted*. Desse modo, o autor destaca a progressão social que a variante *tú* tem ganhado em muitos ambientes sociais, inclusive naqueles em que a distância social entre os interlocutores era extrema devido ao fato de não se conhecerem previamente.

Primeiramente, é interessante notar que Blas Arroyo (1994-1995) utilizou um método de coleta diferente dos anteriores. Em vez de questionários e testes, ele realizou observações sistemáticas, anotando ou gravando as variantes que os falantes dirigiam aos interlocutores durante os primeiros minutos de diálogo. Segundamente, a pesquisa permitiu rejeitar a ideia do uso de *usted* atrelado somente ao contexto formal. Embora a forma *usted* tenha sido majoritária, o uso significativo de *tú* não pode ser desprezado. Desse modo, ainda

que os trabalhos anteriores atestassem o uso progressivo de *tú*, sobretudo em relações não formais (familiares, amizades etc.), os dados da pesquisa de Blas Arroyo (1994-1995) parecem evidenciar uma mudança em outros contextos sociolinguísticos.

Conforme mencionado na seção anterior, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) analisaram a variação de *tú/usted* na cidade de Las Palmas de Gran Canaria considerando dois objetivos. Em primeiro lugar, para conhecer o estado atual das mudanças operadas no sistema pronominal de tratamento dessa cidade. Em segundo lugar, para verificar se a teoria do Poder e da Solidariedade de Brown e Gilman (1960) era aplicável às mudanças assimétricas do poder. No que se refere ao uso de *tú* e *usted* em Canarias, os autores procuraram investigar se as mudanças experimentadas representavam uma transição da assimetria para a simetria ou se o uso majoritário de *tú* diante de *usted* era motivado pelas redefinições de valores que muitas sociedades experimentaram.

O método utilizado para a coleta de dados, ocorrido em 1993, foi a aplicação de questionários com perguntas hipotéticas do tipo: ao falar com a sua sogra, com quem você tem pouca confiança, tratá-la-ia por *tú* ou *usted*? Essas perguntas foram adaptadas para outros contextos, como ao falar com um conhecido mais velho na rua, com um profissional superior etc. A amostra foi composta por 47 informantes estratificados de acordo com o sexo, idade e nível sociocultural. Outras variáveis extralinguísticas foram controladas, tais como a relação com o interlocutor e o status relativo dos interlocutores (inferioridade, superioridade ou semelhança). Os autores analisaram especificamente o último fator, considerando três âmbitos sociolinguísticos distintos: familiar, trabalho e social ou público.

A partir dos dados referentes ao âmbito familiar, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) evidenciaram o avanço de *tú* e confirmaram a tese de Brown e Gilman (1960) sobre as mudanças em direção a tratamentos solidários. De acordo com os dados estatísticos, os falantes mais velhos, com 56 anos ou mais, mantiveram mais a forma *usted* (60.7%) majoritariamente em um padrão assimétrico (*usted – tú*). Já os falantes de 36 a 55 anos tiveram um uso de *usted* em 41.5% das situações, havendo uma mudança de uma prática assimétrica para relações mais solidárias (*usted – tú* → *tú – tú*). Essa mudança se tornou ainda mais evidente na faixa etária de 25 a 35 anos, em que o uso de *usted* foi de 31%.

No âmbito do trabalho, todas as faixas etárias mencionadas evidenciaram uma tendência assimétrica (*usted – tú*) quando se referiam a indivíduos com status profissional superior. Vale ressaltar que os falantes com idades entre 25 e 35 anos primaram pelas relações de poder (*tú – usted*) ao se reportarem a alguém com status inferior, enquanto os falantes com

idade igual ou superior a 56 anos utilizaram a formalidade no tratamento (*usted* – *usted*). Embora a forma *usted* tenha sido amplamente utilizada no contexto situacional (91.2% nos mais velhos; 72.6% na faixa etária intermediária e 68.6% nos mais jovens), os autores indicaram um processo de mudança no qual as relações de poder evoluíram para relações determinadas pela formalidade.

Já no âmbito social, definido pelos espaços como: zonas comerciais, entidades bancárias, áreas públicas etc., o uso de *usted* não mostrou diferenças significativas em relação ao status superior e inferior da pessoa a quem o falante se dirigia. No entanto, o uso do pronome em questão demonstrou ser mais frequente em pessoas de maior idade, caindo abaixo de 50% entre aqueles com idade entre 36 a 55 anos e chegou a valores mais baixos nos jovens. Desse modo, os autores constataram uma mudança em andamento, favorecida pelos falantes mais jovens, na qual a relação assimétrica (*usted* – *tú*), própria dos mais velhos (54.2%), evoluiu progressivamente para uma relação de solidariedade (*tú* – *tú*), mais evidente entre os mais jovens. Conforme os autores, nesse âmbito, a cidade passa por uma mudança no tratamento de uma relação social de poder para uma relação de solidariedade e respeito mútuo.

Assim, Morín, Almeida e Rodríguez (2010) demonstraram uma diminuição do uso de *usted* à medida que a idade dos falantes diminuía em Las Palmas de Gran Canaria. A manutenção dessa variante foi maior em falantes de mais idade, ao passo que *tú* foi a forma mais utilizada pelos jovens. Já na faixa etária intermediária, o uso dessas duas formas alternou-se em proporções aproximadas.

Na seção inicial deste trabalho, outro estudo mencionado foi o de Sanromán Vilas (2010), que segue uma abordagem semelhante à pesquisa acima relatada. Esse trabalho faz parte de um projeto de pesquisa levado a cabo pelo Departamento de Línguas Românicas da Universidade de Helsinki, intitulado *Deixis social: as formas de tratamento como reflexo das transformações sociais*. O objetivo do projeto é realizar uma descrição das formas de tratamento entre as línguas espanhola, francesa e italiana e compará-las.

O estudo de Sanromán Vilas (2010) teve como objetivo central determinar os fatores que incidiam na escolha entre uma forma ou outra na fala de jovens da cidade de Cádiz. A autora controlou as seguintes variáveis: sexo, idade, situação hierárquica e grau de conhecimento entre os interlocutores. Para coletar os dados, um questionário foi aplicado a 61 jovens, dos quais 62% eram do sexo feminino e 38% do sexo masculino. A amostra incluía estudantes, trabalhadores e pessoas desempregadas. Do total, 33 indivíduos eram alunos do ensino médio de uma escola pública de Cádiz, com idades entre 13 e 14 anos, e 28 eram

estudantes da Universidade de Cádiz, com idades entre 22 e 24 anos. Todos os participantes eram falantes nativos do espanhol e residentes na referida cidade. Os questionários foram submetidos por escrito pelos professores dos alunos durante as aulas, na primavera de 2005.

O estudo considerou a análise dos pronomes em diferentes situações comunicativas, a saber: família, amigos, contexto de trabalho e acadêmico e encontro com um desconhecido. Os dados obtidos foram correlacionados com a idade e sexo dos informantes. O objetivo foi verificar se essas duas variáveis apresentavam diferenças significativas. Como embasamento, a autora considerou o aporte teórico sobre o Poder e Solidariedade de Brown e Gilman (1960).

No que se refere ao âmbito familiar, o uso da forma *tú* foi generalizada. Um percentual de 100% dos informantes usou essa forma para se referirem aos seus pais ou ao seu companheiro(a). Por outro lado, houve uma mudança notável no uso quando o interlocutor se tratava dos avós, com 96% dos universitários adotando a forma inovadora, enquanto apenas 4% usavam a forma *usted*. Essa tendência diminuiu ainda mais para 3% entre os jovens do ensino médio. Em relação às sogras, 26% dos universitários usaram a forma *usted* e 5% não tinham certeza de como se dirigirem a elas. Com os sogros, o percentual foi de 21% de uso de *usted*. Esses dados apontam para um avanço no uso de *tú* com diferenças mínimas entre as faixas etárias. A autora destaca que a idade avançada e o grau de familiaridade ainda favorecem o uso de *usted* no contexto familiar.

No contexto de trabalho, foram considerados dois fatores: idade e hierarquia social. Neste ambiente, observou-se que a forma *tú* era utilizada reciprocamente entre colegas de trabalho que tinham a mesma idade e a mesma posição hierárquica, ou ainda, idade inferior e posição hierárquica inferior à do informante. Por outro lado, constatou-se que a forma *usted* foi a mais usada (61%) quando a idade do interlocutor era superior à do informante e ocupava posição hierárquica superior. O fator *idade* apresentou uma tendência de uso mais forte para *usted*, seguido da posição hierárquica. Mesmo que o interlocutor ocupasse uma posição inferior à do informante, em situações de maior idade, a tendência era ser tratado por *usted*.

No âmbito acadêmico, a faixa etária maior foi a que mais empregou o uso de *usted*. Apenas 57% dos universitários usaram *tú* com professores que conheciam há algum tempo, enquanto 76% dos jovens de ensino médio usaram *tú* com os seus professores. Quando se tratava de professores conhecidos há pouco tempo, a taxa caiu para 11% entre universitários e 53% entre alunos do colégio. Em ambas as faixas etárias, o uso de *tú* foi recíproco entre os estudantes. Ao se cruzarem os dados com o sexo, percebeu-se que os homens usaram mais a

forma *usted* em cada faixa etária. Deste modo, a variável grau de conhecimento foi determinante na escolha de uma forma ou outra.

Por último, o contexto de encontro com um desconhecido foi abordado considerando três ambientes: na casa de amigos, no trabalho e na rua. Na primeira situação, o uso de *tú* foi imperativo, e o fato de o interlocutor ser um desconhecido foi neutralizado pela informalidade do contexto e pelo fato de a situação ter sido mediada por um amigo em comum. No âmbito do trabalho, se o interlocutor era da mesma idade ou mais jovem que o informante, o *tú* continuou sendo generalizado. Por outro lado, se o desconhecido tinha mais idade, houve um aumento significativo no uso de *usted* em detrimento de *tú*, representando 74% e 17%, respectivamente. Na rua, a variável idade continuou sendo determinante para a escolha do pronome. Quando o desconhecido era mais velho, os universitários utilizaram *usted* de forma categórica em 100% dos casos. Curiosamente, nessa mesma situação, a taxa de uso de *usted* caiu para 58% entre os jovens do ensino médio. Por outro lado, o sexo não foi identificado como uma variável significativa nesse contexto.

Sanromán Vilas (2010) considerou que, de maneira geral, não foram observadas diferenças significativas entre as duas faixas etárias. No entanto, concluiu que os jovens universitários usaram mais frequentemente a forma de tratamento *usted* ao se dirigirem aos seus professores e a um desconhecido que encontraram na rua. Por outro lado, os jovens do ensino médio usaram mais *usted* ao se reportarem aos amigos mais velhos e a desconhecidos de mais idade que encontraram em casa de amigos.

No âmbito familiar e nas relações com amigos de idades próximas, observa-se que o uso de *usted* parece ter sido substituído por *tú*. Em estudos variacionistas mais recentes, é notável uma tendência liderada por mulheres na condução desses processos de mudanças, conforme destaca a autora. No trabalho em questão, constatou-se que foram os homens, e não as mulheres, que fizeram uso mais frequente de *usted*, que é considerado a forma padrão. Por fim, a pesquisadora concluiu que a idade é o fator que exerce mais influência na escolha entre essas formas, seguido do grau de conhecimento entre os interlocutores e, em terceiro lugar, pela posição hierárquica do interlocutor.

Aijón Oliva (2009) é um dos pesquisadores preocupados com a aparente escassez de trabalhos que explicassem a variação entre *tú* e *usted* com base em fatores socioestilísticos e cognitivos. O autor conduziu um estudo com o objetivo de analisar algumas estratégias de persuasão da publicidade em espanhol, considerando o fenômeno de variação entre as formas de tratamento de segunda pessoa em uma das variedades peninsular desse idioma. A hipótese

inicial sustentada pelo pesquisador era a de que a escolha no emprego de uma forma ou outra para se dirigir ao ouvinte não era aleatória, mas, sim, resultado de uma escolha estilística consciente que visava a obter uma resposta afirmativa por parte da audiência.

Para viabilizar a pesquisa, Aijón Oliva (2009) utilizou como material de análise o *Corpus de Lenguaje de los Medios de Comunicación de Salamanca* (MEDIASA). Foram analisados 245 textos breves com o objetivo de identificar quais deles marcavam o pronome de tratamento, seja pela própria forma ou através do seu paradigma verbal/pronominal, e que tipo de tratamento era dado. Após a exclusão dos textos que não utilizavam nenhuma forma de tratamento, o *corpus* final foi composto por 211 textos que utilizavam alguma forma pretendida. Desse total, 133 empregaram o pronome *tú* (63%) e 78 utilizaram *usted* (37%).

Aijón Oliva (2009) controlou fatores extralinguísticos, como idade (até 25 anos, de 25 a 45, de 45 a 65 e acima de 65 anos). O objetivo era investigar se havia alguma relação entre a forma de tratamento escolhida e a faixa etária a quem o anúncio se dirigia. Os resultados mostraram a forma *tú* foi propensa a ser usada (100%) com crianças e jovens, enquanto *usted* teve uma taxa de uso de 52.8% e 62.5% com adultos maduros e pessoas mais velhas, respectivamente. Para o autor, a paternidade pode ajudar a explicar a preferência entre uma forma e outra, visto que anúncios dirigidos a pessoas com idade próxima a se casar, a forma preferida era *tú*, enquanto os anúncios relacionados a filhos, batismos e primeiras comunhões tendiam para o uso de *usted*.

No que se refere ao nível econômico dos participantes (médio e médio-alto), os dados revelaram que, no nível médio-alto, a frequência de *usted* (60.5%) foi maior que o uso de *tú* (39.5%). Nos anúncios que transmitiam características estilísticas de luxo, por exemplo, a forma *usted* foi amplamente mais preferida, o que comprovou a pressão do poder aquisitivo sobre as formas de tratamento. Por outro lado, em relação ao fator sexo dos informantes, o uso de *tú* (68%) foi maior nos anúncios dirigidos ao sexo feminino, enquanto que *usted* foi mais frequente nos anúncios voltados para o sexo masculino (62.5%). O pesquisador ponderou que, no primeiro caso, o uso dessa forma estava relacionado ao desejo de potencializar a solidariedade grupal com as ouvintes e, no segundo, à tentativa de passar uma imagem de experiência e de profissionalismo.

Aijón Oliva (2009) relacionou ainda as formas de tratamento com os principais valores de imagem que o produtor do anúncio pretendia transmitir. Desse modo, em sua análise, o pesquisador identificou nove dimensões ou características semânticas das empresas anunciantes e dos produtos: alta qualidade, preço reduzido, facilidades e promoções, variedade,

experiência, novidade ou renovação, tradição e autenticidade, diferencial e luxo. Notou-se que quando a imagem transmitida era de qualidade, experiência ou profissionalismo, tradição e luxo, o uso predominante era do pronome *usted* em vez de *tú*, quando se pretendia transmitir o diferente ou o moderno.

Nesse estudo, foi estabelecida uma última correlação entre as formas *tú* e *usted* e o contexto de atividade social presente nos anúncios. O pesquisador estabeleceu dez categorias: automóveis, eletrônica e informática, hotelaria, móveis e decoração, ócio e espetáculos, publicidade informativa, roupa e complementos, serviços, supermercados e alimentação e moradia. Embora o tipo de produto oferecido não tenha sido o fator mais determinante, os dados demonstraram que, nos setores como os de ócio e espetáculos, em que há um caráter lúdico, o uso de *tú* foi bem maior que o de *usted*. Portanto, Aijón Oliva (2009) concluiu que a escolha entre as formas mencionadas não é fortuita e que o perfil do consumidor não é o único fator de influência, mas também o publicitário responsável por gerenciar as circunstâncias do ato comunicativo, pois este objetiva alcançar o efeito desejado no público-alvo do anúncio.

Após a análise desses trabalhos, fica evidente que o uso de uma forma ou outra pelo falante não está condicionado apenas por fatores sociais. A dimensão estilística presente na situação comunicativa também exerce significativa influência no comportamento linguístico do indivíduo. Além da variável idade, que se apresentou como um fator bastante condicionador da forma *tú* na variedade do espanhol falado na Espanha, as relações estabelecidas entre os interlocutores evidenciaram um processo de mudança. Antes, um tratamento assimétrico, agora, um tratamento mais simétrico. Essas tendências corroboram a afirmação de Fontanella de Weinberg (1999) sobre o avanço de formas solidárias e um tratamento mais próximo nas comunidades inovadoras.

Os trabalhos com que nos ocupamos até aqui são fundamentais para a nossa pesquisa, uma vez que o nosso objetivo é estudar o comportamento dessas formas em uma comunidade de fala espanhola. As ponderações conduzidas pelos pesquisadores anteriores certamente subsidiaram, em certa medida, a análise que realizaremos sobre os usos de *tú* e *usted* pelos indivíduos valencianos. Entretanto, embora as formas de tratamento tenham recebido atenção de diferentes áreas linguísticas, é na Pragmática e, sobretudo, na Sociolinguística que elas encontram um campo fértil (Sampedro Mella, 2022), como pudemos observar. Desse modo, percebe-se a necessidade de pesquisas que investiguem as funções que as formas de tratamento desempenham em língua espanhola a partir de um estudo mais abrangente.

Partindo de uma perspectiva multifuncional para análise das formas de tratamento de segunda pessoa do singular, Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017) listam apenas três pesquisas encontradas até a publicação de seu trabalho: a de Biq (1991), a de Kluge (2005) e a de Fernández Mallat (2011), conforme mencionamos na primeira seção deste trabalho. Por razões de brevidade, optamos por abordar sumariamente os dois últimos, uma vez que se tratam de estudos empíricos com dados de fala em língua espanhola, ao contrário do estudo de Biq (1991), que trabalha com dados do mandarim.

Kluge (2005) analisou os usos das formas verbais do *voseo* e *tuteo* a partir de um *corpus* coletado entre os anos de 1995 e 1999 na capital chilena e em Pollaico, município localizado no sul do Chile. A autora explica que o objetivo inicial da pesquisa não era a análise das formas de tratamento, mas sim das estratégias de acomodação linguística e social utilizadas por migrantes oriundos do sul do Chile que trabalhavam na capital. Além disso, a autora buscava compreender a utilização das estratégias de constituição identitária por parte desses indivíduos nas entrevistas.

A primeira coleta de dados foi realizada em 1995 em diferentes regiões sulistas do Chile. Posteriormente, nos anos de 1998/1999, Kluge (2005) concentrou-se em coletar dados de fala de mulheres sulistas provenientes do município de Poillaco que migraram para Santiago para trabalhar em serviços domésticos. Durante a obtenção dos dados, a maioria das informantes trabalhava na capital chilena, enquanto outras retornaram a sua cidade natal entrevistadas retrospectivamente para relatarem suas experiências em Santiago. A amostra original da pesquisa foi composta por 32 entrevistas de duração entre 30 e 180 minutos, mas a maioria tinha cerca de 60 minutos de duração.

Considerando que, até aquele momento, nos termos da autora, essas formas só tinham sido estudadas em um contexto de tratamento direto, isto é, em que um falante A se reporta a um falante B, Kluge (2005) ampliou a análise contextual para além desse tipo de tratamento. Desse modo, de acordo com as formas de tratamento encontradas no *corpus*, foram incluídos os seguintes contextos na análise: o discurso direto reproduzido em forma de citação e a referência a uma experiência de vida que pode ser generalizada para a experiência de mais pessoas. Ao examinar esses âmbitos, a autora conferiu-lhes maior peso por dois motivos: primeiro, para evidenciar que as formas de tratamento estão presentes em outros contextos além do tratamento direto; segundo, por acreditar que neles seriam notadas grandes diferenças no uso do tratamento entre Santiago e o município de Pollaico.

Na amostra analisada, Kluge (2005) encontrou 253 usos do *voseo* verbal¹⁰, 436 do *tuteo* e apenas 75 ocorrências da forma *usted*. De acordo com a autora, os dados evidenciaram algumas alternâncias no tratamento que podem ser motivadas pelas diferenças regionais. Em Pollaico, por exemplo, houve um maior uso do *tuteo* e do *ustedeo*¹¹, enquanto o uso do *voseo* ficou restrito ao discurso direto reproduzido. Já nos contextos em que os falantes generalizavam as experiências de vida, as formas preferidas foram *uno/una*. Como se sabe, em espanhol, esses pronomes indefinidos e a forma *tú* podem ser utilizados como uma estratégia de impersonalidade semântica por generalização ou indeterminação (Gómez Torrego, 1994), ou seja, quando o referente é diluído em um coletivo ou encobre-se o emissor.

No que se refere aos usos das formas de tratamento em Santiago do Chile, Kluge (2005) constatou a preferência do *tuteo* e do *voseo* verbal culto entre os jovens, assim como um distanciamento da forma *usted* em situações comunicativas nas quais o seu uso seria perfeitamente empregado pelos conterrâneos sulistas. Nos contextos em que os informantes santiaguenses generalizaram as experiências, o *voseo* foi a forma de tratamento preferida. A autora ressalta o fato de algumas migrantes utilizarem o *vos* nesse contexto, no entanto, o *tuteo* continuou sendo a forma preferida pela maioria dela. Desse modo, constatou-se um uso misto do *tuteo*, *voseo* y *uno*, o que denota uma estratégia de acomodação linguística por parte dessas informantes. Embora elas apresentassem fortes traços sulistas, construíram suas vidas na capital e não tinham perspectivas de retorno ao sul do país.

Kluge (2005) ressalta, ainda, a influência de fatores estilísticos na alternância do *tuteo* e do *voseo* nos contextos de discurso direto reproduzido e nas experiências generalizadoras. Segundo a autora, o *voseo* tem uma função apelativa quando utilizado no primeiro contexto mencionado. Desde que seja do tipo *voseo culto*¹², há nesse uso uma conotação positiva que imprime noções de proximidade e amizade. Esse tipo de *voseo* é a forma preferida pelos santiaguenses e distingue-se do *voseo auténtico*¹³ somente pelo uso do pronome

¹⁰ O *voseo* verbal, também conhecido por *voseo flexivo*, refere-se ao uso das desinências verbais características de segunda pessoa do plural, podendo sofrer algumas modificações, para as formas flexionadas da segunda pessoa do singular. Esse fenômeno se subdivide em pronominal, por exemplo: *vos tenéis*, *vos tenés*, *vos tenís*, e não pronominal: *tú tenés*, *tú tenís*. (Real Academia Española, p. 107, 2011).

¹¹ Segundo o Diccionario de la Lengua Española, é a ação ou o efeito de *ustedear*, ou seja, dirigir-se a um interlocutor utilizando a forma de tratamento *usted*.

¹² Trata-se da combinação entre pronome sujeito *tú* e flexão *voseante*. (Rivadeneira Valenzuela *et al.*, 2017).

¹³ Termo introduzido por Torrejón (1986) e “consiste em usar formas verbais derivadas das de segunda pessoa do plural, construídas com o pronome arcaico *vos* como sujeito, para se dirigir a um só interlocutor.” (Torrejón, 1986, p. 678).

tú e *vos*. Este último, alvo de forte rejeição pelos falantes de Santiago, é mais utilizado pelas massas populares e rurais, com baixa escolaridade.

Nesse sentido, a autora evidencia que as migrantes recorrem às formas *tuteantes* como uma tentativa de se aproximar do *voseo culto*, por exemplo, no contexto de experiências generalizadoras. Esse uso aparece como uma estratégia para se aproximar da variante utilizada pelos santiaguenses e, ao mesmo tempo, não serem identificadas como usuárias do *voseo autêntico*. Kluge (2005) destaca o caso de uma das informantes que verbaliza ter mudado a forma de falar após a migração para Santiago e de como tenta mudar a realidade linguística da própria família sulista. Ao fazer uso do *tuteo*, associado à educação formal e à moradia na cidade, Raquel — como a autora a nomeia — não só marca um distanciamento em relação à sua família, mas também uma acomodação linguística. Além disso, ela atribui para si uma identidade cidadina e revela um nível de superação pessoal na capital.

Ao examinarmos a pesquisa de Kluge (2005), notamos que, guardadas as diferenças, há certas semelhanças metodológicas com a pesquisa que conduzimos no âmbito do Mestrado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Embora tenhamos trabalhado em uma perspectiva sociolinguística, como Kluge (2005), consideramos relevante analisar o comportamento das formas *tú* e *usted* na presença de fatores como: *discurso de fala própria*, *discurso reportado do próprio entrevistado* e *discurso reportado de terceiros*. De modo análogo, contemplamos a dimensão estilística da variação por ser uma área abordada de forma periférica pelos estudos variacionistas (HORA, 2014).

Nossa pesquisa (Lima, 2018) objetivava analisar a variação das formas de tratamento *tú* e *usted* na cidade de Valência, na posição de sujeito. Para isso, elencamos 36 entrevistas estratificadas de acordo com o sexo (homem e mulher), idade (de 20 a 34 anos, de 35 a 54 anos e acima de 55 anos) e escolaridade (alta e baixa). Além disso, controlamos as variáveis linguísticas (tipo de referente, tipo de frase e tipo de discurso), sociais (sexo, idade e escolaridade) e estilísticas (complexidade do assunto, estilo discursivo e relação entre os interlocutores).

Posterior às rodadas estatísticas, constatamos um total de 1.286 ocorrências de formas pronominais de tratamento de segunda pessoa *tú* e *usted*, na posição pretendida. Desse total, 1.185 (92.1%) foram usos do pronome *tú*, enquanto que 101 (7.9%) corresponderam a usos da forma de tratamento *usted*. Assim, os dados revelaram um propenso uso de *tú* frente a

usted na comunidade de fala valenciana. Desse modo, as tendências de uso dessas formas parecem apontar para um caso de mudança em curso nessa comunidade.

O programa GoldVarb (2005) selecionou como significativos, dentre os nove grupos de fatores selecionados como possíveis condicionadores do fenômeno variável com o qual trabalhamos, os seguintes: tipo de referente, faixa etária, complexidade do assunto, estilo discursivo, tipo de discurso, relação de proximidade entre os interlocutores, tipo de frase e escolaridade, respectivamente. Durante as rodadas estatísticas, a variável sexo foi descartada pelo referido programa, uma vez que não apresentou significância estatística.

No que se refere à variável tipo de referente, *tú* foi favorecido nos contextos de indeterminação (0.740) e desfavorecido com referente determinado (0.111). Em relação ao tipo de frase, os dados contrariaram parcialmente a nossa expectativa inicial. Como havíamos ponderado, as frases interrogativas desfavoreceram a variante regra de aplicação (0.462). No entanto, o oposto ocorreu com as frases exclamativas e declarativas. As declarativas favoreceram, moderadamente, o uso de *tú* (0.519) e as exclamativas desfavoreceram essa variante (0.289).

Com a variável tipo de discurso, *tú* foi preponderante no discurso reportado de terceiro (0.714) e desfavorecido no discurso reportado do próprio entrevistado (0.416) e no discurso de fala própria (0.464). Ao cruzarmos este último com a variável faixa etária, percebemos que foram os falantes mais velhos que mais fizeram uso dessa variante. De fato, são esses indivíduos que ainda resistem a um tratamento mais simétrico.

Com relação aos fatores sociais, nossa hipótese foi confirmada para a variável faixa etária. Os dados revelaram que *tú* é desfavorecido no grupo com faixa etária acima de 55 anos (0.189), enquanto é favorecida nos demais (0.676, faixa etária de 20 a 34 anos e 0.695, faixa etária de 35 a 54 anos). É possível observar que os mais velhos ainda fazem mais uso da variante *usted* e, por outro lado, os jovens predominam com o uso da variante inovadora, indicando, assim, uma mudança em progresso em direção ao *tuteo*.

Na variável escolaridade, os resultados também validaram nossa hipótese. Os informantes com nível alto de escolaridade favoreceram o uso da variante *tú*, com peso relativo de (0.561). Na outra direção, essa forma foi desfavorecida diante do fator nível baixo de escolaridade (0.420). O uso feito pelos informantes com mais anos de escolarização evidencia um certo prestígio do *tuteo* na comunidade de fala e o legitima, inclusive, no âmbito escolar.

Os resultados da pesquisa em relação às variáveis estilísticas corroboraram a nossa hipótese inicial para a variável complexidade do assunto. Eles revelaram que, na presença do

fator assuntos mais complexo, o uso da forma *tú* é desfavorecido, conforme peso relativo de (0.148). De fato, nesse contexto, *usted* apresentou mais ocorrências. Por outro lado, no contexto em que o tema abordado era menos complexo, a forma de tratamento *tú* mostrou-se favorecida (0.622).

Quanto à variável estilo discursivo, os dados evidenciaram um uso propenso de *tú* nos estilos expositivos e argumentativos (0.890 e 0.751, respectivamente), enquanto que houve um desfavorecimento nos demais estilos: (0.394) no estilo dialogal; (0.341), no estilo narrativo e (0.251), no estilo descritivo, contrariando, assim, o que esperávamos para essa variável. No que tange à variável relação entre os interlocutores, após a necessidade de amalgamarmos os fatores, resultando em dois tipos de relação: distanciamento e proximidade intermediária/alta, o fator distanciamento favoreceu o uso da forma *tú* com um peso relativo de (0.622), enquanto os últimos desfavoreceram-na (0.326).

Retomando os estudos mencionados por Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017), o de Fernández Mallet (2011) centrou-se na análise do *voseo mixto verbal*¹⁴ na fala de migrantes chilenos da primeira e segunda geração em Montreal, Canadá. Para isso, o autor utilizou um corpus oral de conversa livre, elaborado por ele próprio na Universidade de Montreal. A amostra foi composta por 16 entrevistas realizadas com oito informantes, com duração média de 46 minutos. Segundo o autor, considerando que o fenômeno em questão é a estratégia preferida pelos chilenos ao utilizarem a segunda pessoa do singular no contexto informal e familiar, a hipótese inicial era de que o uso do *voseo mixto verbal* seria predominante em relação ao uso do *tuteo verbal*.

Além disso, para garantir que o uso do *voseo mixto verbal* não estava condicionado pela origem do interlocutor, Fernández Mallet (2011) realizou duas coletas de dados com cada informante em ocasiões distintas: na primeira coleta, os entrevistados estavam na presença exclusiva de outros falantes chilenos, enquanto na segunda coleta, estavam na presença de outros hispanofalantes não chilenos. Em relação aos critérios de análise utilizados, o autor considerou os seguintes: sexo, idade, tempo de permanência em Montreal, uso de mídias chilenas (tv, rádio, imprensa, cinema), frequência de viagens ao Chile, origem das pessoas com

¹⁴ O *voseo mixto verbal* é um termo introduzido por Torrejón (1986) o qual, por sua vez, distingue dois tipos: o *voseo mixto pronominal* que “consiste em concordar o pronome *vos*, sujeito as mesmas restrições do *voseo auténtico*, com uma forma verbal conjugada na segunda pessoa do singular. Por exemplo: *vos andas, vos comes, vos vives, vos te quedas*”. A outra tipologia do *voseo mixto verbal*, também conhecido como *voseo culto* na literatura, “consiste em construir as formas verbais derivadas das de segunda pessoa do plural com o pronome *tú*, ou em usar as formas *te, ti, tu, tuyo*. Por exemplo: *tú andáis/ andás/ andái, tú coméis/ comés/ comís, tú vivís, tú te quedáis/ quedás/ quedái*” (Torrejón, 1986, p. 678, tradução nossa).

as quais vivem, língua do lar e língua do trabalho ou estudos. Fernández Mallet (2011) adverte que o fator classe social foi descartado porque o fenômeno em análise tem registros tanto em classes “inferiores” quanto em “média” e “superior”. Ademais, para fins de comparação, cada informante tinha pelo menos um ano de formação universitária ou profissional.

No total de ocorrências, 287 foram referentes ao *voseo mixto verbal* e 296 usos relativos ao *tuteo*. Desse modo, apesar das evidências relatadas por estudos anteriores, o *voseo* em questão não é a forma preferida pelos chilenos no contexto de contato dialetal em Montreal, representando menos da metade (49%) das ocorrências de segunda pessoa do singular. No entanto, Fernández Mallet (2011) esclarece que, em situações em que o informante se encontrava na presença de chilenos, o *voseo* foi utilizado em 67% das ocorrências. Por outro lado, na presença de não chilenos, a forma preferida foi o *tuteo*, correspondendo a 83% das ocorrências, enquanto o *voseo* foi registrado em apenas 17% dos casos.

Segundo Fernández Mallet (2011), em relação às variáveis elencadas, nenhuma delas se mostraram significativas para explicar a alternância no uso do *voseo* e *tuteo*, exceto a variável frequência de viagens ao Chile. Os informantes que não viajavam ao Chile com regularidade demonstraram preferência pelo uso do *tuteo*, mesmo na presença de outros chilenos. Quanto à variável “sexo”, homens e mulheres se mostraram majoritariamente *voseantes* na presença de chilenos, enquanto outros fizeram uso predominante do *tuteo*. O critério “idade” também não foi determinante para o uso dessas formas, assim como no fator anterior, houve variação no uso do *voseo* e *tuteo* na presença de chilenos. Por exemplo, um informante de 63 anos preferiu o uso do *voseo*, enquanto outra de 60 anos, usou exclusivamente o *tuteo*.

No tocante ao “tempo de permanência em Montreal”, não foram observados padrões de comportamentos estáveis. Por exemplo, indivíduos que viviam há bastante tempo nessa cidade, portanto, aparentemente mais sensíveis às formas mais neutras *tuteo*, eram predominantemente *voseantes*. Por outro lado, indivíduos com um tempo de estadia consideravelmente menor eram majoritariamente *tuteantes*, enquanto outros alternavam ou não para o uso do *voseo* na presença de chilenos. Com relação à variável “uso de mídia”, todos os informantes afirmaram fazer uso de pelo menos um meio de comunicação chileno. Embora esse fator não tenha mostrado significância, Fernández Mallet (2011) afirma que não é possível comprovar se, ao fazerem uso dessas mídias, os falantes estão expostos a contextos reais de fala informal e familiar nos quais predominam as formas *voseantes*.

Acerca das variáveis “origem das pessoas com quem vivem” e “língua do lar”, Fernández Mallet (2011) explica que apenas uma informante vivia com outro nativo da língua espanhola, de origem peruana, país em que o uso do *tuteo* é generalizado. Segundo o autor, essas situações poderiam explicar o uso exclusivo do *tuteo* em todos os contextos pelos informantes. Além disso, a única informante que faz uso do espanhol em casa convive com uma norte-americana que aprendeu espanhol no Chile, o que também poderia influenciar a sua preferência pelo *voseo* na presença de outros chilenos. Por fim, no que diz respeito ao fator “língua do trabalho”, apenas um informante usava o espanhol no contexto profissional onde se relacionava com hispanofalantes de várias origens. Neste caso, isso poderia influenciar a variação entre *tuteo* e *voseo*, com predominância do primeiro nos dois contextos analisados.

Conforme observado, a alternância entre *voseo* e *tuteo* mostrou-se significativa apenas nos contextos de presença e não presença de chilenos, assim como na frequência com que os informantes viajavam ao Chile. Entretanto, apesar da predominância de uma forma sobre a outra a depender do contexto, Fernández Mallet (2011) esclarece que os entrevistados não se limitam exclusivamente ao *voseo* na presença de chilenos, nem ao *tuteo* na presença de não chilenos. Isso o motivou a investigar por que o *voseo* emergia no contexto em que os falantes estavam na presença de não chilenos, em que se esperava a preferência pelo *tuteo*, e, por outro lado, por que o *tuteo* era usado diante de chilenos, contexto que favorece o *voseo*.

Nesse sentido, Fernández Mallet (2011) retoma o estudo de Kluge (2005) e realiza uma nova análise do comportamento do fenômeno variável em questão na presença da variável tipo de discurso. Essa foi compunha pelos seguintes fatores: tratamento direto, tratamento direto reproduzido e experiências de vida generalizáveis. Quanto ao tratamento direto, com exceção dos falantes que “tuteavam” em ambos os contextos, o uso predominante foi do *voseo* na presença de chilenos. Além disso, a não exclusividade no uso do *tuteo*, mas, sim, sua preferência, explica os usos pontuais nesse âmbito. Já o surgimento de formas *voseantes* na presença de não chilenos pode ser explicado pelo fato de se tratar de um uso dirigido ao entrevistador, que é chileno, e não a um amigo não chileno presente na entrevista.

Com relação ao tratamento direto reproduzido, observou-se o uso predominante do *voseo* na presença de chilenos e do *tuteo* na presença de não chilenos. Contudo, verificou-se que os informantes *voseantes* apresentavam uma preferência pelas formas *voseantes* quando reproduziam a fala de um chileno e pelas formas *tuteantes* quando reproduziam a fala de um não chileno. Por fim, diante do fator experiências de vida generalizáveis, a tendência de uso na presença e não presença de chilenos foi a mesma verificada nos tipos de discursos anteriores.

Entretanto, ao falarem de experiências de vidas na presença de não chilenos, os falantes que usavam formas *voseantes* não alternavam para o *tuteo* ao se dirigirem aos interlocutores. Segundo o autor, isso pode ser explicado pelo fato de que essas experiências são generalizáveis e não estão dirigidas diretamente ao interlocutor não chileno, fazendo com que o informante não se sentisse compelido a evitar o *voseo*, como ocorre no tratamento direto.

Os resultados da pesquisa realizada por Fernández Mallet (2011) evidenciam que as formas *voseantes* não alternam para as *tuteantes* conforme a passagem do tempo, mas que os informantes se tornam bidialetais. Desse modo, observa-se uma variação no uso de uma forma ou de outra, dependendo de fatores textuais e contextuais, como a origem das pessoas presentes na situação comunicativa e o tipo de discurso realizado pelos informantes.

Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017) ampliou a perspectiva de análise realizadas por Kluge (2005) e Fernández Mallet (2011) ao conduzir um estudo sobre os distintos contextos de uso da segunda pessoa do singular também no Chile. A amostra foi composta por 180 horas de entrevistas sociolinguísticas do tipo semi-espontâneas, realizadas com informantes originários de quatro zonas dialetais chilenas, incluindo as seguintes cidades: Arica, Iquique, Coquimbo, Valparaíso, Santiago, Concepción, Temuco, Coyhaique, Punta Arenas e Chiloé. Além disso, o *corpus* foi estratificado por sexo e idade (jovem [18-24 anos], adulto-jovem [25-34 anos] e adulto [35-54 anos]). É importante aclarar que, segundo as autoras, embora se tratasse de uma pesquisa sociolinguística, enfatizou-se os aspectos pragmático-discursivos da variação.

De acordo com Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017), foram analisadas as formas do tipo *voseo culto*, ou seja, as estruturas que combinam formas verbais *voseantes* com o pronome *tú*, que foram os casos mais frequentes no *corpus*. Ademais, foram excluídos os dados relativos ao modo *imperativo* e o *pretérito indefinido* do indicativo devido à ausência de ocorrências. Algo semelhante ocorreu no estudo de Kluge (2005), no qual foi observado um uso predominante do *tuteo* com formas imperativas e pretéritas. O *voseo* foi registrado quase que unicamente com formas no presente e no futuro perifrástico.

Assim como nos estudos anteriores, as variáveis selecionadas compreendiam o tipo de discurso, sendo o “tratamento direto” e o “discurso referido”, além dos fatores “uso não dêítico” e “marcador discursivo”. Vale ressaltar que, como os informantes eram provenientes de diferentes regiões do país, o entrevistador — majoritariamente mulheres — e entrevistados não se conheciam na grande maioria das situações. Ademais, as entrevistadoras utilizaram o *voseo* para se dirigirem aos informantes da mesma faixa etária e aos adultos-jovens, e o *ustedeo*

para os adultos. As autoras esclarecem que não foi comprovada influência desse fator no uso das formas de tratamento pelos informantes. De modo análogo, não se observaram padrões de variação com relação ao sexo dos informantes.

Tendo em vista que o *voseo* foi a forma predominante na amostra analisada, Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017) aborda alguns exemplos que permitiram estabelecer algumas comprovações. Por exemplo, o *voseo* foi utilizado na maior parte dos casos em que os falantes se expressavam com naturalidade e espontaneidade no contexto de “tratamento direto”. Desse modo, foi possível perceber um uso predominante dessa forma nos momentos em que os falantes monitoravam menos a fala. Por outro lado, o *tuteo* foi registrado em contextos em que havia maior autocontrole e consciência normativa, sobretudo quando o falante buscava transmitir uma imagem positiva de si. Já o uso do *ustedeo*, associado a um caráter básico de respeito, foi observado em situações de assimetria, como diferença de idade ou em situações em que havia pouca confiança entre as pessoas envolvidas.

No que se refere à categoria de “discurso referido”, as autoras, após contextualizarem brevemente essa variável, descrevem apenas algumas situações de uso do *voseo* a partir de exemplos extraídos do *corpus*, como um provável uso diatópico desse fenômeno por parte de uma informante que utiliza o *voseo mixto verbal*, tipo de *voseo* que, como vimos, não é o mais frequente na amostra. Outrossim, as autoras chamam a atenção para alguns casos que validam a sua suposição sobre o uso corretivo do *tuteo* como forma marcada. Por exemplo, quando, em um discurso referido, o informante se dirige a uma interlocutora de forma séria e severa para pedir uma mudança de atitude.

Com a variável “uso não dêitico”, as autoras focaram na análise da dêixis pessoal do tipo *desfocalizadora*, classificação proposta por Haverkate (1984). Esse tipo de referência é caracterizado por:

minimizar o papel do falante através da impersonalização, supressão da identidade do agente, emprego da primeira pessoa do plural inclusivo, uso de referências inclusivas que enquadram o falante, o ouvinte e um número ilimitado de pessoas e expressões de segunda pessoa do singular através das quais o falante se distancia do enunciado. (Rivadeneira Valenzuela *et al.*, 2017, p. 74, tradução nossa).

Nas entrevistas, os usos dêiticos não prototípicos encontrados foram principalmente com formas do *voseo* e do *tuteo*, quase não existindo registros de referências dêiticas não prototípicas com o *ustedeo*. Entre os exemplos, as autoras destacam aqueles em que as formas dêiticas não prototípicas foram usadas como uma estratégia de ocultação de si, a fim de tornar o enunciado mais objetivo. Desse modo, evidencia-se um “eu encoberto”, utilizado como recuso estilístico de dissipação ou distanciamento do enunciado. Ademais,

outros usos não dêiticos referiam-se a experiências mais coletivas, isto é, situações vividas pelo falante e que qualquer outra pessoa também poderia vivenciá-la.

Quanto aos “marcadores discursivos”, Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017) consideraram aqueles que fazem parte da categoria de verbos da segunda pessoa do singular no plano gramatical, como *mira* e *oye*. De acordo com as autoras, os dados revelaram uma frequência bastante alta do marcador *cachai* com seu valor básico, ou seja, captar e solicitar aprovação do interlocutor. Além disso, verificou-se a presença frequente desse marcador junto à locução conjuntiva *o sea* e outras construções e marcadores para captar a atenção do interlocutor. É importante destacar que, segundo as autoras, os casos de marcadores de *voseo* foram predominantes na fala de jovens e adultos-jovens, enquanto o *tuteo* teve maior incidência com falantes mais adultos.

Segundo Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017), as categorias examinadas são utilizadas como estratégias comunicativas adequadas à situação de fala, com funções estilísticas bem definidas, tais como:

[...] demonstrar emoções ou estados de ânimo concretos (como empatia, proximidade, desconfiança, surpresa, medo, tristeza, entre muitos outros), projetar imagens positivas (ou também negativas) de si ou de terceiros, dramatizar um acontecimento, estender experiências pessoais a outros, fazer com que uma opinião soe mais objetiva ou simplesmente manter o contato aberto e a atenção do interlocutor durante uma conversa. (Rivadeneira Valenzuela *et al.*, 2017, p. 81-82, tradução nossa)

Por fim, as autoras asseveram que o uso do *voseo* se estendeu em todas as categorias analisadas, enquanto o *tuteo* e o *ustedeo* parecem perder espaço em uma conversa semi-espontânea. Portanto, dada a fase avançada de integração daquele fenômeno na norma culta, parece haver um processo de mudança em curso. Por outro lado, o *tuteo* possui um comportamento mais neutro e marcado quando comparado ao *voseo* em situações simétricas informais. A escassa utilização do *ustedeo*, limitado ao tratamento entre e com falantes de idades mais avançadas, sugere igualmente uma mudança em processo, porém, apontando para um retrocesso, conforme as autoras.

Não poderíamos encerrar esta seção sem antes mencionarmos o recente trabalho elaborado por Pontes e Silva (2023) sobre a marcação e a não marcação das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* no espanhol argentino e uruguaio. Com o intuito de ampliar as discussões sobre os usos das formas de tratamento para além da perspectiva formal e variacionista, os autores empreenderam uma análise funcionalista das supracitadas formas em peças de teatro do século XX. O objetivo principal foi identificar quais formas de tratamento emergiam na superfície textual, dependendo do plano narrativo. Para isso, Pontes e Silva (2023)

correlacionaram o percentual de frequência e as situações típicas de uso dessas formas com o modo como o falante apresenta e organiza as informações na narrativa.

Após definirem critérios alguns critérios para a coleta do *corpus*, foram selecionadas oito peças de teatro, sendo quatro de cada país, abrangendo os anos de 1901 a 1940, período no qual se verificou uma certa produtividade das variantes sob análise. Os dados foram organizados em uma planilha do Excel e as ocorrências das formas de segunda pessoa do singular em posição de sujeito foram mapeadas em cada texto, com conferência realizada por ambos os autores. Posteriormente, Pontes e Silva (2023) procederam à análise qualiquantitativa dos dados, estabelecendo uma correspondência entre os usos encontrados das formas *tú*, *vos* e *usted* e os planos discursivos figura e fundo 1 e 2 propostos por Chedier (2007).

No que se refere à figura e ao fundo 01, os autores esclarecem que são contextos menos marcados em relação à figura 02, uma vez que a narrativa flui com mais facilidade na progressão da história em termos de tempo e processamento cognitivo nesses contextos. Desse modo, Pontes e Silva (2023) propuseram como hipótese que as variantes tidas como mais informais e menos marcadas (*vos* e *tú*), portanto, menos complexas estrutural e cognitivamente, seriam mais frequentes em contextos de menor complexidade cognitiva, isto é, na figura e no fundo 01 do que no fundo 02.

Os dados obtidos com as peças teatrais uruguaias confirmaram parcialmente as ponderações iniciais. A forma *tú* apareceu em 66,02% no plano discursivo figura e em apenas três ocasiões no fundo 01, contexto menos marcado que o fundo 02. No que se refere à forma *vos*, foi registrada em 15,53% na figura, porém não ocorreu no plano discursivo fundo 01. Já em relação à forma *usted*, os resultados não corroboraram as expectativas preliminares. Esperava-se que, por ser uma forma mais marcada, ela fosse mais preponderante em contextos também mais marcados, ou seja, no fundo 02. Entretanto, esse pronome emergiu apenas no contexto menos marcado, figura, com uma porcentagem de 18,45%.

Em face desses resultados, Pontes e Silva (2023) questionam a utilização do pronome *usted* como variante padrão usada em todos os contextos formais no espanhol uruguaio do século XX, uma vez que foi constatado o uso de formas mais solidárias, como *vos* e *tú*, em contextos formais no espanhol falado em Montevidéu. Conforme os autores, em determinados contextos de uso prototípico de variantes consideradas mais informais, *usted* pode adquirir um caráter informal e solidário. Além disso, eles apontam que *usted* é uma forma mais marcada que *tú* e *vos*, porém menos marcada que outras fórmulas de tratamento, como *señor* e *señora*, que são utilizadas pelos uruguaios. Esse caráter associado ao pronome *usted* pode ter

influenciado os autores das peças teatrais a usá-lo em contextos menos marcados, como foi observado no plano discursivo figura.

No tocante às peças teatrais argentinas, as hipóteses foram confirmadas plenamente no que diz respeito aos planos discursivo figura e fundo 02, e parcialmente no contexto de fundo 01. De acordo com os dados, *tú* e *vos* tiveram usos mais expressivos no plano figura, com 30,84% e 49,38, respectivamente. Dessa forma, constatou-se que o princípio de marcação givoniano atua nesse contexto. Analogamente, o uso de *usted* foi registrado em 67,83% dos casos no plano fundo 02 e, diferentemente das peças teatrais uruguaias, apareceu em todos os planos discursivos sob análise.

No tocante ao fundo 01, quando olhamos isoladamente, *usted* teve o maior número de ocorrências, com 6, em contraste com 2 para *tú* e 5 para *vos*, contrariando a hipótese inicial. Entretanto, tem-se o uso majoritário de formas menos marcadas em um contexto também menos marcado ao se quantificar estas última conjuntamente. Vale ressaltar que, em relação às situações em que os dados contrariaram a expectativa inicial, como foi o fato de formas mais marcadas ocorrerem em contextos menos marcados, os autores evocam o princípio de marcação expressiva proposto por Dubois e Votre (2012), considerando esse uso como uma tentativa de equilibrar a carga cognitiva e garantir a eficácia da comunicação.

Até onde pudemos investigar na extensa bibliografia sobre o tratamento em espanhol, o trabalho de Pontes e Silva (2023) foi o único que encontramos que considera, em sua análise, categorias do aporte teórico-metodológico do Funcionalismo Linguístico. Reconhecemos, portanto, sua valiosa contribuição para o aprofundamento das discussões sobre os valores dos pronomes de segunda pessoa do singular, em uma perspectiva que difere do que comumente tem sido feito na área do tratamento. Ao optarmos por trabalhar com as mesmas categorias relativas ao plano discursivo, indubitavelmente, esse estudo subsidiará a nossa análise qualitativa dos dados.

Entretanto, convém salientar que é preciso olharmos com cautela para os resultados acima descritos, tendo em vista que se trata de dados extraídos de obras literárias em que as formas de tratamento não foram produzidas por falantes reais em um contexto real de uso da língua. É fundamental destacar que não pretendemos ecoar as vozes contrárias ao uso de textos literários como fontes seguras para a análise de fenômenos linguísticos, uma vez que vários autores, como demonstrado por Pontes e Silva (2023), confirmam a sua confiabilidade para as pesquisas linguísticas. Apesar disso, acreditamos que a composição desse tipo de *corpora* deve

ser feita com rigor, evidenciando as bases sócio-históricas em que os textos foram produzidos, especialmente em relação à estrutura da sociedade da época (Berlick, Barbosa e Marine, 2008).

De acordo com Preti (1999), mesmo que o escritor tenha a intenção de tornar a escrita mais semelhante à fala, o ato de escrever envolve um processo de elaboração por sua parte. Desse modo, alinhamo-nos a Gancedo Ruiz (2019) quando, ao advogar pela utilização dos textos literários em análises linguísticas, reconhece que ao não serem uma representação fiel da linguagem oral, é mais produtivo realizar o estudo da dimensão oral da língua a partir de dados de fala reais sempre que possível. Desse modo, o argumento da autora reforça nossa preferência por trabalhar com o *corpus* oral PRESEVAL.

Considerando a vasta quantidade de estudos já realizados e em andamento sobre as formas e fórmulas de tratamento no mundo hispânico, seria inviável abarcá-los neste trabalho. O tema é complexo e diverso, portanto, limitamos o escopo de análise a fim de estabelecer coerência com nossa pesquisa. Nesse sentido, oferecemos um retrato do estado da arte sobre os pronomes de segunda pessoa do singular em espanhol, particularmente no contexto do espanhol peninsular. Embora muito já tenha sido feito, é notória a profusão de trabalhos no viés sociolinguístico e, em número menor, no viés pragmático e nos estudos de cortesia, o que evidencia que ainda há muito a ser feito e explorado. De acordo com Sampedro Mella (2018, p. 51, tradução nossa):

[...] faltam investigações empíricas com distintas metodologias que abarquem todas as variedades do espanhol. [...] ainda são necessários novos estudos fundamentados em dados reais, com diferentes métodos e metodologias de análise, para poder aprofundar no conhecimento dessas formas no mundo hispânico.

Em decorrência do que foi exposto, assumimos, neste trabalho, a perspectiva de que o uso que fazemos da língua pode explicar a sua organização e estrutura. Em outras palavras, a forma da língua é vista como resultante da função que as diferentes unidades linguísticas desempenham na comunicação. Por conseguinte, recorreremos aos princípios e categorias do Funcionalismo Linguístico para tentarmos explicar a dinâmica de uso dos pronomes de tratamento *tú* e *usted*, proporcionando um aspecto bastante inovador no que se refere ao estudo dessas formas no âmbito pretendido. Ademais, a interface estabelecida entre essa área de estudo e a Linguística Cognitiva vai além do que tradicionalmente tem sido produzido, oferecendo uma perspectiva diferenciada — e até agora pouco investigada — em relação às nuances e complexidades das formas de tratamento em espanhol.

Além disso, o desenho metodológico que propomos diferencia-se substancialmente de muitas abordagens convencionais das formas de tratamento em língua espanhola. Uma vez

que trabalhamos com um objeto multifacetado, que apresenta uma multiplicidade de usos, articulamos diferentes níveis de análise (sintático, pragmático, textual e discursivo) em busca das motivações que favorecem a seleção de uma forma ou outra no desempenho de diferentes funções. A incorporação de múltiplos níveis de análise, que são faces do mesmo objeto, representa um pequeno avanço nesse campo de estudo e nos permite compreender como nossas escolhas linguísticas estão orientadas pelas funções que a língua desempenha.

Ao propormos um mapeamento funcional dos pronomes mencionados anteriormente, acreditamos preencher, mesmo que minimamente, as lacunas apontadas por Aijón Oliva (2009), Calderón Campos e Medina Morales (2010) e Sampedro Mella (2018) a respeito da ausência de pesquisas que trabalhem com fatores que não sejam, apenas, de ordem social e linguística. Sendo assim, consideramos que o diferencial dessa pesquisa está no conjunto dessas características.

2.4 Súmula do capítulo

Nesta seção, procedemos à apresentação dos sistemas pronominais de tratamento em língua espanhola. Fizemos um resumo dos principais aspectos históricos das formas *tú*, *vos* e *usted*, bem como da evolução das formas átonas. Em seguida, explicitamos o sistema de tratamento atual no espanhol americano e, tendo em vista o trabalho com uma comunidade de fala peninsular, dedicamos atenção especial ao sistema em uso nessa variedade do idioma. Para embasar nossas informações, recorreremos aos estudos realizados por Fontanella de Weinberg (1995, 1999), Carricaburo (1997), Calderón Campos (2010) e Calderón Campos e Medina Morales (2010).

Existem três sistemas pronominais no espanhol americano determinados pelos fenômenos linguísticos *tuteo* e *voseo* (Carricaburo, 1997). O primeiro, *América tuteante*, usa *tú* para informais/familiares no singular e *usted* para cortesia/formalidade. O segundo, *América voseante*, usa *vos* em situações informais e *usted* em formais. O terceiro, *América tuteante-voseante*, permite *tú* ou *vos* em contextos informais, com *usted* para distanciamento. Em todos, o plural é *ustedes*. Carricaburo (1997) diferencia-se de Fontanella de Weinberg (1995, 1999) ao considerar também o paradigma pronominal, ligado às formas de tratamento.

Quanto ao sistema de pronomes de tratamento no espanhol europeu, há uma distinção feita pelo uso da forma *vosotros(as)*, amplamente utilizado na maioria das áreas da Espanha, juntamente com sua equivalente no singular *tú*, usadas em situações em que a relação entre as pessoas é baseada na confiança. Por outro lado, as formas *usted* e *ustedes*, que são

utilizadas em situações formais, são empregadas também em outras áreas espanholas. Em algumas regiões, como Córdoba, Jaén, Granada, Andaluzia Ocidental e as Ilhas Canárias, a forma de tratamento usada para o plural segue o mesmo modelo usado no sistema hispano-americano, ou seja, *ustedes* é utilizado.

Neste capítulo, examinamos alguns estudos sobre a diferença entre *tú* e *usted* no espanhol da Península Ibérica. Embora as formas de tratamento sejam um tema clássico nos estudos linguísticos, a revisão da literatura revela uma carência de pesquisas além do contexto sociolinguístico. Isso ressalta a necessidade de estudos dessa natureza sob outras perspectivas, como apontado por Aijón Oliva (2009), e abre oportunidades para trabalhos semelhantes ao nosso e novas possibilidades de análise.

O uso dos pronomes de tratamento *tú* e *usted*, na variedade do espanhol mencionada, foi estudado desde a década de 60 por Jeremy Fox em escolas de Madri. O autor descobriu que *usted* era pouco usado para se referir a pessoas mais velhas, sendo mais conservador entre as classes trabalhadoras. Estudos posteriores com foco em grupos de estudantes mostraram uma preferência crescente por *tú* em relação a *usted*. Em contraste, Moreno Fernández (1986) estudou o uso desses pronomes em uma comunidade rural de fala, divergindo dos estudos urbanos anteriores.

Blas Arroyo conduziu uma pesquisa em 1994-1995 com 231 informantes valencianos para investigar os usos de *tú* e *usted* e o fenômeno de cortesia em relações conversacionais com extrema distância social. Os resultados mostraram que *usted* era preferido em contextos formais, mas o uso de *tú* era significativo, indicando uma mudança sociolinguística. Morín, Almeida e Rodríguez (2010) analisaram as mudanças no sistema pronominal de tratamento em Las Palmas de Gran Canaria, observando uma transição de relações assimétricas (*usted-tú*) para relações de solidariedade (*tú-tú*) lideradas por falantes jovens.

Sanromán Vilas (2010) também investigou o uso de *tú* e *usted* em Cádiz, concluindo que a idade era o principal fator influenciador na escolha entre as formas de tratamento, utilizando a teoria de Brown e Gilman (1960) como base para suas análises. O método de coleta de dados inovador de Arroyo, baseado em observação sistemática, contrastou com os questionários e testes utilizados em estudos anteriores.

Mencionamos, ainda, estudos como o de Aijón Oliva (2009), que analisou a variação entre os pronomes *tú* e *usted* na persuasão publicitária em Salamanca, concluindo que a escolha depende do perfil do consumidor e do publicitário. Além disso, destacamos dois

estudos de Kluge (2005) e Fernández Mallat (2011) mencionados por Rivadeneira Valenzuela et al. (2017). Kluge examinou as formas de tratamento voseo e tuteo em um corpus chileno, encontrando variações regionais e fatores estilísticos na escolha entre eles. Abordamos também nossa pesquisa anterior em Valência (Lima, 2018) em que observamos um predomínio de *tú* sobre *usted*, influenciado por variáveis como tipo de referente, tipo de frase e faixa etária. Os resultados indicaram uma mudança em direção ao tuteo, com os jovens usando mais *tú* e os mais velhos ainda preferindo *usted*.

As pesquisas de Fernández Mallat (2011) e Rivadeneira Valenzuela et al. (2017) investigaram o uso do voseo mixto verbal e tuteo verbal por migrantes chilenos em Montreal, Canadá, e a segunda pessoa do singular em diferentes contextos no Chile, respectivamente. Fernández Mallat encontrou que o tuteo é preferido pelos migrantes na presença de não chilenos, sendo influenciado pela frequência de viagens ao Chile. Variáveis como sexo, idade, tempo em Montreal, mídias chilenas, origem das pessoas com quem vivem e língua do lar não tiveram impacto significativo. Já o estudo de Rivadeneira Valenzuela *et al.* focou em aspectos pragmático-discursivos, revelando que o *voseo* é usado principalmente no presente e futuro perifrástico, enquanto o *tuteo* ocorre em contextos de autocontrole e assimetria, associado ao caráter básico de respeito. O *voseo* também foi observado em discurso referido e dêixis pessoal desfocalizadora.

Abordamos o trabalho de Pontes e Silva (2023), que investigou a utilização das formas de tratamento *tú*, *vos* e *usted* no espanhol argentino e uruguaio em oito peças teatrais. A pesquisa identificou que as formas mais informais (*tú* e *vos*) foram predominantes em contextos de menor complexidade cognitiva (figura e fundo 01), enquanto a forma mais formal (*usted*) apareceu em contextos mais complexos (figura 02). Surpreendentemente, em certos contextos, o uso de *usted* pode ser informal e solidário, levantando questões sobre sua padronização em contextos formais no espanhol uruguaio. As peças teatrais argentinas confirmaram essas observações, usando *tú* e *vos* no plano figura e *usted* no plano fundo 02, conforme a marcação givoniana.

Finalmente, esclarecemos que a confiabilidade dos textos literários para pesquisas linguísticas é confirmada por alguns autores, mas é crucial analisar cuidadosamente os dados em Pontes e Silva (2023). Isso se deve ao fato de que as formas de tratamento nas obras literárias não refletem interações reais da língua. É essencial considerar os contextos sócio-históricos em que os textos foram produzidos ao compor esse tipo de corpus. Além disso, abordamos a limitação na análise dos pronomes de segunda pessoa do singular em espanhol e apontamos o

diferencial desta pesquisa. Associando-nos à ideia de que o uso da língua influencia sua organização, propomos um mapeamento funcional dos pronomes *tú* e *usted* na comunidade de fala valenciana.

Após a revisão desses trabalhos, tendo em vista que esta pesquisa se pauta em uma abordagem teórico-empírica, procederemos, no próximo capítulo, à apresentação do aporte teórico-metodológico que irá subsidiar a comprovação — ou refutação — das hipóteses estabelecidas inicialmente. O aparato teórico do qual nos ocupamos é fundamental para assegurar a validade e a confiabilidade dos resultados obtidos a partir da análise cuidadosa da amostra. Além disso, ao correlacionarmos a teoria com o objeto de estudo em questão, oferecemos uma perspectiva de análise diferente, contribuindo para o desenvolvimento da literatura especializada nessa área de estudo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta pesquisa, adotamos a perspectiva que compreende a língua como um sistema adaptativo, que se orienta funcionalmente para atender às necessidades comunicativas de seus usuários em situações específicas. Desse modo, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, mais especificamente o de vertente norte-americana (Givón, 1971, 1979, 1984a, 1984b, 1984c, 1985, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005; Hopper, 1979, 1991; Hopper; Thompson, 1980; Hopper; Traugott, 2003, Traugot; Heine, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991; Bybee, 2016, 2020; Bybee; Hopper, 2001). Essa abordagem possibilita o estudo de qualquer fenômeno linguístico, desde que seus preceitos básicos sejam utilizados rigorosamente (Clairis, 1996). Nesse sentido, partimos dela para compreendermos, no discurso, a multifuncionalidade dos pronomes *tú* e *usted* no espanhol valenciano.

Este capítulo está organizado em duas seções. Na primeira, apresentamos brevemente o Funcionalismo, estabelecendo um paralelo com os estudos de base formalista e destacando as características da Linguística Funcional. Na segunda seção, dedicamos especial interesse ao delineamento dos princípios e das categorias funcionalistas que estão na base da análise das formas de tratamento anteriormente mencionada, a saber: iconicidade, marcação, expressividade, gramaticalização, planos discursivos. Além disso, dada a forte convergência do Funcionalismo com a Linguística Cognitiva, recorreremos também ao princípio de proeminência proposto por Langacker (1987, 1991, 2007, 2008), na análise que empreenderemos.

3.1 O Funcionalismo Linguístico

É de conhecimento comum que o *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG) de Ferdinand de Saussure inaugurou a Linguística como ciência no século XX. Nessa obra, o linguista genebrino estabelece as bases teóricas desse estudo científico e define o seu “verdadeiro e único” objeto de estudo: a língua. Sobre esta, Saussure a caracteriza como um produto social que possibilita a comunicação ao indivíduo e, como uma construção coletiva, este não pode inventá-la e nem a modificar. Além disso, a língua é concebida como um sistema autônomo, isto é, um todo fechado em si mesmo. Dessa forma, o linguista promove uma cisão com as tradições linguísticas anteriores, ao propor uma análise sistemática da língua.

No CLG, uma importante distinção ocorre com a separação entre língua e fala. Para Saussure, esta é um objeto secundário, acessório da linguagem. Ela é dependente do indivíduo, portanto, não é sistemática. Embora estabeleça uma relação de interdependência com a língua, pois esta é, ao mesmo tempo, instrumento e produto daquela, a fala é distinta e deve ser estudada

separadamente. Tampouco deve-se considerar em estudo as suas inovações, pois são de caráter individual e só se tornam um fato linguístico quando adotadas pela maioria.

A partir da ideia de *sistema* como um conjunto de unidades reciprocamente equilibradas que obedecem a princípios gerais, deduz-se uma nova interpretação para o termo *estrutura* com os sucessores de Saussure. A tônica nos estudos posteriores à obra canônica supracitada foi a observação dos elementos que arquitetam o sistema. Dessa forma, essa nova abordagem da análise linguística ficou conhecida como Estruturalismo. De acordo com Coseriu (1980), Saussure é não só o ponto de partida, mas também o de chegada do pensamento estruturalista.

De acordo com Lucchesi (2004), ainda que Saussure tenha estabelecido as bases para o desenvolvimento do método estrutural, ele nunca aplicou de fato essa abordagem em seus próprios trabalhos de pesquisa. Em outras palavras, Saussure elaborou a teoria e os princípios da análise linguística, mas não desenvolveu uma análise sistemática dos materiais linguísticos de acordo com esses princípios. Consequentemente, o CLG restringe-se mais ao campo da teoria do que à aplicação da prática dos seus conceitos. Essa aplicação empírica coube ao grupo de estudiosos fundadores do Círculo Linguístico de Praga.

O Círculo Linguístico de Praga (doravante CLP), também conhecido como Escola Linguística de Praga — assim como outras que derivaram de Saussure — foi estabelecida em 1926 por iniciativa de Vilém Mathesius, com o objetivo de estudar e aprimorar novas abordagens estruturalistas no campo da linguagem. Entre os membros do grupo, encontravam-se importantes figuras da Linguística, como Trubetzkoy, que contribuiu de maneira valiosa para o campo da Fonologia, e Jakobson. Este último foi o responsável pela redação do texto apresentado em 1928 no I Congresso Internacional de Linguística em Haia, no qual discutia suas percepções sobre determinados pontos da teoria linguística. Esse texto representou o início do grupo e, mais tarde, serviu de base para a elaboração das nove Teses do CLP, das quais as três primeiras se referem a problemas de linguística geral (Marçalo, 1992).

Apesar de o CLP ter emergido como um movimento dentro do Estruturalismo, seus estudiosos não se basearam exclusivamente nos preceitos saussurianos. Na verdade, no dizer de Marçalo (1992), os ensinamentos de Saussure não parecem ter sido aprofundados e discutidos extensivamente pelo grupo, dando-se destaque à concepção de língua como sistema. Embora reconhecessem o trabalho empreendido pelo linguista, esses teóricos questionavam a natureza homogênea da língua, assim como discordavam da distinção entre sincronia e diacronia, perspectivas que faziam parte do paradigma formal. Na tentativa de superar a

contradição estabelecida por Saussure entre a estrutura e a história na linguagem, o CLP traz novamente para o centro do debate a temática da mudança linguística como um elemento integrante do sistema linguístico (Lucchesi, 2004).

Assim, no seio do grupo, delineia-se uma nova tendência teórica que, de certo modo, o diferencia das demais escolas estruturalistas europeias. As influências advindas de Karl Bühler, no que se refere ao aspecto funcional da linguagem, por exemplo, foram fundamentais para a caracterização da linguística desenvolvida no CLP, ou seja, uma linguística estrutural e funcional. Como se sabe, ao separar o estudo da língua do estudo da fala e dar primazia àquela, Saussure não considera qualquer preocupação extralinguística e contextual em seu recorte epistemológico.

Dessarte, além da noção de *sistema* e de *estrutura* adotadas pelo CLP, passou-se a dar importância à noção de *função*. Para os linguistas praguenses, os conceitos de estrutura e função estão intimamente ligados, uma vez que a análise da estrutura linguística não é concebida como algo dissociado do seu uso real, mas está diretamente relacionada com o seu funcionamento na sociedade. No texto das Teses, evidencia-se a concepção de língua como um sistema funcional, ou seja, há o entendimento de que o uso da língua se volta para uma determinada finalidade. Dessa forma, o CLP lança os fundamentos teóricos da abordagem de análise linguística que ficou conhecida como Funcionalismo e de lá saem os primeiros trabalhos de base funcionalista. De acordo com Marçalo (1992), esse modelo é filho da Escola de Praga, embora tenha se desenvolvido de forma independente a partir da década de 70.

Ao contrário da abordagem formalista, o Funcionalismo estuda a língua considerando a sua função social e não como um sistema autônomo (Schiffrin, 1994), postulando, assim, a sua não autonomia. Devido a essas diferenças de análise, costuma-se opor o polo funcionalista, “no qual a função que a forma linguística desempenha no ato comunicativo tem papel predominante” ao polo formalista, “no qual a análise ressalta a forma linguística, ficando sua função num plano secundário” (Cunha, 2017, p. 13).

Vale ressaltar que o Funcionalismo não se apresenta de forma uniforme. Conforme Claris (1996), ele é uma corrente do pensamento linguístico em que seus expoentes compartilham alguns princípios básicos. De modo análogo, Neves (2018) admite que sob o guarda-chuva do termo “Funcionalismo” abrigam-se modelos teóricos que podem variar em suas abordagens. Esse aspecto dificulta a sua caracterização. No entanto, a autora ressalta que não se pode deixar de reconhecer as semelhanças que podem existir entre esses modelos e as quais lhes asseguram a atribuição do termo funcionalista.

Neste momento, centrar-nos-emos no que essas proposições teóricas têm de comum. Por exemplo, um estudo funcionalista da linguagem parte do uso da língua para compreender a sua estrutura gramatical. Em outras palavras, para essa perspectiva, a forma que a língua assume resulta das funções que ela exerce no ato comunicativo, enfatizando, assim, o aspecto instrumental da linguagem. Diferentemente do entendimento saussuriano, os funcionalistas não concebem a língua como um sistema que opera com suas próprias regras e estrutura interna, dissociada dos indivíduos que a utilizam. Dessa forma, assumir que a língua não conhece apenas a sua realidade interna, implica perceber os processos que subjazem as estruturas linguísticas (Bybee, 2016). Sendo assim, o Funcionalismo contrapõe-se ao Estruturalismo e ao Gerativismo, outra vertente formalista. Como vimos, essas correntes preocupam-se com o estudo da forma, da estrutura da língua, e não com o seu conteúdo.

Em contraposição a concepção de língua como um “sistema monolítico, uniforme e homogêneo” (Silva-Corvalán; Enrique-Arias, 2017, p. 267, tradução nossa)¹⁵, o Funcionalismo surge como uma proposta que a concebe como um instrumento de interação social. Portanto, ao abordá-la, não se pode dissociá-la de seu uso, conforme elucidamos anteriormente. A explicação para a estrutura interna da língua é buscada nas funções externas que ela desempenha, já que são essas funções que a influenciam e a organizam (Cunha, 2017). Assim, a língua seria não apenas funcional, mas também dinâmica.

De acordo com Neves (2018, p. 18), a língua é “funcional porque não separa o sistema linguístico, e suas peças, das funções que têm de preencher, e é dinâmica porque reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por trás do constante desenvolvimento da linguagem.”. Para Bybee (2016), uma teoria da linguagem pode ser desenvolvida a partir do estudo dos processos dinâmicos que dão origem à língua. Reconhecer esses processos permite ir além da estrutura linguísticas e entender como elas emergem a partir de processos mais gerais do pensamento e da cognição.

Seguindo adiante com as características compartilhadas pelos estudos de base funcionalista, podemos dizer que o Funcionalismo “se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.” (Cunha, 2017, p. 157). Assim, ao considerar o contexto em que a língua é usada, a Linguística Funcional oferece uma proposta de análise menos formal que as teorias formalistas. Com “menos formal” queremos dizer que uma gramática funcionalmente orientada também se ocupa da estrutura gramatical. No entanto, diferentemente da perspectiva de análise formalista,

¹⁵ “sistema monolítico, uniforme y homogêneo” (Silva-Corvalán; Enrique-Arias, 2017, p. 267).

ela vai além da estrutura e investiga todo o contexto em que ocorre a comunicação: o propósito comunicativo, os interactantes e o contexto discursivo (Nichols, 1984).

No que se refere ao termo “função”, essa noção em Linguística apresenta considerável variedade e seu entendimento depende do ponto de vista de quem o adota. Neves (2018) explica que se torna difícil caracterizar uma teoria linguística denominando-a apenas de “funcional”. Martinet (1978), por exemplo, também reconhece a polissemia do termo, mas garante que o seu significado é inequívoco, uma vez que o contexto sempre permite perceber se se trata, por exemplo, de funções da linguagem, funções das unidades fônicas, funções gramaticais. Para o autor (1994, p. 12), pensando em uma definição mais comum, a função seria o papel ou a utilidade de um objeto ou um comportamento. Na tradição gramatical, função significaria o “papel de uma palavra numa proposição”. Na discussão sobre essa significação, Martinet (1994) conclui que “funcional” só faz sentido para os linguistas quando atrelado ao papel que a linguagem desempenha na comunicação humana.

Esse entendimento é também refletido por Halliday (1973), que considera a função como o papel que a língua tem na vida dos indivíduos, servindo a muitos propósitos. No entanto, para Halliday e Hasan (1989), que reconhecem função como sinônimo de uso, é necessário interpretá-la não apenas dessa forma, mas também como uma propriedade fundamental da própria linguagem, algo que é básico para a evolução do sistema semântico. Dessa forma, os autores sugerem que a organização de toda língua natural deve ser explicada em termos de uma teoria funcional. Esse pensamento dialoga com o de Coseriu (1987), que afirma que o termo “funcional” no subtítulo de sua obra é, na verdade, tautológico, uma vez que:

[...] sendo a linguagem essencialmente função e não podendo ser considerada *como linguagem* fora e independentemente de sua funcionalidade — uma linguística consciente de sua índole e de seu propósito não pode ser de outra forma que não funcional. Adotar o ponto de vista funcional na linguística significa, portanto, simplesmente querer dizer “as coisas como são”.¹⁶

Seguindo na esteira dos conceitos de função, para Hernández Alonso (1984), a ideia de função está estreitamente relacionada ao papel que uma unidade ou um termo desempenha dentro de uma estrutura sistemática. Para o autor, *função*, *estrutura* e *sistema* são conceitos indissociáveis. No seu dizer (1984, p. 34, tradução nossa):

As funções são o conjunto de interrelações que alguns elementos guardam com outros dentro de um sistema para formar uma estrutura. E como a língua é um sistema de

¹⁶ siendo el lenguaje esencialmente función y no pudiendo ser considerado *como lenguaje* fuera e independentemente de su funcionalidad - una lingüística consciente de su índole y de su cometido no puede ser de otro modo que funcional. Adoptar el punto de vista funcional en la lingüística significa, pues, simplemente, querer «decir las cosas como son».

estruturas, parece óbvio que tal conceito seja essencial e distintivo dos elementos linguísticos operativos.¹⁷

Por sua vez, Castilho (2012, p. 17) explica que, em linguística, o termo função adquire, no mínimo, três definições: “(i) o uso das línguas para um determinado propósito, (ii) as relações estruturais entre signos, e (iii) os papéis assumidos pelos constituintes numa sentença.”. Ao tratar sobre o Funcionalismo, o autor evidencia que o termo função adquire o valor descrito em (i). Nesse sentido, como observamos anteriormente, percebemos que o Funcionalismo parte de uma função teleológica da linguagem. A língua é vista como uma ferramenta que os falantes utilizam para alcançar diferentes objetivos comunicativos.

A análise funcionalista da língua não influenciou apenas os linguistas da Escola de Praga; essa perspectiva pode ser vista também nos trabalhos do linguista britânico citado anteriormente, Michael K. Halliday, membro da Escola de Londres. Halliday concebia a língua como um sistema semiótico que produz significados. Tais significados seriam resultados não de uma estrutura abstrata, mas das escolhas operadas pelo falante para compor o enunciado em um propósito específico. No grupo holandês, o ponto de vista funcionalista alcança também os trabalhos de Simon Dik, que, assim como os praguenses, adotava uma visão teleológica da linguagem. “Para ele, o principal interesse de uma linguística funcionalista está nos processos relacionados ao êxito dos falantes ao se comunicarem por meio de expressões linguísticas.” (Cunha, 2017, p. 163).

Paralelamente à sólida tendência formalista iniciada por Bloomfield, as concepções funcionalistas influenciaram, também, os trabalhos de um grupo de pesquisadores norte-americanos, dentre os quais podemos citar Givón, Li, Thompson, Hopper, Dubois, entre outros. Essa influência funcionalista foi sentida, principalmente, a partir da década de 70. Em seus trabalhos, linguistas como Givón, Thompson e Hoppe passaram a advogar uma análise linguística centrada no uso. Desse modo, a língua é estudada considerando o seu contexto e a situação extralinguística (Martelotta; Keneddy, 2015).

Esta pesquisa se interessa em particular pelos trabalhos de Givón, um linguista que considera a língua como um organismo vivo que integra a sintaxe, a semântica e a pragmática. Além disso, ele assume que as línguas são parcialmente icônicas, ou seja, que há uma relação entre forma e função. De acordo com Givón (1995), a estrutura da língua se relaciona com a semântica ou a pragmática de forma não-arbitrária. Assim, ele concorda com a visão da não

¹⁷ Las funciones vienen a ser el conjunto de interrelaciones que unos elementos guardan con otros dentro de un sistema para formar una estructura. Y como la lengua es un sistema de estructuras, parece obvio que tal concepto sea esencial y distintivo de los elementos lingüísticos operativos. (Hernández Alonso, 1984, p. 34).

autonomia do sistema linguístico (Neves, 2018). De acordo com Cunha; Oliveira; Martelotta (2015, p. 20), os princípios que fundamentam o funcionalismo na concepção givoniana são:

- a linguagem é uma atividade sociocultural;
- a estrutura serve a uma função cognitiva e comunicativa;
- a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- mudança e variação estão sempre presentes;
- o sentido é contextual dependente e não atômico;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é maleável e não rígida;
- as gramáticas são emergentes;
- as regras de gramática permitem algumas exceções.

Conforme esclarecido, Givón (1984) defende a não arbitrariedade da língua, e sua estrutura é adaptativa por natureza. O linguista fundamenta sua perspectiva retomando Pierce (1940 *apud* Givón, 1984), o qual sustenta que a sintaxe das línguas não é totalmente arbitrária. Como este, Givón (1984) rejeita a ideia de isomorfismo linguístico, que postula uma relação biunívoca entre forma e função. Para ele, o isomorfismo da sintaxe é moderado e não absoluto (Cunha; Costa; Cezario, 2015). Se pensarmos, por exemplo, nas formas de tratamento das línguas naturais, percebemos que a relação entre os pronomes e o conteúdo que eles veiculam nem sempre é transparente.

Conforme vimos anteriormente, os sistemas de tratamento em espanhol são bastante complexos e multifacetados. Por exemplo, a forma *tú* e *vos* atualmente se alternam para expressar o mesmo valor de verdade, isto é, a expressão pronominal da segunda pessoa do singular. Desse modo, temos duas formas que codificam o mesmo sentido. No entanto, podemos ter uma situação inversa em que uma forma que desempenha várias funções.

No que diz respeito a forma *tú*, ela pode assumir a sua função dêitica prototípica, como quando o entrevistador se dirige ao entrevistado (*¿y tú recuerdas el día de tu primera comunión?*). Em determinados contextos, o *tú* pode estabelecer um valor de confiança e intimidade, como registrado em várias comunidades de fala hispânica. Entretanto, no Chile, por exemplo, entre o uso de *vos* e *tú*, ainda que esta seja uma forma utilizada em tratamentos simétricos, parece ser a preferida em contextos de uso mais formais e neutros, em que não há muita confiança entre os interlocutores (Rivadeneira *et al.*, 2017). Por outro lado, o *tú* também pode funcionar como uma referência genérica e estratégia de impessoalização (*No tienes que*

*dependen de NADA o de NADIE. Puedes hacer lo que quieras y en el momento en que tú quieres*¹⁸), entre otros usos. Desse modo, percebemos que essas unidades linguísticas codificam significados variados, contrapondo-se, assim, à concepção isomórfica de um para um.

3.2 Princípios funcionalistas

Nesta seção, abordaremos os princípios e as categorias centrais do Funcionalismo. São eles: princípio de iconicidade, princípio de marcação, princípio de expressividade, gramaticalização e planos discursivos. Ao considerarmos que a estrutura linguística é motivada funcionalmente por fatores pragmático-discursivos e semântico-cognitivos, esses princípios constituem pontos privilegiados para esta pesquisa, uma vez que abrangem elementos tanto internos quanto externos à língua.

3.2.1 Princípio de Iconicidade

O princípio de iconicidade fundamenta-se na ideia de que a relação entre forma e função é estabelecida de modo natural. Assim, a estrutura gramatical reflete a estrutura da experiência (Cunha, 2017). Na versão original do princípio de iconicidade, a relação entre expressão e conteúdo é motivada de forma isomórfica, isto é, uma forma para um significado, conforme elucidamos anteriormente. Já na versão mais branda, admite-se a perda de transparência na codificação morfossintática, estabelecendo uma relação opaca. Nessa perspectiva, Givón (1995) elaborou três subprincípios de codificação da iconicidade: subprincípios da quantidade, subprincípio da integração e subprincípios ordenação linear.

Segundo o *subprincípio da quantidade*, quanto mais informação for comunicada, maior será a quantidade de formas codificadas. Em outros termos, quanto mais complexo for o pensamento, maior será a complexidade da expressão. Por outro lado, o que processamos cognitivamente de maneira mais simples tende a se expressar de maneira mais simples morfológicamente. Desse modo, a estrutura da língua reflete a estrutura do pensamento. Por exemplo, as palavras derivadas, ao contrário das formas primitivas que as originam, tendem a transmitir mais informação semântica e/ou gramatical (Cunha, 2017).

Para o *subprincípio da integração*, as entidades que estão mais próximos no nível cognitivo também estarão, temporal e espacialmente, mais próximas no nível da codificação. Dito de outra forma, os conteúdos que estão mais próximos na mente são codificados de modo

¹⁸ Trecho extraído de um inquérito em que o entrevistado responde ao entrevistador o porquê de gostar mais do carro como meio de transporte. (Entrevista VAL00231HC99, Gómez Molina, 2007).

a estarem também mais próximos no nível sintático. Um exemplo disso é a relação entre sujeito e verbo, que estão sintático e cognitivamente mais integrados. Assim, quando esses dois elementos estão afastados na oração, a integração enfraquece-se e abre-se mais espaço para a falta de concordância verbal (Cunha, 2017).

O *subprincípio da ordenação linear* propõe que a ordem dos elementos no enunciado reflete a ordem de importância desses elementos para os falantes. Desse modo, a organização das orações no discurso reflete a sequência cronológica em que os eventos acontecem. Por exemplo, ao seguirmos uma receita de bolo de um livro de receitas qualquer, é perceptível que as orações aparecem, sintaticamente, na mesma ordem em que as ações devem ocorrer. Suponhamos que primeiro devemos separar os ingredientes e os utensílios; depois bater as claras em neves; em seguida misturar as gemas, a margarina e o açúcar, e assim por diante. Se as orações fossem invertidas, a sequência de ações também seria invertida.

A respeito do princípio de iconicidade, Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 25) concluem que:

[...] a língua não é um mapeamento arbitrário de ideias para enunciados: razões estritamente humanas de importância e complexidade refletem-se nos traços estruturais das línguas. As estruturas sintáticas não devem ser muito diferentes, na forma e organização, das estruturas semântico-cognitivas subjacentes. Como opção teórica, o princípio de iconicidade, em sua formulação atenuada, permite uma investigação detalhada das condições que governam o uso dos recursos de codificação morfosintática da língua.

O princípio de iconicidade se manifesta em todos os níveis linguísticos e, segundo, Lima-Hernandes (2006), tem desempenhando papel proeminente, se não importante, dentro do quadro teórico do Funcionalismo. De fato, há um número expressivo de estudos de base funcionalista, como também de base sociolinguística, que se valem do conceito de iconicidade para analisar diferentes fenômenos linguísticos. Dado o seu caráter de princípio geral, a iconicidade pode ser parcialmente considerada como uma das razões por trás de vários desses fenômenos (Lima-Hernandes, 2006).

Desse modo, embora argumentar a favor da iconicidade não seja uma tarefa fácil (Neves, 1997), recorreremos a esse princípio ao analisar os dados, visto que alguns subprincípios podem atuar para determinar a iconicidade entre forma e função dos pronomes analisados. Em Lima, Coan e Pontes (2019), por exemplo, foram observadas restrições relativas ao subprincípio de proximidade na variação entre as formas *tú* e *usted*. Considerando variáveis como referente determinado/indeterminado e discurso de fala própria, discurso reportado do próprio entrevistado e discurso de reportado de terceiros, verificou-se que a forma inovadora *tú* entra

no sistema em contextos mais distante do interlocutor, menos dêitico, menos usual etc. Por outro lado, *usted* restringiu-se a contextos mais próximos (fala própria e discurso próprio reportado). Sendo assim, insistimos na busca de traços icônicos na multifuncionalidade das formas mencionadas.

3.2.2 *Princípio de Marcação*

O *princípio da marcação* é outro princípio fundamental para o funcionalismo norte-americano. A concepção de marcação tem suas origens na Escola de Praga, onde os termos “marcado” e “não marcado” ganham destaque para referir-se ao contraste entre dois termos de uma mesma categoria linguística, independentemente do nível linguístico. Givón (2001) explica que esse conceito surge como um refinamento da noção de valor saussuriano em oposições binárias, tendo em vista a observação dos linguistas praguenses sobre assimetrias entre dois elementos opostos na fonologia e na gramática.

Desse modo, no Funcionalismo, o elemento marcado é determinado por uma característica que é ausente no elemento não marcado. Segundo Cunha (2017, p. 170), dentre outras definições, as formas não marcadas são caracterizadas por: “a) maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em uma língua particular; b) contexto de ocorrência mais amplo; c) forma mais simples ou menor; d) aquisição mais precoce pelas crianças.”.

Na relação entre dois elementos que se opõem, Givón (1995) estabelece três critérios a partir dos quais podemos determinar a forma marcada e a não marcada. São eles:

- (a) **complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente.
- (b) **distribuição de frequência:** a categoria marcada (figura) tende a ser menos frequente, portanto, cognitivamente mais saliente, do que a categoria não marcada correspondente (fundo).
- (c) **complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa — em termos de esforço mental, demanda de atenção e tempo de processamento — do que a estrutura não marcada. (GIVÓN, 1996, p. 28, tradução nossa)¹⁹

Com base no exemplo oferecido por Cunha (2017), é possível observar as formas da língua que aparecem no singular e, de acordo com esse aspecto indicativo de número, classificá-las como formas não marcadas. Isso se justifica pelo fato de utilizarmos com muito

¹⁹ (a) **Structural complexity:** The marked structure tends to be more complex (or larger) than the corresponding unmarked one.

(b) **Frequency distribution:** The marked category (figure) tends to be less frequent, thus cognitively more salient, than the corresponding unmarked category (ground).

(c) **Cognitive complexity:** The marked category tends to be cognitively more complex — in terms of mental effort, attention demands or processing time — than the unmarked one

mais frequências as palavras no singular do que no plural, além de que os contextos em que aparecem são mais amplos, já que também ocorrem no contexto do plural. Por exemplo, quando alguém afirma que precisa “comprar maçã” para fazer uma sobremesa para família, compreende-se que ele comprará mais de uma unidade da fruta. Quanto à extensão fônica, formas no singular são mais simples devido, claro, à ausência da desinência de plural.

De acordo com Givón (1995), é necessário analisar os critérios de forma independente e levar em consideração o contexto em que as formas ocorrem, pois disso depende a marcação. Por exemplo, uma mesma forma pode ser marcada em um contexto e não marcada em outro. Desse modo, é importante considerar aspectos comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos durante a análise. O autor também explica que esse fenômeno não se aplica apenas às categorias linguísticas, mas também a outros fenômenos, como o discurso acadêmico formal, que é mais marcado do que uma conversa do dia a dia, que é menos marcada (Givón, 1995).

Uma consideração importante a respeito dos critérios de marcação é a complexidade cognitiva envolvida. Conforme Givón (1995), a abordagem desse método é uma tarefa complicada e, portanto, deve ser analisado de forma indireta. No entanto, com base nas reflexões do autor sobre a saliência perceptual e cognitiva, formas mais salientes podem exigir maior tempo de processamento do que as menos salientes. Givón (1995) também assevera que categorias estruturalmente mais marcadas tendem a ser substancialmente mais marcadas. Dessa forma, os critérios de complexidade estrutural e complexidade cognitiva podem ser correlacionados.

Sendo assim, um número considerável de estudos evidencia que o princípio de marcação se mostra atuante na escolha e no uso das formas linguísticas. O aspecto marcado/não marcado favorece um direcionamento para determinadas formas em detrimento de outras que têm a mesma função, tornando a aplicação desse princípio bastante produtiva, não apenas em pesquisas de base funcionalista, mas também sociolinguística (Cf. Ludwig, 1995; Lima; Coan; Pontes, 2019; Pontes; Silva, 2023).

Conforme observado na seção anterior, a forma *tú* tende a ser menos marcada que a forma *usted* em diferentes comunidades de fala hispânicas, devido a sua maior frequência e menor complexidade estrutural e cognitivamente. No entanto, como veremos a seguir, há casos em que um elemento marcado pode ser mais frequente, como o que ocorre em Mérida, na Venezuela, onde a forma *usted* é mais frequente e, portanto, menos marcada que *tú* (Cf. Álvarez Muro; Carrera de la Red, 2006). Desse modo, em articulação com os demais princípios descritos

nesta seção, recorreremos ao princípio de marcação em busca de motivações dessa natureza relacionadas ao uso das formas de tratamento no espanhol oral de Valência.

3.2.3 *Expressividade retórica*

Dubois e Votre (2012) são críticos quanto ao critério de complexidade cognitiva e categóricos quando asseveram que é preciso repensá-lo. Segundo os autores, o aumento do processamento de uma estrutura não é necessariamente proporcional à sua extensão. Além disso, eles fazem outras críticas e, ao final, propõem um refinamento dos princípios de marcação e iconicidade, tendo em vista o seu caráter restrito no que se refere ao estudo do discurso.

Os linguistas não descartam os princípios funcionalistas supra e formulam outros dois princípios: o de *expressividade* e o de *modularidade*. Esses princípios estariam em polos opostos de um *continuum*. Para Dubois e Votre (2012), a apreensão de um fenômeno discursivo não pode ser realizada considerando apenas um princípio, mas sim em conjunto. Assim, por exemplo, enquanto operamos com um princípio de marcação para explicar certos usos, o princípio de expressividade é utilizado para explicar outros. Desse modo, diante da complexidade dos usos das formas de tratamento com as quais trabalhamos, é assim que pretendemos atuar nesta pesquisa.

Tecendo maiores considerações, tendo em vista o pressuposto givoniano de relação icônica entre a informação linguística e o modo como ela é representada no plano do conteúdo, objetivamos testar o subprincípio de marcação, correlacionando-o com as ocorrências dos pronomes *tú/usted*. No entanto, de acordo com Dubois e Votre (2012), formas marcadas (como *usted*, por exemplo) podem ocorrer em contextos não marcados para estabelecer o equilíbrio cognitivo contextual. Portanto, a utilização do princípio de expressividade retórica pode ser fundamental para entendermos determinados contextos de uso dessas formas de tratamento.

Com base no exposto, é possível apreciar os princípios de marcação e o seu correlato, princípio de expressividade, desenvolvido por Dubois e Votre (2012), por meio do quadro a seguir:

Quadro 14 – Formulação dos princípios de marcação e expressividade.

Princípio de marcação	Princípio de expressividade
O princípio de marcação é cognitivamente motivado em termos de esforços associados às tarefas de codificação.	O princípio de expressividade é cognitivamente motivado em termos de expressividade e da eficácia, o que equilibra as tarefas de codificação.

• Um elemento marcado será mais elaborado e mais longo.	• Um procedimento discursivo marcado pode ser menos elaborado e menos longo.
• Um elemento marcado será menos frequente.	• Um procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente.
• Um elemento marcado exigirá mais esforços de codificação	• Um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço de codificação.

Fonte: Dubois e Votre (2012, p. 69)

No quadro que se segue, é possível observar a comparação entre o princípio de iconicidade e o princípio de modularidade também elaborado por Dubois e Votre (2012):

Quadro 15 – Formulação dos princípios de iconicidade e expressividade.

Princípio de iconicidade	Princípio de modularidade
• O princípio de iconicidade implica uma relação unidimensional e unidirecional entre a função e a forma.	• O princípio de modularidade implica relações multidimensionais e multidirecionais entre as formas e as funções de um procedimento discursivo
• Quanto mais a quantidade de informação é grande, importante, imprevisível e temática, mais complexas serão as formas correspondentes.	• A complexidade de uma quantidade de informação maior, mais importante, mais imprevisível e mais temática é dominada por fatores interrelacionados a outros níveis de análise.
• Quanto mais conteúdos estiverem próximos do ponto de vista conceptual e cognitivo, maior será a integração das formas correspondentes.	• A integração das formas do ponto de vista conceptual e cognitivo está sujeita também à organização dinâmica da interação na qual elas são emitidas.
• Quanto mais uma informação for grande, importante, imprevisível e temática, mas ela tenderá a ser localizada no início do enunciado.	• A ordem linear de uma informação maior e mais importante, mais imprevisível e mais temática não é fixa e algumas vezes não tem nenhuma pertinência para certos fenômenos discursivos.

Fonte: Dubois e Votre (2012, p. 70)

3.2.4 Gramaticalização

Como explicado anteriormente, os funcionalistas não veem a língua como um sistema homogêneo. Além disso, é amplamente aceito que a língua não é estática, mas sim dinâmica e está em constante transformação. De acordo com Bybee (2020), todas as línguas que foram estudadas diacronicamente revelam mudanças em vários de seus aspectos. A autora também afirma que a mudança é inerente à língua e, através desse mecanismo, podemos aprender algo sobre a natureza da linguagem e de sua estrutura. Em outras palavras, reconhecer

o caráter dinâmico e mutável da língua permite-nos compreender os motivos pelos quais sua estrutura se apresenta de uma determinada forma.

O dinamismo que ocorre entre a expressão e o conteúdo remete-nos ao conceito de “gramática emergente”, elaborado por Hopper (1987). Segundo ele, a gramática das línguas está continuamente refazendo-se, ou seja, nunca está completa. Suas estruturas emergem a partir dos usos linguísticos (Bybee e Hopper, 2001). Dito de outra forma, a língua se regulariza pelo uso, conferindo, pois, um caráter dinâmico à gramática e produzindo certa instabilidade em suas estruturas. No paradigma funcional, esse fenômeno é conhecido como *gramaticalização*, um componente fundamental para explicarmos muitos processos de variação e mudança nas línguas.

Conforme Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), há muitas controvérsias em torno do nome desse fenômeno. No dizer de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), vários termos alternativos têm sido utilizados como sinônimo de *gramaticalização*, tais como: reanálise, sintaticização, desbotamento semântico, enfraquecimento semântico, desaparecimento gradual semântico, condensação, redução, entre outros. No entanto, os autores ressaltam que, em geral, essas designações se referem a certas características semânticas ou sintáticas da *gramaticalização*.

Segundo Castilho (1997), no início dos debates sobre a *gramaticalização*, uma distinção de natureza terminológica foi rapidamente estabelecida com outro processo, isto é, a *gramaticização*. Este fenômeno se refere à transição entre categorias observadas em um momento específico da língua, ou seja, no seu plano sincrônico. Para o autor, a *gramaticalização* — termo introduzido por Meillet (1912) — é o produto final do processo de *gramaticização*, no plano diacrônico. Vejamos de forma mais elucidativa o seu entendimento quanto ao fenômeno de *gramaticalização*:

Entendo por *gramaticalização* o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Esse trajeto se dá tanto no tempo real como no tempo aparente. Num sentido mais amplo, a *gramaticalização* é a codificação de categorias cognitivas em formas linguísticas, aí incluídas a percepção do mundo pelas diferentes culturas, o processamento da informação, etc. (CASTILHO, 1997, p. 31-32).

No que se refere ao recorte temporal, Traugott e Heine (1991), argumentam que, mesmo que em momentos anteriores o entendimento fosse o de um processo apenas diacrônico, a *gramaticalização* é um fenômeno tanto diacrônico quanto sincrônico. Os autores esclarecem que há estudiosos que se concentram apenas no processo sincrônico, quando o que se quer

investigar, primeiramente, é a organização sincrônica em um estudo com foco na codificação gramatical. Por outro lado, quando se pretende analisar a estruturação gramatical, dá-se preferência a um estudo pancrônico.

Partindo para uma definição de gramaticalização, Lehmann (1995), a entende como um processo de morfologização em que uma categoria lexical modifica o seu estatuto para gramatical ou, ainda, um item menos gramatical torna-se mais gramatical. Nessa mesma linha, de acordo com Hopper e Troagott (2003), a gramaticalização ocorre quando um item lexical passa a desempenhar funções gramaticais em determinados contextos linguísticos. De modo análogo, por citar outra definição, Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 46) referem-se à gramaticalização como:

um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento linguístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática.

Em espanhol, os exemplos de gramaticalização são variados, porém não pretendemos ser exaustivos em sua demonstração. Para ilustrar a definição que abordamos até aqui, podemos citar um processo de gramaticalização bastante complexo no idioma mencionado. Trata-se, pois, da gramaticalização que vem experimentado a forma *todavía*. Esse advérbio já teve valor adversativo em língua espanhola, assim como ainda ocorre no português. Entretanto, em sua evolução, perdeu essa significação e desenvolveu plenamente o seu valor temporal, como na seguinte ocorrência em que um entrevistado é questionado sobre sua preparação para um concurso público:

(1) E: [¿y cómo- cómo] te preparas los temas?

I: no he empezado **todavía** muy a fondo/ pero/ en principio bien/ me lo leo y intento/ ver lo quee- lo que no pueda saber [...] (Entrevista 04 – VAL00431HB97)

De acordo com Borreguero Zuloaga e Herrero Ruiz de Loizoga (2019), a expressão *todavía* tem raízes no latim, em um sintagma nominal ablativo com valor original de “por todo caminho”, “em todo (o) caminho”. Essa forma experimentou diferentes transformações desde a sua origem, passando por um processo de lexicalização no espanhol medieval, em que o seu valor espacial foi gradualmente transferido para o valor temporal, relacionando-se com a ideia de “continuamente”, “sempre”, “em todo momento”, “em qualquer circunstância”. Nesse

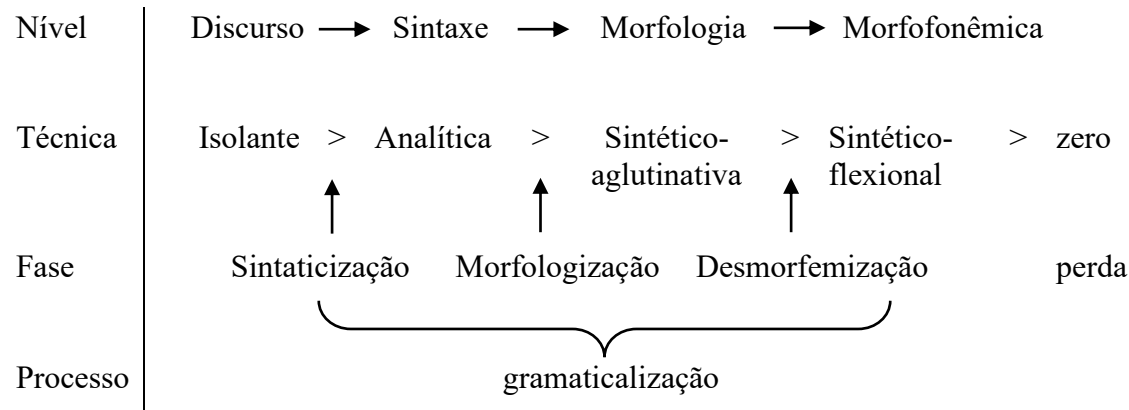
período, além desses valores, *todavía* também apresentava um valor adversativo, com uma clara função contra-argumentativa.

No século XVIII, ao contrário do que ocorreu em português, o valor adversativo de *todavía* é praticamente abandonado em espanhol, e o seu processo de gramaticalização foi freado. Por outro lado, o valor temporal passa de indicar “continuidade no tempo” para o valor atual “até um momento determinado desde tempo anterior”. A partir desse exemplo, podemos observar como uma categoria lexical passa a adquirir propriedades gramaticais e, uma vez gramaticalizada, ainda pode ampliar a sua gramaticalidade.

Esse processo de regularização da língua ocorre de forma gradual. Um item sai de um estágio de não regularidade à norma, isto é, gramaticaliza-se através da repetição, por força do uso. Aqui, a frequência exerce um papel importante, tendo em vista que é um fator que condiciona a mudança funcional (Bybee, Hopper, 2001). Ademais, o percurso da mudança pode ser definido como uma gramaticalização *stricto sensu*, quando as formas saem do léxico para a gramática; ou uma gramaticalização *lato sensu*, quando a mudança ocorre no âmbito da gramática, ou seja, formas menos gramaticais deslocam-se para formas mais gramaticais.

Ampliando o entendimento de onde se inicia e de onde termina o processo de gramaticalização, nos valem do diagrama elaborado por Lehmann (1995), o qual incorpora o ciclo funcional de gramaticalização desenvolvido por Givón (1979a). Vejamos:

Figura 1 – Fases da gramaticalização



Fonte: Adaptado de Lehmann (1995, p. 13)

Lehmann (1995) explica — no seu dizer, de forma bastante simplificada — que a gramaticalização começa com a livre colocação de palavras lexicais potencialmente não flexionadas no discurso, que são então convertidas em uma construção sintática através da sintaticização. Nesse processo, alguns lexemas assumem funções sintáticas. É interessante notar que, segundo Givón (1979a), uma estrutura sintaticizada não se torna mais sintaticizada com o

passar do tempo. A tendência, na verdade, é que ela se desgaste com o tempo devido aos processos de morfologização e lexicalização.

Seguindo com o esquema proposto por Lehmann (1995), no estágio seguinte ocorre a morfologização que, ressalta o autor, aqui significa o mesmo que aglutinação. Nessa fase, surgem as formas presas, sejam elas afixos flexionais ou derivacionais. No estágio zero, a estrutura encontra-se no seu nível máximo de exaustão. É na fase final que ocorre a nulidade da expressão e do conteúdo da categoria gramatical. Com a desmorfemização, um morfema pode desaparecer completamente. Desse modo, sua função recai sobre outras unidades ou construções com as quais co-ocorrem, dando início novamente ao ciclo funcional.

Vale ressaltar que, embora não vejamos o estágio de redução fonológica contemplado no esquema de Lehmann (1995), ele é um processo que também incide sobre a gramaticalização e, conforme Castilho (1997), é um dos mais visíveis. Nesse estágio, ocorre a fusão de formas livres com outras formas livres, transformando-se em formas presas, como os afixos. Como visto na seção anterior, a extensão fônica da forma *vuestra merced* resultava incômoda para os falantes da época. Desse modo, essa fórmula de tratamento passou por sucessivas reduções em seu material fônico: *vuesa merced*, *vuesarced*, *vuesançed* etc., finalmente a *voacé*, *vucé*, *vuced*, *vusted*, firmando-se, no século XVII, a forma *usted*. Cabe ressaltar que a fusão e a redução fônica pelas quais passou esse pronome tem motivações em sua repetição.

De fato, de acordo com Bybee (2003, p. 604, tradução nossa), a repetição frequente é crucial nas mudanças que ocorrem durante o processo de gramaticalização. A seguir, destacamos algumas citadas pela autora:

- i) A frequência de uso leva ao enfraquecimento de forças semânticas pela habitualidade — o processo por meio do qual um organismo deixa de responder, no mesmo nível, a um estímulo repetido; ii) As alterações fonológicas de redução e fusão das construções gramaticalizadas são condicionadas pela sua elevada frequência e pelo seu uso em partes do enunciado que contém informação velha ou de fundo”²⁰.

Várias são as propostas para o estudo da gramaticalização (Cf. Meillet, 1912; Givón, 1979; Bybee, 1994; Hopper; Traugott, 1993; Castilho, 2002), no entanto, a concepção desse fenômeno como um processo é consenso entre os estudiosos da área. Outro ponto de convergência nesses estudos é o reconhecimento da unidirecionalidade como elemento

²⁰ i) Frequency of use leads to weakening of semantic force by habituation – the process by which an organism ceases to respond at the same level to a repeated stimulus; ii) Phonological changes of reduction and fusion of grammaticizing constructions are conditioned by their high frequency and their use in the portions of the utterance containing old or backgrounded information” (BYBEE, 2003, p. 604)

intrínseco ao processo. Isso significa dizer que, no processo de gramaticalização, uma unidade se torna gradualmente cada vez mais gramaticalizada e nunca o contrário. Por ser uma mudança unidirecional, as categorias não podem retornar ao seu estágio anterior (Heine, Claudi e Hünemeyer, 1991). Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), não compartilham dessa visão que assume a gramaticalização como um processo irreversível. Para os autores, tais afirmações lhes parecem ser muito fortes.

No que se refere ao princípio de unidirecionalidade, Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007) explicam que este é, aparentemente, o único e fundamental princípio relacionado ao processo de gramaticalização. Desse modo, os mecanismos que atuam nesse processo, esteja em curso ou não, são governados por esse princípio. No entanto, alguns autores empenham-se em encontrar os princípios que regem esse fenômeno. Lehmann (1995) e Hopper (1991), por exemplo, elaboraram um conjunto de parâmetros que tenta explicar a natureza gradual da gramaticalização. A seguir, por questão de brevidade, apresentamos os cinco princípios sugeridos por Hopper (1991), que, como o próprio autor confirma, complementam à proposta de Lehmann (1995). São eles:

1. Estratificação: de acordo com esse princípio, novas camadas emergem continuamente em um domínio funcional amplo. Isso significa que uma forma nova pode coexistir e interagir com as formas mais antigas, desempenhando funções similares. Essa possibilidade ocorre porque o processo de substituição pelas formas novas pode não ocorrer de forma imediata ou simplesmente não acontecer.

2. Divergência: analogamente ao princípio anterior, neste âmbito também ocorre a coexistência de formas. Conforme Hopper (1991), guardadas as diferenças, esse princípio pode ser considerado um caso especial de estratificação. Segundo esse princípio, a forma original de um item lexical gramaticalizado pode conservar suas propriedades originais. Além disso, ao conservar o seu caráter autônomo, ela pode ser submetida a outro processo de gramaticalização.

3. Especialização: conforme esse princípio, dentro de um mesmo domínio funcional, há uma diminuição nas possibilidades de escolha de uma forma para desempenhar uma função específica. Isso acontece pelo fato de uma dessas formas ocupar mais espaços e ser usada com mais frequência. A propósito, é a frequência da forma mais gramaticalizada que indica especialização.

4. Persistência: é um princípio que ocorre quando algumas características semânticas da unidade lexical de origem ainda são percebidas na forma gramaticalizada, podendo, esta, ficar sintaticamente limitada.

5. Descategorização: segundo esse princípio, há uma tendência para que itens em processo de gramaticalização reduzam seu estatuto categorial. Desse modo, nomes e verbos, por exemplo, podem perder ou neutralizar marcas morfológicas e sintáticas, tornando-se mais gramaticais por natureza.

Como evidenciado no início desta subseção, Hopper (1987) defende a ideia da dinamicidade da gramática, qual nunca está completa, já que sua estrutura passa por constante evolução. Desse modo, os princípios mencionados anteriormente buscam avaliar em que grau, um item se encontra no processo de gramaticalização. Conforme apontado por Hopper (1991), esses princípios objetivam caracterizar a gramaticalização não apenas os estágios posteriores, mas também as etapas iniciais em que ocorre esse fenômeno.

A gramaticalização está intrinsicamente ligada à mudança linguística, já que as estruturas gramaticais estão em constante evolução. De fato, a gramaticalização de um item envolve mudanças de diferentes aspectos ao longo do tempo, tais como a redução ou a perda de sons, alterações no seu comportamento gramatical e significado (Bybee, 2020). Sendo assim, o estudo dos mecanismos subjacentes à mudança constitui assunto de significativo interesse no âmbito dos estudos de gramaticalização.

É interessante notar que, segundo Coelho (2018), uma vez que o estatuto da mudança linguística mantém uma estreita relação com os estudos de variação linguística no quadro teórico da Sociolinguística, muitos pesquisadores o concebiam apenas como o resultado de um processo de variação em que duas formas co-ocorrem para expressar o mesmo valor de verdade. Desse modo, a gramaticalização, como vimos, diz respeito ao processo em que itens gramaticais surgem a partir de outros itens lexicais ou morfemas gramaticais se tornam mais gramaticais. Tradicionalmente, ela não era concebida como um processo de mudança.

Portanto, essa visão limitada baseava-se no entendimento de que a dinâmica da gramaticalização, descrita acima, não envolvia a disputa entre formas para representar o mesmo significado referencial/representacional, nos moldes dos pressupostos sociolinguísticos. Contudo, à medida que os estudos sobre gramaticalização se consolidaram nos estudos linguísticos, passou-se a dar-lhe o devido reconhecimento como um processo de mudança linguística.

Conforme evidenciamos mais acima, a gramaticalização é um processo gradual e lento. Por essa razão, muitas vezes as mudanças passam despercebidas pelos usuários da língua (Bybee, 2020). Nos termos de Hopper e Traugott (1997, p. 6, tradução nossa): “Do ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam

por uma série de transições graduais, transições que tendem a ser semelhantes em outros idiomas.”²¹.

Tendo em vista que o sistema é adaptativo, ou seja, as estruturas são maleáveis e não rígidas, é possível reconhecer que na gramaticalização as categorias não são discretas. Bybee (2016, p. 17) as compara como as dunas de areias que “têm regularidades aparentes de formato e estrutura, contudo elas também exibem considerável variação entre instâncias individuais, assim como gradiência e mudança ao longo do tempo”. Segundo a autora, essa gradiência revela o fato de que os limites entre as categorias não são sempre claros, visto que, como evidenciado, a mudança de uma categoria a outra ocorre gradualmente ao longo de um *continuum*. A proposta de Votre (1999) para a mudança linguística corrobora essa visão da autora, uma vez que, para ele, o:

Processo de regularização que se verifica num fenômeno qualquer, à medida que a generalização progressiva do uso vai fazendo com que ele passe do nível do discurso, em que há ampla liberdade de variação, para o nível da gramática, em que se regulariza e em que diminui ou cessa a liberdade de variação. O conceito aplica-se também aos itens já presentes na gramática, que evoluem para uma conformação ainda mais gramatical, se admitimos que os itens da gramática não são entidades discretas, e sim polos de um contínuo, em que certas classes de itens estão mais próximas do léxico, enquanto outras ocupam diferentes posições no *continuum* da gramática. Assim, o advérbio é mais gramatical do que o adjetivo. (Votre, 1999 *apud* Gonçalves, Lima-Hernandes, Casseb-Galvão, 2007, p. 24, grifo do autor)

Essa concepção das categorias linguísticas contrasta com a visão dos linguistas tradicionais, que consideram a estrutura gramatical de uma língua como sendo, em grande parte, de entidades e categorias discretas (Sankoff, 2001). No entanto, no processo de gramaticalização, os itens e as estruturas não se encontram diametralmente opostos, no sentido de pertencerem ou não pertencerem a uma categoria. Devido à gradiência das unidades linguísticas, há variação dentro do seu domínio, tornando difícil estabelecer os seus limites. Conforme Taylor (1995, p. 38, tradução nossa):

A fronteira da categoria é difusa — um fato que, no entanto, não diminui a utilidade comunicativa da categoria. Assim, contrariando as expectativas da teoria clássica, a categoria não é estruturada em termos de características criteriosas compartilhadas, mas sim por uma rede de similaridades que se cruzam. De fato, existem atributos tipicamente associados à categoria. Alguns membros compartilham alguns desses atributos, outros membros compartilham outros atributos. No entanto, não há atributos

²¹ From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of small transitions, transitions that tend to be similar in type across languages. (Hopper e Traugott, 1997, p. 6).

comuns a todos os membros, e somente a eles. Pode até ser o caso de que alguns membros tenham praticamente nada em comum com outros.²²

Nesse sentido, de acordo com Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), afirmar que as categorias gramaticais são claramente definidas e delimitadas pode ser arriscado. Desse modo, uma compreensão da categorização linguística associada à teoria funcionalista dos protótipos é útil para tornar os processos de gramaticalização mais claro e compreensível, pois destaca a gradiência ou *continuum* categorial, reforçando a natureza não discreta das categorias. No dizer de Taylor (1995), a estrutura das categorias gramaticais é prototípica e seus membros centrais possuem um conjunto de atributos sintáticos e semânticos em comum. Ademais, a ausência de alguns desses atributos em um item não é condição suficiente para torná-lo um não-membro.

Consoante à Bybee (2020), do entendimento de que os seres humanos constroem estruturas prototípicas decorrem quatro características, a saber:

- i) As categorias prototípicas apresentam níveis variados de tipicidade. Alguns membros da categoria são mais prototípicos, ou seja, são mais típicos do que outros.
- ii) Nem todos os membros que fazem parte de uma categoria compartilham todas as características comuns com outros membros. Assim, é possível que haja membros centrais que possuem todas as características relevantes e outros que não possuem todas as características.
- iii) Em algumas situações, as categorias podem revelar imprecisões em suas extremidades. Isso acontece devido à presença de membros marginais nessas categorias, que podem, em certas circunstâncias, apresentar semelhanças com membros de outras categorias.
- iv) No tocante às características que definem as categorias prototípicas, elas não podem constituir um único conjunto de atributos e critérios. Em vez disso, essas características são um conjunto que podem estar presentes em diversos membros — embora não em todos — e não necessariamente diferenciam uma categoria de outra.

²² The boundary of the category is fuzzy—a fact which does not, however, detract from the category's communicative usefulness. Thus, contrary to the expectations of the classical theory, the category is not structured in terms of shared criterial features, but rather by a criss-crossing network of similarities. There are indeed attributes typically associated with the category. Some members share some of these attributes, other members share other attributes. Yet there are no attributes common to all the members, and to them alone. It may even be the case that some members have practically nothing in common with others. (Taylor, 1995, p. 38).

Com base nisso, é possível perceber que existem diferenças dentro de uma categoria. Desse modo, a teoria dos protótipos é uma abordagem relevante para estabelecer a diferença entre membros de uma mesma categoria gramatical. Levando em consideração os limítrofes difusos ao longo do *continuum*, essa teoria se apresenta como um suporte teórico bastante útil para a análise dos dados, uma vez que nem sempre se encontram explicações adequadas e satisfatórias em algumas teorias linguísticas.

No que se refere às formas de tratamento em espanhol, vários estudos têm evidenciado a perda e aquisição de comportamentos conservadores e inovadores (Cf. Hummel; KLUGE; Vázquez Laslop, 2010; Rivadeneira *et al.*, 2016). Por exemplo, Bertolotti (2010), após analisar a gramaticalização de *usted* em 100 cartas pessoais de diversos arquivos históricos referentes a dois períodos do século XIX no Uruguai, observou que essa forma não se comporta, conforme descrevemos mais acima, como o centro da categoria. Segundo a autora, *usted* apresenta uma menor integração paradigmática que as outras formas alocutivas *tú* e *vos*. Portanto, os estudos de gramaticalização serão basilares para avaliarmos se processos semelhantes ocorrem na variedade peninsular, mais especificamente, no espanhol de Valência.

3.2.5 Planos discursivos

Além dos princípios já mencionados, existem outras categorias fundamentais a serem consideradas em uma análise de cunho funcionalista, conhecidas como figura e fundo, oriundas da Psicologia Gestalt. Essas categorias estão relacionadas à estrutura da narrativa e, juntas, compõem o denominado plano discursivo. Como observado no subprincípio de ordenação linear, tendemos a organizar o nosso discurso de modo a dar primazia às informações que consideramos mais importantes, em detrimento daquelas que concebemos como secundárias. Esse modo de organização textual, baseado em nossos propósitos comunicativos e nas necessidades de nossos interlocutores, é chamado de plano discursivo (Hopper e Thompson, 1980).

A gramática tradicional define transitividade como a relação que um verbo mantém com outros termos da oração. Um verbo transitivo direto possui um objeto direto como complemento, enquanto um verbo transitivo indireto tem um objeto indireto como complemento. Por outro lado, um verbo é considerado intransitivo quando não requer complemento. Hopper e Thompson (1980) tratam a transitividade como um modo de organização textual, conferindo-lhe uma função discursivo-comunicativa. Ela também apresenta uma propriedade escalar que reflete a maneira como o falante organiza o texto para

alcançar os seus objetivos na comunicação. Desse modo, uma oração com alto grau de transitividade codifica informações consideradas essenciais, enquanto uma baixa transitividade codifica informações consideradas acessórias.

Sabe-se que a transitividade envolve, pelo menos, dois participantes e uma ação que, de alguma forma, é efetivada. Nesse processo, uma atividade é “transportada” ou “transferida” de um agente para um paciente (Hopper; Thompson, 1980, p. 251). Dessa forma, os autores elaboram 10 parâmetros cuja gradação tem por finalidade caracterizar a transitividade de uma oração como mais ou menos prototípica. Essa escala pode ser observada no quadro abaixo:

Quadro 16 – Parâmetro de transitividade segundo Hopper e Thompson

	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	dois ou mais	um
2. Cinese	ação	não ação
3. Aspecto do verbo	perfectivo	não perfectivo
4. Punctualidade do verbo	punctual	não punctual
5. Intencionalidade do sujeito	intencional	não intencional
6. Polaridade da oração	afirmativa	negativa
7. Modalidade da oração	modo <i>realis</i>	modo <i>irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	agentivo	não agentivo
9. Afetamento do objeto	afetado	não afetado
10. Individuação do objeto	individuado	não individuado

Fonte: Hopper e Thompson (1980, p. 252)

De acordo com Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 29-30):

- (1) Participantes: a transferência implica o envolvimento de dois participantes.
- (2) Cinese: ações podem ser transferidas de um participante a outro, estados não.
- (3) Aspecto: uma ação vista do seu ponto final, isto é, uma ação perfectiva, é mais eficazmente transferida para um participante do que uma ação cujo término não é apresentado.
- (4) Punctualidade: ações realizadas sem nenhuma fase de transição entre seu início e seu fim têm maior efeito sobre seus pacientes do que ações inerentemente continuas.
- (5) Intencionalidade: o efeito sobre o paciente é mais aparente quando a ação do agente é apresentada como proposital.
- (6) Polaridade: ações que aconteceram (oração afirmativa) podem ser transferidas, ações que não aconteceram (oração negativa), não.
- (7) Modalidade: uma ação que não ocorreu ou que é apresentada como tendo ocorrido num mundo contingente, ou ainda um evento hipotético, é menos eficaz do que uma ação cuja ocorrência é asseverada como correspondendo a um evento real.
- (8) Agentividade: participantes com alta agentividade podem efetuar a transferência de uma ação de um modo que participantes com baixa agentividade não podem.
- (9) Afetamento: o grau em que uma ação é transferida para um paciente depende de quão completamente esse paciente é afetado.

- (10)Individuação: um paciente humano ou animado, concreto, singular, contável e referencial ou definido é mais individuado do que um paciente sem essas propriedades. Assim, uma ação pode ser mais eficazmente transferida para um paciente individuado.

Como mencionado anteriormente, ao distinguir a relevância das informações, consequentemente se distingue o seu grau de transitividade, o que nos permite identificar o que é figura e o que é fundo na estrutura do texto narrativo, ou seja, no plano discursivo. Para Hopper (1979), o *foreground*, ou figura, consiste nas informações mais importantes que formam a estrutura base da narrativa, sendo o seu esqueleto. Por outro lado, o *background*, ou fundo, refere-se ao conteúdo que não narra os eventos principais, mas sim serve de apoio à figura. Cunha, Costa e Cezario (2015, p. 31, grifos dos autores) definem essas categorias da seguinte forma:

Por *figura* entende-se aquela porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, factuais, sob a responsabilidade de um agente, que constitui a comunicação central. Já *fundo* corresponde a descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da figura, além da descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa e dos comentários avaliativos.

Outra contribuição significativa para o estudo de figura e fundo é o trabalho de Elisabeth Silveira. Segundo Silveira (1997), o plano discursivo não é bidimensional. A autora defende que há diferentes níveis de fundo na estrutura da narrativa, com diferentes níveis de complexidade. A autora propõe, portanto, uma hierarquia na qual as unidades de análise, ou cláusulas, são marcadas considerando o seu grau de relevância discursiva. Nos termos de Silveira (1994, p. 27), a relevância “é uma propriedade discursiva que se caracteriza pelo estabelecimento de planos distintos na estruturação do discurso, no qual um dos planos será salientado em relação aos demais”. Dessa forma, no topo encontra-se a figura, que o nível mais relevante, enquanto o fundo possui uma escala de relevância, conforme reproduzimos a seguir (Chedier, 2007, p. 40):

- Categoria I: é a figura prototípica;
- Categoria II: cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura. Apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens;
- Categoria III: cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais);

- Categoria IV: cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas);
- Categorias V: cláusulas-fundo que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas 3);
- Categorias VI: cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor. Apresentam opiniões, dúvidas, conclusões.

Partindo do trabalho de Silveira (1997), Chedier (2007) realiza um refinamento da hierarquia retrocitada e propõe um novo agrupamento das cinco categorias em três níveis. No nível mais alto, a autora continua a identificá-lo como figura. Em seguida, ela denomina de “fundo 1” a união dos níveis II e III, devido a sua proximidade com a categoria figura. Por último, ela chama de “fundo 2” o conjunto formado pelos níveis IV, V e VI, por estarem mais distante do nível mais alto, ou seja, a figura. Por fim, a classificação proposta é a que segue:

Figura: apresenta sequência cronológica, eventos reais, dinâmicos e completos, sujeitos previsíveis (tópicos), humanos e agentivos; quanto à codificação morfossintática, a figura contém orações coordenadas, principais ou absolutas, e formas verbais perfectivas.

Fundo 1: apresenta cláusulas-fundo mais próximas das cláusulas-figura; apresentam ou resumem o que vai ser relatado; apresentam o cenário e os participantes; e apresentam a fala dos personagens. Também pode-se encontrar cláusulas-fundo que especificam o modo, ou a finalidade ou o tempo (são as cláusulas adverbiais modais, finais e temporais).

Fundo 2: contém cláusulas-fundo que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), que expressam inferências, apontando causa, consequência ou adversidade (são cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas; também as coordenadas adversativas); pode conter também cláusulas-fundo que expressam interferências do falante ou intervenções do locutor, apresentam opiniões, dúvidas, conclusões. (CHEDIER, 2007, p. 49-50, destaque da autora)

Para a análise dos dados das sequências narrativas presente nas entrevistas, adotamos a perspectiva de Chedier (2007), pois pareceu-nos uma descrição mais objetiva, sem, contudo, prescindir dos aspectos arrolados no modelo anterior no qual a autora baseou-se. Desse modo, com base no pressuposto givoniano de marcação e levando em consideração que a forma *tú* é menos marcada por ser mais frequente, estruturalmente mais simples e cognitivamente menos complexa, acreditamos que ela emerge em contextos cognitivamente menos complexos como figura e fundo 1. Esses contextos são menos marcados que o fundo 2, já que as informações fluem mais facilmente, em termos de tempo e processamento cognitivo.

Até este ponto, foram apresentadas as vertentes e propostas de abordagens funcionalistas. Nichols (1984) sugere a existência de três grupos diferentes que investigam a

relação entre forma e função: um conservador, um moderado e um extremado. O primeiro reconhece as restrições do Formalismo ou do Funcionalismo, sem, no entanto, analisar a estrutura em si. Os moderados não apenas reconhecem as restrições dessas correntes, mas também propõem uma análise funcional das estruturas linguísticas. Já os extremados não admitem a proposta saussuriana de estrutura e argumentam que as regras se baseiam na função, em vez de nas restrições sintáticas.

Apesar da diversidade de correntes, Pezatti (2007) esclarece que todas convergem para a compreensão de que a análise linguística deve considerar a interação social. De acordo com Castilho (2012, p. 22), os funcionalistas compartilham os seguintes princípios, divergindo apenas na forma como são abordados: “(i) a língua é uma competência comunicativa; (ii) as estruturas linguísticas não são objetos autônomos; (iii) a explicação linguística deve ser procurada nos usos linguísticos e numa percepção pancrônica da língua.”. Analogamente, Dik (1997) apresenta algumas características que definem o paradigma funcional, dentre as quais destacamos: i) as línguas naturais são um instrumento de interação social; ii) a função principal de uma língua natural é possibilitar a comunicação entre os falantes; iii) o correlato psicológico de uma língua é a competência comunicativa, em consonância com o descrito em Hymes; iv) tendo em vista o caráter instrumental da língua, não faz sentido estudá-la sem considerar a sua função comunicativa; e v) a sintaxe não é autônoma e o componente pragmático é fundamental, dentro do qual devem ser estudadas a sintaxe e a semântica. A semântica é vista como um instrumento da pragmática e, de forma análoga, a sintaxe serve como instrumento para semântica.

Embora o funcionalismo não seja uma teoria linguística uniforme, suas abordagens consideram a língua como um instrumento de comunicação maleável cuja estrutura é moldada pelas pressões do uso. Dessa forma, a gramática das línguas naturais não são estanque, mas refletem o dinamismo linguístico oriundo das nossas necessidades comunicativas. Diante do que foi colocado, esta pesquisa pretende analisar os usos dos pronomes de tratamento na comunidade de fala valenciana procurando, na relação forma/função, as motivações por trás do uso dessas unidades linguísticas. Para isso, utilizar-nos-emos dos princípios e categorias como: iconicidade, marcação, expressividade retórica, gramaticalização e plano discursivo, pelos motivos expostos anteriormente.

3.2.6 Princípio de proeminência

No dizer de Pinheiro e Ferrari (2020), a Linguística Funcional (doravante LF) e a Linguística Cognitiva (doravante LC) são consideradas atualmente como modelos teóricos que podem ser compatíveis entre si e apresentar muitas semelhanças. Nesse bojo de similaridades, os autores também incluem o aparato teórico da Gramática de Construções, que tem origens ambientadas na LC. Como razões para essa convergência, Pinheiro e Ferrari (2020) apresentam, por exemplo, o fato de o termo “cognitivo-funcional” ou “funcional-cognitivo” ser cada vez mais utilizado na literatura e a inserção de um capítulo dedicado à Linguística Centrada no Uso (doravante LCU) nas obras de introdução à LC.

A propósito, a teoria baseada no uso constitui um modelo de abordagem que evoluiu a partir do Funcionalismo desenvolvido na Costa Oeste norte-americana (Bybee, 2016). Se por um lado, parte deste grupo, dentre eles Hopper, Thompson e Givón, seguem produtivos na perspectiva de análise iniciada na década de 70; por outro lado, membros como Bybee e Cruft buscam estabelecer uma conexão entre a versão clássica do Funcionalismo norte-americano e o aparato teórico que busca descrever o funcionamento linguístico a partir da noção de construção gramatical, isto é, a Gramática de Construções, originada no seio da LC. Dessa associação, nasce a Gramática de Construções Baseada no Uso (Pinheiro; Ferrari, 2020).

No Brasil, Martelotta (2011) foi quem primeiro utilizou a denominação Linguística Centrada no Uso, sendo de autoria do grupo Discurso & Gramática da Universidade Federal Fluminense a inserção do adjetivo funcional, resultado em Linguística Funcional Centrada no Uso. Ainda sobre os pontos de interseção entre o a LF e a LC, Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 14) afirmam que:

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural.

Portanto, sem pretensões de estabelecer o percurso histórico da LC, interessa saber que fizemos uso estratégico da afinidade existente entre essa corrente linguística e o Funcionalismo Linguístico, com vistas a empregar uma ferramenta analítica cognitiva que nos proporcionasse *insights* mais abrangentes sobre os usos das formas de tratamento pelos falantes valencianos. Como sabemos, devido à grande quantidade de fatores que atuam sobre o sistema, potencializando a escolha de uma forma linguística ou outra, determinar quais variáveis condicionam o uso linguístico não é uma tarefa fácil. Nesse sentido, é preciso reconhecer que

nem sempre os falantes seguem uma norma linguística determinada pela comunidade de fala da qual fazem parte, mas, por outro lado, empreendem um uso criativo da língua.

É consenso bem estabelecido que a cognição humana tem como parte integrante a linguagem. Um dos principais fundamentos da LC reside no fato de que a língua não poder ser estudada sem se levar em consideração suas funções cognitivas e comunicativas, o que justifica o seu enfoque baseado no uso (Cuenca; Hilferty, 1999). Nesse sentido, a LC também se preocupa em compreender as funções e o uso linguístico, inserindo-se na variada e abrangente tradição funcionalista (Langacker, 2008). Desse modo, embora conscientes de que esses dois paradigmas também apresentam aspectos analíticos de difícil conciliação, a atenção dada à cognição, que é central na LC, está também presente em alguns linguistas funcionais, como Givón (Nuyts, 2007).

Para a LC, a linguagem é revestida de um caráter simbólico cuja função primária é a de significar. Uma de suas premissas consiste no entendimento da gramática como conceitualização. Nesse sentido, todos os elementos gramaticais pressupõem uma base simbólica subjacente, isto é, representam conceitos e significados específicos. A tarefa da gramática seria, portanto, a de estruturar e simbolizar esse conteúdo conceitual (Croft; Cruse, 2004). Assim, recorreremos a uma operação de conceitualização desenvolvida por Langacker (1987, 1991, 2008), que se refere às diferentes maneiras de conceitualizar uma situação, a saber, o princípio de proeminência.

Assim como as diferenças estabelecidas no uso das formas *tú* e *usted* em espanhol, evidentemente as línguas manifestam diversas outras situações em que ocorrem assimetrias entre os elementos linguísticos. Ao entendermos significado como conceitualização, esses modos alternativos de conceitualizar uma expressão envolvem o que Silva (2008) denomina de *perspectivação conceptual*, uma tradução proposta do termo “construal” em inglês. Desse modo, o princípio de proeminência constitui uma das operações de perspectivação conceptual elaborada por Langacker (2008) no contexto da LC.

Cada unidade linguística possui um sentido associado. A propósito, esse constitui um dos princípios da LC. Segundo Silva (2008), o significado de uma expressão não se restringe apenas ao conteúdo conceitual que ela veicula, mas também inclui a perspectiva a partir da qual esse conteúdo é construído. Ao nos concentrarmos nas formas *tú* e *usted*, reconhecemos que elas se referem ao mesmo fenômeno, isto é, à expressão da segunda pessoa do singular. No entanto, o seu uso implica sempre uma escolha, pois elas se mostram semanticamente diferentes porque refletem distintas conceitualizações. Desse modo, de acordo com Ferrari (2011, p. 63),

“expressões que envolvem o mesmo conteúdo conceitual podem apresentar significados diferentes em função do grau de proeminência com o qual os elementos são codificados em determinada situação.”. A autora oferece o seguinte exemplo:

(2) João viu um animal na estrada.

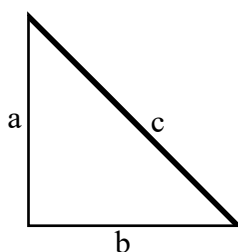
Conforme podemos observar em (2), “João” desempenha a função de sujeito, o que implica que, considerando o grau de proeminência, “João” é mais proeminente do que “um animal”. Por outro lado, se o falante construísse a frase invertendo os participantes desse evento, como em “Um animal foi visto na estrada por João”, “um animal” assumiria a posição mais proeminente na frase, enquanto “João” ocuparia uma função sintática menos proeminente.

Langacker (2008) descreve dois tipos de proeminências essenciais para a descrição gramatical. São os alinhamentos assimétricos: perfil/base e trajetor/marco (tradução para *trajector/landmark*). O primeiro tipo constitui uma operação de perspectivação conceitual muito importante para a significação de uma expressão. O segundo tipo, assim como o anterior, é um processo análogo à dicotomia figura e fundo, popular nos estudos da Psicologia Gestaltista e que é retomada no Funcionalismo por Hopper e Thompson (1980), assim como por Langacker (1987, 1991, 2008), na Linguística Cognitiva.

Conforme Ferrari (2011, p. 63), a assimetria perfil/base “é um tipo de construção do significado que consiste no recorte conceptual de uma expressão em uma base conceptual mais ampla”. Dito de outra forma, cada expressão é composta por um perfil e uma base. A base de uma expressão é o seu domínio. Nesse sentido, a ação de perfilar, “profiling”, em Langacker (2008), ocorre quando o significado de uma expressão destaca ou delimita uma subestrutura dentro de uma estrutura mais abrangente. Essa subestrutura é o que o autor denomina como perfil, é o que é designado pela expressão, recebendo consequentemente destaque dentro de sua base (Langacker, 1991).

Langacker (1991) cita como exemplo a palavra *hipotenusa*, ilustrando-a com a figura abaixo:

Figura 2 – hipotenusa



Fonte: Adaptado de Langacker (1991).

A palavra *hipotenusa* remete-nos ao conceito de triângulo retângulo, que é o seu domínio, isto é, a sua base. No entanto, esse termo não perfila, ou seja, não designa triângulo retângulo. O foco de atenção que a expressão designa recai sobre o lado mais longo de um triângulo retângulo (c), que é oposto ao ângulo reto formado pelo cateto oposto e adjacente, (lados a e b). Desse modo, o seu perfil pode ser ilustrado pela linha mais grossa na figura acima.

Outro exemplo citado pelo autor é a palavra *tio*. Sua base conceptual é “um conjunto de indivíduos com relações de parentesco”. Nesse domínio, encontram-se outras subestruturas, como “pai, mãe, irmão etc.”, que não perfilam o mesmo valor de tio devido a possuírem significados diferentes. Desse modo, o significado de cada uma dessas subestruturas, ou perfis, é atribuído somente quando selecionadas dentro de sua base conceptual. É essa subestrutura que é responsável pela característica distintiva de proeminência (Langacker, 1991). Sendo assim, o significado de uma expressão não se encontra exclusivamente em sua base ou em seu perfil, mas na relação entre esses dois elementos.

No que se refere ao segundo tipo de proeminência, a saber, trajetor/marco, também é possível observar uma assimetria entre os participantes relacionais. Por um lado, o trajetor pode ser caracterizado como figura, ou seja, é o elemento principal ou focal de um evento, sob o qual se atribui especial proeminência. Por outro lado, a outra unidade saliente dessa relação é o marco (*landmark*), que é o ponto de referência a partir do qual se localiza o trajetor, o participante secundário, ou seja, o fundo (Langacker, 1987).

Silva (1997, p. 90-91) cita como exemplo as palavras *em cima* e *embaixo*. Ambas se referem ao mesmo conteúdo conceptual e designam a mesma relação de espaço. A diferença semântica entre esses dois participantes deve-se à forma como o trajetor e o marco são alinhados. Desse modo, se tomamos como perspectiva “X está em cima de Y”, Y é perfilado como o marco a partir do qual localizamos X, o trajetor. Por outro lado, se a perspectiva for a de “Y está embaixo de X”, X serve como marco para a localização de Y (trajetor). Segundo o autor, o fato de frases como “A casa está em frente do carro” serem pouco convencionais em detrimento de “O carro está em frente da casa”, evidencia a estabilidade e abrangência do elemento marco na composição de uma cena.

No tocante à temática desta pesquisa, baseados em Serrano (2018), acreditamos que a perspectivização conceptual das formas de tratamento em análise revela distintos níveis de proeminência. Dessa forma buscamos relacionar a noção cognitiva de proeminência com as

ocorrências das formas *tú* e *usted* através da análise da função sintática que esses pronomes codificam no discurso.

Como observado, tanto o Funcionalismo quanto o Cognitivismo aceitam a premissa de que a língua não pode ser estudada adequadamente sem se levar em consideração as funções que desempenha no contexto situacional. Vale ressaltar que princípios caros ao Funcionalismo, como iconicidade e marcação, possuem um forte componente cognitivista (Givón, 1979). Essa aproximação, entre outras citadas anteriormente, nos permite a utilizar o mecanismo cognitivo supra para compreender melhor como os falantes atualizam as formas em análise no contexto conversacional.

Embora existam divergências entre esses dois paradigmas — a título de exemplificação, mencionamos a diferença na ênfase dada ao fator cognitivo, os níveis de importância atribuídos aos aspectos semânticos e estruturais, a atenção dispensada aos estudos diacrônicos e uma maior tradição, no Funcionalismo, de estudos com dados linguísticos reais —, essas diferenças não estão diametralmente opostas e não constituem discrepâncias substanciais (Nuyts, 2007) viabilizando, portanto, essa articulação. No que se refere à filosofia básica, nos termos de Nuyts (2007, p. 557), “os dois paradigmas estão essencialmente de acordo e, sem dúvida, a Linguística Cognitiva e a Linguística Funcional podem aprender muito uma com a outra em muitos aspectos.”.

3.3 Súmula do capítulo

Neste capítulo, apresentamos a teoria que fundamenta a nossa pesquisa e nos auxiliará na compreensão da multifuncionalidade das formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência. Considerando que nos parece impossível proceder à análise de um sistema de tratamento bastante complexo sem levar em consideração seus usuários, contexto discursivo, social, cultural e histórico em que a língua é utilizada, os preceitos, parâmetros e categorias descritos acima justificam a escolha do paradigma funcionalista como um quadro teórico adequado para abordar o fenômeno que estamos investigando.

Dessa forma, caracterizamos a Linguística Funcional, com ênfase na sua vertente norte-americana. Utilizamos como referência, especialmente, os trabalhos de Givón (1971, 1979, 1984, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005); Hopper (1979, 1991); Hopper e Thompson (1980); Hopper e Traugott (2003), Traugott e Heine (1991); Heine; Claudi e Hünemeyer (1991); Bybee (2016, 2020); Bybee e Hopper (2001), entre outras fontes consultadas, que contribuíram significativamente para o entendimento deste aporte teórico. Conforme o exposto,

o Funcionalismo é uma corrente linguística que parte de uma função teleológica da linguagem, concebendo a língua como um instrumento de interação social cuja estrutura é determinada pelas funções comunicativas que ela desempenha.

Com a consolidação do Funcionalismo nos Estados Unidos na década de 70, o modelo teórico norte-americano, a partir dos trabalhos de Thompson, Hopper e Givón, ganha bastante pujança e torna-se bastante influente nos estudos de base funcionalista. Ao investigar a língua partindo do seu contexto linguístico e da situação extralinguística (Cunha, Oliveira e Martelotta, 2015), essa vertente parece-nos bastante adequada para abordar um fenômeno linguístico real do espanhol atual, em sua forma oral.

Dentro do paradigma funcional, ressaltamos os seus princípios e categorias centrais essenciais para análise que empreenderemos. São eles: iconicidade, marcação, expressividade retórica, gramaticalização e planos discursivos. A iconicidade refere-se à relação motivada entre forma e função. Em outras palavras, o significado é expresso na forma através de uma motivação icônica. No Funcionalismo, a estrutura da língua é entendida como motivada e explicada através da estrutura da experiência, desde que haja uma correspondência entre essas duas estruturas (Croft, 1990). Por sua vez, Givón (1992) postula que o elo que une expressão e conteúdo não é arbitrário, mas, de alguma forma, moderadamente isomórfico. A esse princípio, associam-se outros três subprincípios de base cognitiva: subprincípio de quantidade, subprincípio de proximidade e subprincípio de ordenação linear.

O princípio de marcação é uma motivação subjacente ao uso linguístico, que estabelece um contraste entre formas binárias, isto é, que distingue uma categoria marcada de uma categoria não-marcada. De acordo com Givón (1984), a marcação pode ser vista como um metaprincípio da iconicidade, que expressa a relação entre complexidade estrutural e funcional. O linguista desenvolveu três critérios para identificar essas categorias: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva. Desse modo, um item marcado, por exemplo, é estrutural e cognitivamente mais complexo e menos frequente do que um item não-marcado.

O princípio de expressividade retórica, elaborado por Dubois e Votre (2012), surge como uma proposta de reformulação do princípio de marcação e iconicidade. Givón (1984) afirma que uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não-marcada em outro. Dessa forma, o princípio de expressividade retórica objetiva explicar o equilíbrio entre cognição e codificação de um fenômeno semântico-discursivo.

No que se refere à gramaticalização, vimos que o seu entendimento parte da concepção do funcionamento dinâmico das línguas. Nesse sentido, a gramática de uma língua nunca está completa, mas sim em constante transformação, o que faz emergir novos morfemas gramaticais. O processo de gramaticalização acontece de forma gradual, em que ocorre variação tanto na forma quanto no conteúdo. Vimos, igualmente, que esse é um processo contínuo e unidirecional, ou seja, sempre se move em uma direção. Além disso, há diferentes propostas que tentam apreender esse fenômeno, bem como identificar em que grau um item se encontra no processo de gramaticalização, como pudemos observar na proposta de Hopper (1991).

Quanto aos planos discursivos, esses têm base nos procedimentos elaborados por Hopper e Thompson (1980) e estão relacionados ao modo como organizamos textualmente o discurso, considerando os nossos objetivos comunicativos e as necessidades dos nossos interlocutores. Na estrutura narrativa, o que se apresenta como central e periférico está relacionado à noção de figura e fundo. Desse modo, ao distinguir a relevância das informações, conseqüentemente, o seu grau de transitividade, é possível distinguir o que é figura e o que é fundo na estrutura do texto narrativo. A figura são as informações que se apresentam em primeiro plano e o fundo é o conteúdo que não narra os eventos principais, isto é, serve de apoio à figura.

Além dos princípios e categorias mencionados anteriormente, uma vez que a Linguística Funcional e a Linguística Cognitiva não são substancialmente divergentes em termos de princípios filosóficos fundamentais, evocamos o princípio de proeminência desenvolvido por Langacker (1987) no contexto desta última corrente linguística. Como demonstrado, formas linguísticas que compartilham a mesma base conceptual podem apresentar distintas significações que evidenciam diferentes graus de proeminência em sua codificação. Essas capacidades cognitivas, ou processos de perspectivação conceptual, isto é, o modo como conceituamos as expressões gramaticais, dividem-se em dois tipos: perfil/base e trajetor/marco, de acordo com a proposta do supracitado autor.

Após a apresentação do referencial teórico utilizado como base para o desenvolvimento desta pesquisa, bem como explanação da escolha das categorias acima descritas para a análise das formas de tratamento em questão, o próximo passo consiste em descrever os procedimentos metodológicos adotados. Nesta seção, serão detalhadas as estratégias empregadas, as técnicas utilizadas e as etapas do processo de coleta e análise dos dados que possibilitaram a condução deste estudo.

4 METODOLOGIA

Já é truísmo que, na realização de uma pesquisa científica, é imprescindível que se determine o tipo de metodologia empregada, o método escolhido e as técnicas utilizadas para a obtenção dos dados. Conforme Marconi e Lakatos (2015, p. 109), uma metodologia responde às questões “*como?, com que?, onde?, quanto?*”. Para isso, no desenvolvimento da investigação realizada sobre o fenômeno em questão, utilizaremos os procedimentos teórico-metodológicos do Funcionalismo linguístico norte-americano. Procederemos, então, a caracterização da pesquisa quanto a sua natureza, à amostra, às variáveis dependentes e independentes e ao tratamento dos dados.

4.1 Natureza da pesquisa

4.1.1 Método de abordagem

O método, *grosso modo*, refere-se aos meios mais idôneos adotados pelo pesquisador para alcançar os objetivos previamente delimitados. Sua etimologia encontra-se na palavra de origem grega *methodos* e significa “caminho para chegar a um fim” (Nascentes, 1955, p. 330). Marconi e Lakatos (2011, p. 46) o definem da seguinte maneira:

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo — conhecimentos válidos e verdadeiros — traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Logo, para realizarmos um estudo fenomênico de modo adequado, faz-se necessário mobilizarmos um conjunto de procedimentos, técnicas e instrumentos que norteiem a investigação científica. No entanto, a estrutura interna de uma pesquisa, isto é, o método de abordagem empreendido não é uma escolha aleatória, mas se dá em função do problema investigado. Em outras palavras, o método é determinado pela natureza do objeto de estudo e também pelos objetivos da pesquisa.

Ao longo da história, vimos surgir diferentes tipos de métodos cujo entendimento depende da concepção de ciência que se tem em cada um dos períodos históricos e obedecem a diferentes sistemas de classificação. No que se refere aos métodos que sustentam a base lógica da investigação, Gil (2008) inclui os métodos dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico. Faremos menção aos dois primeiros citados, pois são frequentemente utilizados na racionalização dos fatos e dos fenômenos da realidade, constituindo, portanto, os métodos de abordagem que orientam esta pesquisa.

Dedução e indução constituem duas formas diferentes de organização do raciocínio. Na dedução, ou no método dedutivo, parte-se de generalizações para chegar a conclusões por meio da lógica. Dito de outra forma, a dedução é um procedimento do raciocínio que parte de leis universais para chegar a uma verdade particular. Por exemplo: todos os mamíferos são animais; os gatos são mamíferos, logo, os gatos são animais. Conforme assevera Gil (2008), o modelo de ordenação do raciocínio dedutivo é o silogismo, ou seja, a partir de duas premissas, conclui-se uma terceira de forma puramente lógica.

No processo de indução ocorre o contrário, ou seja, parte-se de observações particulares para chegar a fatos mais gerais. Isto é, a observação de fenômenos investigados leva à formulação de leis gerais. De modo análogo ao método dedutivo, o método indutivo baseia-se em premissas. Entretanto, se com aquele chegamos a conclusões verdadeiras, porque se fundamenta em premissas verdadeiras, com este, as conclusões a que chegamos não são necessariamente verdadeiras, mas prováveis (Marconi; Lakatos, 2011). Por citar um exemplo, ao observamos que o ferro é um metal e conduz eletricidade; que o ouro é um metal e conduz eletricidade; que o cobre é um metal e conduz eletricidade, a conclusão a que chegamos desses casos particulares é que os metais conduzem eletricidade.

De acordo com Marconi e Lakatos (2011, p. 54, destaques das autoras), há três estágios fundamentais na aplicação do método indutivo. São eles:

- a) observação dos fenômenos - nessa etapa, observamos os fatos ou fenômenos e os analisamos, com a finalidade de descobrir as causas de sua manifestação;
- b) descoberta da relação entre eles - na segunda etapa, procuramos, por intermédio da comparação, aproximar os fatos ou fenômenos, com a finalidade de descobrir a relação constante existente entre eles;
- c) generalização da relação - nessa última etapa, generalizamos a relação encontrada na precedente, entre os fenômenos e fatos semelhantes, *muitos dos quais ainda não observamos* (e muitos, inclusive, inobserváveis).

Desse modo, o método indutivo aplica-se a esta pesquisa porque partimos da observação contextualizada das ocorrências das formas de tratamento *tú* e *usted* para, mediante análise qualitativa detalhada dos dados, formular interpretações e proposições mais gerais sobre o seu funcionamento no espanhol falado em Valência. O raciocínio indutivo também se justifica pelo fato de trabalharmos com uma amostra representativa da população da cidade de Valência; no entanto, embora o caráter interpretativo desta pesquisa tenha se apoiado também na contagem e no percentual das ocorrências, as conclusões a que chegamos refletem apenas tendências observadas no *corpus* analisado.

Tendo em vista que a investigação científica envolve a combinação de muitas estratégias (Givón, 1995), adotamos, também, o método dedutivo porque, inversamente ao

exposto acima, partimos do mais geral para o mais específico. Em outras palavras, correlacionaremos os resultados da pesquisa com as hipóteses previamente levantadas. Nesse processo, fundamentar-nos-emos nos pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano na tentativa de explicitarmos a dinâmica de uso das formas de tratamento *tú* e *usted* no caso particular da cidade supracitada.

Além disso, sabe-se que uma pesquisa pode assumir uma abordagem quantitativa, qualitativa ou mista. A pesquisa quantitativa vale-se de dados estatísticos para explicação de fenômenos, ou seja, fornece, ao pesquisador, informações numéricas sobre o comportamento das variáveis. Já a pesquisa qualitativa não trabalha com números, mas com interpretações na análise dos dados. Denzin e Lincoln (2006, p. 23, destaques do autor) opõem essas duas abordagens da seguinte forma:

A palavra *qualitativa* implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados e medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o *modo* como a experiência social é criada e adquire significado. Já os estudos quantitativos enfatizam o ato de medir e de analisar as relações causais entre variáveis, e não processos. Aqueles que propõem esses estudos alegam que seu trabalho é feito a partir de um esquema livre de valores.

Tais abordagens não são excludentes, mas podem estar associadas de várias formas em um estudo (Flick, 2004). A junção desses métodos em uma pesquisa resulta em uma abordagem mista ou também denomina quali-quant. Esse tipo de investigação “se utiliza de métodos qualitativos e quantitativos para a coleta de dados, de forma a oferecer melhor compreensão do fenômeno estudado.” (Paiva, 2019, p. 13). Dito isso, o foco interpretativo desta pesquisa é qualitativo, no entanto, recorreremos ao uso de procedimentos estatísticos de caráter descritivo, voltados à contagem e ao cálculo percentual das ocorrências das formas de tratamento. Vale ressaltar que essa quantificação não se confunde com a análise multivariada própria de estudos variacionistas, mas apresenta-se como um recurso funcionalista que tem por objetivo evidenciar tendências de uso e auxiliar nas interpretações do comportamento linguístico das formas sob análise. Desse modo, esta pesquisa tem caráter essencialmente qualitativo, utilizando os dados numéricos apenas como instrumento empírico de apoio à análise interpretativa.

4.1.2 Objetivo

Embora cada pesquisa possua um objetivo específico, Gil (2002, 2008) afirma que, de acordo com os seus objetivos gerais, é possível abrigar os diferentes tipos de pesquisas em classificações mais amplas. Desse modo, o autor as classifica em: pesquisas exploratórias, pesquisas descritivas e pesquisas explicativas. Esse agrupamento, segundo o autor, é o mais adotado atualmente.

As pesquisas exploratórias são utilizadas quando se pretende estabelecer uma maior familiaridade com o tema, ou seja, quando há a necessidade de examinar um assunto ainda pouco explorado com vistas à elaboração de hipóteses. Envolve, geralmente, levantamento bibliográfico, entrevistas não padronizadas e estudo de caso. Nas pesquisas descritivas há, no entanto, um aprofundamento de um tema que já é conhecido. Busca-se, portanto, descrever, minuciosamente, uma população, um fenômeno ou a relação entre variáveis. Sua principal característica é o uso de técnicas para a coleta de dados. Por fim, as pesquisas explicativas têm como objetivo a identificação de fatores para compreender o porquê das coisas, quais as causas de determinado fenômeno (Gil, 2002, 2008).

Portanto, esta pesquisa possui um caráter descritivo e explicativo. Objetivamos descrever e analisar as ocorrências de uso das formas de tratamento *tú* e *usted* em uma comunidade de fala do espanhol peninsular, observando as características e a relação entre os diferentes fatores mobilizados para o estudo. Outrossim, considerando que a pesquisa explicativa se relaciona de forma harmoniosa com a pesquisa descritiva (Gonsalves, 2001), pretendemos investigar os fatores que contribuem para as oscilações no uso dessas formas de tratamento, buscando, a partir do referencial teórico, explicitar os condicionantes desse padrão de uso.

4.1.3 Procedimentos técnicos

Em uma pesquisa, os procedimentos referem-se à maneira pela qual o pesquisador obtém os dados a serem analisados. Esta é a sua característica mais importante, pois é considerando esse aspecto que podemos identificar o delineamento, ou seja, o planejamento de uma pesquisa. A partir desse procedimento metodológico, de acordo com Gil (2008), podemos classificar as pesquisas em dois grandes grupos: as pesquisas de campo e as pesquisas de fonte de “papel” ou, nos termos de Marconi e Lakatos (2015), documentação direta e documentação indireta. Nestas, inclui-se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Naquelas, inclui-se a pesquisa experimental, a pesquisa *ex-post facto*, o levantamento e o estudo de caso.

Destacamos, para este estudo, a pesquisa bibliográfica, a documental e o levantamento. No que tange à primeira, levanta-se toda a bibliografia disponível já escrita e publicada em forma de livros, artigos científicos, revistas, dissertações, teses etc. O objetivo é “colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto [...]” (Marconi; Lakatos, 2015, p. 44). Sendo assim, como qualquer trabalho científico, iniciamos com uma pesquisa bibliográfica, neste caso, sobre os usos das formas de tratamento no âmbito do espanhol peninsular. Esse procedimento foi indispensável para obtermos referencial teórico, bem como conhecermos o estado da arte para abordarmos o fenômeno linguístico de forma adequada.

A pesquisa documental divide semelhanças com a pesquisa bibliográfica, no entanto, diferenciam-se quanto à natureza dos documentos que constituem as fontes. Na pesquisa bibliográfica utilizam-se, nos termos de Marconi e Lakatos (2015), fontes secundárias como as que citamos anteriormente. Por outro lado, na pesquisa documental, utiliza-se fontes primárias, isto é, fontes originais, “de primeira mão, provenientes dos próprios órgãos que realizaram as observações” (Marconi; Lakatos, 2015, p. 43). Esses documentos, como afirma Gil (2002), ainda não passaram por um tratamento analítico e podem, portanto, ser manipulados de acordo com os objetivos da pesquisa. Para este trabalho, utilizamos o *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* – PRESEVAL, composto por entrevistas que já foram coletadas, transcritas e publicadas. São documentos que estão disponíveis e sujeitos à análise de qualquer pesquisador interessado em estudar os usos linguísticos dessa comunidade de fala.

Os levantamentos são pesquisas que se caracterizam pelo contato direto com as pessoas, visando a investigar algo em determinada população. Pode-se coletar informações de uma população, o que se configura como um censo (Gil, 2002) ou realizar o levantamento de uma amostra. Conforme Gil (2002, p. 51):

Na maioria dos levantamentos, não são pesquisados todos os integrantes da população estudada. Antes, seleciona-se, mediante procedimentos estatísticos, uma amostra significativa de todo o universo, que é tomada como objeto de investigação. As conclusões obtidas com base nessa amostra são projetadas para a totalidade do universo, levando em consideração a margem de erro, que é obtida mediante cálculos estatísticos.

Sendo assim, para descrevermos e explicarmos o fenômeno empírico sobre a escolha pronominal que os falantes da comunidade de fala valenciana realizam para se reportarem ao seu interlocutor, seria necessário coletarmos uma amostra autêntica e o mais representativa possível dessa variedade linguística. No entanto, dada a inviabilidade de tal tarefa devido a fatores que vão desde questões orçamentárias à insuficiência de tempo, recorreremos a uma

prática comum entre muitos pesquisadores, isto é, a consulta a *corpora* já compilados e publicados.

Desse modo, esta pesquisa também se aproxima de um levantamento, no entanto, é fulcral ressaltarmos que não se trata de uma pesquisa de levantamento prototípica, uma vez que não fomos a campo realizar a fase de coleta da amostra. Consequentemente, não mantivemos nenhum contato com os informantes das entrevistas que compõem o *corpus* PRESEVAL e não conhecemos, diretamente, a sua realidade. Tivemos, sim, acesso à amostra através de sua publicação realizada pela Universidade de Valência.

4.2 Amostra e o universo da pesquisa

A amostra foi composta através de inquéritos que constituem o *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* – PRESEVAL. Esse projeto integra outro grande projeto internacional chamado PRESEEA (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*). Este, por sua vez, tem como objetivo a criação de um *corpus* sociolingüístico sincrônico da língua espanhola e, portanto, utiliza amostras de várias comunidades de fala monolíngues e bilingues. Essa grande rede de pesquisa é composta por, aproximadamente, mais de 40 equipes que têm auxiliado o trabalho de inúmeros pesquisadores e viabilizada a produção de vários livros, dissertações e teses²³.

O *corpus* PRESEVAL teve sua origem em 1996 e, assim como as equipes oriundas da Universidade de Alcalá e do Colégio do México, foi um dos primeiros grupos a integrar o PRESEEA. Sob a coordenação do Prof. Dr. José Ramón Gómez Molina, a equipe é formada por estudantes de pós-graduação e por professores dos Departamentos de Filologia Espanhola e Didática da Língua e Literatura da Universidade de Valência e do Departamento de Língua Espanhola e Linguística Geral da Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED).

O principal objetivo do PRESEVAL é identificar as marcas características do espanhol falado em Valência, variedade dialetal utilizada pelos falantes autóctones ou que residem há muito tempo²⁴ nessa cidade e que têm consciência de que pertencem a essa comunidade de fala. O trabalho desenvolvido atende, ainda, a diversos objetivos específicos, dentre os quais se destacam: a) fenômenos de variação nos diferentes níveis linguísticos (/d/ intervocálico, perífrases verbais aspectuais e modais, marcas de impessoalidade etc.); b) marcas de

²³ Para mais informações sobre o PRESEEA, recomendamos a página *web* do projeto no seguinte endereço eletrônico: <<https://preseea.linguas.net/>>. Acesso em: 11 maio 2023.

²⁴ Para os não nativos, o requisito era ter chegado a essa área geográfica antes dos 10 anos de idade e residir no mínimo 15 anos desde que sua origem linguística não fosse marcadamente diferente (Gómez Molina, 2001).

as diferenças socioculturais e econômicas se notam não apenas na cidade de Valência, mas, também, nos municípios que a circundam. No que se refere à realidade sociolinguística dessa região, de acordo com as pesquisas realizadas por Gómez Molina (2001), há aproximadamente (88%) de bilinguismo passivo e o castelhano é a língua de comunicação intergrupo, apesar de o número de valenciano-falantes ser ligeiramente superior ao número de castelhano-falantes. Ainda de acordo com Gómez Molina (2001), no âmbito socioeconômico, a região apresentava, naquele momento, características dos três setores econômicos. O norte da região caracterizava-se pela presença de atividades agrárias; no oeste, havia uma forte expansão industrial e o sul apresentava-se como a localização predileta do setor industrial. Constatava-se, na cidade de Valência, um crescimento de (73%) do setor terciário.

Conforme Gómez Molina (2001), a confluência dessas três dimensões (demográfica, linguística e econômica) faz desse núcleo urbano um macrocosmo que funciona como uma comunidade linguística individual e com as seguintes características: (i) a estrutura e fisionomia próprias dessa região determinam contatos contínuos entre os seus integrantes e o resultado é a nivelação ou uniformização dos sistemas linguísticos nela utilizados; (ii) há uma mudança dos códigos sociais e linguísticos provocados pela mobilidade social característica da sociedade urbana; (iii) apesar da uniformização, existe uma série de grupos consistentes, organizados e hierarquizados, formados a partir da hierarquização dos diferentes socioletos.

Conforme destacamos, Valência constitui uma comunidade bilíngue em que os indivíduos usam regularmente o castelhano²⁵ e o valenciano, embora uma língua possa predominar sobre a outra. De acordo com Blas Arroyo (2005), nessa comunidade, o castelhano tem sido mais amplamente difundido em contextos nos quais anteriormente apenas o valenciano era utilizado. Por essa razão, segundo o autor, atualmente o bilinguismo valenciano não possui o caráter estático das situações diglósicas. No entanto, dado que o contato entre línguas implica a interação de estruturas linguísticas, esse aspecto nos despertou curiosidade para investigar a possibilidade de transferências de funções pragmático-discursivas no uso das formas de tratamento do valenciano para o castelhano.

²⁵ Com base no *Diccionario Panhispánico de Dudas*, entendemos os termos *español* e *castellano* como sinônimos, tendo em vista que os conflitos envolvendo essas terminologias encontram-se hoje superados. No entanto, por recomendação da *Real Academia Española*, neste momento, adotamos o segundo termo para nos referirmos ao dialeto românico nascido no Reino de Castela na Idade Média. Conforme o dicionário mencionado, o termo castelhano é usado na Espanha quando há referência à língua comum do Estado em relação com outras línguas cooficiais em suas respectivas regiões autônomas, como o catalão, o galego e o basco. Disponível em: <<https://www.rae.es/dpd/espa%C3%B1ol>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

Inicialmente, deparamo-nos com um conflito de natureza histórica, política e ideológica referente à independência linguística do valenciano em relação à língua catalã. Em Valência, o movimento secessionista linguístico tem raízes nos conflitos políticos entre os setores da direita e da esquerda. Por razões políticas e ideológicas, aqueles se opunham à ideia de unidade linguística do catalão (Blas Arroyo, 2005). De fato, segundo a pesquisa conduzida por Agulló Calatayud (2011) sobre a realidade sociolinguística do valenciano, no tocante à unidade linguística entre essa língua e o catalão, observa-se que, quanto mais ideologicamente à esquerda estão os indivíduos no espectro político, mais favoráveis eles são à unidade linguística entre idiomas em relação aos indivíduos à direita.

De modo análogo, no âmbito acadêmico, os linguistas catalães rejeitam o caráter autóctone do valenciano e o consideram como uma variedade regional do catalão. Em contrapartida, Mourelle de Lema (1982, p. 267, tradução nossa, grifo do autor) afirma categoricamente que:

Certamente, não é uma “variedade” [...] do catalão [...]. É, pelo contrário, uma língua românica — do grupo ibero-românico — que, originada remotamente em substratos pré-românicos de índole peculiar e posteriormente em um estilo de falar o latim diferenciado, configurou-se como tal paralelamente ao catalão e seguindo uma diacronia própria. [...] São, em resumo, o valenciano e o catalão línguas paralelas.²⁶

Por outro lado, em 09 de fevereiro de 2005, a Academia Valenciana de la Llengua (2005, p. 6) aprovou um parecer reconhecendo que “a língua própria e histórica dos valencianos, desde o ponto de vista da filologia, é também a que dividem as comunidades autônomas da Catalunha e Ilhas Baleares, e o Principado de Andorra.”²⁷ Na mesma esteira desse raciocínio, o *Diccionari Normatiu Valencià*²⁸ refere-se ao valenciano como a língua românica falada nas regiões anteriormente mencionadas — incluindo o departamento francês dos Pirineus Orientais, região oriental de Aragão e a cidade sarda de Alghero — onde recebe o nome de catalão.

Entretanto, apesar de a supracitada Academia afirmar que as diferentes línguas desses territórios constituem um mesmo sistema linguístico, ela adverte que os valencianos possuem identidade e característica culturais próprias, o que os diferencia dos outros povos que

²⁶ “Desde luego, no es una “variedad” [...] del catalán [...]. Es, por el contrario, una lengua románica —del grupo ibero-románico— que, originada remotamente en substratos prerrománicos de índole peculiar y próximamente en un estilo de hablar el latín diferenciado, se configuró como tal paralelamente al catalán y siguiendo una diacronía propia. [...] Son, en suma, el valenciano y el catalán lenguas paralelas.” (Mourelle de Lema, 1982, p. 267)

²⁷ “la lengua propia e histórica de los valencianos, desde el punto de vista de la filología, es también la que comparten las comunidades autónomas de Cataluña y las Islas Baleares, y el Principado de Andorra.” (Acadèmia Valenciana de la Llengua, 2005, p. 6).

²⁸ Disponível em: < <https://www.avl.gva.es/lexicval/>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

utilizam o catalão. Desse modo, sendo o termo “valenciano” umas das principais características identitárias desses indivíduos, a Academia o considera como a denominação mais adequada para se referir à língua falada na Comunidade Valenciana. Além disso, ela ressalta que o próprio termo “língua valenciana” pode ser usado sem que se trate de um idioma distinto daquele utilizado nos territórios anteriormente mencionados.

Após uma visão preliminar sobre essa dissidência linguística, realizamos uma busca exaustiva na literatura especializada sobre pesquisas que abordassem o uso das formas de tratamento no dialeto valenciano. No entanto, até onde nos foi possível investigar, não obtivemos um retorno positivo. Sendo assim, partindo de uma visão integrada do valenciano e do catalão, investigamos os usos das formas de tratamento neste último. Novamente, os resultados não foram muito produtivos.

Após uma leitura atenta da *Gramàtica Històrica Catalana* de Francesc de Borja Moll (2006), além de informações concisas sobre a evolução dos pronomes do latim para o catalão, não encontramos nenhum dado que ampliasse o nosso entendimento. Analogamente, na *Gramàtica de la Lengua Catalana* de Pompeu Fabra (1912), a única informação que nos pareceu relevante, refere-se a uma observação realizada para a forma *vós*. Considerada uma forma intermediária entre *tu* (*tú*) e *vostè* (*usted*), *vos* era usada frequentemente entre pessoas que não se “tuteavam”.

Como explanado na segunda seção deste trabalho, a forma *vos* desapareceu do espanhol europeu no século XVIII. No entanto, no catalão, essa forma continuou a coexistir com *usted* como pronome honorífico (Danova, 2020). Os dados mais relevantes que encontramos vêm da pesquisa de Danova (2020) sobre o sistema pronominal de tratamento no catalão contemporâneo. A autora explica que, atualmente, existem as seguintes formas de tratamento nessa língua: *tu*, *vós*, *vosaltres*, *vostè* e *vostès*. Ao que nos parece, no singular, ainda persiste uma escala de formalidade que varia de uma forma menos formal até uma forma essencialmente formal, conforme o observado por Fabra (1912) há mais de um século. Assim, *tu* é o pronome menos formal, seguido por *vós*, que é mais formal, e finalmente o pronome formal *vostè*. Entretanto, segundo Danova (2020), *vostè* tem substituído *vós* na maioria dos contextos. A autora argumenta que essa forma deixou de ser usada em alguns dialetos do catalão, mas ainda está presente no sistema tripartido de algumas localidades, como nas Ilhas Baleares.

Com relação à pragmática de uso desses pronomes de tratamento, a forma *tu* é utilizada em relações de proximidade entre os interlocutores ou em contextos informais. Essa

forma tem ampliado consideravelmente o seu uso devido ao aumento de situações em que se utiliza o tratamento informal. Por outro lado, segundo o *El Gran Diccionari de la Llengua Catalana* (1998), *vós* é utilizado no tratamento com indivíduos de posição social ou idade elevadas, com um desconhecido, com Deus ou com os santos. De acordo com a pesquisa de Danova (2020), o uso dessa forma tem sofrido uma redução significativa na linguagem coloquial, especialmente nas zonas urbanas, sendo substituída pelo pronome *vostè* na maioria dos contextos. Atualmente, *vós* limita-se à comunicação escrita de natureza legal ou administrativa. Por sua vez, *vostè* é utilizado para demonstrar respeito, distância e formalidade.

Dadas as restrições no uso da forma *vós*, cedendo cada vez mais espaço para a forma *vostè*, parece-nos que o catalão experimenta um processo de mudança em direção a um sistema bipartido no singular (*tu* e *vostè*), semelhante ao que ocorre no espanhol. Para Lara Bermejo (2022), do século XX até a atualidade, tanto o espanhol quanto o galego e o catalão possuem um sistema binário inalterado no singular e no plural. Além disso, como podemos observar, a disseminação do *tuteo* é cada vez mais comum, não só em espanhol. A propósito, Lara Bermejo (2022) argumenta que a ampla difusão da forma *tu* no catalão iniciou timidamente na mesma época e contextos em que se generalizou a forma *tú* em espanhol. Ademais, o autor sugere que essa generalização, independentemente das diferentes línguas faladas no território espanhol, pode ter sido influenciada pela homogeneização cultural e política no país.

Considerando o exposto, não queremos dizer que o contato entre essas línguas não produza interferências nesse âmbito. É evidente que a interferência é uma das consequências que surgem das situações de contato linguístico. Embora não tenhamos encontrado dados concretos de interferência no uso das formas de tratamento feito pelos valencianos bilíngues, Blas Arroyo, por exemplo, evidencia alguns fenômenos de influência de hábitos gramaticais do catalão sobre o castelhano (*Cf.* Blas Arroyo, 1993, 2005).

No entanto, sem nos aprofundarmos na temática, haja vista que não constitui o foco desta pesquisa, não podemos deixar de perceber certa convergência no uso das formas de tratamento em ambos os idiomas. Essas similaridades podem ter explicações históricas. Como observado por Lara Bermejo (2022), o catalão absorveu o prestígio de Castela por um longo período, principalmente após as viagens marítimas à América. No século XVIII e XIX, por exemplo, o autor sugere que o catalão passou pelas mesmas dinâmicas que o espanhol peninsular centro-nordestino.

Após algumas considerações sobre a questão do bilinguismo valenciano, passemos para o detalhamento da coleta e dos dados que serão analisados.

4.2.1 Descrição da coleta de dados

O corpus PRESEVAL foi desenhado em 1996, como adiantado, e finalizado em 2006. Para a sua coleta, seguiram-se os requisitos arrolados no documento que norteia a metodologia do PRESEEA e que se encontra disponível na página *Web* desse macroprojeto, disponibilizada em notas anteriores. A amostra constitui-se de 74 informantes estratificados de acordo com as seguintes variáveis: i) *sexo*, agrupados em homens e mulheres; ii) *faixa etária 1* (de 20 a 34 anos), *faixa etária 2* (de 35 a 54 anos) e *faixa etária 3* (acima de 55 anos)²⁹; iii) *escolaridade*, dividida em três níveis, a saber, *nível baixo*, *nível médio* e *nível alto*³⁰. Para os níveis de escolaridade médio e superior, considerou-se como pertencente a esses grupos o informante que tinha cursado, respectivamente, até 12 anos de escolaridade, aproximadamente, e 15 anos ou mais de escolaridade. Inclui-se, ainda, uma quarta variável, a saber, iv) *língua habitual*, dividida em castelhano-falantes e bilíngues. Podemos observar, no quadro a seguir, a divisão detalhada da amostra:

Quadro 17 – Distribuição por cotas de informantes no *corpus* PRESEVAL

IDADE	ESCOLARIDADE			TOTAL
	Fundamental	Médio	Superior	
20 - 34	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 12 } M 12 } 24 C 12 } B 12 }
34 - 54	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 12 } M 12 } 24 C 12 } B 12 }
Acima de 55	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 4 } M 4 } 8 C 4 } B 4 }	H 12 } M 12 } 24 C 12 } B 12 }
TOTAL	H 12 } M 12 } 24 C 12 } B 12 }	H 12 } M 12 } 24 C 12 } B 12 }	H 12 } M 12 } 24 C 12 } B 12 }	H 36 } M 36 } 72 C 36 } B 36 }

Fonte: Gómez Molina, 2001.

²⁹ Optamos pelo termo *faixa etária* em detrimento de *geração*, o qual seria uma tradução literal do termo *generación* utilizado pelo *corpus* PRESEEA.

³⁰ Traduzimos os termos *grado de escolaridade: enseñanza primaria, secundaria e superior* por, respectivamente, *escolaridade: Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior*.

Além das variáveis supramencionadas, também foram estabelecidas outras que, segundo os pesquisadores, permitirão uma pós-estratificação e possibilitarão comparações com outras investigações, ao passo que podem servir de ponto de referência. São elas:

v) *Profissão*: 1 (operários sem qualificação), 2 (operários especializados, policiais, vendedores etc.), 3 (empregados médios, pequenos comerciantes, docentes não universitários etc.), 4 (profissionais liberais, professores universitários, gerentes, empresários medianos etc.) e 5 (altos gestores e executivos, grandes empresários etc.);

vi) *Condições de alojamento*: 1 (moradia sem comodidades sanitárias e de difícil acesso), 2 (casa ou apartamento modesto, normal) e 3 (casa ou apartamento elegante e espaçoso, com muitas comodidades);

vii) *Nível de renda* (renda anual em pesetas³¹): 1 (até 1.5 milhões), 2 (de 1.5 a 3 milhões), 3 (de 3.0 a 4.5 milhões), 4 (de 4.5 a 6 milhões) e 5 (acima de 6 milhões);

viii) *Nível sociocultural*: baixo, médio e alto;

ix) *Modo de vida*: 1 - Característica ideológica: *família*. Obedece às seguintes características: unidade primária de produção; relações cooperativas entre colegas de profissão; família implicada na produção; autoemprego; redes sociais estreitas e densas; 2 - Característica ideológica: *lazer*. Reúne características como: trabalha-se para ganhar um salário e poder desfrutar dos períodos de tempo livre; relações de trabalho separadas do âmbito familiar; certa mobilidade laboral; redes estreitas de solidariedade com os colegas e os vizinhos e 3 - Característica ideológica: *trabalho*. Definida como: profissão qualificada, capaz de controlar uma produção e dirigir os trabalhos de outras pessoas; tempo de férias dedicado ao trabalho; trabalha-se para ascender na hierarquia e adquirir mais poder; atitude competitiva com os colegas.

Isso posto, cabe destacar as motivações por trás da escolha desse *corpus* para esta pesquisa:

- Em primeiro lugar, trata-se de uma amostra bastante representativa que reflete a variedade dialetal característica de uma comunidade de fala do espanhol peninsular. Conforme justificamos anteriormente, trabalhos na área do tratamento ainda são escassos no âmbito dessas variedades (Calderón Campos; Medina Morales, 2010).

³¹ Moeda corrente na Espanha entre os anos de 1869 e 2002, até a implantação do euro. Fonte: Diccionario de la Lengua Española. <<http://dle.rae.es>>. Acesso em: 11 maio 2021.

- Em segundo lugar, ainda em conformidade com os autores supracitados, quase todos os trabalhos sobre as formas de tratamento no espanhol peninsular utilizam *corpus* escrito e aplicação de questionários como método de coleta. O PRESEVAL trata-se de um *corpus* de língua falada que tem a entrevista semidirigida como a técnica de obtenção de dados.
- Em terceiro lugar, diferentemente de outros *corpora* do espanhol peninsular que compõem o PRESEEA, o processo de compilação do PRESEVAL encontra-se finalizado e publicado em três volumes de acordo com o nível sociocultural dos informantes (escolaridade alta, média e baixa). Dessa forma, a totalidade do *corpus* é de fácil acesso aos pesquisadores.
- Em quarto e último lugar, a estrutura esquemática da entrevista elaborada pelo PRESEVAL está dividida em uma série de sequências textuais bem definidas, dentre as quais se encontra a sequência narrativa. Cada esquema temático foi cuidadosamente pensando para estabelecer correspondência, de forma global, com um conjunto de sequências discursiva predominantemente associadas a um tipo de texto. Acreditamos que esse aspecto torna mais viável a correlação do plano discursivo e dos usos linguísticos que os valencianos venham a fazer das formas de tratamento na sequência narrativa.

No que se refere ao tamanho do *corpus*, Bauer e Gaskell (2008) asseveram que não há muito a se dizer a esse respeito em pesquisas qualitativas. O número de informantes dependerá da temática e dos recursos disponíveis. Na visão dos autores, aumentar o número de entrevistas não necessariamente resultará em uma melhoria na qualidade ou em uma compreensão mais completa do fenômeno em estudo. No entanto, os autores esclarecem que há um número máximo de entrevistas que é necessário fazer e que seja possível de analisar. Para cada pesquisador, sugere-se um total de 15 a 25 entrevistas individuais, e aproximadamente de 6 a 8 discussões com grupos focais.

O entendimento de Bauer e Gaskell (2008) é que, embora as experiências aparentem ser exclusivas para os indivíduos, as representações não emergem das mentes individuais. De certa forma, elas são influenciadas pelos processos sociais. Ademais, as representações de um tópico de interesse geral ou de indivíduos em um ambiente social particular são, em parte, compartilhadas. Conforme os autores:

Isto pode ser visto em uma série de entrevistas. As primeiras são cheias de surpresas. As diferenças entre as narrativas são chocantes e, às vezes, ficamos imaginando se há

ali algumas semelhanças. Contudo, temas comuns começam a aparecer, e progressivamente sente-se uma confiança crescente na compreensão emergente do fenômeno. A certa altura, o pesquisador se dá conta que não aparecerão novas surpresas ou percepções. Neste ponto de saturação de sentido, o pesquisador pode deixar seu tópico guia para conferir sua compreensão, e se a avaliação do fenômeno é corroborada, é sinal de que é tempo de parar (Bauer; Gaskell, 2008, p. 71).

Conforme Bauer e Gaskell (2008, p. 68), uma pesquisa qualitativa não segue os mesmos procedimentos da pesquisa quantitativa. Embora os autores reconheçam que as características sociodemográficas são relevantes, o objetivo não é “contar opinião ou pessoas, mas explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão”. Portanto, não há a necessidade de incluir diferentes indivíduos da sociedade. Desse modo, cabe ao pesquisador o planejamento relativo à segmentação do grupo social com relação ao tema. Além disso, os autores ressaltam que não existe um método para selecionar os informantes em uma pesquisa qualitativa. Para eles, uma vez que a amostra é bastante pequena, não havendo respostas corretas, o pesquisador deve usar sua imaginação social científica para compor a sua amostra, sempre detalhando os procedimentos e as escolhas adotadas

Assim, para que possamos proceder a uma análise mais consistente das ocorrências das formas *tú* e *usted*, indo “além da seleção superficial de um número de citações ilustrativas”, como sugerem Bauer e Gaskell (2008, p. 71), optamos por adotar uma referência próxima a desses autores em relação ao tamanho da amostra, estabelecendo um total de 12 inquéritos a serem analisados. A escolha desse quantitativo não foi aleatória. Embora estejamos cientes de que uma estratificação da amostra não constitui uma finalidade real da pesquisa qualitativa, os atributos dos informantes são importantes fatores de influência para a alternância das formas de tratamento em espanhol, como evidenciado em seção anterior. Portanto, consideramos interessante correlacionar os resultados desta pesquisa com os do nosso trabalho anterior (Lima, 2018), desde que o contexto enseje essa possibilidade. Nessa ocasião, trabalhamos com a oscilação de *tú* e *usted* também em Valência, mas com uma configuração teórico-metodológica distinta.

Sendo assim, as entrevistas foram selecionadas de acordo com a estratificação do *corpus* PRESEVAL em sexo, idade e escolaridade. Ressaltamos que, ao não constituírem fatores de controle nesta pesquisa, não consideramos a variável *língua habitual* na seleção da amostra. Assim, a adaptação das variáveis é a seguinte:

- a) *Sexo*: **M** – masculino e **F** – feminino;
- b) *Idade*: faixa etária **1** – de 20 a 34, faixa etária **2** – de 35 a 54 e faixa etária **3** acima de 55;

c) *Escolaridade*: Ensino Fundamental (**b**), Ensino Médio (**m**) e Ensino Superior (**a**).

Chamamos a atenção para o uso das letras e dos números em destaque como um recurso que nos auxiliou na composição das células da amostra, assim como em seu rápido reconhecimento quando do tratamento dos dados. Desse modo, o quadro a seguir apresenta a distribuição da amostra, a partir da estratificação mencionada.

Quadro 18 – Distribuição dos informantes por *sexo, idade e escolaridade* na amostra constituída a partir do *corpus* PRESEVAL.

		ESCOLARIDADE	
SEXO	IDADE	Nível baixo (a)	Nível alto (c)
FEMININO (F)	1 – De 20 a 34	1 (F1a)	1 (F1c)
	2 – De 35 a 54	1 (F2a)	1 (F2c)
	3 – Acima de 55	1 (F3a)	1 (F3c)
MASCULINO (M)	1 – De 20 a 34	1 (M1a)	1 (M1c)
	2 – De 35 a 54	1 (M2a)	1 (M2c)
	3 – Acima de 55	1 (M3a)	1 (M3c)

Fonte: Elaborada pelo próprio autor.

4.2.1.1 A entrevista

A entrevista é em um instrumento de obtenção de dados bastante utilizado na investigação social. Consiste em um diálogo interpessoal que ocorre de forma direta, isto é, cara a cara, entre entrevistador e entrevistado. O contato entre esses indivíduos pode ser estruturado mediante um formulário de perguntas com suas respectivas alternativas. Trata-se de um esquema ou estrutura metódica sequencialmente organizado denominado *entrevista estruturada* ou *formal*. Por outro lado, quando não há um esquema previamente elaborado como o mencionado e a relação dialógica acontece de maneira espontânea, concedendo maior liberdade ao entrevistador, temos uma *entrevista não estruturada* ou *informal* (Carrasco Díaz, 2005).

Há, ainda, a entrevista semiestruturada que, segundo Flick (2004), tem atraído o interesse de pesquisadores e é amplamente utilizada. Conforme o autor, o interesse nesse instrumento reside no fato de que é mais provável que os sujeitos entrevistados exponham seus pontos de vistas quando a entrevista é elaborada de forma relativamente aberta do que em uma entrevista estruturada ou um questionário.

No âmbito dos estudos variacionistas, essas técnicas de coleta são denominadas de *entrevista sociolinguística* e têm sido aprimoradas desde os trabalhos pioneiros de Labov, quem

a institui como o *locus* para o estudo sistemático da variação. Em outras palavras, é o meio através do qual o investigador consegue obter o vernáculo do falante, ou seja, a fala mais casual, considerado o lugar da variação (Görski; Valle, 2014a). Para Tavares (2003), esse tipo de entrevista está próximo da conversa espontânea e, portanto, consideramos aplicável ao estudo funcional das formas de tratamento em estudo.

Conforme Hoffnagel, Schneuwly e Dolz (2002; 1999 *apud* Valle e Görski, 2014, p. 94), os quais assumem a entrevista como um gênero comunicativo, independentemente de sua tipologia (entrevista jornalística, médica, de emprego etc.), essa técnica de interlocução apresenta algumas características em comum, a saber: a) é estruturada a partir de perguntas e respostas que possibilitam a interação entre dois ou mais indivíduos, o entrevistador e o(s) entrevistado(s); b) o entrevistador é o responsável pela condução de toda a entrevista, ou seja, a inicia e a termina, propõe os tópicos discursivos etc.; c) o papel do indivíduo consiste em responder e em fornecer as informações solicitadas; d) é um gênero predominantemente oral que pode ser transcrito e publicado. No entanto, Valle e Görski (2014) ressaltam que, apesar dessa técnica de coleta de dados possuir características bastante marcadas, há entrevistas que diferem muito entre si e podem não conter as características acima, comuns a esse gênero.

Em face das considerações aduzidas e tendo em vista que os objetivos do *corpus* PRESEVAL são, essencialmente, voltados para os fenômenos de variação sociolinguística, sua equipe de pesquisadores estabeleceu a entrevista semiestruturada (ou semidirigida) como técnica de coleta mais idônea. Assumindo, igualmente, a entrevista como um gênero do discurso oral, os pesquisadores acreditavam que esse recurso metodológico facilitaria também o surgimento de variáveis morfossintáticas, foco de especial interesse para eles, além das fônicas e das léxicas. De modo análogo, optou-se pela gravação individual e a entrevista foi conduzida de modo que aparecessem as sequências textuais narrativas, descritivas, expositivas, argumentativas e dialogais.

Nesta ocasião, é imperioso destacarmos que o formato da entrevista nesse *corpus*, pareceu-nos, também, o mais adequado para abordar, desde a perspectiva da oralidade, os usos das formas *tú* e *usted*. Coincidimos com Sampedro Mella (2015) ao optar por esse tipo de recurso metodológico por ser ele um gênero híbrido, possuindo características de uma conversa espontânea e de entrevista prototípica que viabiliza o aparecimento do vernáculo do falante. Ademais, somadas essas características ao modo de gravação individual, atende-se à proposta de Labov (Coelho *et al.*, 2015, p. 1) para tentar neutralizar o “paradoxo do observador”.

Sobre esse último, consiste em um paradoxo metodológico enfrentado pelo pesquisador quando da coleta de dados de língua falada. Tarallo (1985) afirma que, para proceder com uma análise, o pesquisador-observador precisa de uma enorme quantidade de dados, no entanto, como proceder com essa coleta sem que sua presença afete o comportamento do informante que será observado? O que o pesquisador deseja obter é a fala menos monitorada do indivíduo nas entrevistas, ou seja, o seu vernáculo. Porém, de acordo com Labov (1972), isso só é viável através de uma observação sistemática. Essa problemática é conhecida na literatura como “paradoxo do observador”, isto é, de um lado há a necessidade de o pesquisador interagir com o informante e, do outro, essa interação pode alterar a naturalidade da situação comunicativa. Desse modo, a entrevista sociolinguística é sequenciada em módulos temáticos e surge como uma ferramenta para que o pesquisador alcance seus objetivos, isto é, provoque narrativas de experiência pessoal no informante. Esses tipos de narrativas, segundo Tarallo (1985), provocam um alto envolvimento emocional do informante. Desse modo, o seu foco passa a ser não o *que* relata, mas *como* relata, e é esse tipo de situação que o pesquisador deseja alcançar.

Como mencionamos anteriormente, a amostra coletada pelo PRESEVAL possui, em sua totalidade, 72 entrevistas divididas igualmente nos três níveis que correspondem à escolaridade dos informantes: *El español hablado en Valencia. Materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto, 2001; II. Nivel sociocultural medio, 2005 e III. Nivel sociocultural bajo, 2007.*

A situação comunicativa foi estabelecida a partir de um estilo semiformal ou neutral. De acordo com Joss (1962 *apud* Gómez Molina, 2001), o registro semiformal corresponderia ao estilo que ele chama de “consultivo”. Dentro de uma escala de estilos estabelecida pelo autor (estilo íntimo, casual, consultivo, formal e congelado), o estilo consultivo seria o mais neutro e prototípico de situações comunicativas entre desconhecidos.

No *corpus* PRESEVAL, a interação ocorreu entre um entrevistador e um informante que não se conheciam. Em todas as entrevistas, o entrevistador foi um professor (ou professora) do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de Valência, residente na região metropolitana e que teve acesso aos informantes através de alunos³² que participaram como ouvintes passivos, na maior parte do tempo. Estes eram conhecidos ou familiares dos informantes e sua presença, no ambiente, surgiu como uma tentativa de diminuir a formalidade

³² Eram alunos que cursavam a disciplina de Sociolinguística espanhola ou estavam no programa de doutorado *La variación interlingüística en el español oral*, segundo Gómez Molina (2001).

do ambiente e certa intimidação potencial. As entrevistas tiveram uma duração média de 30 a 48 minutos.

Todo o processo da entrevista pode ser resumido nos seguintes passos:

- I. Uma vez estando no ambiente retroaduzido, inicia-se os cumprimentos entre os interlocutores, ação essa oportunizada pelos alunos que os apresentam. Posteriormente, o entrevistador informa, parcialmente, os objetivos da pesquisa e de como será desenvolvida a interação comunicativa. O objetivo final é que o entrevistado se sinta confortável e aja com naturalidade. Os alunos, por sua vez, tomam nota sobre características extralinguísticas (gestos, olhares etc.) que ajudem na posterior interpretação dos dados. Terminada essa etapa, completa-se a ficha técnica e realizam-se os procedimentos que garantem o anonimato do informante.
- II. Em seguida, inicia-se a gravação conversando sobre os módulos narrativos, cuja temática gira em torno de infância, escola, primeira comunhão, jogos, festas daquela época, serviço militar, férias passadas, como conheceu o(a) companheiro(a) etc., que duram entre 10 e 15 minutos. Essa fase é seguida por uma série de temas que visam a oportunizar a aparição do texto expositivo, a saber: a profissão, hobbies, tempo livre, avaliação e história da cidade, tradições e costumes, organização de uma festa familiar, receitas de cozinha etc. Igualmente, combinam-se a esses temas outra série de núcleos temáticos que possibilitem a argumentação. São eles: problemas sociais atuais, conflitos geracionais, vantagens e inconvenientes do serviço militar, problemas da juventude atual, massificação universitária, imigração, persuasão aos filhos sobre drogas, cigarro e bebidas, segurança, insegurança cidadã. O entrevistador deve levar em consideração que as sequências expositivas sejam desenvolvidas entre oito e dez minutos e as argumentativas entre cinco e dez minutos. As sequências descritivas seguem, entre cinco e dez minutos, com temas do tipo: casa, bairro, domicílio anterior, lugar de veraneio, reformas na moradia. Cumpre ressaltar que esses blocos temáticos não precisam, necessariamente, apresentar-se de forma compartimentada e seguir essa ordem em todas as interações. No entanto, ressalta-se que é conveniente começar a entrevista por “histórias de vida” a fim de reduzir o nervosismo e tensões iniciais. Finalmente, inicia-se um

diálogo entre os interlocutores, também entre cinco e dez minutos, sobre temas reais e hipotéticos: viagens, loteria, aposentadoria, visão de futuro etc.

- III. Uma vez terminada a gravação, o entrevistador agradece ao informante pela participação e pode-se continuar a conversa entre entrevistador, informante e alunos com comentários sobre o desenvolvimento da gravação ou comentários de outra índole.

No tocante à transcrição dos dados, essa foi realizada através da transliteração ortográfica com certas representações: pausas, autocorreções, ênfases, estilo direto etc., utilizando o processador de texto *Microsoft® Word*. Os alunos que participaram das entrevistas realizaram a primeira transcrição e, posteriormente, todas elas passaram por várias revisões feitas por diferentes pesquisadores com o objetivo de corrigir erros de transcrição. No total, o *corpus* referente ao nível alto passou por três revisões e os níveis médio e baixo por duas. Os códigos fundamentais utilizados foram os seguintes:

:	Troca de falante.
A:	Intervenção de um falante identificado como A.
-	Correções, vacilações, palavras cortadas.
[	Lugar no qual se inicia um solapamento ou superposição.
]	Final de fala simultânea.
/	Pausa curta inferior a meio segundo.
//	Pausa entre meio segundo e um segundo.
///	Pausa de um segundo ou mais.
(3")	Silêncio (lapso ou intervalo); indica-se o número de segundos nas pausas superiores a um segundo.
Juan, Sagunto	Os nomes próprios, apelidos, siglas e marcas, exceto as convertidas em marcas lexicalizadas, aparecem com a letra inicial maiúscula.
REINA	Pronúncia marcada ou enfática (palavra ou sílaba).

((logo))	Transcrição duvidosa.
(())	Fragmento indecifrável.
cansa(d)o	Reconstrução ou recuperação de uma unidade léxica que foi pronunciada incompleta.
(estalo) (risos)	Anotações que aparecem à margem dos enunciados e se consideram sons significativos para a interpretação do texto. No caso dos risos, acompanham o que foi dito, transcreve-se o enunciado e, em nota de rodapé, indica-se “entre risos”.
Aa	Alargamento vocálico
Nn	Alargamento consonântico.
...	Suspensão voluntária.
mm, ee	Elementos paralinguísticos.
¡!	Exclamação ou admiração
¿?	Interrogações. Também para os apêndices: ¿no?, ¿eh?, ¿verdade?
<i>letra cursiva</i>	Reprodução e imitação de emissões: estilo direto, citação textual etc.
nota de rodapé	Anotações pragmalinguísticas que oferecem informações sobre as circunstâncias da enunciação ou acrescentam informações necessárias para a correta interpretação: gestos, tradução de fragmentos em valenciano, correspondência em língua estrangeira da palavra transcrita, localização dos topônimos, siglas etc.

A fim de garantir o anonimato dos falantes, nomes e lugares que possibilitassem a sua identificação foram substituídos por outros. Ademais, cada entrevista é acompanhada de um código do informante, como este VAL00132MC96, que sintetiza as seguintes informações: “VAL” refere-se à cidade de Valência; “001” é o número de ordem do informante na amostra; “3” indica qual o seu grau de escolaridade (1: baixo, 2: médio, 3: alto); “2” sinaliza a faixa etária (1: 20 a 34, 2: 35 a 54 e 3: acima de 55); “M” marca o sexo do informante (H: homem e M: mulher); “C” refere-se à língua habitual (B: bilíngue passivo e C: castelhano-falante) e “96”

ano de coleta do material. Um código também é atribuído ao entrevistador, por exemplo, 32HB, em que o número “32” refere-se a sua idade; “H” ao sexo e “B”, a língua habitual. Cabe ressaltar que, em geral, os erros gramaticais (morfossintáticos, fônicos e léxicos) não aparecem marcados.

4.2.1.2 Método de contagem dos dados

Dado o caráter qualitativo desta pesquisa, conforme evidenciamos anteriormente, não submeteremos os nossos dados a análises estatísticas viabilizadas por *softwares* amplamente conhecidos em pesquisas linguísticas que lidam, por exemplo, com dados de variação e análises multivariadas. No entanto, ao realizarmos quantificação dos dados, a fim de garantirmos maior precisão e minimizarmos possíveis erros, recorreremos ao *software* ATLAS/ti, uma ferramenta que oferece suporte à interpretação de textos em pesquisas qualitativas. Além disso, tendo em vista que palavras que são frequentemente usadas tendem a sofrer mudança mais rapidamente do que as palavras menos frequentes (Bybee, 2015), o percentual de frequência dos pronomes em estudo será fundamental para embasar as análises conduzidas.

O programa ATLAS/ti foi desenvolvido em 1989 por Thomas Muhr, na Technical University of Berlin, Alemanha. Trata-se de um recurso metodológico amplamente utilizado em diversas pesquisas qualitativas devido a sua facilidade de manuseio e a possibilidade de se trabalhar com um volume grande de textos, incluindo entrevista, relatórios, textos jornalísticos, literários e outros. Ademais, o programa também suporta a análise de imagens, áudios, vídeos, dentre outras possibilidades. Segundo Muhr (1991), o objetivo do software é auxiliar a interpretação humana, em especial o manuseio de estruturas informacionais complexas.

Embora o programa ofereça uma gama de ferramentas, Muhr (1991), seu idealizador, explica que há algumas limitações. Por exemplo, não são incluídos métodos estatísticos quantitativos ou métodos quantitativos de análise de conteúdo. Os aspectos quantitativos presentes são usados apenas para organizar e exibir diferentes tipos de informações de modo mais eficaz. O autor sugere que, para análises quantitativas mais elaboradas, os dados podem ser exportados para serem submetidos a outros *softwares* mais apropriados para essa finalidade.

Conforme se pode perceber, o ATLAS/ti (Muhr, 1991) é uma importante ferramenta que contribui para a organização da amostra pelo pesquisador. As categorizações e as interpretações resultantes são de responsabilidade deste, uma vez que o objetivo do programa é auxiliar na relação entre a expertise humana e o tratamento dos dados. Desse modo, após a

seleção e a cuidadosa verificação das ocorrências das formas em questão, submetemos as entrevistas elencadas foram ao programa, categorizamos os dados e, posteriormente, obtivemos o número total de aplicação desses pronomes e sua frequência de uso.

4.3 Dados desconsiderados

Na fase de coleta dos dados, realizamos uma verificação minuciosa dos contextos em que as formas de tratamento *tú* e *usted* ocorrem, com o objetivo de identificarmos e removermos quaisquer dados que pudessem afetar negativamente a análise empreendida. Sendo assim, relacionamos abaixo os casos específicos desconsiderados, seguidos de respectivos exemplos:

(a) As formas de tratamento *tú* e *usted* e respectivos paradigmas pronominais em ocorrência na fala do entrevistador, uma vez que o nosso objetivo é analisar a fala do entrevistado e, além disso, supomos que a fala do entrevistador seja mais monitorada.

(3) I: muy bien// ¿**tú** has hecho el servicio militar o no? (Entrevista 02 – VAL00232HC96)

(4) I: ¿yy **usted** piensa que eso e un problema/ de cultura/ nuestro?/ (Entrevista 22 – VAL02232MB00)

b) Registro de pronomes repetidos contíguos, acompanhados de um único e mesmo verbo.

(5) I: **tee- te** llamaba la atención yy- y te hacía poner la mano para- pa(ra) pegarte con la vara (risas)// (Entrevista 02 - VAL00231HC96)

c) Ocorrências de pronomes empregados de forma isolada, sem a presença de um verbo de que pudessem ser sujeitos.

(6) I: TODAS LAS MUJERES SON MUY ESPABILADAS Y TODAS INTUYEN// yy- pero nada/ hay que insistir en que *no se preocupe que/ **usted** de- de momento* como mucho le puedo decir *si ee hemos visto un nódulo/ pero no tiene que ser maligno/* (Entrevista 22 – VAL02232MB00)

d) Ocorrências que nos geraram dúvida quanto à referência utilizada. Por exemplo, o excerto abaixo foi extraído de uma entrevista em que a informante alterna o uso entre *tú* e *usted* em determinado momento.

- (7) I: prefiero la ciudad/// bueno con sus- con sus pegas ¿no?/ porque/ **tiene** muchas cosas/ **tú** tien- tiene muchas cosas más que el pueblo/ el pueblo tiene tranquilidad/ no tienes agobio/ (Entrevista 14 - VAL01431MC99)

No início da entrevista, o tratamento entre o entrevistador e a entrevistada é, respectivamente, *tú* e *usted*. No entanto, durante a metade da entrevista, ocorre uma mudança para um uso simétrico solidário baseado no *tú*. Como se sabe, o uso impessoal ou generalizado dessas formas de tratamento é bastante comum em espanhol. Nesse caso específico, quando a informante diz *tiene muchas cosas*, ela poderia ter feito um uso generalizado de *usted* e dito *usted tiene muchas cosas (en la ciudad)*, embora a literatura evidencie que esse recurso é significativamente mais comum com a forma *tú*. Em espanhol, nem sempre o sujeito vem expresso na frase, portanto não podemos afirmá-lo com segurança. Posteriormente, quando ela diz *tú tien-*, parece-nos novamente uma tentativa da informante de estender a referência a qualquer pessoa que viva na cidade, mas agora através da forma *tú*, como o faz posteriormente em *no tienes agobio*. Uma última alternativa, e a que nos parece mais correta, é que ela esteja se referindo à própria cidade, dizendo *la ciudad tiene muchas cosas más que el pueblo*. No entanto, como esses dados nos geraram dúvidas, optamos por descartá-los nesse contexto.

e) Ocorrências em falas reportadas de terceiros cujas origens diferem da valenciana.

- (8) I: yo cojo mucha gente en el taxi/ sobre todo colombianos y ecuatorianos// esa gente bien// ara/ los rumanos y todos esos/ esos no quieren- esos no quieren trabajar// esos na(da) más qu(e) hacen que pedir// peDIR yy- y vender la Farola y todo eso/// pero la gentee- la gente esta de Ecuador y todo eso/ yo veo que es gente muy humilde// y la veo- los veo- (chasquido)/ culturalmente los veo muy- ¡yo que sé!/ que- que son muy educados// te hablan de usted ¿cómo **dice**/ señor?// ¿sí/ señor?// ¿cómo **dice**/ señor?// y los colombianos también/ en general

f) Os marcadores discursivos gramaticalizados da forma imperativa do verbo *mirar* e *oir*, em suas formas *mira*, *mire*, *oiga*, *oye*. Segundo Serrano (2006), esses marcadores tendem

a aparecer ao início de uma conversa ou frase e assumem a função de um vocativo enfático através do qual o falante tenciona fixar a atenção comunicativa sobre o ouvinte. A essa lista, incluímos outros marcadores conversacionais como: *fíjate*, *fíjese* e *ves*.

- (9) I: Y después nos íbamos a pasear/ sobre todo en época de juventud/ quince/ dieciséis/ diecisiete/ y aa- aa buscar a ver aquel chico de allá/ aquel que ha venido ¡*mira!* ¿*qué tal?* (Entrevista 10 – VAL01033MB98)
- (10) I: las mujeres casi que intuyen/ cuando les llamas y dices/ *mire que soy Rosa/ que le llamo del centro de diagnóstico [...]* si lo consultan con el marido diime llaman para de- *oiga* ¿*puedo ir hablar con la doctora?*/ *pues sí puede venir a hablar con la doctora*/ (Entrevista 22 - VAL02232MB00)
- (11) I: *oye* que no he dispuesto una tarde completo/ ¿*qué me ha pasa(d)o a mí?*/ (Entrevista 10 – VAL01033MB98)
- (12) I: porque además es muy cariñoso/ se hace de querer// YO lo quiero mucho/ yo si- si mi hija no se casa con él/ me voy a casar yo// *fíjate* si lo quiero
- (13) I: mi padre a veces de cachondeo siempre dice ¡*bah!* *pues si se muere tu madre antes/ me voy a buscar otra/* y yo digo *a mí búsquese la que quiera/ a mí no me la traiga*// ahí ya lo llevaría yo mal por parte de los dos ¿*ves?* (Entrevista 11 - VAL01112MC02)

Na sequência, detalharemos os aspectos linguísticos selecionados para esta pesquisa, bem como os níveis e categorias de análise em consideração.

4.4 Procedimentos de análise

4.4.1 Formas linguísticas

Segundo Carrasco Díaz (2005), a variável dependente é aquela sobre a qual recai a influência, o efeito ou que é explicada a partir das flutuações das variáveis independentes. Fachin (2006, p. 77) esclarece que essa variável exerce sempre ação condicionada, “é a que está em estudo para ser descoberta, e geralmente são valores quantitativos a serem explicados.”. Desse modo, o fenômeno em análise com o qual trabalhamos é a expressão pronominal de segunda pessoa no espanhol peninsular de Valência. Esse fenômeno apresenta como formas

que competem para expressar o mesmo valor referencial/representacional, por um lado, a forma *tú*, que, segundo pesquisas resenhadas posteriormente, tem ganhado campo em situações comunicativas prototípicas de uso de *usted*. É, portanto, considerada como a forma inovadora, menos marcada. Por outro lado, o pronome *usted* é a forma padrão em situações de mais formalidade e mais marcada:

a) *tú* (explícito/implícito)

b) *usted* (explícito/implícito)

A análise das formas *tú/usted* foi realizada considerando as ocorrências *explícitas* e *implícitas* (estas representadas nos trechos selecionados pelo símbolo Ø) desses pronomes. Naquelas, a forma pronominal aparece acompanhada de uma forma verbal, como podemos observar nos exemplos (14 e 16). Por outro lado, consideraremos os trechos de fala em que não aparecem explicitamente essas formas, mas elas estão marcadas através de seus paradigmas verbais conforme exemplos (15 e 17). Vale ressaltar que adotamos essa perspectiva em virtude de, segundo Matte Bon (2008), diferentemente de outras línguas, o pronome sujeito, em língua espanhola, nem sempre vir explícito no contexto. Esse gramático esclarece que o verbo já carrega as marcas pessoais, inclusive na língua falada, e é categórico ao afirmar que, “em espanhol, o pronome sujeito aparece somente quando, ao falante, parece-lhe indispensável para a correta compreensão de suas intenções comunicativas”³³ (Matte Bon, 2008, p. 249, tradução nossa).

(14) I: luego le llamé aparte y le dije *oye ¿tú no sabes leer de verdad?* y me dijo en voz alta *no!!!* (Entrevista 18 – VAL01831MC99).

(15) I: ¿por qué?/ porque pues Ø ayudas a gente/ ee no sé/ Ø colaboras/ con la sociedad ¿no?/ yo me he ido a campamentos (Entrevista 18 – VAL01831MC99).

(16) I: TODAS LAS MUJERES SON MUY ESPABILADAS Y TODAS INTUYEN// yy- pero nada/ hay que insistir en que *no se preocupe/ usted de- de momento* como mucho le puedo decir *si ee hemos visto un nódulo/* (Entrevista 22 – VAL02232MB00).

³³ “en español, el pronombre sujeto aparece solo cuando al hablante le parece indispensable para la correcta comprensión de sus intenciones comunicativas.” (Matte Bon, 2008, p. 249).

(17) I: *Pues sí Ø puede venir a hablar con la doctora/ pero a lo mejor la mujer ee// le dices/ Ø esté tranquila/* (Entrevista 22 – VAL02232MB00).

Cumprido o detalhamento das formas linguísticas em foco, passamos agora à descrição pormenorizada dos níveis e categorias de análise que guiaram nossa investigação e foram examinados à luz dos princípios funcionalistas descritos anteriormente.

4.4.2 Níveis de análise

Conforme mencionado, as variáveis independentes constituem o elemento controlado na pesquisa, uma vez que se parte da hipótese de que ela possa influenciar ou condicionar a variável dependente, ainda que nem sempre essa relação se confirme empiricamente. De acordo com Carrasco Díaz (2005), são elas que causam efeito sobre as variáveis dependentes e permitem explicá-las. Fachin (2006, p. 76) assevera que “a variável independente tem uma função centralizadora, pois a partir dela são efetuadas as diferentes operações que conduzem às análises e interpretações das demais variáveis.”.

Como temos afirmado, a língua não é um produto acabado, mas encontra-se em constante transformação, adaptando-se continuamente para satisfazer as demandas comunicativas dos seus usuários. Como falantes, constantemente fazemos escolhas linguísticas motivadas por diversos fatores que surgem da pressão do uso. Assim, uma vez que a variabilidade linguística de que dispomos depende do ato comunicativo, essas escolhas estão estreitamente vinculadas a aspectos semânticos, sintáticos, pragmáticos e discursivos.

Conforme Givón (1979b), a estrutura linguística não pode ser estudada, descrita, compreendida ou explicada devidamente sem se levar em consideração a função comunicativa. Desse modo, considerando que o aspecto discursivo está na base da relação entre forma e função, a incorporação desse componente é imprescindível para compreendermos a funcionalidade dos elementos linguísticos que estamos investigando. Portanto, a fim de alcançarmos os objetivos propostos nesta pesquisa, elencamos distintos níveis e categorias de análise a partir dos quais mapeamos as funções comunicativas subjacentes aos usos das formas de tratamento *tú* e *usted* na variedade do espanhol falado em Valência.

Vale ressaltar que a decisão de abordar diferentes níveis linguísticos na análise foi mediada pelas seguintes questões, que se relacionam: i) a complexidade do nosso objeto de estudo, que é amplamente confirmada pela literatura especializada na temática; ii) a inter-relação entre os diferentes níveis gramaticais, o que nos possibilita uma compreensão mais

abrangente do fenômeno linguístico em questão. Posto isso, passemos à descrição dos níveis e das categorias:

4.4.2.1 *Nível sintático-discursivo*

Conforme evidenciamos, do ponto de vista funcionalista, a sintaxe não é considerada um nível de organização gramatical autônomo. Para Givón (1979b), ela é uma entidade dependente, motivada por fatores funcionais e suas propriedades formais refletem, em sua maior parte, os parâmetros explicativos que motivam a sua existência. Desse modo, a estrutura gramatical não apenas se relaciona com a estrutura do discurso como também é explicada por esta (Givón, 1984). Nesse sentido, se consideramos o caráter teleológico da língua como a principal motivação para as regularidades gramaticais, é fulcral o acionamento do discurso no estudo da gramática (Ochs; Schegloff; Thompson, 1996).

A análise de fatores sintáticos tem sido bastante produtiva nos estudos de base funcionalista, bem como na Sociolinguística. Nesta perspectiva, por exemplo, Serrano (2009) empreende uma revisão bastante ampla de estudos que se dedicam à variação sintática em espanhol, asseverando que “muito se tem escrito, muito se tem debatido e o número de trabalhos tem se multiplicado”³⁴ (*Ibid.* p. 164, tradução nossa).

No que diz respeito à denominação “variação sintática”, a autora argumenta de forma contundente que não é mais possível a utilização desse rótulo a tudo o que foi estudado até agora e ao que está sendo estudado. Na visão de Serrano (2009), a variação sintática não se restringe somente aos aspectos sintáticos, mas se relaciona estreitamente com os aspectos semânticos, discursivos, pragmáticos e comunicativos.

Sendo assim, a pesquisadora sugere a seguinte reclassificação para variação sintática: a) a variação que poderia ser *exclusivamente* sintática, mas adverte que dificilmente o seria; b) a *variação sintático-discursiva*; c) a *variação sintático-discursivo-pragmática* e d) *variação discursivo-pragmática*. À luz das considerações aduzidas, embora não trabalhem com a perspectiva de análise sociolinguística, reconhecemos que ainda lidamos com um fenômeno variável. Portanto, acolhemos as contribuições da autora ao delinear nossas variáveis de estudo.

a) Função sintática

³⁴ “Se ha escrito mucho, se ha debatido otro tanto y se han multiplicado los trabajos.” (Serrano, 2009, p. 164).

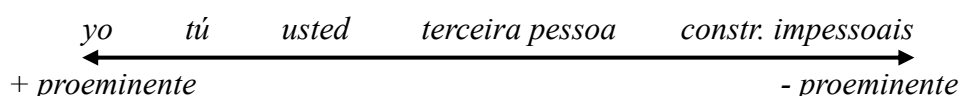
Segundo Serrano (2018), a abordagem da função sintática da segunda pessoa do singular pode fornecer informações valiosas sobre o comportamento discursivo das formas de tratamento em espanhol. De fato, apesar da aparente escassez de estudos correlacionando esse fator aos pronomes de tratamento em espanhol — com exceção do trabalho da autora supracitada —, a função sintática tem se mostrado bastante relevante em análises realizadas com os pronomes alocutivos no português brasileiro (Cf. Modesto, 2006, Mota, 2008; Andrade, 2010; Guimarães, 2014; Divino, 2020).

Para Serrano (2018), a depender da função sintática assumida pelas formas de tratamento, seja como sujeito ou objeto, o seu uso não se relaciona apenas com uma questão de tratamento ou de cortesia baseada em convenções sociais. A alternância e a forma que esses pronomes assumem no discurso estão principalmente relacionadas a questões linguísticas, mais especificamente de natureza cognitiva. Assim, os diferentes usos das formas de tratamento podem ser explicados através do princípio de proeminência proposto por Langacker (2008), o qual está relacionado ao grau de acessibilidade ou de relevância que uma unidade assume no discurso (Serrano, 2018).

Podemos considerar, portanto, que uma unidade linguística é proeminente quando está ativada no discurso durante a interação, sendo facilmente recuperada por meio de outros elementos discursivos. Dito de outra forma, se o referente indexado pela unidade não precisa ser mencionado explicitamente em um momento específico da interação, isso ocorre porque ele pode ser inferido através de outras unidades discursivo-pragmáticas pelo falante ou pelo ouvinte (Serrano, 2018).

No que tange às diferentes pessoas gramaticais, Serrano (2018) explica que a proeminência ocorre de forma gradual. No extremo de um *continuum* de proeminência, a primeira pessoa do singular é caracterizada pelo aspecto [+ proeminente], tendo em vista que a coincidência entre a pessoa e o referente se realiza de forma completa. Em outras palavras, a correspondência entre a pessoa que fala e o referente mencionado é direta. À medida que avançamos em direção a construções impessoais, a proeminência vai diminuindo gradualmente. Observemos a figura abaixo:

Figura 4 – *Continuum* de proeminência das pessoas gramaticais



Fonte: Adaptado de Serrano (2018).

Conforme podemos observar, a primeira e a segunda pessoa possuem maior proeminência em comparação com a terceira pessoa, pois indexam os participantes diretamente na interação linguística. No entanto, a forma *usted* é menos proeminente, como sugere Serrano (2018), devido as suas origens mais próximas da terceira pessoa. Além disso, a autora explica que os diferentes níveis de proeminência e referência de cada forma também estão relacionados a uma diferença na identificação ou indexação dos referentes. Desse modo, o paradigma da forma *tú* possibilita uma identificação mais fácil desses referentes em comparação ao paradigma da forma *usted*. Assim, a forma de construir um referente na cognição subjaz a escolha por uma forma ou outra. Portanto, ao utilizar a forma *tú*, o falante constrói seu referente como mais proeminente, isto é, mais acessível, perceptível e identificável, do que se escolhesse a forma *usted* (Serrano, 2018). Embora aquela forma se apresente como mais proeminente, isso não implica que seja mais marcada; pelo contrário, a maior proeminência está associada a menor carga de marcação.

Sendo assim, adotamos a perspectiva de análise baseada na proeminência cognitiva conduzida por Serrano (2018) para examinar os significados discursivos-cognitivos codificados pelas formas de tratamento utilizadas pelos indivíduos valencianos, considerando a função sintática que assumem na comunicação. Para isso, adaptamos a categorização desenhada por Divino (2020), dividindo as ocorrências das formas em duas funções: sujeito (sujeito pronominal), representada pelas formas *tú* e *usted*, e não sujeito (objeto de pessoa), que incluem as formas *te/a ti, le, lo, la/ a usted*³⁵. Baseado no que expusemos, acreditamos que as formas *tú* e *usted* são mais proeminentes do que suas formas em função de objeto. Por outro lado, hipotetizamos que as formas do paradigma *tú* em função de objeto estabelecem uma referência mais clara e direta do que as formas do paradigma *usted* de mesma função. A seguir, ilustramos os fatores que compõem o condicionante em questão:

— *sujeito (sujeito pronominal)*

(18) I: ¡huy! me lo pasaba pipa// pipa// me acordaba ¡uff!// claro dicen que no/ pero **tú** te- tomabas la comunión por los regalos/ (Entrevista 1 – VAL00132MC96)

(19) I: y me dice *pero si sigue **usted** recto/ y pasa la plumaa// nada más pasar la pluma hay una casa y allí hay un señor que le dejará hablar- llamar por teléfono/*

³⁵ e outras formas com distintas preposições.

y yo dije *¡ah! vale/ vale muy bien//* no sabía lo que era la plumaa/ no sabía lo que era funicular/ o sea yo no sabía nada// (Entrevista 1 – VAL00132MC96)

— *não sujeito (objeto de pessoa)*

(20) I: pero yo pienso que hay partes de la Filosofía que es bueno utilizar muchísimo ¿eh?// y bueno la Ética yaa/ no **te** quiero ni contar// (Entrevista 1 - VAL00132MC96)

(21) I : yo estoy ahora de fines de semana porque entre semana no puedo trabajar porque estoy estudiando/// y no/ nunca hay nada que te- a no ser que sea en un bar o un restaurante cosas así// las tiendas de normal no te dicen/ *pues vente el sábado/ vente el viernes por la tarde/ y el sábado por la mañana y por la tarde/* y ya está/ *y los días de fiesta/* nadie te dice eso/ porque/ no le sale rentable ni a ellos ni **a ti** (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

(22) I: ee/ pues mira/ mi casa es tipo apartamento// tiene tres dormitorios/ bastante cuadraditos/// tiene un pasillo MUY chiquitín// vamos yo **le** digo que es una caja de cerillas/// (Entrevista 4 - VAL00412MC01)

(23) I: pues nada/ gracias **a usted** (Entrevista 13 - VAL01313MC03)

4.4.2.2 *Nível pragmático-discursivo*

Temos visto que o Funcionalismo Linguístico parte de uma concepção de gramática como uma entidade dinâmica e viva. Suas estruturas evoluem organicamente e se adaptam para atender às demandas das interações entre os seus usuários. Em outras palavras, o sistema é moldado pelas pressões do uso. Segundo Martelotta, Votre e Cezário (1996), essas pressões estão ligadas a uma variedade de interesses e necessidades discursivas e pragmáticas essenciais. Esse entendimento também foi previamente anunciado por Givón (1979b) ao afirmar que os aspectos pragmáticos do discurso têm impacto determinante na explicação da sintaxe da linguagem.

Visto que o discurso serve de fundação para a gramática, o componente pragmático está na base de qualquer teoria funcionalista. Para Neves (2017), ele é “o componente acionador do fazer da linguagem”, “o componente da atuação linguística em si”. Nessa perspectiva, entendemos que é basilar a consideração de aspectos pragmáticos para uma compreensão mais

adequada da complexa dinâmica que afeta o modo como o falante usa a língua para se comunicar, especialmente no contexto do tratamento.

Como mencionamos anteriormente, é amplamente reconhecido que as formas e fórmulas de tratamento constituem uma questão primordial para muitos linguistas hispanófonos, sendo objeto de interesse central em suas pesquisas e análise. No entanto, conforme vimos afirmando, é um fato que essas pesquisas abordam majoritariamente variáveis sociais estáveis e pouco se concentram em fatores mais dinâmicos e contextuais do uso da linguagem, que são áreas de interesse para a Pragmática (Moyna; Blas Arroyo, 2021).

Com efeito, considerando a profusão de trabalhos na área do tratamento, poucas investigações foram conduzidas sobre as características pragmático-discursivas, levando em considerações essas formas alocutivas. Possivelmente, esse aspecto seja mais um reflexo da falta de progresso na análise variacionista do discurso, ao que Pichler (2010) atribui como causa a heterogeneidade metodológica e analítica do campo. Conforme a autora, as propriedades pragmático-discursivas só passam a receber interesse acadêmico na década de 1980, quando os estudiosos reconhecem cada vez mais que elas possuem significado social, desempenham funções vitais na interação social e são componentes essenciais da estrutura frasal da língua.

Dessa forma, acreditando na interconexão e interdependência entre o tratamento e a Pragmática, consideramos esse nível de análise com vistas a elucidações mais precisas e contextualizadas sobre como e por que os falantes valencianos realizam essas escolhas linguísticas em diferentes situações. Adotamos a perspectiva de Moyna e Blas Arroyo (2021) ao afirmarem que a relação entre o tratamento e a Pragmática é bidirecional, isto é, o primeiro constitui uma importante ferramenta explicativa para a Pragmática e, esta, por sua vez, pode ser usada para explicar os usos e variações nas formas de tratamento.

Tendo em vista a complexa variabilidade do discurso e, portanto, a ampla gama de funções em contextos diferentes de uso, a identificação das diversas funções pragmático-discursivas desempenhadas pelas formas de tratamento em análise não constitui um objetivo da presente pesquisa. Dado o extenso leque de possibilidades existentes, torna-se inviável a cobertura exaustiva de todas elas. Considerando que essas funções não são um denominador estável, mas sim contingenciadas pelo contexto (Pichler, 2010), selecionamos um conjunto de fatores com base nas funções que desempenham nos dados sob análise. Estas foram: uso dêitico e quatro funções dêíticas não prototípicas. São elas: *generalização*, *generalização focalizada*, *desfocalização* e *encobrimento do eu*.

É essencial salientar que essa perspectiva de análise surge como um desdobramento de nosso trabalho anterior (Lima, 2018), no qual estabelecemos o processo de referenciação como uma variável de controle. Como é amplamente reconhecido, esse processo implica “escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.” (Koch, 2015 [2004], p. 67). Dessa forma, os falantes empregam formas pronominais de maneira estratégica para estabelecer uma relação com os seus interlocutores. Dito de outra maneira, em espanhol, a referenciação pode construir-se através do uso de formas pronominais, um fenômeno conhecido na literatura como *pronominalização*.

Em Lima (2018), essa variável linguística foi categorizada em termos de referente determinado e indeterminado. Na primeira categoria, a referência é facilmente recuperada, tendo em vista que o informante se dirige diretamente ao seu interlocutor, por exemplo, o entrevistador. Por outro lado, na segunda categoria, a referência é estabelecida de forma mais ampla, sem um referente específico identificável. Após o tratamento estatístico realizado através do *software* GoldVarb (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), dos nove grupos de fatores selecionados como possíveis condicionadores da variação entre as formas *tú* e *usted*, a variável *tipo de referente* apareceu em primeiro na ordem de significância estabelecida pelo referido programa.

Considerando a regra de aplicação utilizada, a forma *tú* teve uso bastante expressivo com referência indeterminada, representando 98.6% das ocorrências e peso relativo de (0.740). Por outro lado, o peso relativo de (0.111) indicou que esse pronome não é favorecido quando o referente é determinado. Esses resultados corroboraram nossas expectativas iniciais, já que esperávamos que a supracitada forma fosse predominantemente usada em contextos de indeterminação, em contraste com a variante *usted*, que seria mais utilizada com referente determinado. Além disso, ao cruzarmos essa variável com as variáveis sociais gênero, sexo e escolaridade, observamos que *tú* foi predominante em todos os contextos, apresentando uma frequência de uso mais elevada quando o referente era indeterminado.

Naquela ocasião, devido ao escopo da pesquisa, não nos foi possível analisar minuciosamente os diversos usos subjacentes ao processo de referenciação por parte dos falantes valencianos. Portanto, tendo em vista a valiosa contribuição desse estudo para a compreensão sociolinguística do comportamento dessas formas na comunidade de fala em questão, bem como os resultados surpreendentemente intrigantes sobre a atuação desses pronomes diante de contextos de determinação e indeterminação, sentimo-nos compelidos a

adotar uma abordagem mais pragmática para examinar essas ocorrências e investigar as diferentes funções que estão por trás desses usos.

Soma-se a isso o fato de ainda haver poucas pesquisas sobre como a segunda pessoa do singular é usada de forma genérica e não específica, como aponta Bidot Martínez (2008). Portanto, nosso objetivo é obter *insights* mais precisos sobre o funcionamento desses pronomes e entender como a construção do referente influencia a escolha de *tú* e *usted*.

Conforme adiantando na nossa seção introdutória, hipotetizamos que os pronomes de segunda pessoa em análise são utilizados de maneiras distintas em contextos interativos específicos. As funções anteriormente citadas revelam padrões de uso e variações pragmáticas diferentes, refletindo a complexidade dessas interações. Sugerimos também que o pronome *tú* seja mais prevalente nessas funções, evidenciando uma tendência de uso respaldada por vários estudos anteriores, conforme apreciado no segundo capítulo desta pesquisa. Na sequência, delineamos cada uma das funções acima mencionadas.

a) Uso dêitico

O termo *dêixis* tem origem na palavra grega que significa apontar ou indicar e reflete a forma como os elementos presentes no contexto enunciativo são ativados semanticamente na estrutura linguística. Dito de outra maneira, quando a fala é posta em prática, ela ocorre em um lugar específico, em um tempo determinado e com pessoas específicas. Desse modo, a dêixis diz respeito aos recursos que os falantes mobilizam para conectar a expressão ao contexto de espaço, tempo e participantes envolvidos em um evento de fala. Para Fonseca (1996, p. 437), “a dêixis constitui o modo como está gramaticalizada a inseparabilidade entre a linguagem e o contexto”.

Nesse sentido, uma série de propriedades gramaticais podem ser acionadas para cumprir a tarefa mencionada anteriormente, isto é, contextualizar a linguagem e adaptá-la à situação comunicativa, considerando os aspectos supra. Entre esses indicadores, incluem-se, por exemplo, os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, os pronomes demonstrativos e os advérbios de tempo e lugar. No evento de fala, a correta interpretação desses elementos está condicionada pelo conhecimento compartilhado entre os interactantes.

Tradicionalmente, as categorias dêiticas são as de pessoa, lugar e tempo. Segundo Levinson (2007), a dêixis de pessoa envolve os participantes de uma determinada situação comunicativa. A primeira pessoa (eu) aponta para aquele que diz, isto é, indica a autorreferência; a segunda pessoa (tu) refere-se ao destinatário da enunciação; e a terceira pessoa (ele, ela), engloba aqueles que não são nem o enunciador nem o enunciatário. A dêixis

de lugar refere-se à localização dos participantes do evento de fala e é codificada por traços gramaticais, como os demonstrativos “este”/“aquele” e os advérbios de lugar “aqui”/“lá”. Já a dêixis de tempo codifica o momento da enunciação, manifestando-se em indicadores dêíticos como os advérbios “então” e “agora”, assim como nos tempos verbais.

Além dessas classificações, Levinson (2007) menciona ainda a dêixis textual ou discursiva, que remete a partes do discurso no momento da enunciação, utilizando, por exemplo, demonstrativos neutros como “isso”; e a dêixis social. Esta última codifica a relação social entre os actantes da interação, evidenciando o grau hierárquico e o status social entre locutor e interlocutor. De acordo com o supracitado autor, essas distinções podem ser codificadas através das “escolhas dos pronomes, das formas de interpelação ou vocativos e expressões de tratamento.” (Levinson, 2007, p. 22).

Convencionalmente, a dêixis social é frequentemente entendida como um subtipo das categorias dêíticas prototípicas, em especial a de pessoa (Cf. Cavalcante, 2000; Levinson, 2007; Martins, 2019). Entretanto, Ciulla e Martins (2017) discordam dessa classificação e argumentam que a maneira como as formas dêíticas sociais funcionam na língua diverge da função desempenhada pela dêixis de pessoa. Para Martins (2019), a caracterização de um tipo ou outro de dêixis é determinada pelo contexto e não apenas pelo uso da forma em si. O emprego de um pronome, por exemplo, pode ter motivações que vão além de simplesmente marcar o destinatário no processo de enunciação.

À luz do exposto, embora as formas de tratamento sejam elementos gramaticais da dêixis pessoal, mais do que sinalizar os participantes no contexto da enunciação, elas descrevem o tipo de relação interpessoal entre os envolvidos. De acordo com Félix-Brasdefer (2019), em espanhol, o acionamento de um elemento dêítico dessa natureza depende de fatores contextuais, como por exemplo, uma conversa entre amigos ou uma entrevista; a relação entre os interlocutores, em termos de poder e distanciamento social; e o conhecimento compartilhado entre os participantes e suas expectativas socioculturais. Dessa forma, o uso dessas expressões está sujeito à variação, que pode ser observada na forma como são elaboradas e na interpretação de seus significados.

Ao direcionarmos este estudo para análise das funções que subjazem os usos da segunda pessoa no espanhol oral de Valência, situamo-nos na dimensão da dêixis pessoal e, mais especificamente, da dêixis social. Nessa perspectiva, por “uso dêítico”, evidentemente nos referimos à referência direta. Conforme vimos, o sistema de tratamento no espanhol peninsular

é bastante equilibrado (Fontanella de Weinberg, 1999), possuindo dois pronomes de tratamento no singular: *tú* e *usted*. Vejamos alguns exemplos:

(24) I: cuando llegué a casa le dije a mi padre *mira/ quee- que ya me he busca(d)o trabajo y voy a trabajar dee- de hornero///* y mi padre dijo *quee- que no//* que a las doce o la una de la noche era para dormir/// y que nada y yo empeña(d)o y dice *¿cómo vas a ir a trabajar?//* pues mi padre tenía una bici/ y yo dije *pues nada/ con la bici de mi padre/ cojo la bici y para allá///* y al final dijo mi padre (chasquido) *de eso nada// tú por la noche no vas a trabajar//* (Entrevista 10 - VAL01012HB02)

(25) I: es la asociación provincial de- contra el cáncer/ entonces- yy ¿qué más le puedo contar?/ sii hay alguna mala noticia que- las doy por teléfono/ sin decir la MALA/ o sea le puedo decir a la señora *pues mire quee/ resulta que ¡vamos! queremos ampliarle ell- el estudio/ le vamos a hacer una ecografía/* nunca jamás le digo que *usted está mal/ JAMÁS/* o sea, siempre intentamos decirle que hay que u- que es una ampliación de estudio/ yy/ eso [son cosas de mi trabajo] (Entrevista 22 – VAL02232MB00)

Na análise empreendida, consideramos as ocorrências de usos dêiticos presentes no discurso de fala própria, no discurso reportado do próprio entrevistado e no discurso reportado de terceiros. O primeiro é caracterizado pelas falas do entrevistado para se dirigir diretamente ao entrevistador. O segundo refere-se às ocorrências de fala própria que o informante relata ao entrevistador e o terceiro diz respeito a falas de outras pessoas que são relatadas pelo entrevistado.³⁶ Entretanto, tendo o vista o expressivo número de ocorrências de segunda pessoa em sua função não dêitica, isto é, quando não há uma referência específica a um interlocutor no contexto enunciativo, voltamos nossa atenção para esses usos não prototípicos a fim de compreendermos melhor as nuances por trás desses usos. A seguir, descreveremos as distintas funções dêiticas não prototípicas selecionadas a partir da análise dos dados.

— Uso dêitico não prototípico

Levando em consideração o contexto de produção e interpretação de uma expressão linguística, é sabido que ela pode ter um uso dêitico ou não dêitico. Félix-Bresdefer (2019) cita

³⁶ Para mais informações acerca desses tipos de discursos e sua influência para a variação das formas de tratamento *tú* e *usted*, indicamos a consulta de nosso estudo anterior (Lima, 2018).

como exemplo os fenômenos linguísticos de referência anafórica ou catafórica, assim como os usos impessoais. Este último revela-se notavelmente heterogêneo em sua manifestação, incorporando várias estratégias estudadas a partir de diferentes perspectivas, seja sintática, semântica ou pragmática. Aqui, focaremos no uso da segunda pessoa do singular que não aponta para um participante específico do contexto enunciativo, mas se trata de uma referência indeterminada ou generalizada, ou ainda um referente determinado que se encontra encoberto pela forma de segunda pessoa do singular utilizada.

O fenômeno do qual nos ocupamos tem sido nomeado de diferentes formas na literatura sobre a temática. *Impessoalização, indefinição, desfocalização, objetivação* (Cf. Gómez Torrego, 1994; Seco, 1995; Hidalgo Navarro, 1996-1997, Bidot Martínez, 2008; Kluge, 2010; Serrano, 2013) são alguns dos termos encontrados para designar os usos dêiticos não prototípicos. Kluge (2010), por sua vez, opta pela denominação *tú (vos, usted) genérico* em detrimento de termos como indeterminação ou impessoalidade. Segundo a autora, essa nomenclatura reflete mais adequadamente o efeito pretendido e é a mais recorrente, razões pelas quais também a adotaremos neste momento.

Para esta investigação em específico, adotamos o delineamento de Pulido Astorga (2016), que contrastou as estratégias de uso da segunda pessoa do singular em sua função não dêitica em inglês e em espanhol. A autora examinou dois *corpora*, um do espanhol do Chile e um do inglês da Escócia, contabilizando 12 entrevistas sociolinguísticas com estratificação equânime da variável sexo. Considerando a análise minuciosa das diferentes designações desse fenômeno, a autora propõe quatro funções pragmático-discursivas: *generalização, generalização focalizada, desfocalização e encobrimento do eu*³⁷.

No que diz respeito à variação sociolinguística e morfossintática, os resultados evidenciaram que os homens foram mais propensos ao uso da segunda pessoa não prototípica, especialmente com o uso do *voseo*. Por outro lado, as mulheres empregaram mais as formas *tuteantes*. Quanto ao inglês, observou-se que o uso das formas *you* e *ye* destacou traços de variação fonético-fonológica. Resumidamente, em ambas as línguas, a segunda pessoa não dêitica foi utilizada como estratégia para marcar distanciamento no discurso, generalização e desfocalização e encobrimento do eu, todas com efeitos estilísticos distintos.

Cumpre-nos adiantar que as ocorrências genéricas de *tú* são consideravelmente superiores às ocorrências com a forma *usted* em nossa amostra. Conforme DeMello (2000), o

³⁷ Assim como os termos anteriores (*impessoalização, indefinição e objetivação*), esses termos foram vertidos diretamente do espanhol: *impersonalización, indefinición, objetivación, generalización, generalización focalizada, desfocalización e encubrimiento del yo*.

uso impessoal da segunda pessoa do singular inclui também esta última forma. Há décadas, Kany (1969) já se referia ao uso frequente de *usted* impessoal no espanhol americano e no peninsular. No entanto, os dados analisados parecem indicar que o *tú* tem se consolidado como a forma preferida de generalização do referente no espanhol atual. Consideramos que as transformações nas dinâmicas sociais e culturais vivenciadas por muitas comunidades hispanófonas, incluindo a valenciana, contribuíram para a gradual perda de contextos de uso do *usted* em favor do *tú*, o que pode explicar a notável redução da frequência de uso daquela forma com valor genérico. Agora, passemos à descrição das funções mencionadas anteriormente.

b) Generalização

A estratégia de generalização envolve o uso das formas pronominais de segunda pessoa do singular com referência indeterminada, isto é, que não apontam para um interlocutor específico, mas referem-se a qualquer pessoa. Nessa tipologia, essas formas não possuem correferência com o destinatário da mensagem em um evento de fala. Ao utilizar a segunda pessoa do singular, o falante generaliza situações e experiências que podem ter sido experienciadas por qualquer indivíduo, incluindo ele próprio ou não.

No exemplo a seguir, ilustramos o uso generalizado da forma *tú* a partir de um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado sobre a quantidade de filhos que um casal deve ter. Vejamos:

(26) E: [...] ¿cuántos hijos piensa que ha de tener una pareja?

I: pues por lo menos dos

E: ¿y por qué no más o menos?

I: no señor/ porque no se cobra bastante para mantenerlos// no Ø puedes vivir bien con más familia// eso es lo que pienso yo (Entrevista 19 - VAL01913HB05)

Como podemos observar, a referência à segunda pessoa, codificada pela forma verbal *puedes*, não se destina diretamente ao entrevistador. Isso fica claramente perceptível com o uso da forma de tratamento nominal com valor deferencial, *señor*, que estabelece um tratamento de cortesia entre iguais. Ambos os interlocutores se encontram em simetria de gênero e faixa etária, sendo homens com mais de 55 anos.

O falante recorre ao uso da forma *tú* para generalizar uma situação aplicável a qualquer pessoa. Ele expressa uma opinião sobre a capacidade de viver bem com uma

composição familiar maior do que a sugerida, não se referindo especificamente a si mesmo, mas sim a um público mais amplo do qual ele também pode fazer parte. Conforme Pulido Astorga e Rivadeneira Valenzuela (2016), o pronome utilizado pode ser perfeitamente substituído pelo pronome *nosotros* (nós): “no señor/ porque no se cobra bastante para mantenerlos// no *podemos* vivir bien com más familia//”.

c) Generalização focalizada

De acordo com Pulido Astorga (2016), essa tipologia tem suas origens na afirmação de Bolinger (1979) de que a generalização da segunda pessoa do singular em sua função não dêitica permite ao falante generalizar e personalizar simultaneamente. Nesse sentido, a experiência compartilhada pelo falante não é passível de generalização para todos, mas pode referir-se a um grupo específico, geralmente um grupo de pessoas, conforme detalhado por Pulido Astorga e Rivadeneira Valenzuela (2016).

Além disso, as autoras asseveram que essa referência pode ser direcionada a alguém específico (terceira pessoa), uma vez que o falante utiliza a segunda pessoa do singular de forma genérica, inserindo-se, assim, na função generalizadora focalizada. A seguir, apresentamos alguns exemplos caracterizadores da supracitada função:

- (27) E: a ver/ pues cuéntanos en qué consiste la marcha valenciana/ con qué tipo de personas te encuentras
[...]
I: pues en Valencia normalmente los días que salgo yo aquí en Valencia//mm primero/ cen- solemos cenar/ todas las amigas o amigos eennn- en una- en una casa/// yy luego nos vamos a- a algún si- a algunos sitios ¿no?/
E: ee/ una noche normal de éstas de marcha/ ¿cuántos sitios soléis visitar?
I: ¿cuánto solemos visitar?/ mm/// pues/// pocos sitios porque no nos gustar ir de un sitio para otro porque Ø tienes que coger el coche y es un rollo/ pero o dos o tres (Entrevista 14 – VAL1431MC99)

No exemplo (27) há um uso dêitico não prototípico que focaliza especificamente um grupo de pessoas, isto é, as amigas ou amigos da informante. Nesse contexto, tendo em vista que a entrevistada também forma parte do grupo (veja-se a forma *solemos*), a forma *tienes* também poderia ser substituída sem prejuízo pela forma correspondente a primeira pessoa do plural, *tenemos*.

d) Desfocalização

Haverkate (1994) define a desfocalização com base nos princípios de cortesia verbal. Partindo do conceito de focalização, visto pelo autor como uma estratégia referencial para destacar a identidade ou o papel social do falante ou interlocutor, a desfocalização é considerada como uma estratégia que o falante utiliza para diminuir ou minimizar o seu papel ou o do ouvinte no que está sendo descrito. Desse modo, ela age como uma estratégia atenuadora. Conforme Bidot Martínez (2008), a segunda pessoa do singular pode ser empregada em situações pragmáticas bastante específicas para silenciar a identidade dos participantes na interação verbal assertiva, especialmente em contextos nos quais são feitos comentários ou generalizações.

Aqui, nosso interesse reside especialmente no conceito atribuído por Serrano (2013) quando a autora afirma que a desfocalização constitui uma estratégia do falante para preservar sua imagem. Ao deslocar-se da primeira pessoa do singular para a segunda do singular, o falante desfocaliza sua identidade e envolve o seu interlocutor no que está sendo dito. De acordo com Pulido Astorga e Rivadeneira Valenzuela (2016), trata-se de um uso empático que reflete uma experiência pessoal do falante, mas que também poderia acontecer com o interlocutor a quem ele se dirige.

Desse modo, as autoras optam por acrescentar a palavra “inclusiva” ao termo desfocalização para diferenciá-lo das tipologias anteriormente mencionadas. Assim, embora não se trate de um uso dêitico, a referência no discurso é mais clara em direção ao interlocutor presente no contexto enunciativo. Pulido (2016) argumenta ainda que, enquanto na generalização focalizada a forma de segunda pessoa remete a um grupo específico cuja experiência não poderia aplicar-se a mais ninguém, e na generalização poderia ser qualquer pessoa, na desfocalização, o referente é claramente um “eu” deslocado empaticamente para um *tú*. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

(28) E: bien ¿y sobre la inmigración?/// ¿qué le parece?

I: mm ese tema// [(risas)]

E: [bien/] lo que importa es que hable/ noo- aunque diga lo que no piense ¿eh?/ por eso no se preocupe

I: [...] PARA MÍ// de laa- eso se le ha ido de la mano al gobierno/// porque/ han entrado// sin- sin DARSE CUENTA/ se ha llenado esto de- de gente inmigrante// y hay personas que son muy buenas/ pero tam(b)ién hay que

son muy malas/// entonces/ viene gente del extranjero quee- que por ejemplo/ por allí/ y supongo que por todo el país/ pues que roban mucho/ porque no tienen trabajoo// porquee no quieren trabajar también// yy- y hay muchos robos/ mucha delincuencia// allí por ejemplo/ en Oliva/ estaba bastante tranquilo en el paseo/ ahora por ejemplo/ a las ocho de la tarde no puedes ir por allí porque te da miedo/ todo es gente ecuatorianaa/ rusaa/ lituania ... bueno de- de toda gente de esaa- sobre todo/ de p- de los países del este que es- los que más- lo que es más malos dicen que SON/ NO SÉ/// entonces yo creo quee/ si emigraran personas// necesitadas/ pero con unos documentos para poder trabajar/ e- equis meses/ y luego se van a su país// pues eso me parecería bien// pero que hayan entrado así con- conforme entran en pateras que se- que se mueren por el mar yy todo eso/ no// no porque Ø ves que piden limosna yy- y eso/ (chasquido) no/ pa(ra) pedir limosna aquí/ y no pueden trabajar/ pues ¡yo que sé!/ en su país/ estarían mejor// en esas condiciones (Entrevista 16 – VAL01612MB04)

Como podemos observar, a temática sobre a imigração parece suscitar uma certa sensibilidade na informante. A expressão “*mm ese tema*”, acompanhada de risos, indica uma tensão associada à discussão, evidenciando que a entrevistada deve ponderar sua opinião sobre esse assunto. Em virtude dessa hesitação, a intervenção subsequente do entrevistador sugere uma tentativa de tranquilizar a entrevistada e minimizar suas preocupações, criando um ambiente mais amigável no qual sua opinião possa ser compartilhada sem receios de julgamentos.

Em sua resposta, a informante crítica a gestão governamental sobre o tema e argumenta que a chegada de imigrantes provocou um aumento da delinquência. Ao distinguir os imigrantes que chegam por necessidades, mas estão legalizados, e aqueles que chegam em condições precárias, pedindo esmola e sem poder trabalhar, ela faz uso da segunda pessoa do singular em “*ves que piden limosna*” para expressar sua opinião. O deslocamento da primeira pessoa, como podemos perceber em “*yo creo quee*”, para a segunda pessoa é uma estratégia de desfocalização da própria identidade e diluição da centralidade do seu próprio ponto de vista. Ao realizar esse deslocamento, a informante não apenas retira o foco de atenção de sua experiência pessoal, mas também envolve o seu interlocutor na discussão, convidando-o a compartilhar de sua perspectiva.

d) Encobrimento do eu

Conforme sugere Pulido (2016), essa função é facilmente identificável no contexto discursivo, tendo em vista que a referência é bastante clara: trata-se do próprio enunciador da mensagem. A utilização da segunda pessoa do singular possibilita ao eu falante ocultar a sua identidade. Em outras palavras, o emissor refere-se a si mesmo, mas se esconde através da forma supracitada. Ademais, a utilização simultânea da primeira pessoa do singular no discurso torna evidente o referente da segunda pessoa, isto é, o próprio emissor. Apreciemos o seguinte exemplo:

(29) I: yo es que voy a una tienda que se llama esteiguit/ y allí/ por un euro o así/
bueno yo es que soy conocida entonces por un euro me dejan ju(g)ar/ y Ø juegas
una hora/ y a pulsar botones (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

O exemplo (29) envolve a situação em que a informante explica ao entrevistador como se joga o console de videogame PlayStation. Conforme se pode observar, ela informa que costuma ir a uma loja de nome “Esteiguit” (Stargate) onde lhe deixam jogar por uma hora pagando um euro. Em “*juegas una hora*”, a informante utiliza a segunda pessoa não dêitica como uma estratégia de encobrimento do eu, tendo em vista não se tratar de outro indivíduo. O uso prévio da primeira pessoa em “yo es que voy a una tienda” deixa claro a verdadeira referência da segunda pessoa. Além disso, o fato de ela ser conhecida pelos funcionários da loja é o motivo pelo qual consegue jogar durante uma hora pagando apenas um euro, o que confirma tratar-se de uma experiência particular.

A partir dessas descrições, torna-se perceptível que a língua reflete em sua estrutura motivações cognitivo-comunicativas subjacentes às expressões linguísticas. Desse modo, também buscamos estabelecer correlações entre os princípios funcionalistas aduzidos em nossa seção teórica e as funções anteriormente descritas. Como se sabe, o princípio de iconicidade, por exemplo, pode manifestar-se desde o nível lexical até em níveis mais complexos e abstratos de vários domínios funcionais pragmático-discursivos (Givón, 1985).

4.4.2.3 *Nível textual-discursivo*

Até aqui, já foi extensivamente discutido que, em Linguística Funcional, a estrutura linguística não é analisada focando apenas os aspectos formais da língua, mas considera dados advindos de diferentes níveis linguísticos que estão em constante interação e se manifestam no uso, como o semântico, o pragmático, o cognitivo. Dessa forma, considerando que o texto é

uma unidade de manifestação do discurso, isto é, é nele que se materializa o modo como os falantes articulam a sua fala, consideramos o nível textual-discursivo na análise do fenômeno linguístico do qual nos ocupamos.

Portanto, com vistas a investigarmos de que maneira os indivíduos valencianos estruturam o discurso no plano da narrativa, direcionamos nossa atenção para o modo como os pronomes de tratamento *tú* e *usted* são mobilizados discursivamente pelos falantes para atingirem suas necessidades comunicativas. Para isso, recorreremos ao princípio de planos discursivos, com foco nas categorias de figura e fundo proposta Hopper e Thompson (1980).

a) Planos discursivos

A distinção entre figura e fundo tem sido um foco de interesse nos estudos do discurso, sendo bastante produtiva em pesquisas com perspectiva funcional que abordam a noção de transitividade, pois possibilita a análise da estrutura da língua a partir de uma visão não reducionista que a considera apenas como um conjunto de elementos isolados. Desse modo, tendo em vista que a transitividade constitui uma parte fundamental da estrutura da oração, ela é responsável por expressar uma variedade de significados ideacionais ou cognitivos (Cunha; Souza, 2011).

Como já evidenciado, ao examinarmos o estado da arte sobre as formas de tratamento, com exceção do trabalho de Pontes e Silva (2023), não obtivemos êxito ao considerar o plano discursivo como um dos fatores condicionante das formas *tú* e *usted* no espanhol. Dessa forma, com vistas ao mapeamento funcional dos pronomes mencionados a partir de diferentes níveis linguísticos, conforme já expusemos na seção de fundamentação teórica, adotamos o delineamento proposto por Chedier (2007), a qual estabelece as categorias: figura, fundo 1 e fundo 2. Além disso, uma vez que a estrutura linguística é motivada por fatores diversos, consideramos na análise outras categorias e princípios funcionalistas, como o de marcação e o de expressividade retórica. Este último será essencial para explicarmos contextos de uso cujo aquele não é aplicável.

Recuperando a informação sobre o que contempla a figura e o *fundo 1* na narrativa, temos que a primeira exhibe, por exemplo, a sequência cronológica, os eventos reais, os sujeitos previsíveis (humanos e agentivos), dentre outros. A segunda apresenta ou resume o que vai ser relatado, o cenário, os participantes e as suas falas etc. Assim, acreditamos haver menor esforço cognitivo e, portanto, um contexto menos marcado. Situações como essa favorecem formas menos marcadas, em nosso caso, o paradigma da forma *tú*, forma mais frequente e de menor

complexidade estrutural e cognitiva. Por outro lado, o plano *fundo 2* expressa inferências, apontando causa, consequência, adversidade, dúvidas, opiniões. Depreende-se, portanto, que possa exigir maior investimento cognitivo e, portanto, favorecer a forma de maior extensão fônica e de maior complexidade cognitiva, ou seja, o paradigma da forma *usted*.

— figura

- (30) I: me volví al hotel/ volví a mi habitación y me encontré con unn- uno de mis amigos y dice *¿Ø has avergua(d)o algo?* digo sí// *que (e)l teléfono es funicular y que si paso la pluma encontraré un teléfono/* (Entrevista 1 - VAL00132MC96)

— fundo 1

- (31) I: porque viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre// digo (risas)/ *¿la dentadura de su mamá? en la mesita/ [...] así que cuando usted quiera/ puede venir a la hora que quiera/ le cuesta poco ponérsela/* (Entrevista 14 - VAL01413MC03)

— fundo 2

- (32) I: porque cuando terminé yo el bachiller esta profesora mía me dijo Irene por qué ya que Ø has termina(d)o el bachiller [...] *¿por qué no haces Bellas Artes?* (Entrevistas 12 – VAL01223MB01)

4.5 Súmula do capítulo

No presente capítulo, delineamos os procedimentos metodológicos que guiaram nossa investigação. Inicialmente, discorremos sobre a natureza da pesquisa, o método de abordagem, os objetivos, os procedimentos técnicos, a amostra e o universo em que este trabalho se insere. Além disso, elucidamos o processo de coleta de dados e a sua quantificação através do uso do *software* Atlas.ti, uma potente ferramenta utilizada na análise qualitativa de *corpora*. Apresentamos também os procedimentos, as formas e os níveis de análise.

No próximo capítulo, daremos início à análise efetiva dos dados obtidos com o levantamento das ocorrências das formas *tú* e *usted* nas entrevistas selecionadas a partir do *corpus* PRESEVAL, as quais foram submetidas à categorização viabilizada pelo programa supramencionado. Nessa oportunidade, realizaremos a análise qualitativa das ocorrências

prototípicas associadas a cada função selecionada. Esse procedimento nos possibilitará uma melhor compreensão da multifuncionalidade desempenhada pelas formas em questão.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No capítulo que se inicia, realizamos a análise qualitativa dos dados sobre as formas de tratamento *tú* e *usted* extraídos do *corpus* PRESEVAL, descrito na seção anterior. Inicialmente, recuperamos a amostra manipulada e apresentamos o quantitativo de ocorrências obtidas através de submissão ao *software* ATLAS/ti. Em seguida, procedemos à análise e à interpretação dos dados, buscando evidenciar a relação existente entre o fenômeno do qual nos ocupamos e os níveis linguísticos e respectivos fatores selecionados para o mapeamento funcional das supracitadas formas.

Nessa oportunidade, a fim de garantirmos a validade e a confiabilidade das respostas à investigação conduzida, evocamos os princípios funcionalistas e o princípio cognitivo explanados anteriormente. De modo análogo, sempre que o contexto favorecer, recorreremos também a pesquisas resenhadas em capítulo anterior, assim como outras, como suporte às explicações desenvolvidas a partir dos resultados obtidos. De forma resumida, este capítulo encontra-se dividido em 5 seções. Na primeira, como já adiantado, retomamos a amostra. As três seções seguintes referem-se aos três níveis de análise: nível sintático-discurso, nível pragmático-discursivo e nível textual-discursivo. Por sua vez, a última seção dedica-se a síntese do capítulo.

5.1 A amostra e o quantitativo de dados

De acordo com as informações oferecidas na seção metodológica, a amostra foi composta por 12 entrevistas que fazem parte do *corpus* PRESEVAL (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de València*). Essas entrevistas foram selecionadas considerando as variáveis idade (de 20 a 34 anos, de 35 a 54 anos e acima de 55 anos), sexo (masculino e feminino) e escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior). Novamente, ressaltamos que esses grupos não constituem variáveis de controle. Trata-se apenas de uma melhor organização e controle dos dados, assim como podem nos servir para correlações com outras pesquisas como a que desenvolvemos no contexto do Mestrado em Linguística nesta mesma universidade.

O retrocitado *corpus* encontra-se totalmente coletado, pronto e publicado pela editora da *Universitat de València*, o que se traduziu em economia de tempo e recursos em nossa pesquisa. Portanto, toda as etapas que envolvem a compilação de um *corpus*, como seleção dos informantes, coleta e transcrição não constituíram preocupação em nosso trabalho. Nossa tarefa inicial consistiu em, dentro desse universo, determinar o número de entrevistas a

serem analisadas, eleger os informantes e realizar a coleta cuidadosa das ocorrências das variáveis delimitadas para este estudo.

Portanto, após uma análise minuciosa dos inquéritos e posterior categorização na plataforma ATLAS/ti, o programa nos retornou um total de 595 dados referentes às ocorrências de *tú* e *usted* e respectivos paradigmas. Reiteramos que consideramos manifestações explícitas e implícitas dessas formas, conforme justificativas expressas na seção relativa aos procedimentos metodológicos. Do quantitativo mencionado, obtivemos um número bastante expressivo da forma *tú* na função de sujeito e objeto. Foram 520 dessas formas, enquanto o pronome *usted*, e seu paradigma, apresentou apenas 75 dados do quantitativo total.

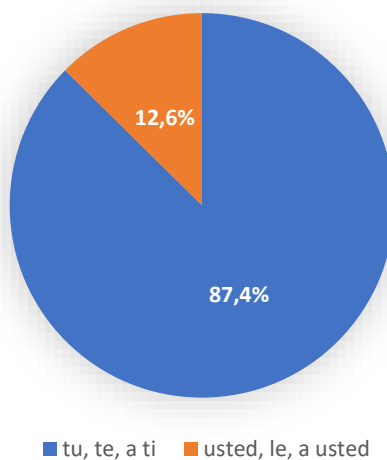
Num primeiro momento, os dados evidenciam um uso preponderante da forma *tú* na comunidade de fala Valenciana e alinham-se, inicialmente, aos resultados obtidos em Lima (2018). Esse resultado confirma a tendência evidenciada em inúmeros estudos sobre o tratamento em língua espanhola (Cf. capítulo 2). Conforme Blas Arroyo (1995), a forma *tú* tem suplantado a forma *usted* em diversos domínios e contextos de uso tanto nas variedades do espanhol peninsular quanto nas variedades americanas desse idioma. Nesse sentido, no que se refere especificamente à comunidade de fala valenciana, os dados indicam que *tú* apresenta predominância clara, enquanto *usted* permanece em uso residual, refletindo a coexistência das duas formas. Essa distribuição evidencia que os falantes fazem uso criativo da linguagem, escolhendo entre *tú* e *usted* com base em fatores sintáticos, pragmáticos e discursivos. A seguir, apresentamos uma tabela que sintetiza esses dados:

Tabela 1 – Ocorrências das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas

Formas	Total
<i>tú, te, a ti</i>	520
<i>usted, le, a usted</i>	75
Total	595

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Gráfico 1 – Porcentagem das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Nesse momento, o leitor poderá estranhar a ausência das formas de objeto de pessoa *lo* e *la* pertencentes ao paradigma da forma *usted*, uma vez que fizemos menção a elas quando descrevemos as variáveis elencadas para este estudo. Salientamos, portanto, que não encontramos nenhum registro dessas formas nos contextos de uso de segunda pessoa do singular nas entrevistas analisadas. No entanto, como essa situação revela um dado de uso bastante curioso que se assemelha aos dados de outra pesquisa, decidimos mantê-las na seção metodológica, mas, evidentemente, não as ilustraremos neste capítulo.

Explica-se. Em estudo analítico dialetal das formas *le*, *lo* e *la* no espanhol equatoriano, Garcia e Otheguy (1983) mostram que essas formas apresentam níveis de atividade diferentes dos participantes em um evento, ou seja, indicam o grau relativo em que eles contribuem para o evento. Para os autores, a forma *le* apresenta um nível de atividade menor, mas as formas *lo* e *la* representam o menor nível de atividade. Sendo assim, os autores esperavam que a frequência de uso da primeira variante fosse maior em comparação às outras duas, uma expectativa que foi confirmada pelos dados.

Sabe-se que o uso dessas formas envolve variação sintática em espanhol, o que suscita um corpo de pesquisa significativo sobre os fenômenos *leísmo*, *loísmo* e *laísmo*, mencionados no capítulo 2. Conforme Blas Arroyo (2005), o primeiro deles, que consiste em usar o pronome *le* (complemento indireto) no lugar de *lo* e *la* (complementos diretos), é mais comum e amplamente difundido geográfica e socialmente. Por outro lado, os demais fenômenos estão mais marcados por diferenças dialetais e socioletais.

O autor menciona ainda diferentes motivações apontadas pela literatura para a distribuição funcional dessas formas, como: gênero, animalidade, transitividade, grau relativo

de participação e proeminência. Desse modo, aludindo a este último, parece-nos que a indexação do referente em posição de objeto pelos falantes valencianos se realiza preferivelmente através da forma *le* em detrimento de *lo*, *la* porque menos marcado e mais saliente na escala de proeminência elaborada por Serrano (2018) e ilustrada anteriormente. Considerando que o objeto indireto é, comprovadamente, na maioria das vezes humano, estabelece-se uma relação icônica entre a forma (*le*, pronome de complemento indireto) e função: +humano, +individuado, +proeminente, -marcado.

Elucidadas essas questões, passemos agora para o mapeamento das formas mencionadas anteriormente a partir dos níveis linguísticos compostos para esta análise. Retomando a sequência ordenada para essa finalidade: primeiramente, analisaremos os usos linguísticos desses pronomes no nível sintático-discursivo, mais especificamente a partir da função sintática desempenhada na oração. Em seguida, abordaremos o nível pragmático-discursivo e, por fim, analisaremos o nível textual-discursivo, com as categorias de figura, fundo 1 e fundo 2.

5.2 Nível sintático-discursivo

Uma das prerrogativas fundamentais ao se adotar um ponto de vista funcional na análise da linguagem consiste na possibilidade de se trabalhar desde uma perspectiva mais integrada e holística do fenômeno linguístico, diferentemente das abordagens formalistas. No dizer de Neves (1997), a interação entre diferentes aspectos da linguagem é marca de qualquer modelo teórico que se abriga sob o rótulo de “funcionalista”. Para Givón (*apud* Neves, 1997, p. 24) “a gramática não constitui uma mera lista não-ordenada de domínios funcionais não-relacionados. Pelo contrário, ela parece ser internamente estruturada como um organismo, dentro do qual alguns subsistemas são mais proximamente relacionados entre si”.

Partindo de um modelo de análise baseado no uso linguístico, isto é, entendendo que a estrutura gramatical deve ser estudada levando em consideração o seu uso em contextos específicos, integramos dois níveis de análise que se interrelacionam a fim de analisarmos o comportamento das variáveis em questão. Assim como Serrano (2011), entendemos que a estrutura sintática de uma língua tomada em si mesma reflete apenas a sua forma que, no uso, podem ser ajustadas com base nas intenções comunicativas dos falantes.

No que se refere à variação sintática em espanhol, Knauer e Bellosta von Cölbe (2005) enfatizam a importância do discurso para a compreensão das formas alternativas de expressões linguísticas ou unidades mais ou menos marcadas. Sendo assim, ao estabelecermos

um nível sintático-discursivo, objetivamos exibir aspectos de codificação das formas de tratamento tanto no contexto da frase como no contexto do discurso. Para isso, consideramos a análise dessas formas a partir da função sintática que elas desempenham na oração. Vejamos.

5.2.1 Função sintática

Embora os estudos sobre as formas de tratamento tendem majoritariamente à análise das formas *tú* e *usted* em função de sujeito e pouco se tenha falado sobre suas formas pronominais na posição de objeto (Serrano, 2018), as considerações aduzidas sobre essas funções enquanto variáveis de controle não são muitas. Em outras palavras, apesar de existir inúmeros trabalhos que estudam esses pronomes em relação a sua função sintática, apenas como forma de se referir ao objeto, pouca atenção tem sido dada ao seu papel como motivação ou fator que condiciona a variação.

Desse modo, devido a essa limitação na análise, ou, no dizer de Serrano (2018), o pouco valor atribuído às diferentes interpretações e significados que podem emergir dessas funções sintáticas, decidimos abordá-la em nosso estudo. Acreditamos que, ao analisarmos as formas *tú* e *usted* a partir dessa perspectiva, poderemos entender melhor como elas se encaixam na estrutura gramatical e como contribuem, no discurso, para o alcance dos propósitos comunicativos dos falantes.

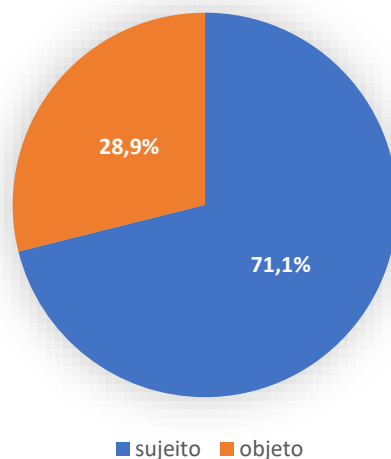
A partir dos resultados obtidos através da organização e quantificação possibilitadas pelo *software* anteriormente mencionado, podemos observar dados bastante interessantes que estão alinhados com nossas perspectivas iniciais. Das ocorrências totais exibidas anteriormente, 423 correspondem às formas *tú* e *usted* em função de sujeito. Por outro lado, registramos conjuntamente 172 usos das formas *te*, *a ti*, *le*, *a usted*. A tabela a seguir apresenta os resultados alcançados:

Tabela 2 – Ocorrências das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas em função de sujeito pronominal e objeto de pessoa

	Sujeito	Objeto	Total
<i>tú, te, a ti</i>	382	138	520
<i>usted, le, a usted</i>	41	34	75
Total	423	172	

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Gráfico 2 – Porcentagem de uso na função de sujeito pronominal e objeto de pessoa das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Aqui, pretendemos tecer alguns comentários importantes sobre o trabalho de Serrano (2018), tendo em vista ser a única pesquisa encontrada que adota uma perspectiva de análise similar à que empregamos nesta seção e que tomamos como ponto de partida para analisar as formas pronominais, considerando o fator em questão. Dito isso, Serrano (2018) realizou uma análise das mesmas formas e funções sintáticas utilizando o *Corpus Conversacional de Canarias*, o qual é composto por diferentes gêneros discursivos oriundos dos meios de comunicação e contém um total de 171.258 palavras. Além disso, a autora considerou fatores como idade, distância social, respeito etc., embora apenas para fins qualitativos.

Os resultados obtidos pela autora diferem quantitativamente dos nossos. Para as formas *tú* e *usted* em função de sujeito, foram encontradas 517 ocorrências, enquanto como objeto foram registradas 563 ocorrências. À primeira vista, os dados indicam que não há preferência entre o uso de uma forma ou outra, com exceção de um leve aumento nas formas em função de sujeito e objeto do paradigma de *tú*. Especificamente, *tú* como sujeito ocorreu em 227 (43.4%) casos, enquanto *usted* ocorreu em 290 (53.1%). Na posição de objeto, as formas *te*, *a ti* tiveram 296 ocorrências (56.6%) e *le*, *lo*, *la*, 267 (47.9%) ocorrências.

No que diz respeito aos nossos resultados, não podemos afirmar que não houve especialização no uso das formas relativas a *tú* e a *usted*. As ocorrências da primeira forma foram substancialmente maiores que as da segunda, totalizando 520 casos, dos quais 73,5% aparecem na função de sujeito e 26,5% na função de objeto. Em contrapartida, a forma *usted* foi registrada em 75 ocorrências, sendo 6,9% delas na função de sujeito e 5,7% na função de

objeto, em relação ao total geral de ocorrências analisadas. Ponderamos que a diferença no tipo de *corpus* analisado possa ser um fator que influencia esses resultados. Trabalhamos com um *corpus* oral em que há um registro mais espontâneo e natural, que não exige muita planificação. Por outro lado, Serrano (2018) utilizou gêneros midiáticos, como informativos, informativos-debate, magazines etc.

Conforme Briz Gómez (1998), o texto escrito carrega sempre um grau maior de formalidade. Há de se considerar ainda que o publicitário responsável pelo texto precisa pensar no público-alvo para alcançar o efeito desejado (Aijón Oliva, 2009). Desse modo, esses fatores podem ter influenciado o número expressivo de formas do paradigma *usted* nos resultados da autora. Como comprovação do que afirmamos, Serrano (2018) menciona um uso expressivo de *usted* nos textos do tipo informativo-debate. Nesse tipo de texto, a autora explica que se conjuga a divulgação de informações e o debate de opiniões sobre temas da atualidade. Sabemos que esse tipo de situação envolve um maior esforço cognitivo do falante e, dependendo da temática debatida, um tema pode ser mais ou menos complexo, exigindo, portanto, um maior monitoramento e planejamento do discurso.

Analogamente, a forma *usted* emergiu em nossa amostra em contextos nos que o falante precisava opinar sobre um determinado tema. Conforme mencionado em nossa seção metodológica, as entrevistas do PRESEVAL foram organizadas com o objetivo de contemplar grupos temáticos que possibilitassem o surgimento de diferentes sequências textuais. No que se refere à sequência argumentativa, os temas desenvolvidos abordaram temas como problemas sociais atuais, conflitos geracionais, vantagens e inconvenientes do serviço militar, problemas da juventude atual, massificação universitária, imigração, persuasão aos filhos sobre drogas, cigarro e bebidas, segurança, insegurança cidadã.

A modo de exemplificação, gostaríamos de destacar uma passagem na qual o informante é indagado pelo entrevistador sobre a sua opinião em relação à obrigatoriedade do serviço militar. É importante ressaltarmos que o tratamento utilizado entre os dois foi sempre simétrico e solidário, isto é, ambos utilizaram a forma *tú*. Além disso, as estratégias de impessoalização ou generalização do referente foram majoritariamente feitas também com a forma anteriormente mencionada. Dado o fato de que o falante apresentou uma fala inicialmente pouco articulada, parece-nos que o tema não é de fácil elaboração para ele e possui um certo grau de complexidade. Observemos:

- (33) I: [sí]// es un tema- ese es un tema .. interesante porque/ el- el por ejemplo bueno/ frente a eso ¿qué? ¿no? [...] hay una- ahí sí que hay una especie de melanch/ de-

de- dee- de mezcla de- de- dee- de diferentes intereses valores/ ee puntos de vista ¿no?/ entonces hay desde posiciones// perfectamente defendibles de decir *bueno*/ *yo pienso que/ ee/ pues no sé// el Estado no debe hacer ninguna obligación dee- de tanto militar o civil/ respecto aa mi vida//* pero claro para ser coherente con eso/ entonces hay que darle también la vuelta y decir *bueno pues entonces el Estado tampoco tiene que hacer nada por usted/* (Entrevista 03 – VAL00332HC97)

No âmbito de textos opinativos, Serrano (2018) justifica que o uso de *usted* em vez de *tú* permite indexar o referente de forma mais objetiva em um contexto de interação em que se busca expor as ideias de forma confiável, séria e personalizada. Por se tratar de um tema aparentemente complexo para o falante, o momento inicial de hesitação revela um esforço cognitivo no sentido de apresentar uma opinião consistente, embasada e confiável. O informante parece construir essa imagem através da interação idealizada, visto que as falas reportadas não apresentam marcas através das quais possamos saber com segurança se se trata de um referente concreto no mundo real.

Portanto, a forma *usted* codifica um interlocutor que é foco de atenção, construído a partir de uma perspectivação objetiva máxima (Langacker, 2008), em um contexto que envolve posicionamento frente a uma temática complexa. Esta última pode ser bastante determinante para a frequência de uso da forma em questão. Em Lima (2018), controlamos a temática das entrevistas em termos de grau de complexidade. Dentre os oitos grupo de fatores considerados significativos, a complexidade do assunto ocupou o terceiro lugar. De fato, o contexto de assuntos mais complexos se mostra favorável ao uso de *usted* em comparação aos assuntos menos complexos, que tendem ao uso de *tú*. Assuntos não experienciados pelo falante supõem um maior monitoramento de fala. No exemplo (33), o informante afirma nunca ter cumprido o serviço militar, sendo assim, parece ter pouca familiaridade com o tema.

Retomando os resultados apresentados, esperávamos que as formas em função de sujeito fossem mais utilizadas na indexação dos referentes. Conforme podemos observar na tabela, as formas *tú* e *usted* correspondem a 423 ocorrências do total, o que as torna mais proeminentes do que suas formas na função de objeto. No entanto, é importante notar que *usted* teve apenas um ligeiro aumento em relação as suas formas em função de objeto. Ademais, seguindo o *continuum* de proeminência de pessoa gramatical proposto por Serrano (2018), *tú* em função de sujeito é ainda mais proeminente que *usted*. Dessa forma, confirmamos a nossa expectativa inicial.

A seguir, exibimos um trecho em que o uso da forma *tú* em função de sujeito indexa o interlocutor de maneira clara e direta. Nesse excerto, o informante relata os problemas que tem a juventude e utiliza uma fala reportada própria. Também chamamos a atenção para o uso da forma tônica acompanhada de preposição *a ti* junto à forma átona *te*. Seguindo a Serrano (2018), a forma *a ti* confere proeminência ao pronome *te*:

- (34) I: es que NO piensan en lo que están haciendo/ hacen las cosas/ pues llevados por la corriente/ llevados por la moda// porque muchas veces yo he pregunta(d)o bueno/ ¿**tú** por qué llevas esos pantalones?// noo sii/ es que son los que se llevan// bueno/ pero **a ti te** gustarán o no te gustarán ¿no?// síi// (Entrevista 02 - VAL00231HC96)

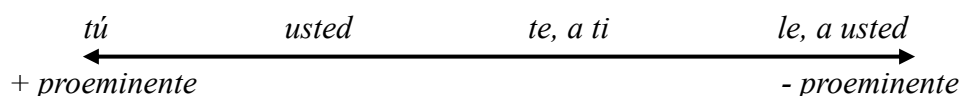
Os dados também estão em conformidade com a tendência em várias variedades do espanhol, que identificam a forma *tú* como menos marcada. Essa observação está de acordo com a teoria funcionalista, a qual estabelece que formas menos marcadas são aquelas que possuem maior frequência de ocorrência, em contexto de ocorrências mais amplo e possuem uma estrutura mais simples ou menor (Cunha, 2017). Nesse sentido, a forma *tú* foi amplamente utilizada em relação a todas as outras formas analisadas. Além disso, seu uso ocorre em diversos contextos (Cf. Lima, 2018) e é menor que a sua forma *usted*. Por sua vez, a forma *usted* é mais marcada e apresenta maior complexidade estrutural e cognitiva. Sobre esse último aspecto, acreditamos que a maior complexidade cognitiva decorre tanto de sua baixa frequência e ocorrência em contextos mais restritos, como das exigências sociopragmáticas envolvidas o seu uso.

É imperioso notar ainda que, relativo às formas em função de objeto, os pronomes que compõe o paradigma de *tú* nessa função tiveram uma ocorrência consideravelmente maior que as formas *le* e *a usted*. Esses dados sugerem que, como afirmamos, a forma pronominal de complemento verbal *te* constrói o referente de modo mais direto e claro que as formas de *usted*. Consideremos o seguinte excerto extraído do *corpus*, no qual a informante narra um episódio na ocasião da sua primeira comunhão, isto é, o fato de ela não ter recebido nenhum presente:

- (35) I: QUÉE VA!/ si allí no te daban NÁ(da)/ allí no te daban ni los buenos días// ¿no **te** digo yo?// yo no me acuerdo de tener un regalo/ hablo en serio ¿eh?/ pero nada de nada/ y mira que había gente ¿eh?// pero no me acuerdo yo dee- de que me regalasen nada/// no/ no// pues no me darían (Entrevista 11 - VAL01112MC02)

A partir dos dados evidenciados pela nossa pesquisa, ilustramos o *continuum* de proeminência das formas em análise da seguinte forma:

Figura 5 – *Continuum* de proeminência de segunda pessoa do singular



Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Serrano (2018) argumenta que o tratamento interpessoal é uma decisão que não se limita a valorizar apenas o interlocutor, mas também quem o adota. Nesse sentido, os falantes utilizam a linguagem para moldarem a forma como são vistos ou desejam ser percebidos pelos outros. Considerando que as entrevistas foram conduzidas por um professor do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de Valência em seu escritório, é possível que, em alguns casos, a forma *usted*, por exemplo, tenha emergido como uma estratégia para construir a própria identidade em um ambiente que, a princípio, se supõe mais formal.

Como exemplo, em três situações específicas os informantes iniciam a entrevista com um tratamento assimétrico. O entrevistador usa *tú* e recebe *usted* dos entrevistados. No entanto, em algum momento da entrevista, seja no início ou na metade, os informantes alternam o uso para um tratamento simétrico solidário baseado no *tú*, conforme podemos apreciar nos exemplos (36) e (37). No primeiro, ao descrever seu apartamento a pedido do entrevistador, a informante faz uso de *usted* implícito ao se desculpar por ter se equivocado ao informar onde morou primeiramente. Mais adiante, em direção à metade da entrevista, ela alterna para o uso de *tú* na forma de objeto *te* ao opinar sobre a cultura juvenil espanhola de visitar vários bares em uma só noite. Observemos:

- (36) I: bueno el piso ee/ donde yo viví- he vivido/ bueno viví los dos primeros años en un piso alquilado con otras/ con mii bueno/ con mii her- no primero viví en casa de mi tía Ø perdona// y después he vivido en- en pisos/ (Entrevista 14 – VAL01431MC99)
- (37) I: yo- yo ya te he dicho/ que yo sólo voy a dos o tres sitios (risas). Porque me agobia eso/ pero a lo mejor cuando tienes veinte años o cuando tienes dieciocho o diecinueve años pues/ ¡ay! de aquí ... de un sitio para el otro/ (Entrevista 14 – VAL01431MC99)

Dessa forma, muitas explicações tem sido propostas para os usos variáveis das formas de tratamento em espanhol, com base apenas na dicotomia poder e solidariedade de Brown e Gilman (1960). No entanto, é possível argumentar que essa teoria por si só não é suficiente para uma compreensão completa da complexa dinâmica de uso que envolve esses pronomes. De fato, esses elementos são conceitos dinâmicos e não fatores fixos que determinam um tratamento categórico (Blas Arroyo, 1994). O exemplo citado anteriormente é uma prova de que os papéis são constantemente (re)negociados e (re)configurados durante a interação. Além disso, existem vários fatores que podem favorecer essa alternância. O tratamento inicial selecionado pela entrevistada pode estar relacionado, por exemplo, com uma questão de cortesia linguística, sendo posteriormente alterado para *tú* devido às mudanças sociais experimentadas pela sociedade espanhola, que legitimam essa modificação.

Serrano (2018), por exemplo, sugere que em alguns contextos de uso específico, o falante tem a intenção de criar uma distância icônica com o referente perfilado pelos pronomes do paradigma de *usted*. Essa estratégia se mostra bastante oportuna em contexto em que se deseja realizar críticas ou repreensões, como no exemplo em (38). Nele, a informante, que trabalha em um lar para idosos, relata a situação em que repreende a filha de uma idosa quando esta se queixa que sua mãe deve estar com dentadura quando a visita.

- (38) I: no/ que son cosas que- muy tontas/ cosas que a veces a la familia hay que cogerla y matarla/ pero ¡vamos! (risas)/ porque viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre// digo (risas)/ ¿la dentadura de su mamá? en la mesita/ y dice es que yo cuando vengo los miércoles y los viernes a verla/ tiene que llevarla puesta digo ¡ay! ¿y eso por qué?/ dice es que si nos está muy fea/ digo pues mire yo si le voy a dar de comer se me puede ahogar/ como **usted** comprenderá// pues cuando yo venga que la tenga puesta/ digo ¡mire! en la mesita está// coja **usted** y Ø póngasela// porque dentro de cinco minutos yo se la voy a quitar/// así que cuando **usted** quiera/ Ø puede venir a la hora que Ø quiera/ le cuesta poco ponérsela/ ¡ah yo no!// ¡pues yo tampoco! (risas) (Entrevista 14 – VAL01413MC03)

Nesse sentido, embora em muitas comunidades de fala hispanófonas *usted* seja geralmente associado a situações formais, como no exemplo acima (um ambiente laboral), parece-nos bastante simplista afirmar que o seu uso se trata apenas de um marcador de respeito. O uso enfático desse pronome pela entrevistada revela um certo aborrecimento diante da atitude

da filha da idosa. Esse uso também está relacionado ao que Hummel (2010a) descreve como *usted de enojo*, o qual aproveita a função de distanciamento para manifestar aborrecimento, irritação, ira etc. No contexto em questão, reflete-se a iconicidade do signo linguístico. Existe uma representação direta entre o tratamento utilizado e o conteúdo expressado pela forma *usted*, isto é, o distanciamento interpessoal.

Ainda no excerto acima, o uso da forma *usted* em função de sujeito é preponderante, tornando-a mais proeminente na representação do referente. Por outro lado, sua forma na função de objeto é menos proeminente, perfilando o referente com menos destaque e ênfase. Nos termos de Serrano (2018), a função de sujeito constrói o referente de modo mais definido e perceptível que a função de objeto.

Portanto, de acordo com o apresentado, podemos perceber que a função sintática sujeito e objeto dos pronomes *tú* e *usted* estão associadas ao grau de proeminência, evidenciando diferentes formas de construção do significado a partir da seleção de uma forma ou outra. Esses usos demonstram claramente que os falantes fazem um uso criativo da linguagem, e que tais escolhas não dependem somente da aplicação estrita de categorias fixas. É necessário levar em consideração fatores e elementos textuais, linguísticos e cognitivos presentes no contexto em que o discurso ocorre.

5.3 Nível pragmático-discursivo

Em conformidade com a perspectiva de Givón (1984c), situamos o nível pragmático-discursivo na esfera funcional que tem como objetivo o estudo da função comunicativa de expressões e sentenças no seu contexto discursivo natural, a saber, a comunicação humana. Nesse sentido, sabendo que a linguagem natural transcende o mero significado das palavras em um enunciado, transmitindo também inúmeros aspectos implícitos e contextuais dentro da dinâmica discursiva (Fiorin, 2010), a análise do fenômeno linguístico que abordamos deve ser também considerada a partir de uma perspectiva pragmático-discursiva. O uso das formas de tratamento está intimamente associado a aspectos pragmáticos, discursivos e comunicativos.

No âmbito dos estudos sobre o tratamento, os primeiros trabalhos a incorporar aspectos pragmáticos na investigação linguística surgiram na década de 1990. Conforme Medina Morales (2010), esse período coincide com o fortalecimento da Pragmática como ciência, que passou a fornecer critérios analíticos relevantes, tais como a variação estilística, os contextos situacionais e as atitudes linguísticas. Esses mecanismos não apenas possibilitaram

questionar a validade da teoria de Brown e Gilman (1960) para explicar satisfatoriamente a complexa dinâmica de uso das formas de tratamento, mas também passaram a oferecer respostas para questões específicas de uso dessas formas, questões essas que a Sociolinguística não conseguia sustentar.

A bem da verdade, os estudos pragmáticos na área do tratamento estão vinculados predominantemente aos estudos de cortesia, conforme adiantado em nossa introdução. Embora essa perspectiva não se restrinja aos estudos das formas de tratamento, visto que outros elementos linguísticos são também investigados como estratégias de cortesia, é por meio dessa abordagem que as nuances e complexidades inerentes a essas formas são analisadas em diversas pesquisas.

É inegável que os estudos de cortesia têm desempenhado um papel crucial para uma compreensão mais refinada dos matizes que permeiam a dinâmica de uso dos pronomes de tratamento, por isso, sempre que necessário, lançaremos mão de suas contribuições. No entanto, é importante salientar que um sistema de tratamento complexo, como o que se apresenta em língua espanhola, também reflete outros aspectos pragmáticos contextuais que podem e devem ser abordados, indo além de uma manifestação de cortesia.

Fundamentados nessa premissa, conduzimos uma análise pragmático-discursiva de um fenômeno bastante estendido, especialmente na fala coloquial, em várias comunidades de fala hispânicas, isto é, os usos não prototípicos dos pronomes de tratamento. Em outros termos, exploramos os usos não dêiticos das formas *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência. Esse aspecto já havia sido destacado de forma proeminente em nossa pesquisa anterior (Lima, 2018). Contudo, nesta ocasião, almejamos aprofundar a compreensão das sutilezas que carregam esse uso, visando a elucidar as funções que permeiam essa prática linguística.

Para isso, abordamos inicialmente os pronomes em sua função dêitica para, então, debruçarmos-nos sobre as funções que transcendem os parâmetros da dêixis pessoal e social. Dada a variabilidade de funções que emergem desse contexto discursivo, foi imperativo delimitar algumas delas para viabilizar a análise. Portanto, empregamos o delineamento proposto por Pulido Astorga (2016) para examinarmos os diferentes valores referenciais da segunda pessoa do singular.

Além da já mencionada função dêitica, centramo-nos nas seguintes funções: *generalização*, *generalização focalizada*, *desfocalização* e *encobrimento do eu*, as quais consideramos como funções dêiticas não prototípicas ou parcialmente desvinculadas da

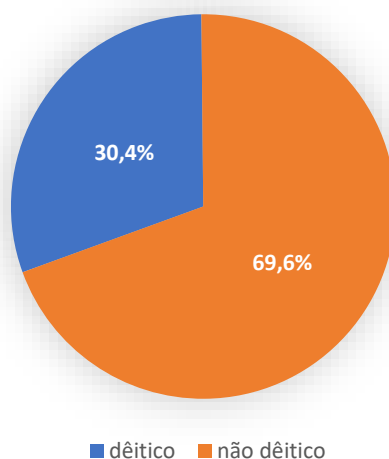
referência direta ao interlocutor. A seguir, apresentamos o quantitativo de dados e porcentagens obtidas por meio da utilização do *software* Atlas.ti. Vejamos:

Tabela 3 – Ocorrências de uso dêitico e não dêitico das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas

Função	tú	usted	Total
dêitica	111	70	181
não dêitica	409	5	414
Total	520	75	

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Gráfico 3 – Porcentagem de uso dêitico e não dêitico das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

De acordo com os resultados obtidos, podemos observar que as formas *tú* e *usted*, em conjunto, são utilizadas com função dêitica em 181 ocorrências, havendo uso predominante da forma *tú* (520) sobre *usted* (75). Por outro lado, foram identificados 414 registros dessas formas nas funções dêiticas não prototípicas elencadas para o estudo, o que equivale a 69,6% do total. Dessa forma, é bastante evidente a preferência pela forma *tú* para indeterminar o referente no discurso. A seguir, apresentamos exclusivamente os resultados referentes as funções dêiticas não prototípicas:

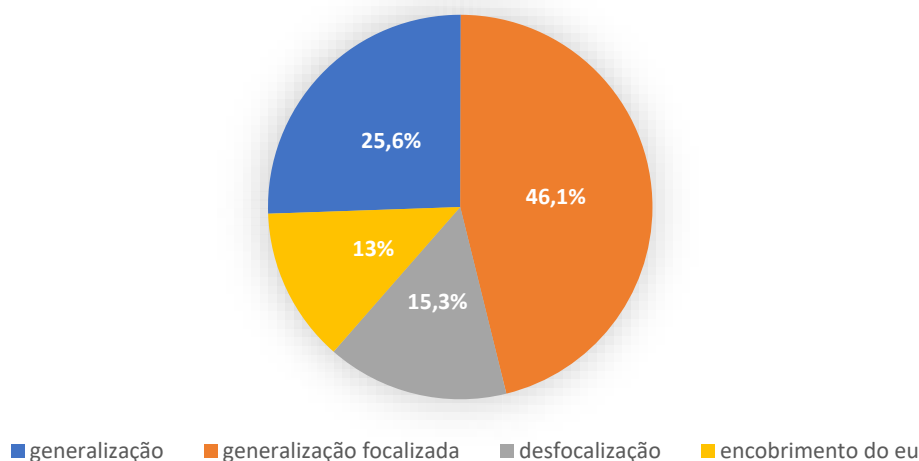
Tabela 4 – Ocorrências das formas *tú* e *usted* e respectivos paradigmas nas funções dêiticas não prototípicas

Função	tú	usted	Total
generalização	102	4	106
generalização focalizada	191	-	191

<i>desfocalização</i>	63	-	63
<i>encobrimento do eu</i>	53	1	54
Total	409	5	

Fonte: elaborada pelo próprio autor.

Gráfico 4 – Porcentagem de uso dêitico não prototípico das formas *tú* e *usted* e respectivo paradigma



Fonte: elaborado pelo próprio autor.

De acordo com cada função dêitica não prototípica, a tipologia denominada como *generalização focalizada* obteve o maior percentual de frequência de uso (46,1%) com o pronome *tú* e seu respectivo paradigma, seguida pelo tipo *generalização* (25,6%) com registros de ambas as formas, *desfocalização* (15,3%) e *encobrimento do eu* (13%). Ao analisarmos as formas separadamente, destaca-se o pronome *tú*, que foi predominante, sendo mais utilizado no tipo de função *generalização focalizada* com 191 dados (46,1%). Em seguida, temos a *generalização* com 102 dados (24,6%), a *desfocalização* com 63 dados (15,3%), e *encobrimento do eu* com 53 dados (12,8%).

Por outro lado, embora apresentando porcentagens consideravelmente mais baixas, a forma *usted* foi mais presente na tipologia de *generalização*, com 4 dados (1,1%), sendo sucedida pela função *encobrimento do eu*, com apenas um (0,2%) de uso característico desse tipo. No contexto de *generalização focalizada* e *desfocalização*, não foi encontrado nenhum emprego do pronome *usted* ou formas de seus paradigmas nas posições analisadas.

Em comparação com os resultados de Pulido Astorga (2016), guardadas as diferenças numéricas, nossa pesquisa apresenta uma configuração bastante semelhante. No estudo contrastivo da segunda pessoa do singular (*tú*, *vos*, *usted*) em função dêitica não prototípica no espanhol chileno e no inglês escocês conduzido pela autora, observa-se uma taxa

de uso mais elevada (52%) dessas formas em sua função não prototípica em espanhol. De modo análogo, a função não dêitica mais utilizada pelos falantes chilenos foi a *generalização focalizada* (76 dados), seguida pela *generalização* (51 dados), *desfocalização* (47 dados) e *encobrimento do eu* (26 dados). Na amostra, o *voseo* destacou-se como forma mais utilizada para expressar a segunda pessoa não dêitica, suplantando o *tuteo*.

Em face dos resultados apresentados anteriormente, a alta frequência da segunda pessoa do singular *tú*, com uso não alocutário, demonstra que esta é a forma mais comum para expressar essa função no espanhol oral de Valência. Evidentemente, isso está relacionado ao declínio de *usted* como forma de tratamento em muitas variedades do espanhol, sobretudo nas peninsulares. Nos contextos de indeterminação do referente, o avanço da forma *tú* é também latente, como pudemos observar.

Nesse sentido, tendo em vista a capacidade inerente aos seres humanos de construir estruturas prototípicas (Bybee, 2020), os falantes valencianos parecem conferir à forma *tú* um status de membro mais prototípico dentro dessas categorias. Essa atribuição decorre do fato de que essa forma se apresenta como o elemento mais típico, mais normal, mais característico, mais frequente e mais representativo da função dêitica não prototípica. Em seguida, selecionamos trechos representativos de cada função, nos quais analisamos os diferentes valores que os indivíduos valencianos atribuem às formas de segunda pessoa do singular em contextos específicos.

5.3.1 Função dêitica

Recuperando o conceito de dêixis, fundamentamo-nos na definição de Lyons (1977, 1984) que coincide com a descrição realizada por muitos teóricos da área. Para o autor, a dêixis é empregada em Linguística para descrever a função dos pronomes pessoais e demonstrativos, da temporalidade, assim como de outros elementos gramaticais e lexicais a partir dos quais determinamos a estrutura e interpretamos as coordenadas de tempo e lugar dos enunciados, a identidade do enunciador e enunciatário, os objetos e os eventos da situação enunciativa. Sumariamente, a dêixis é a maneira pela qual codificamos esses elementos contextuais, e, assim, a correta interpretação depende do contexto imediato em que a interação ocorre.

Entre os tipos de dêixis mencionados em nossa seção metodológica, interessa-nos especialmente a dêixis pessoal e a dêixis social. A primeira aponta para os participantes que integram o evento de fala. Desse modo, as formas dêiticas que codificam essa informação são a primeira e a segunda pessoas (*eu* e *tu*). O segundo tipo de dêixis “indica as identidades das

personas do discurso e a relação entre elas ou entre elas e a (possível) audiência” (Calsamiglia Blancafort; Tusón Valls, 2002, p. 118).

Tendo como foco de estudo a segunda pessoa do singular na variedade valenciana do espanhol peninsular, direcionamos nossa atenção para a dêixis de segunda pessoa. Como é sabido, *tú* e *usted* fazem referência a um interlocutor concreto do contexto enunciativo; entretanto, essa correlação nem sempre se mantém. Como previamente apontado, outro fenômeno amplamente difundido é o uso dessas formas com referência indeterminada ou genérica. Mais adiante, exploraremos detalhadamente esse aspecto. Por ora, concentraremos nossa análise na função dêitica da segunda pessoa do singular, procurando elucidar as motivações por trás das escolhas linguísticas no ato alocutivo.

É pertinente lembrar que foram consideradas as ocorrências de uso dêitico das formas *tú* e *usted* tanto no discurso direto do informante, quando este se dirigia ao entrevistador, quanto em sua fala reportada e narrada durante a interação. Também foram contempladas as falas reportadas de terceiros pelo entrevistado e relatadas ao entrevistador. Ademais, dado que os atributos pessoais do entrevistador são pragmaticamente relevantes no contexto da interação, recordamos que se trata de um homem, professor do Departamento de Filologia Espanhola da Universidade de Valência, situando-se em diferentes faixas etárias ao longo dos anos de coleta do *corpus*. Nas entrevistas selecionadas para esta pesquisa, a idade do entrevistador abrangeu as faixas etárias de 35 a 55 anos e maior de 55 anos.

Inicialmente, apresentaremos alguns exemplos de uso dêitico com a forma que teve maior destaque em nossa amostra, isto é, *tú*, indicando algumas flutuações com o pronome *usted*. Logo em seguida, procederemos à análise com exemplos que envolvem este último pronome. Encerramos esta subseção discutindo uma troca situacional entre essas formas, o que constitui um uso pouco frequente em língua espanhola. Observemos:

(39) B: ahora yo me he hecho unas tarjetas/ con mi eso y he puesto Manolo/ [...] mi mujer ¿pero por qué Ø te has puesto Manolo si **tú** eres Manuel?// digo ¿porque to(do) (e)l mundo me llama Manolo!// ¿pa(ra) qué voy a poner Manuel? /// digo pues soy Manolo Roig (Entrevista 10 - VAL01012HB02)

(40) E: mm/ bueno usted como no tiene hijos pero// ¿ha oído hablar o ha tenido problemas con sus padres?/ eso que se llama conflicto generacional

I: no// en mi época no había conflictos generacionales (risas)/ nos llevábamos- yo siempre- yo siempre es que he esta(d)o mm/ muy ligada a mis padres siempre

siempre/ [...] entonces pues he sido/ ee que si *papi ¿me Ø acompañas?* o que si mi padre *Ø llévame oo tengo que ir al médico/* siempre he sido yo la que me he encargado más de mis padres/ (Entrevista 22 – VAL02232MB00)

(41) E: ¿yy los animales los mata también para casa?

I: antes no mataba/ ahora ya me he hecho asesina que digo yo/ [(risas)]

E: antes mi madre/ mi madre estaba conmigo que- que no podía/ *¿no Ø vas comer?* digo *sí mamá luego/ porque no quería muerto/ no Ø te preocupes yo .../* pero ahora digo *¡ay! si me viera pobrecita mía/* porque murieron los dos/ *¡ay! si me vieran que yo sí sí ...* me diría *¿ y ahora quién es asesina?* (Entrevista 14 - VAL01413MC03)

(42) I: me metí en diversas empresas/ y luego aterrizé en el banco/ más que nada por el horario// porque mi hermano que ya estaba metido en un banco/ me decía/ *no Ø seas tonto/ porque tú estás trabajando hasta las tantas de la tarde/ o de la noche/ y en cambio aquí/ pues/ Ø terminas a las tres/ Ø te vas a tu casa/ el día que Ø quieres dormir la siesta/ ee la Ø duermes/ y el día/ que Ø quieres irte a pasear/ Ø te vas a pasear/ y si Ø necesitas más dinero pues/ Ø te coges una chapucilla yy- y ya está/* y les hice caso a él y a mi madre y en- y en eso estoy hasta ahora (Entrevista 21 – VAL02133HB00)

Os trechos fornecidos servem como exemplificação do uso da forma *tú* em contextos familiares. Em (39), a esposa do informante questiona o motivo pelo qual ele optou por colocar o nome Manolo nos cartões que confeccionou, quando seu nome real é Manuel. Em (40), a entrevistada faz observações acerca do tema relacionado aos problemas geracionais, comentando que sempre manteve uma relação próxima e cuidadosa com seus pais, servindo-lhes de companhia ou levando-os em consultas médicas.

Em (41), a informante menciona uma mudança em seu comportamento relacionado à prática de abater animais em casa. Anteriormente, essa responsabilidade recaía sobre sua mãe. No entanto, após o falecimento dela, a entrevistada brinca ao se considerar “assassina” por ter de assumir essa tarefa. Por último, em (42), o entrevistado relata sua trajetória profissional e os motivos que o levaram a optar por trabalhar no setor bancário, ambiente em que o seu irmão já estava inserido. Este último o aconselhou a realizar essa mudança, destacando os benefícios de se trabalhar com um horário mais regular e flexível.

Os exemplos destacados representam uma pequena amostra da prevalência marcante da forma *tú* nas relações familiares, especialmente entre casais, pais e filhos, e irmãos. O uso quase categórico dessa forma denota uma inclinação em direção à proximidade afetiva e a relações mais solidárias, em que a confiança desempenha um papel fundamental na atenuação das hierarquias. Vale ressaltar que, mesmo que o *tuteo* seja a forma generalizada nesse âmbito relacional no espanhol atual, há casos, como veremos mais adiante, nos quais as relações de poder entre pais e filhos afetam o tratamento pronominal.

Ainda sobre o emprego do *tú* no âmbito familiar, outro fator que merece ser considerado está relacionado à proximidade ou distância entre os membros familiares. Se, por um lado, essa é a forma aplicada no tratamento entre membros pertencentes ao mesmo núcleo familiar, por outro, o tratamento pode variar com indivíduos mais distantes da família. Em pesquisa realizada no espanhol chileno, por exemplo, sogros optam pela forma *usted* para tratar os genros e as noras que não conheciam muito intimamente antes e *tú* quando os conhecem desde pequenos (Eguiluz, 2018). A seguir, reproduzimos uma situação que evidencia o tratamento entre familiares em que há certo distanciamento:

- (43) yo digo bueno/ YO HAGO LA PAELLA/ si me traéis aquí lo que yo os pida// y la suegra/ de mi mu- de mi hija/ lo que **uste(d)** quiera/ lo que **uste(d)** pida **le** traemos// mira lo primero que tiene que hacer es// los animales/ caseros// si ahí en el corral tenemos de todo/ pato conejo y pollo// vale// para cuántos/ son- vamos a ser// pues treinta y tantos/ treinta y tres treinta y cuatro/ según// pues quiero esto esto esto y esto// yo les pedí la cantida(d) de carne de tres animales/ tomates para sofr- fre- freirlo// de la huerta// [...] todo lo que yo pedía/ me lo traían// a mí (Entrevista 19 - VAL01913HB05)

No exemplo (43), o entrevistado narra o dia em que, atendendo ao pedido de sua filha, preparou uma *paella* na casa do então namorado. A condição para a elaboração do prato era fornecer todos os ingredientes que ele solicitasse, ao que a sogra da filha se coloca à disposição para trazer tudo o que ele pedisse. Ao oferecer sua colaboração, ela se dirige ao informante utilizando a forma *usted*. É importante mencionar que não possuímos informação sobre a natureza da relação entre os sogros e o informante em questão. Por esse motivo, consideramos os detalhes específicos desse evento comunicativo para evitar generalizações infundadas e interpretar adequadamente o significado atrelado às formas de tratamento presentes nesse diálogo.

Inicialmente, acreditamos que o tratamento mais distante se explicasse por uma possível diferença de idade, visto que o informante tinha 82 anos na época em que concedeu a entrevista. No entanto, há indícios de que o fato narrado parece ter ocorrido há bastante tempo. Isso é perceptível, por exemplo, quando o informante diz que a casa onde preparou a *paella* era do então namorado, atual marido de sua filha. Em outro momento, ele informa que a filha já tem três netas, reforçando a existência de uma considerável lacuna temporal entre o momento do ocorrido e o momento de sua narração.

Sendo assim, por mais que não pudéssemos verificar as informações relativas à idade da sogra da filha do informante, acreditamos que a diferença etária entre esses indivíduos não seria tão discrepante a ponto de influenciar a dinâmica de tratamento. Se observamos atentamente, o entrevistado utiliza a forma “*traéis*”, segunda pessoa do singular no plural, pronome que também abrange valores como proximidade, familiaridade e solidariedade no espanhol peninsular. Assim, a utilização do *usted*, retratada anteriormente com um membro da estrutura familiar mais ampla, pode estar relacionada ao modo como a sogra constrói a identidade do informante, distanciando-o da esfera familiar básica. Exploraremos outras aplicações de *usted* mais adiante. Por enquanto, continuamos analisando outros usos do pronome *tú*.

(44) E: me interesa saber sobre todo/ cómo/ puede ayudar a estas mujeres que puedan tener un posible cáncer o antes a las mujeres maltratadas/ ¿cómo las consolaba/ cómo las ayudaba o cómo las orientaba?

I: bueno pues// las mujeres/ cuando llegaban/ llegaban destrozaditas/ o sea no había consuelo/// o sea no había consuelo/// odiaban a todo el MUNDO// luego ya cuando [...] cuando pasaba el tiempo se olvidaban/ y querían volver/ pues sí/ siempre/ NO ERAA- no era convencerlas de que/ no tenían que volver/ sino/ a veces pensábamos cómo le vamos a decir que no está/ obrando bien/ que no tiene por qué/ retirar la denuncia/ porque si vuelve va- va/ a lo mismo otra vez// ellas eso no lo querían oír/ o sea ellas no quieren oír que/ si se va a casa/ su marido las va a vo- volver a pegar o a tirar por las escaleras porque/ mucha gente venía ya/ MAL/ así dee- de escaleras venían a montón// lo que sí siempre les decíamos era que ss- pensarán en sus hijos// que loss/ hijos no tenían el porqué de vivir esa situación de ver cómo el padre maltrataba a la madre/ INCLUSO/ muchas veces les llegaba a ellos/// NO/ no entraban- ellas no entraban en razón/ o sea ella- cuando una mujer está dispuesta a irse se iba/ incluso había algún- alguna que

decía pues/ *yo no voy a volver/* y que casi estaba convencida y que salían de allí de la casa/ convencidas de que no iban a volver/ y que luego/ pasaba el tiempo y decías/ *¿qué te ha pasa(d)o que Ø has vuelto?/ pues mira que resulta que mi suegra vino a buscarme/ que mi marido había cambiado/* (Entrevista 22 – VAL02232MB00)

No excerto (44), o entrevistador demonstra interesse em entender como a entrevistada lidava com as situações envolvendo as mulheres em seu antigo trabalho, um centro de acolhida a mulheres maltratadas, e em seu local de trabalho atual, um centro de diagnóstico de prevenção de câncer de mama. Ela inicia um extenso relato abordando as condições emocionais das mulheres maltratadas que chegavam ao seu trabalho anterior, a sua dificuldade em convencê-las a não retornarem às situações de abuso e a importância de pensarem nos filhos. Ao comentar que algumas mulheres, mesmo persuadidas a sair dessas situações, acabarem voltando para o ambiente de violência, a informante utiliza o pronome *tú* numa fala própria reportada, na qual questionava o motivo desse retorno.

Para compreendermos os valores indexados no tratamento mencionado anteriormente, consideramos a perspectiva analítica de Serrano (2017), que aporta contribuições substanciais para a compreensão da variação entre as formas *tú* e *usted*. Para a autora, a alternância entre essas formas pode ser explicada pelo fato delas transmitirem significados diferentes, sendo utilizadas como recursos para subjetivar ou objetivar o conteúdo comunicativo. Desse modo, com base nessas duas dimensões cognitivas, as formas supramencionadas atuam na configuração de diferentes estilos de comunicação.

Pensando em termos de um *continuum*, a primeira pessoa se situa em um extremo que abrange maior subjetividade. Por outro lado, a terceira pessoa e as formas impessoais atuam no extremo oposto, no domínio nocional da objetividade. No que se refere às formas *tú* e *usted*, por exemplo, elas ocupam a posição intermediária. A primeira forma se encontra mais próxima do domínio da subjetividade, e a segunda aproxima-se mais do domínio da objetividade.

Retomando a situação descrita em (44), é possível percebermos o envolvimento ativo da entrevistada no desdobramento da narrativa, fornecendo pormenores e detalhes elucidativos. Em outro momento, ela revela sobre o seu trabalho anterior no centro de acolhida: “*aquel trabajo era quizá más interesante que este/ MÁS humano/ MÁS bonito/ este también es humano y bonito pero aquel era más*”, indicando sua preferência pelo primeiro. Essa avaliação parece estar atrelada ao fato de, no emprego atual, sua atuação ser percebida como menos destacada: “*mi trabajo consiste en recibir las mujeres/ les abro el historial/// [...] las*

mamografías se las paso a la doctora/ [...] entro menos en el tema porque quizá sé MENOS y entonces pues simplemente es más superficial”.

Nesse sentido, o uso do *tú* em (44) emerge em um contexto discursivo que imprime maior subjetividade no tratamento. A informante está inserida em um contexto laboral em que há um forte envolvimento emocional, não só pelas suas habilidades em prestar auxílio de maneira mais eficaz às mulheres vítimas de abuso, como pelo fato de haver crianças envolvidas nessas situações. Podemos constatar este último na seguinte passagem: “*a mí AQUEL me gustaba mucho quizá era porque había niños/ y los niños/// mm necesitaban cariño/ o sea era FALTA de cariño todo lo que necesi- quizá fuese por eso*”. Além disso, chama atenção que, no mesmo trecho em (45), quando passa a comentar sobre como lida com as mulheres no centro de diagnóstico, a entrevistada faz uso da forma *usted* em sua fala reportada. Analisemos:

- (45) [...] y luego mis mujeres estas de ahora pobretes pues/// (2’’) la muj- la- to- todos/ bueno/ yo creo que cuando a uno le dicen ya una segunda prueba ya/ todo el mundo se asusta/ da igual que sea hombre que mujer/ pero las mujeres casi que intuyen/ cuando las llamas y dices/ *mire que soy Rosa/ que le llamo del centro de diagnóstico/ ¡Ay!! ¿QUÉ HÁ PASA(D)O?/ !No no pasa nada!/* bueno intentass- hablas con ellas// les dices que sí/ que esté tranquila/ que no pasa nada// que simplemente es una ampliación dee- un estudio más amplio dee suu mamografía/ y nada yy se- a veces/ cas siempre quedan contentas/ si no- yo creo que si no lo consultan con el marido ya no vuelven a llamar/ si lo consultan con el marido dii- me llaman para de- oiga/ *¿puedo ir hablar con la doctora?/ pues sí Ø puede venir a hablar con la doctora/* (Entrevista 22 – VAL02232MB00)

A escolha pelo uso do *usted* em (45) parece estar condicionada pela situação comunicativa em que a interação ocorre, sendo selecionada como mais apropriada para aquele contexto específico. Conforme podemos perceber, o trabalho no centro de diagnóstico envolve uma interação pessoal menos próxima, uma vez que a comunicação com as mulheres é limitada, como podemos verificar quando a informante diz: “*yo tampoco les puedo decir nada*”. O trabalho mais significativo é conduzido pelos médicos, tornando o seu mais mecânico e, como ela afirma, superficial. Esses aspectos contribuem para a um maior distanciamento em relação às pacientes, as quais são indexadas de forma mais objetiva pela entrevistada.

No que se refere ao uso da forma *usted*, vimos que sua ocorrência apresentou uma incidência menor quando comparada aos usos dêiticos da forma *tú*. A partir da análise

contextual realizada, percebe-se que o seu uso ainda está fortemente ancorado em convenções socioculturais. No espanhol peninsular, é prática comum empregar a forma *usted* como uma estratégia de cortesia no início de diálogos, especialmente entre participantes desconhecidos. Desse modo, nas ocorrências analisadas, percebe-se uma manifestação de respeito e distinção associada a essa forma. Outros possíveis fatores, como a construção da imagem positiva de si, foram também examinados. A seguir, ilustramos e discutimos esses usos:

(46) E: [...] ¿y de trabajo?// trabajo o la profesión/ ¿qué nos cuenta?

I: trabajo/ puees- pues yo cuando era más joven estudié pintura/ en san Carlos/ quería seguir la tradición fa- familiar/ porque un abuelo nuestro/ era pintor// como buen artista no fue profeta en su tierra/ porque era valenciano y aquí no le conoce nadie// y **usted** tampoco le conocerá/ se llamaba Vincente Marc

E: (risas) no le conoceré

I: ni idea/ ¿**usted** ve? (Entrevista 21 – VAL02133HB00)

(47) E: y ya por último Teresa/ ¿qué- cómo reaccionarías si mañana descubres que tienes OTRA hermana gemela que no sabías?

I: ¡ah! yo bien/// otro más/ pues divinamente/ yo eso- a mí no me importa eso/// lo que llevaría yo peor/ porque/ mi padre a veces de cachondeo siempre dice *¡bah! pues si se muere tu madre antes/ me voy a buscar otra/ y yo digo a mí Ø búsquese la que quiera/ a mí no me la Ø traiga//* ahí ya lo llevaría yo mal por parte de los dos ¿ves?/ pero ¿tener una hermana gemela? cosa que veo yo difícil/ porque ¿cómo yo?!/ (bufido) cuando me tuvieron a mí se rompió el molde (Entrevista 11 - VAL01112MC02)

Em (46), o informante, homem de 58 anos, compartilha informações relativas à sua trajetória educacional e as motivações para estudar pintura. Ao narrar que seu avô foi um bom pintor, apesar de não ser reconhecido em sua cidade natal, o informante utiliza a forma *usted* para comunicar que nem mesmo o entrevistador o conheceria. A propósito, há intercâmbio mutuo de *usted* entre os participantes, o que parece ser uma possibilidade no espanhol atual quando não há diferenças marcantes de poder entre os usuários, como no caso em evidência. A adoção mutua dessa forma, sugere uma abordagem mais distante e cortês no tratamento.

Por outro lado, em (47), quando questionada sobre como reagiria se descobrisse que tem uma irmã gêmea, a informante enfatiza que não se importaria, mas revela que teria

dificuldades se seu pai decidisse buscar uma nova esposa após a morte de sua mãe. Em sua fala reportada, ela utiliza *usted* para se dirigir ao seu pai e destacar o seu desconforto com a possibilidade da nova companheira. Este uso demonstra uma dinâmica que se distancia das práticas linguísticas observadas atualmente no tratamento aos progenitores.

É sabido pela literatura especializada na temática que a forma de respeito *usted* entra em desgaste no século XIX, momento em que as relações familiares se abrem para tratamentos mais solidários e simétricos, nos quais o *tuteo* recíproco se destaca em muitos contextos e situações comunicativas (García Godoy, 2010). Entretanto, o uso do *usted* pela entrevistada nos parece ser resultado de uma demanda ou expectativa advinda de sua figura paterna, que aparenta valorizar a diferenciação no tratamento pronominal, característico das relações de poder. Isso fica perceptível em dois momentos da entrevista. Vejamos:

(48) E: ¿yy qué diferencias hay en la educación que tú recibiste/ y la que tú le has dado a tu hija?

I: (chasquido)/ yo pienso quee- cua- a- a ver- es que- mis padres ¡claro!/ en la época aquella/ pues es como máas- (chasquido) aunque te dan liberta(d)/ pero no es lo mismo// porque la educación de mis padres no es la mía/// entonces es lo que yo tengo que decir/ yo por ejemplo a mis padres les hablo de usted/ (Entrevista 11 - VAL01112MC02)

(49) E: ¿y tu hija cómo trata a sus abuelos?

I: ¿cómo les habla?

E: ¿de tú o de [usted?]

I: [de tú/] de tú/ ¡ooh! ES QUE MIS PADRES NO LES PERMITE/ ESO ES LO QUE YO LE DIGO A MI PADRE Y A MI MADRE/ digo *vamos a ver/ yo de usted// y llega mi hija y de tú/ y ellos dicen ¡ay! pues estaría bien que nos hablase de uste(d)/* (Entrevista 11 - VAL01112MC02)

No diálogo (48), o entrevistador questiona que tipo de educação a entrevistada recebeu dos pais e a que ela proporciona a sua filha. A informante reflete sobre a diferença geracional na abordagem educacional, destacando as diferenças entre as gerações. Finaliza mencionando que se reporta aos seus pais utilizando a forma *usted*, sinalizando uma marca de respeito no tratamento com os seus progenitores.

Em (49), ao responder o questionamento do entrevistador sobre a maneira como a sua filha trata os avós, a entrevistada evidencia uma distinção interessante relacionada ao uso das formas de tratamento em diferentes gerações. Sua filha, por exemplo, opta por utilizar o pronome *tú*, enquanto a entrevistada, seguindo a preferência dos próprios pais, mantém uma abordagem mais formal, utilizando o pronome *usted*. No cenário apresentado, percebemos como diferentes normas podem coexistir em um mesmo contexto familiar, revelando a complexidade das dinâmicas intergeracionais no uso das formas de tratamento. A propósito, como afirma García Godoy (2010, p. 602, tradução nossa), “estamos longe de conhecer como se conformam as distintas normas hispânicas existentes hoje para o tratamento [...] aos genitores.”³⁸.

Evidentemente, as escolhas das formas de tratamento não se limitam a uma simples preferência linguística, mas, nos exemplos oferecidos acima, são representações de experiências e pensamentos enraizados na estrutura familiar. A preferência por *tú* emerge como um elemento icônico, refletindo uma correspondência mais direta com as experiências vividas e a perspectiva dos interlocutores advindas com a evolução das dinâmicas sociais experimentadas em diferentes comunidades de fala. Por outro lado, temos de reconhecer a validade e a importância do uso da forma *usted* em contextos nos quais a formalidade é valorizada como uma extensão das normas familiares transmitidas ao longo das gerações. A variação entre essas formas, alicerçada em normas familiares e tradições, reflete a complexidade e dinamismo intergeracional ao utilizar os pronomes *tú* e *usted*. Prosseguindo com a análise, exploremos outro contexto de uso da forma *usted*:

(50) E: muy bien// bueno Manolo/ vamos a continuar/// por cierto/ ¿te llaman Manolo o Manuel?

I: pues normalmente me gusta que me llamen Manolo

E: ¿Manolo?

I: sí

E: ¿no hay [problema si-?]

B: [no no//] [...]

[...]

B: y no sé si cuando me he presenta(d)o **a usted**/ no sé si **le** he dicho *soy Manolo Roig o Manuel Roig*/ [no lo sé]

³⁸ “[...] estamos lejos de conocer cómo se conforman las distintas normas hispânicas existentes hoy para el tratamiento vocativo y referencial a los progenitores.” (García Godoy, 2010, p. 602).

A: [no me acuerdo/] no/ es que hay quien- hay a quien le gusta que le llamen Manuel// y hay a quien le gusta que le llamen Manolo// eso de los nombres ...
(Entrevista 10 - VAL01012HB02)

É imperioso ressaltar que, por meio de notas de campo presentes na ficha técnica de cada inquérito, o *corpus* PRESEVAL apresenta informações bastante relevantes sobre o tratamento utilizado pelos interlocutores no decorrer da entrevista. Essas anotações constituem recursos inestimáveis para a compreensão da complexidade e dinâmica inerentes às formas de tratamento empregadas pelos usuários. Desse modo, é possível encontrarmos registros do tipo: “Após a apresentação realizada pela aluna, os tratamentos iniciais foram: E a I, de *tú*; I a E, de *usted*. A partir do minuto seis da entrevista I trata a E de *tú*” (Gómez Molina, 2007, p. 76).

Na entrevista da qual se extraiu o exemplo (50), consta que ambos os participantes, entrevistador e entrevistado, utilizam como forma de tratamento o pronome *usted*. No entanto, decorridos dois minutos do início da entrevista, o entrevistador alterna para o uso de *tú* e o informante mantém o uso de *usted*, utilizando o *tú* apenas em três ocasiões ao longo da entrevista. Ademais, o inquérito em questão é um dos poucos casos no *corpus* PRESEVAL em que o entrevistador provoca reflexões sobre que tipo de tratamento utilizariam os informantes com determinados interlocutores. A seguir, exibimos a referida passagem:

(51) E: bueno/ pues vamos aa hacer esta entrevista/ en primer lugar estábamos hablando de las formas de tratamiento// ¿quiere explicarnos un poco cómo trata usted a los clientes/ o cómo saluda a la gente?

I: pues nada/ pues yo normalmente pues los saludo/ oo sea cuando suben *buenos días* o *buenas tardes tal y cual*// yy antes/ cuando no era taxista/ pues/ me imponía más la gente// ara desde- eraa muy muy tímido// ara desde que soy taxista/ no sé si/ con la relación de la gente/ pues ahora/ ee el trato es más- más-bueno que no tengo tantoo mirami- miramiento en el sentido este de quee/ antes me daba vergüenza esto y ahora no me da tanta vergüenza/// Y normalmente si son personas más o menos de mi eda(d)/ pues les trato de *tú*/ y si alguna persona a lo mejor es mayor y eso/ la trato de *uste(d)*// PERO// lo que sí que suelo hacer es- digoo *¿le importa que le hable de usted o algo?*// y entonces me dicen *oiga/ pues sí/ o pues no/* normalmente siempre les ...

E: [y- y- y]

I: [pues es-] ES MÁS confianza el hablarles- el tutearles ¡vamos!

E: muy bien// o sea usted se siente más tranquilo/ [más seguro]

I: [sí/ sí]

E: ¿y la forma de vestir de las personas que suben al taxi/ le influye o no?

I: pues no (risas)/ no

E: muy bien/ pues bueno vamos a hablar ya de otras cosas también interesantes/// en primer lugar Manuel ¿quieres hablarnos de todo lo que recuerdes de tu infancia/ de la escuela/ de los juegos? (Entrevista 10 - VAL01012HB02)

A situação comunicativa em pauta ilustra como a escolha no tratamento é também mediada pela influência que os participantes exercem um sobre o outro, adaptando os seus papéis no curso da interação. A passagem do *usted* para o *tú* na fala do entrevistador, acontece somente após o informante asseverar que se vale do *tuteo* para se reportar a alguém da mesma idade. É importante informar que ambos os interlocutores pertencem à mesma faixa etária (35 a 55 anos); portanto, a troca no tratamento realizada pelo entrevistador indica uma estratégia de adaptação ao estilo comunicativo do entrevistado. Desse modo, estabelece-se uma interação mais proximal, alinhada às práticas mencionadas pelo informante. A propósito, segundo Brown e Ford (1961), a mudança para tratamentos mais horizontais e formas linguísticas do âmbito da intimidade é frequentemente iniciada por aqueles de maior poder.

Apesar de as ocorrências das formas pronominais na fala do entrevistador serem desconsideradas na contabilização realizada, um exame minucioso delas é imprescindível para a correta interpretação dos usos feitos pelos informantes selecionados. O valor atribuído às formas de tratamento é relacional, determinado pela dinâmica da relação entre os participantes e não pelas suas características analisadas de forma isolada (Brown; Ford, 1976). Dito isso, chamou-nos a atenção a manutenção da forma *usted* por parte do informante mesmo após a reconfiguração no tratamento realizada pelo entrevistador, motivada, muito fortemente, pela declaração daquele sobre o uso de *tú* para pessoas de mesma idade que a sua. Nesse contexto, acreditamos que o emprego do *tú* recíproco já não estaria sujeito à possibilidade de ser avaliado como inadequado.

Embora as notas de campo mencionem três ocorrências de *tú* na fala do entrevistado, o leitor tem acesso efetivo a apenas duas delas ao longo do texto. No entanto, descartamos esses usos devido a sua forte caracterização pragmática como marcadores do discurso. Reproduzimo-las a seguir:

(52) I: sí/ la- normalmente es buena gente/ aparte de eso es que/ (risas) **te** digo la verdad/ yo si veo a una persona quee- que no me- aunque (risas)/ BUENO/ no he tenido problemas porque no he querido (Entrevista 10 - VAL01012HB02)

(53) I: [y fue-] fue fabuloso/ fue- fue- fue un viaje fabuloso/// ya **te** digo/ más bonita esta boda que la- (risas)/ que la anterior (Entrevista 10 - VAL01012HB02)

O exemplo (52) é uma resposta ao entrevistador quando este pergunta se o informante já teve problemas com clientes. De acordo com o *Diccionario de conectores y operadores del español* (Fuentes Rodríguez, 2009), expressões como “*la verdad*”, “*si te digo la verdad*”, “*la verdad es que...*”, “*la verdad sea dicha*” são utilizados como marcadores de força argumentativa, portanto, o exemplo “**te** digo la verdad” apresenta-se como um operador enunciativo que serve para dar ênfases à informação seguinte.

O exemplo (53) emerge no contexto em que o informante relata uma festa em comemoração aos seus 25 anos de casado. De modo análogo, segundo o mesmo dicionário, “**ya te** digo”, trata-se de uma expressão gramaticalizada que tem como função reiterar uma informação já mencionada, dar respaldo ao que já foi dito e dar continuidade ao discurso. Sendo assim, os usos de *tú* na fala do informante aos que se referem as notas de campos constituem expressões fixas bastante utilizadas no espanhol atual. Como é sabido, alguns marcadores discursivos são altamente resistentes à variação com a segunda pessoa e as formas de tratamento (Grande Alija, 2019).

Progredindo na entrevista e direcionando nossa atenção para as informações presentes no contexto sociocomunicativo e discursivo, chama atenção os valores atribuídos pelo informante à imagem projetada pelos seus clientes ao utilizarem formas linguísticas mais marcadas. Observemos:

(54) E: [...] ¿y qué opinas sobre la inmigración?/ que es un problema que nos afecta bastante

I: ¡hombre! la inmigración pues/ la verdad es que no es mala// porque- y hay también dos clases de inmigración/ hay gente de que viene aquí// y se cree que va a vivir del cuento/ pero hay otra gente que viene y realmente está trabajando [...] la gente esta de Ecuador y todo eso/ yo veo que es gente muy humilde// y la veo- los veo- (chasquido)/ culturalmente los veo muy- ¡yo que sé!/ que- que son muy educados// te hablan de usted ¿cómo dice/ señor?// ¿sí/ señor?// ¿cómo

dice/ señor?// y los colombianos también/ en general (Entrevista 10 - VAL01012HB02)

É notório como o informante associa o uso de formas como *usted* e *señor* a padrões culturais que enfatizam a educação atrelada ao falante. Assumindo que toda interação é uma representação (performance) na qual as participantes desempenham um papel diante do seu interlocutor (Amparán; López Gallego, 2000), a seleção e conservação do *usted* no decorrer da entrevista podem estar relacionadas à conduta que o entrevistado deseja projetar para seu interlocutor. Com base nas atitudes e valores socialmente compartilhados, há o desejo de que sua imagem social seja avaliada e aprovada, tal como o fez com os imigrantes que menciona em sua fala. Desse modo, a imagem social (Cf. Bravo, 1999) performada pelo falante condiciona seu comportamento linguístico no contexto discursivo.

Outro aspecto que demandou a nossa atenção neste estudo está relacionado à oscilação das formas *tú* e *usted* ao longo da mesma situação comunicativa. É interessante observar como os informantes (re)negociam ativamente os seus papéis durante a mesma interação verbal, demonstrando, assim, uma capacidade intrínseca de ajustar as suas escolhas linguísticas de acordo com os matizes e as especificidades exigidas pelo contexto discursivo.

Embora não seja possível percebermos alguns casos dessa flutuação na superfície textual das entrevistas, dado que as ocorrências das formas *tú* e *usted* em função dêitica são muito mais frequentes na fala do entrevistador do que na fala dos informantes, o tipo de tratamento utilizado entre os participantes é previamente informado em notas de campo que constam na ficha técnica do referido inquérito. Por outro lado, ainda que de maneira bastante escassa, podemos apreender esse fenômeno em algumas passagens, como ilustramos nos exemplos a seguir:

(55) E: muy bien/ pues ya que estamos en tu casa organizando la fiesta/ explícanos cómo es tu casa

I: pues mi casa es un dúplex// de noventa metros cuadra(d)os (risas)/ es una finca a(b)stracta// eel arquitecto que la diseñó tiene otra/ al la(d)o del Politécnico/ no sé si la Ø sabrás cuál es// ésa verde y [blanca] (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

Considerando o esquema desenhado para as entrevistas que compõem o *corpus* PRESEVAL, a interação verbal registrada em (55) está inserida em uma sequência de temas que facilitam o surgimento de estruturas descritivas por parte dos informantes. Nesse contexto

específico, o tópico em questão surge após a informante relatar como organizaria sua festa de aniversário. Após essa exposição, o entrevistador solicita que a entrevistada descreva a sua residência. Ela, por sua vez, relata que mora em duplex de 90m², localizado em uma propriedade descrita como “abstrata”. Além disso, menciona a existência de outra propriedade desenhada pelo mesmo arquiteto responsável pelo projeto de sua moradia, localizando-a ao lado do Politécnico, um Instituto de Formação Profissional da cidade de Valência. É neste momento em que a entrevistada introduz implicitamente a forma dêitica *tú* ao dizer “*no sé si la **sabrás** cuál es*”, indicando sua incerteza quanto ao conhecimento do entrevistador acerca da outra propriedade projetada pelo arquiteto.

No exemplo a seguir, a entrevistada realiza uma mudança de tratamento de *tú* para *usted* em um momento mais adiante no inquérito. Vejamos:

(56) E: bien Ana/ ¿juegas a la lotería?

I: no mucho

E: yy primitivaa o eso/ tampoco bueno

I: nada

E: imagínate que mañana o un premio gordo/ o una herencia inesperada/ ¿qué?

I: (risas) eso lo **Ø** dice/ porque/ el primer boleto que eché fue para el euromillón de esta semana// que salía ciento ochenta y siete millones de euros// y ya me puse a soñar// la casa dee- la casa en el centro me la compro seguro/ pero yo creo que seguiría trabajando (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

O trecho exemplificado pertence ao último módulo esquematizado nas entrevistas. Nesse momento, entrevistador e entrevistados iniciam um diálogo de perguntas e respostas sobre temas reais e hipotéticos. Na situação acima, o entrevistador pergunta à informante se ela participa de jogos de loteria, ao que ela responde que não muito. Diante da negativa, o entrevistador continua indagando sobre jogos de azar e menciona a *Primitiva*, um sorteio muito popular administrado pelo Estado, ao que a entrevistada responde que não joga nenhuma. Em seguida, ela é questionada sobre como reagiria em uma situação hipotética em que ganhasse um prêmio lotérico ou uma herança inesperada no dia seguinte. Em face dessa pergunta, ela ri e, posteriormente, faz outro uso dêítico, dessa vez com a forma *usted* implícita, quando diz “*eso lo **dice** porque el primer boleto que eché fue para el euromillon de esta semana*”. “*Dice*” é uma referência direta ao entrevistador, que traz à baila uma situação hipotética justo na semana

em que a entrevistada jogou na loteria pela primeira vez em sua vida, o Euromillón, um jogo presente em alguns países europeus.

No caso em questão, informa-se, por meio de nota de campo, que o tratamento inicial realizado pela informante em direção ao entrevistador foi de *usted*, com uma transição para *tú* a partir da metade da entrevista (12 minutos após o início). No inquérito, não há marcas pronominais de *usted* com referência ao seu interlocutor, até o momento em que a entrevistada realiza a primeira troca de tratamento. A forma verbal “*dice*” aparece em meados da segunda parte da entrevista, algum tempo depois do registro da primeira passagem entre as formas.

A situação descrita sugere que a informante alterna, primeiramente, de *usted* para *tú*, voltando posteriormente a utilizar o *usted*. Embora essa oscilação se configure como um uso funcionalmente marcado, ela retrata como os falantes alternam entre uma forma e outra sem que haja ocorrido uma modificação nos elementos constitutivos da interação. Essa dinâmica, evidentemente, não é exclusiva da língua espanhola. Conforme Rigatuso (2011), ela está presente em outros idiomas e responde a distintos fatores, sendo o pragmático um deles.

Ao analisarmos o contexto em que se produziu essa flutuação sob a óptica da teoria desenvolvida por Brown e Gilman (1960), percebemos que a relação entre os interlocutores é orientada por forças existentes na dimensão do poder. As diferenças de sexo, idade e profissão atendem as condições necessárias para estabelecer o entrevistador como o indivíduo de maior poder em detrimento da entrevistada. Aquele é um homem, professor universitário com 59 anos. Esta é uma mulher, garçonne e estudante com 20 anos de idade. Nesse sentido, o tratamento é marcado pela assimetria, ou seja, o interlocutor superior utiliza uma forma T e recebe uma forma V. Segundo a proposta dos autores retrocitados, não haveria, portanto, contexto para que o tratamento atuasse no âmbito da solidariedade.

O fato de a informante iniciar a entrevista com a forma *usted* sugere um tratamento com valor de respeito em direção ao entrevistador. Como é sabido, essa forma cumpre a função com valor deferencial no espanhol contemporâneo (Azofra Sierra, 2019). Isso fica ainda mais evidente quando, nos minutos iniciais da entrevista, o entrevistador questiona a informante sobre como trataria um homem que possui as suas características. A seguir, reproduzimos esse diálogo:

(57) E: bueno Ana ahora sí/ vamos a empezar/ een primer lugar si tú ves a un hombre de mis características por la calles/ ¿cómo lo tratas de tú o de usted?

I: de usted

E: ¿y por qué?

I: pues porquee/ por la eda(d)/ bueno por (risas)// no por la edad ¡jo! / por///(3”)
por las canas más que nada (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

Na circunstância exposta, ao ser inquerida sobre como trataria um homem com as características do entrevistador se o visse na rua, a informante revela que optaria tratá-lo por *usted*. Quando questionada sobre a razão por trás dessa escolha, ela menciona a idade como motivo. Em seguida, a entrevistada parece consciente de que mencionar a idade possa gerar uma situação constrangedora em relação ao entrevistador, trazendo o elemento “canas” (cabelo grisalho) como uma expressão mitigadora e potencialmente menos ofensiva.

Neste íterim, o significado atrelado ao uso de *usted* envolve os aspectos sociais constitutivos desse evento: a relação entre os interlocutores, a qual provou ser um condicionador significativo para variação entre as formas *tú* e *usted* em Lima (2018); e as características sociais dos participantes, como a idade. Conforme Blas Arroyo (1994b), dentro da norma sociolinguística do espanhol peninsular, parece haver uma recomendação para a escolha do pronome *usted* por parte do interlocutor hierarquicamente inferior. Sendo assim, a dinâmica de uso dos tratamentos no início da entrevista parece acompanhar a convenção normativa cultural esperada para esse tipo de interação específica.

Avançando na entrevista, a adaptação pragmática realizada pela informante ao *tutear* o seu interlocutor diverge das convencionalidades sociolinguísticas estabelecidas, desviando-se da norma linguística preconizada. Nesse sentido, subscrevemos a opinião de Blass Arroyo (1994b) ao discutir a inaplicabilidade das dimensões do poder e da solidariedade para abranger as diferentes situações linguísticas e culturais que envolvem o uso das formas de tratamento.

Deslindar as motivações que subjazem uma mudança no tratamento, como a descrita acima, não é tarefa fácil. Como bem observado por Braun (1988), o tratamento constitui um domínio onde quase tudo é possível e que opera com suas próprias regras. Essas normas podem, inclusive, diferenciar-se daquelas de outros domínios e até mesmo da lógica. Desse modo, para que não caiamos em tentativas improdutivas, é necessário olharmos para as especificidades do contexto, pois o emprego ou qualquer modificação no significado dessas formas estão vinculados aos elementos presentes na interação.

Não havendo mudança significativa dos interactantes e da situação social, a alternância na forma de tratamento para o uso de *tú* realizada pela entrevistada não nos parece, à primeira vista, uma escolha deliberada, podendo ser resultado de contingências do contexto discursivo. Embora a tendência de uso do *tú* solidário experimente um notável crescimento no

espanhol peninsular, Stoll (2006) adverte-nos que é preciso lembrar que essas não são formas soltas que reagem diretamente às inovações. Por outro lado, são formas que tendem a um emprego quase automático, em que já não se costuma pensar em seu conteúdo semântico original.

No que se refere ao uso do *tú* solidário, Granados Romero (2018, p. 77, tradução nossa) esclarece que este se “destaca atualmente nas relações em que se expressa o sentimento de igualdade entre pessoas que compartilham uma qualidade comum ou afinidade em um ou vários aspectos das relações sociais”³⁹. Essa observação corrobora a nossa perspectiva anterior, visto que os participantes parecem divergir quanto à identidade psicossocial. Além das já mencionadas assimetrias, a entrevistada, por exemplo, gosta de jogar videogames e de mangá⁴⁰, aspectos que, segundo demonstrado pelo próprio entrevistador, escapam ao seu conhecimento. De modo análogo, quando perguntada se considerava que os jovens devem ir à universidade (ambiente laboral do entrevistador) ou obter um bom trabalho com uma formação profissional, ela responde de forma descontraída: “*yo (risas)/la universidad no la he pisa(d)o mucho la verda(d)*”.

Conforme mencionado, o tratamento utilizado em todo inquérito pelo entrevistador em direção à entrevistada foi inferior solidário. É possível que essa conduta durante o transcurso da entrevista possa ter contribuído para a formação de um contexto propício à adoção de formas menos marcadas, neste caso, o pronome *tú*. Como se sabe, o fenômeno do tratamento é regulado por convenções culturais e sociais e, consoante a Blas Arroyo (1994), há uma tendência vertiginosa à eliminação de preconceitos e hierarquias sociais nas sociedades modernas e democráticas. Essa realidade parece colaborar para que uma mudança de tratamento, neste ponto da entrevista, já não fosse percebida como uma medida disruptiva.

Há de se considerar ainda que a mudança no tratamento esteja relacionada a determinados tópicos e assuntos. Como se pode observar, a forma pronominal *tú* emerge em um contexto em que o tópico discursivo é conduzido pela entrevistada de maneira aparentemente descomplicada. Quando convidada a descrever a sua casa, ela o faz a partir da experiência, de sua própria vivência pessoal, indicando, assim, uma falta de complexidade no desenvolvimento do tema.

³⁹ El tú recíproco, solidario, destaca actualmente en las relaciones donde se expresa el sentimiento de igualdad entre personas que comparten una cualidad común o una afinidad en uno o varios puntos de las relaciones sociales. (Granados Romero, 2018, p. 77).

⁴⁰ Gênero de história em quadrinhos de origem japonesa. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (em linha), 2008-2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/mang%C3%A1>>. Acesso em: 01/10/2023.

Em outro momento, quando indagada sobre a sua participação em sorteios lotéricos, a informante responde com uma negativa acompanhada de uma partícula com função atenuadora, “*no mucho*”, sugerindo ter uma experiência limitada nesse sentido. Desse modo, o tópico conversacional demonstra ser pouco experienciado pela entrevistada, demandando maior esforço em seu desenvolvimento. Diante da insistência do entrevistador ao citar uma lotérica espanhola bastante popular, a informante responde com um categórico “*nada*”.

Ao analisarmos atentamente o contexto discursivo, parece-nos que há certa relutância por parte da entrevistada em desenvolver a temática, visto que é possível notar uma oscilação em suas declarações. Primeiramente, ela nega o que foi apresentado pelo entrevistador. Em seguida, em resposta a uma nova abordagem deste, a informante realiza uma negação mais enfática, deixando mais evidente a ausência total na participação em jogos de loteria. Essa negação reiterada assemelha-se ao que Meireles (1991) classifica como “dissenção”, isto é, um tipo de negação que surge na interação entre os interlocutores e consiste no desejo que o falante tem de interromper o seu interlocutor e sugerir uma alteração na dinâmica do diálogo. De acordo com Weinrich (1976, p. 80 *apud* Meireles, 1991, p. 60), esse uso é descrito como “[...] uma instrução do falante para que o ouvinte descarte a(s) expectativa(s) criada(s) durante o desenrolar da comunicação, [...] para deter o interlocutor e rejeitar sua contribuição à comunicação.”.

É somente a partir de uma nova intervenção do entrevistador — colocando em tela uma situação hipotética — que a informante revela ter realizado, naquela semana, a sua primeira aposta em um jogo de loteria, o Euromillón. Neste momento específico, notamos uma reparação no tratamento, isto é, um retorno para a forma *usted* com valor deferencial. Tendo em vista o caráter mais formal atribuído a essa forma, ocorre uma redefinição dos papéis por parte da entrevistada, demarcando, assim, um distanciamento do seu interlocutor para estabelecer um ambiente mais respeitoso na interação. A propósito, de acordo com suas palavras, o uso de *usted* trata-se mais de uma questão de respeito.

Ademais, se antes possíveis tensões geradas com esse tipo situação comunicativa (a entrevista) tinham sido suavizadas com narrativas que envolviam a informante, agora ela se encontra diante de um tema pouco experienciado e, provavelmente, mais complexo. Como é sabido, temas dessa natureza provocam um maior monitoramento de fala por parte do falante, criando uma atmosfera propícia para o surgimento de formas mais marcadas, como a utilizada em questão.

Diferentemente do português, no qual, segundo Braun (1988), há uma maior flexibilidade e menos rigidez na distinção T/V, não sendo uma mudança em seu uso algo necessariamente irreversível; a língua espanhola é mais inflexível nesse sentido. Nos termos de Aijón Oliva (2019), essas não são formas facilmente intercambiáveis em um mesmo texto, sendo mais provável que o falante utilize de modo consistente a mesma forma escolhida inicialmente para se dirigir ao seu interlocutor.

Diante do fato narrado, torna-se evidente que, embora este seja um caso com ocorrência aparentemente pouco frequente em língua espanhola, uma variação situacional, como a descrita, conjuga aspectos relativos tanto aos atributos dos participantes quanto aos seus objetivos comunicativos na interação. Portanto, tendo em vista que o significado atrelado a essas formas é dado pragmaticamente, não se pode prescindir da devida contextualização para uma compreensão mais sólida e embasada das motivações que subjazem o uso. Isso posto, apresentamos a seguir as discussões em torno aos usos não prototípicos das formas sob análise.

5.3.2 Generalização

Conforme evidenciamos em nossa seção metodológica, a estratégia de *generalização* se manifesta quando as formas pronominais de segunda pessoa do singular, em nosso caso, *tú* e *usted*, são utilizadas de modo indeterminado. Em outras palavras, essas formas não estão vinculadas a um interlocutor específico do evento comunicativo. Ao utilizar a segunda pessoa do singular, o falante busca generalizar situações e experiências que possam ter sido compartilhadas por qualquer indivíduo, incluindo a si mesmo ou a outros. Desse modo, a referência é estabelecida de modo mais amplo, dissociando-se da referência direta a um participante da interação comunicativa. Examinemos os excertos a seguir:

(58) E: ¿algún otro plato que sepas preparar/ además de esos?

I: hago rosquillas/ hago espaguetis

E: a ver los espagueti(s)

I: espaguetis aa/ la carbonara/ pues Ø cueces los espaguetis/ mientras tanto Ø cortas el champiñón a trocitos// ee/ Ø fríes el champiñón/ luego Ø echas el beicon porque tarda menos en freírse que el champiñón// le Ø pones la nata por encima// y luego toda esa mezcla se la Ø pones a los espaguetis ya hechos y/ limpios (risas)/ y ya está (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

(59) E: ¿y en general como ves el futuro?

I: [¡oh!]

E: [¿la] situación futura?

I: (risas) ¡negra!// ¡ah! pero yo- mira/ yo pienso que el futuroo/ para cada persona es pues más o menos como **tú** te lo quieras ir montando/// yo pienso también que es que depende de lo que **túu**/ quieras en esta vida// si **tú** te amoldas a lo que **Ø** tienes/ yy **Ø** piensas que si **Ø** tienes dos/ no **Ø** puedes tener cuatro o no **Ø** puedes desear cuatro porque no los **Ø** tienes/ pues yo pienso que la vida transcurre bien y el futuro... (Entrevista 11 - VAL01112MC02)

- (60) E: bueno// imaginemos/ es un supuesto/ imaginemos quee te hubiera salido alguna hija con problemas/ pues que vuelve tarde a CASA/ o que fuma MUCHO/ o que se DROGA/// si tuvieras un hijo con problemas/ ¿cómoo tratarías de convencerlo para que dejara eso?

[...]

I: una- una continuación de- de lo de casa/ pero si en casa no **Ø** tienes una educación// en el colegio tampoco **te** van a decir otra educación/// yo pienso eso/ de que si **tú** has cogido a un hijo/ l(o) has- l(o) has- l(o) has cria(d)o como lo **Ø** debes de criar/ le **Ø** has enseña(d)o tus- tus cosas// es como cuando **Ø** coges un árbol/ si **tú** de pequeño lo riegas/ lo **Ø** siembras/ lo **Ø** vas educando para que crezca sano y fuerte/ pues ee la vida de una persona creo que es igual// (Entrevista 10 - VAL01012HB02)

As situações discursivas apresentadas nos exemplos anteriores refletem elementos importantes da vida humana, focalizando aspectos culturais, existenciais, assim como educacionais. Nesse sentido, as formas de segunda pessoa do singular inseridas nesses contextos podem ser consideradas como estratégias de generalização, visto que ampliam a referência para um público mais amplo. Como podemos observar em (58), a informante fornece uma receita de espaguetes à carbonara, apresentando técnicas gerais para a preparação do prato. Embora as instruções sejam dadas na segunda pessoa do singular *tú*, o contexto indica que a referência é dada de forma genérica. Desse modo, qualquer pessoa interessada na preparação de espagete à carbonara pode aplicar as instruções.

No exemplo (59), quando questionada sobre sua visão em relação ao futuro, a entrevistada revela certo pessimismo ao início, passando a descrever uma visão mais construtiva ao enfatizar que o futuro de cada pessoa está condicionado a como ela queira moldá-

lo. Além disso, ela sugere que é possível ser bem-sucedido na vida se as pessoas se ajustarem ao que tem e desejarem aquilo que é alcançável. Ao listar uma série de princípios e conselhos baseados em sua perspectiva sobre a vida, a entrevistada não utiliza as formas de segunda pessoa para se dirigir a um interlocutor específico, mas para compartilhar uma visão de construção de futuro relevante para qualquer ser humano.

No último exemplo (60), o entrevistado discute a importância da educação para o desenvolvimento de uma pessoa. Ao argumentar que a educação de um filho se compara aos cuidados de uma planta, o informante utiliza, igualmente, formas verbais e pronominais da segunda pessoa do singular *tú*. Percebemos que os princípios educacionais abordados pelo informante são generalizáveis para qualquer pessoa encarregada da educação de outro. Portanto, as formas utilizadas correspondem a uma estratégia de generalização por parte do falante. Passemos, então, a um exemplo com uso de *usted* com função generalizadora:

(61) E: ¿usted piensa que los conflictos internacionales/ el que había en Yugoslavia etcétera/ pueden resolverse?

I: claro que sí

E: ¿cómo?

I: (chasquido) pueess/// vamos a ver// ¿un- um Kosovo le tiene odio/ a um/// (2'')?

E: albanoko- los kosovares a los serbios

I: a los- a los serbios/ pues coja **usted** una señora serbia/ y un señor kosovar/ Ø métalos// un par de semanas en una isla desierta/ Ø déjelos durante treinta años/ y cuando venga la siguiente generación/ ya no se acuerda uno que es kosovar y el otro que es serbio/ ya se ha acaba(d)o el problema (Entrevista 21 – VAL02133HB00)

A situação descrita em (61) gira em torno a resolução de conflitos internacionais, especialmente o conflito em Kosovo. O entrevistado oferece uma sugestão bastante particular para a resolução da problemática. Ele sugere que o conflito entre kosovares e sérvios seria solucionado colocando uma mulher sérvia e um homem kosovar juntos em uma ilha por algumas semanas. Após trinta anos, as próximas gerações esqueceriam suas origens e o conflito seria resolvido. A princípio, parece-nos que as formas relativas a *usted* possuem função dêitica, isto é, refiram-se ao entrevistador. A propósito, o tratamento estabelecido entre os participantes é de iguais não solidários (*usted – usted*).

De acordo com Bidot (2008), os falantes podem variar entre as formas pronominais não somente nos usos referenciais, mas também nos usos não referenciais, embora a preferência para este último ocorra predominantemente com a forma *tú*. No inquérito em questão, por exemplo, o informante opta pela forma com valor deferencial para se dirigir ao entrevistador, mas demonstra preferência pela forma *tú* para usos dêiticos não prototípicos, seguindo uma tendência de uso desencadeada pela generalização do *tuteo* em diversas variedades do espanhol. Desse modo, não se pode falar em uma correlação exata entre o uso de formas dêiticas e formas generalizadoras (Demello, 2000).

No que se refere à experiência comunicada pelo informante em (61), acreditamos tratar-se de uma abordagem generalizável a várias pessoas. Por mais descabida que nos pareça a solução apresentada para o conflito narrado, ela seria aplicável a qualquer pessoa interessada em resolvê-lo. Desse modo, trata-se de uma ação que, na perspectiva do entrevistado, poderia ser realizada por qualquer indivíduo, incluindo ele próprio e também o entrevistador, isto é, todo mundo. Nesse contexto, o pronome *usted* reveste o discurso de maior objetividade, convidando o interlocutor, a quem *ustedea*, a participar do que está sendo apresentado e, assim, atingir o seu objetivo comunicativo: a compreensão de uma solução prática para resolução de um conflito internacional.

Ainda que ocorra variação entre as formas *tú* e *usted* com referência indeterminada, Demello (2000) afirma que esse último pronome é praticamente exclusivo entre indivíduos que o utilizam mutuamente. Como pudemos observar, esse aspecto caracteriza a situação descrita anteriormente, na qual o *usted* generalizado emerge numa situação comunicativa em que ambos os participantes utilizam a forma *usted*. Por outro lado, Fernández Ramírez (1986 *apud* Demello, 2000) assevera que entre falantes que se *tutean*, o uso de *usted* impessoal é raramente observado, tornando-se uma ocorrência irrelevante. De fato, não observamos em nossa amostra o uso dessa forma em interações pautadas pelo uso de *tú* recíproco.

5.3.3 Generalização focalizada

Diferentemente da estratégia de *generalização*, a *generalização focalizada* configura-se como uma função que permite ao falante generalizar e personalizar simultaneamente a referência. Nesse sentido, as experiências compartilhadas não são passíveis de generalização para todos os indivíduos, mas pode referir-se a um grupo específico, geralmente um grupo de pessoas. Em nossa amostra, essa estratégia apresentou o maior número de ocorrências de usos dêiticos não prototípicos das formas *tú* e *usted* (193 dados no total).

Acreditamos que os cenários contextuais em que essas formas ocorreram possam ter favorecido narrativas mais detalhadas e específicas, mesmo ao generalizar. Analisemos os seguintes exemplos:

(62) E: muy bien/ cuéntanos Ana un día cualquiera dee tu trabajo/ a ver cuéntanoslo
 I: pues yo trabajo en el macdonals/ y un día cualquiera pues// si **te** ponen en caja/
 es (risas)/ con mucha prisa/ es un día muy liado/ porque tú- viene un cliente/ le
 Ø dices qué quiere/ lo Ø marcas/ **te** da el dinero/ le Ø cobras/ le Ø das el cambio/
 y en seguida Ø te vas corriendo a coger las hamburguesas/ la bebida y sobre todo
 las patatas/ porque siempre hay muchísimo lío en las patatas/ hay un overbukin
 de patatas (risas)/ impresionante (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

(63) E: muy bien// pues háganos/ ¿y qué opinas pues sobre el servicio militar? ee/
 ¿es obligado hacerlo? ¿no es obligado?/ ¿debe existir? ¿no debe existir?/ a ver
 ¿cuál es tu opinión sobre eso?
 I: pues yo tengo varias teorías/ en principio/ pienso que NO debería de ser
 obligado/ eel- el hacer el servicio militar// porque es un tiempoo precioso que Ø
 pierdes // y que no Ø haces nada/ es decir yo pienso que el servicio militar//
 sobraann por lo menos ante cuando/ yo tengo tres hermanos que lo han hecho///
 y con los dos meses de instrucción yo creo que bastaría// (Entrevista 02 -
 VAL00231HC96)

(64) E: A: bueno/ Alicia/ ¿algo más quee quiera contar?
 I: pues no sé qué más/ eso nos obligaban a ir a misa (risas)/ Ø tenías que dejártelo
 todo/ ir a misa pero después no **te** ayudaban// después a correr/ a- a meter el turbo
 porque después a la una si Ø quieres salir// allí no **te** ayuda nadie/ o sea **tú** tienes
 que estar en misa/ pero después hazlo todo/ y esto tampoco es lógico (Entrevista
 14 - VAL01413MC03)

A partir da análise cuidadosa dos exemplos apresentados, torna-se evidente que os usos genéricos da segunda pessoa do singular *tú* configuram-se como uma estratégia linguística mais alinhada à concepção de generalização focalizada. No fragmento (62), observamos como a referência é construída de forma mais restrita e discriminada, transcendendo a mera generalização quando a entrevistada relata uma experiência pessoal trabalhando no

McDonald's. Em sua fala, ela detalha atividades específicas como atender o cliente no caixa, lidar com os pedidos e o dinheiro, assim como buscar os produtos dos clientes. Embora a descrição fornecida aponte para uma experiência pessoal da informante, ela pode ser generalizada para um grupo específico de pessoas que trabalham em locais similares, isto é, atendentes de estabelecimentos de *fast-food*. Ao falar de uma experiência que pode ser compartilhada com outros que trabalharam ou trabalham em ambientes semelhantes, as formas de segunda pessoa do singular poderiam ser perfeitamente substituídas pela primeira pessoa do plural: *“le decimos que quiere/ lo marcamos/ le damos el dinero/ le cobramos/ le damos el cambio/ y en seguida vamos corriendo a coger las hamburguesas/ la bebida y sobretodo las patatas”*.

Assim, ao descrever as ações e o ambiente de trabalho detalhadamente, a entrevistada não está generalizando para qualquer pessoa ou situação, mas compartilha a experiência com um grupo específico de trabalhadores. Algo semelhante ocorre em (63). O entrevistado compartilha sua opinião sobre a obrigatoriedade do serviço militar, no entanto, sua argumentação não parte de uma experiência pessoal própria, mas de outros. Ao discutir a duração do serviço militar, o informante utiliza formas verbais de segunda pessoa para indicar que se trata de uma perda de tempo valioso e sem nenhum benefício. Como recusou-se a prestar o serviço militar, algo informado anteriormente na entrevista, o informante generaliza a experiência a partir da vivência de seus três irmãos. Como, naquele então, apenas os homens espanhóis que cumprissem os dezessete anos estavam obrigados ao alistamento militar, a generalização é direcionada a um grupo específico, ou seja, aqueles que estão sujeitos ao serviço militar obrigatório.

Finalmente, em (64), a entrevistada compartilha sua experiência laboral em uma residência para freiras anciãs. Ela menciona algumas obrigações como parar o trabalho e ter de ir à missa, depois retornar para cumprir outras responsabilidades. A narrativa é pessoal, mas ao utilizar a segunda pessoa do singular *tú* de maneira mais genérica, estabelece-se um efeito generalizador que pode incluir outros cuidadores que vivenciam uma rotina semelhante à sua nessa residência para religiosas idosas. Novamente, a segunda pessoa do singular é passível de substituição pela primeira pessoa do plural: *“teníamos que dejárnoslo todo/ ir a misa pero después no nos ayudaban// después a correr/ a- a meter el turbo porque después a la una si queremos salir// allí no nos ayuda nadie/ o sea nosotros tenemos que estar en misa”*.

5.3.4 Desfocalização

De acordo com o que explicitamos anteriormente, a *desfocalização* consiste em uma estratégia de minimização do papel do falante ou do ouvinte através da utilização da segunda pessoa do singular em sua forma não referencial. Ao deslocar-se da primeira pessoa para a segunda, o falante atenua a sua própria identidade ou a do ouvinte, preserva a sua imagem e engaja o interlocutor no fato que está sendo narrado/descrito. Consoante Serrano (2013), o falante faz uso da segunda pessoa para expressar uma ideia própria de forma mais objetiva, motivo pelo qual a autora denomina essa estratégia de *tú* objetivador. A seguir, apresentamos alguns exemplos ilustrativos:

(65) E: yy sobre la inmigración/ ¿qué opinión tiene?

I: ee la inmigración/ que- que es muy duro para el inmigrante pero tam(b)ién para los que estamos aquí// tampoco está muy bien la cosa/ porque es lo que estábamos hablando/ el paro está mal pero es que/ resulta que esta gente que viene/ se ofrecen por la mita(d) de precio y **TE ESTÁN FASTIDIANDO**// porque yo ahora necesito trabajar y- ¿y qué hago? (Entrevista 14 - VAL01413MC03)

(66) E: un viaje ¿adónde?

I: pues a sitio tranquilo paraa// reflexionar/ para enfocar/ mm la vida desde otro ángulo// no sé/ algoo no muy- o sea no un viaje de muy agita(d)o/ sino más bien/ en plann relax/ tranquilo/ que **te** permita/ pues eso/ analizar los pros y las contras/ y ver cómo **Ø** vas a enfocar tu vida [en lo sucesivo] (Entrevista 21 - VAL02133HB00)

(67) E: ¿y esa forma de divertirse que tienen?/ que toman laa noche por el día/ ¿qué opina?

I: bueno// no me gusta// no la lleo a entender/// creo que no me gusta porque no la lleo a entender// [...] me parece a mí quee// sse toman demasia(d)o la noche como el día/ o es que nosotros estamos acostumbra(d)os a que el día sea el- el dedicado a divertirse- a trabajar/ y que la noche sea la dedicada a descansar/ [...] entonces lo que me molesta por ejemplo es que/ durante las fiestas/ **Ø** estés donde **Ø** estés/ resulta que no **Ø** puedes descansar/ porque **TÚ** estás acostumbrada a durante el día trajinar y de noche dormir/ y resulta que va y se-

te plantas en las tres o las cuatro y entonces empieza eel- rimbombo/// ¿eh? y eso es lo que noo/ no veo claro (Entrevista 10 – VAL01033MB98)

No trecho em (65), o entrevistador pergunta a entrevistada sua opinião sobre a imigração. Ao compartilhar o seu ponto de vista, ela destaca a difícil situação tanto para os imigrantes quanto para as pessoas locais. Em seguida, ao abordar a situação de desemprego, a entrevistada menciona que os imigrantes aceitam trabalhar pela metade do preço, o que ela avalia como prejudicial para pessoas que precisam trabalhar, como ela. Ao verbalizar enfaticamente que esse comportamento é aborrecedor, ela o faz desde a segunda pessoa do singular (*TE*) e não da primeira. Conforme podemos perceber em “*yo ahora necesito trabajar*”, a referência não é o seu interlocutor, mas ela se projeta nele para emitir sua opinião, tornando sua fala mais impessoal. Esse movimento confere maior objetividade ao que está sendo dito, silencia a sua identidade e descaracteriza o conteúdo de algo pessoal.

Em (66), ao ser convidado a compartilhar um possível destino de viagem, o entrevistado responde manifestando sua intenção de ir a um lugar tranquilo para refletir e pensar na vida a partir de outra perspectiva. Ao idealizar um tipo de viagem específica, o informante compartilha uma ideia própria distanciando-se do uso da primeira pessoa e utilizando a segunda pessoa *tú* para desfocalizar o seu papel e aproximar-se empaticamente do seu interlocutor. Desse modo, o enunciado é interpretado mais objetivamente, proporcionando uma certa distância emocional. Além disso, ao utilizar a segunda pessoa como uma estratégia desfocalizadora, o informante aborda uma experiência desejável a si, mas que também poderia ocorrer com o seu interlocutor.

Por fim, em (67), a entrevistada é questionada sobre a forma como os jovens tem de se divertir, trocando o dia pela noite, ao que ela responde que não gosta e não entende esse comportamento. Mas adiante, ela afirma que não consegue descansar por conta do barulho noturno em dias de festa (provavelmente se referindo a *Las Fallas*), e manifesta a sua desaprovação sobre o fato narrado. Como nos exemplos anteriores, aqui percebemos uma objetivação discursiva a partir do deslocamento da primeira pessoa para a segunda em “*estés donde estés/ resulta que no puedes descansar/ porque estás acostumbrada a durante el día trajinar y de noche dormir*”. Trata-se, pois, de uma experiência pessoal, mas que poderia ocorrer com o seu interlocutor.

5.3.5 Encobrimento do eu

A função pragmática *encobrimiento do eu* é entendida aqui como uma estratégia de uso dêitico não prototípico da segunda pessoa do singular que o falante utiliza para, como o próprio nome sugere, encobrir a sua própria individualidade. Nesse sentido, trata-se de uma espécie de subterfúgio linguístico para que o falante fale de si mesmo (González Vergara; Hugo Rojas, 2012). Consideremos os seguintes exemplos:

- (68) E: bueno pues Ana/ tú que eres joven/ ¿qué problemas piensas que tenéis los jóvenes actuales/ los de tu edad?/// por ejemplo/ uno los estudios/ oo el trabajo/ oo estaa delincuencia o marginalidad/ ¿qué opináis de la sociedad/ de los demás?
I: no sé/ yo creo que vivimos en una sociedad un pocoo/// cerrada// a todo lo diferente/ yo es que he vivido en un-/ yo es que cuando tenía quince años y dieciséis **tú** decías/ *me gusta el manga*/ y la gente lo asociaba con violencia y sexo// entonces/ se quedaban así un poco comoo// *¿qué haces tú?* (Entrevista 24 - VAL02411MB06)

- (69) E: [(risas) bien/] ¿yy tu hija tiene novio?
I: sí
E: ¿y qué opinas?
I: ¡uuy! es una maravilla/ yo lo quiero un montón/// sí/ a- además es que es muy majo ¿no? porque- pero que es un chiquillo muy agradable/// es unn chiquillo de los que hoy en día pues ya no hay/ porque no BEBE/ no FUMA/ noo- no le gusta mucho salir/ que eso mi hija lo lleva peor/ no es que a mi hija le guste mucho/ pero es que a él le gusta menos///(2”) entonces/ lo Ø tienes que querer porque lo Ø tienes que querer/ porque además es muy cariñoso/ se hace de querer// YO lo quiero mucho/ yo si- si mi hija no se casa con él/ me voy a casar yo// fíjate si lo quiero (Entrevista 11 - VAL01112MC02)

- (70) E: ¿no juegas a nada?// ¿a ningún juego de azar?// bueno pues si recibieras una herencia que no te esperas/ ¿qué harías?
I: [...] ¡hombre! me alegraría evidentemente porque siempre está muy bien a mí me gusta mucho seer- ser espléndido// de hecho yo llevoo- y estoy ahora haciendo de administrador de una especie de empresa de estudios/ y tengo a gala de que es la única empresa de estudios que está pagando/ a to(d)o el mundo por

adelanta(d)o// y además lo tengo a gala/ me juego un pocoo/ ee el tipo porque siempre alguien *te* dice *oye y ese que le has paga(d)o trescientas mil pesetas para que haga treinta folios/ ¿y si luego hace diez o no hace ninguno?* y digo *bueno/ es que por trescientas mil pesetas/ a nadie le interesa/* (Entrevista 03 – VAL00332HC97)

No primeiro trecho apresentado (68), temos a situação em que a entrevistada opina sobre os problemas da juventude atual, argumentando que a sociedade se fecha a todo que se diferente. Ela descreve como exemplo uma experiência passada relacionada a gostos culturais. Ao dizer “*tú decías/ me gusta el mangá*”, a referência de *tú* não é o interlocutor ou outra pessoa, mas um *yo* (eu) oculto, mas de fácil identificação. Note-se que ela poderia ter dito “*yo decía/ me gusta el mangá*”, mas opta pelo deslocamento em direção ao *tú* para silenciar a sua própria identidade e acrescentar uma camada de objetividade à sua fala.

No diálogo proporcionado em (69), o entrevistador questiona se a filha da entrevistada tem namorado e o que ela opina sobre a relação. Esta, por sua vez, responde afirmativamente e descreve atitudes, no seu ponto de vista, bastante positivas do rapaz, chegando a asseverar que o ama muito. Mais adiante, ao se referir ao namorado da filha, ela sugere que, considerando as características do rapaz, não lhe resta outra alternativa senão nutrir afeto por ele. Isso revela um sentimento pessoal da entrevistada comunicado não através da primeira pessoa, mas estrategicamente por meio da segunda pessoa *tú*. As marcas de primeira pessoa que rodeiam esta fala são indícios de que a referência é a própria entrevistada.

Por outro lado, no contexto apresentado em (70), o entrevistador pergunta ao informante se ele realiza jogos de azar ou o que ele faria se recebesse uma herança inesperada. O informante responde que ficaria feliz e destaca que tem orgulho de ser generoso. Como exemplo, cita o fato de ser administrador de uma empresa de estudos que é a única a pagar antecipadamente os seus funcionários. O entrevistado finaliza trazendo uma fala reportada de terceiros para compartilhar uma experiência pessoal, o fato de regularmente lhe questionarem o pagamento antecipado por um trabalho que pode não ser finalizado de maneira completa. Novamente, o falante vale-se da estratégia de encobrimento da sua própria identidade. Se observamos atentamente, mais adiante a marca de primeira pessoa em “*y digo*” é uma pista que revela a verdadeira referência da primeira citação em “*te dice*”, isto é, o próprio informante, evidenciando uma estratégia encobridora do eu.

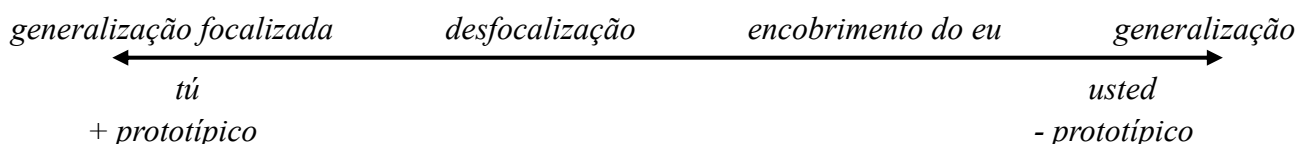
Conforme podemos perceber através dos exemplos fornecidos, as estratégias de uso da segunda pessoa do singular com função dêitica não prototípica são bastante produtivas em

língua espanhola e, considerando as funções sob análise, evidenciam aspectos relevantes sobre como os falantes valencianos categorizam as formas pronominais analisadas em contextos específicos. Nestes, embora ocorra variação na forma de tratamento utilizada, é indiscutível a predominância da segunda pessoa do singular *tú* sobre *usted*, forma esta que emerge em contextos de uso extremamente reduzidos.

Como vimos anteriormente, a predominância de *tú* sugere que essa forma se comporta como o elemento menos marcado e mais alinhado com a estrutura da experiência e do pensamento. Na mesma esteira, o uso descrito acima revela que o pronome *tú* é o representante mais funcional, isto é, prototípico, das categorias analisadas. Por outro lado, a forma pronominal *usted* não se comporta estritamente como o representante mais central das funções em questão, apontando uma menor integração quando comparada à forma inovadora. Essa gradiência dentro de uma mesma categoria reflete a ideia de que nem todos os seus membros compartilham todas as características comuns, conforme apontado por Bybee (2020).

Considerando a frequência de uso das formas *tú* e *usted* nas funções dêiticas não prototípicas sob análise, podemos estabelecer um *continuum* categorial que evidencia sua variação. Neste *continuum*, é possível visualizarmos a gradiência no uso dessas formas, partindo de um contexto no qual a forma mais prototípica, isto é, *tú*, é predominante, movendo-se em direção a contextos nos quais a troca para *usted*, ainda que sutil, é mais claramente distinguível.

Figura 6 – *Continuum* de gradiência das formas *tú* e *usted* nas funções dêiticas não prototípicas.



Fonte: elaborada pelo próprio autor.

No extremo esquerdo do *continuum*, o uso de *tú* se destaca como o mais prototípico, uma vez que foi a forma utilizada em todas as ocorrências de uso dêitico não prototípico na função de generalização focalizada. Analogamente, na função de desfocalização, *tú* persiste como a forma mais frequente. À medida que avançamos ao longo do *continuum*, embora a predominância de *tú* continue evidente na função *encobrimento do eu*, observa-se, ainda que timidamente, a presença da forma *usted*. Prosseguindo, é na função de generalização que registramos uma maior presença de *usted*, embora o destaque continue com o uso da forma *tú*.

Como podemos observar, os itens gramaticais não são entidades discretas e suas fronteiras não são claramente definidas e distintas. Em outros termos, eles não constituem

categorias isoladas e separadas, mas existem em um *continuum* no qual os seus limites podem ser difusos e apresentar variação. Essa perspectiva aponta para a existência de gradações e sobreposições entre as categorias. Como pudemos observar em determinadas funções específicas, os pronomes sob análise não são compartilhados de maneira exclusiva por todos os membros da categoria.

Se pensarmos no processo de gramaticalização — que possui motivação pragmático-discursiva — já verificamos que ele ocorre de maneira gradual, no qual não há mudança abrupta de uma categoria para outra, mas sim estágios intermediários. Nesse processo, a frequência desempenha um papel fundamental para que a mudança ocorra, tendo em vista que o enfraquecimento de forças semânticas pela habitualidade surge da repetição regular e repetitiva de uma forma linguística em uso (Bybee, 2003). Nesse sentido, se *tú* é mais frequentemente utilizado nas funções analisadas anteriormente, isso sugere uma mudança gradual para a sua gramaticalização nos contextos de indeterminação do sujeito.

Outros fatores podem ser apontados. Ao pensarmos, por exemplo, que a estrutura linguística emerge do uso e, portanto, está continuamente em transformação, se *tú* se verifica como mais natural e eficaz, esse dinamismo entre expressão e conteúdo reforça a sua gramaticalização. Além disso, a preferência por essa forma, em detrimento de *usted*, alinha-se ao princípio de especialização elaborado por Hopper (1991), evidenciando o estreitamento na variedade de escolha para desempenhar a segunda pessoa do singular nas funções dêiticas não prototípicas.

De acordo com esse princípio, no processo de gramaticalização, uma das formas em um domínio funcional torna-se mais especializada para desempenhar uma função específica, enquanto outras formas podem perder espaço ou terem a sua frequência de uso diminuída. No que se refere aos pronomes *tú* e *usted* para se referir de forma indefinida a uma entidade, sabe-se que não é um fenômeno recente. No latim, por exemplo, já havia registros do *tú* genérico (Kluge, 2010). Desse modo, a dinâmica de uso entre esses pronomes experimentou diferentes estágios, com ocorrências de *usted* mais frequente que *tú* em séculos passados (Cf. Kluge, 2010) até a atual prevalência desta forma sobre aquela.

Sabe-se que, em estágios menos gramaticalizados, pode haver maior flexibilidade na escolha entre as formas linguísticas. Entretanto, com o avanço da gramaticalização, uma forma específica, em nosso caso, *tú*, pode se tornar mais especializada para desempenhar determinada função, como nos usos para expressar *generalização focalizada*. Em nossa amostra, essa especialização ocorre devido à frequência de uso e à eficácia evidenciada através

da forma *tú* nas funções analisadas. Dessa forma, se os falantes valencianos percebem essa forma como a mais adequada ou natural para expressar essas funções dêiticas não prototípicas, ela se comporta com uma forma mais especializada para essa finalidade.

Portanto, a partir do entendimento do princípio de especialização no processo de gramaticalização, o pronome *tú* destaca-se como uma forma mais restrita em sua aplicação, desempenhando funções específicas como as analisadas nos exemplos supracitados. Essa perspectiva sugere a ocorrência de um processo de gramaticalização em curso mais acentuado para essa forma especializada, uma vez que a sua predominância é evidente nos contextos específicos analisados.

5.4 Nível textual-discursivo

Conforme amplamente discutido ao longo deste trabalho, a abordagem teórica de cunho funcionalista fundamenta-se na compreensão da linguagem em seu uso efetivo, considerando a maneira como a estrutura linguística é moldada pelo contexto discursivo. Nesse sentido, o texto obtém um papel crucial como veículo de significação e objeto de comunicação em uma cultura, pois adquire “estatuto pleno de objeto discursivo, social e histórico” (Barros, 1999, p. 1). Dito de outra maneira, o texto configura-se como um produto que reflete e influencia as dinâmicas sociais e históricas e, portanto, torna-se imperativo analisarmos, no nível textual-discursivo, como os falantes valencianos empregam e organizam discursivamente as formas *tú* e *usted*.

Tendo em vista a já destacada preferência pela forma *tú* em detrimento de *usted* nos níveis anteriores, nesta oportunidade, abstemo-nos da análise quantitativa dos dados e centramos nossa atenção em uma análise apenas qualitativa. Exploramos o comportamento dessas formas no nível textual de seis entrevistas, selecionadas dentre as que compõem a amostra para esta pesquisa. Essa delimitação teve como objetivo tornar a análise mais viável dentro dos limites da investigação, dando primazia a observação qualitativa das ocorrências e a identificação de tendências discursivas. Procuramos, assim, enriquecer essa etapa por meio da incorporação das dimensões do plano discursivo, com foco nas categorias de *figura* e *fundo*.

Recuperando o entendimento sobre o plano discursivo ou relevo discursivo, este está relacionado à análise da transitividade de uma sentença, a qual é determinada na maneira como o emissor estrutura o seu discurso. Assim, para alcançar os seus objetivos comunicativos a partir da percepção das necessidades do seu interlocutor, o emissor organiza o discurso de modo a distinguir o que é central e o que é periférico em seu texto. Essa distinção corresponde

aos planos de *figura* e *fundo*, os quais são determinados pelo grau alto ou baixo de transitividade da oração. Portanto, para Hopper e Thompson (1980), esta se associa a uma função discursivo-comunicativa.

De acordo com Neves (2018, p. 42), o plano figura, ou primeiro plano (*foreground*), constitui-se “das partes que contribuem para expressar melhor os propósitos do falante (a narrativa dos eventos)”. Por outro lado, a plano fundo, ou segundo plano (*background*), constitui-se “das partes que apenas ampliam, comentam ou embasam a narrativa básica, sem fazê-la progredir.”. Para esta análise, consideramos o delineamento elaborado por Chedier (2007), organizado em *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*, cujas descrições podem ser revisitadas em nossa seção metodológica.

Em princípio, embora não tenhamos focado no aspecto quantitativo das ocorrências, que poderiam nos fornecer dados mais robustos relativos aos usos de *tú* e *usted*, é imperioso ressaltar que, a partir da amostra analisada, nossas ponderações iniciais acerca do comportamento dessas formas em face dos planos discursivos considerados foram confirmadas. Efetivamente, como esperávamos, a forma *tú* prevaleceu nos planos *figura* e *fundo 1*, os quais são considerados contextos menos marcados, logo, favorecedores de formas menos marcadas. No entanto, apesar da escassez significativa de dados para *usted*, a ocorrência dessas formas também foi observada nos supracitados planos, bem como no plano de *fundo 2*. Vejamos alguns exemplos que ajudarão a elucidar essas observações:

- (71) no sé/ teníamos los columpios/ de parvularios/ cuando llegaba la hora de recoger// ee todo el mundo cogía el juguete/ los dejaba en cajas/ y yo empezaba a pasear una caja/ para que todo el mundo metiera los juguetes dentro y luego se lo daba a la monja y decía/ ¡uy! cuánto has recogido **TÚ SOLA**/ y yo **SÍ SÍ** (risas)// y mis padres por detrás decían *esta tía es una vaga* (Entrevista 24 – VAL02411MB06)

No excerto em questão, ao narrar as lembranças da infância e da escola, a informante relata alguns tipos de jogos e brincadeiras que realizava naquele período. A forma de tratamento *tú* surge na porção do texto narrativo que apresenta uma sequência cronológica de eventos reais e dinâmicos. De acordo com os conceitos apresentados, essa parte do texto se aproxima mais do plano *figura*, tendo em vista que se configura como a comunicação central. Analogamente, mais adiante na entrevista, relata uma sequência de eventos que envolvem uma interação com o seu namorado sobre o uso da língua valenciana. Vejamos:

- (72) *mi novio el otro día me decía es que no me Ø hablas en valenciano/ y digo yo te hablo en valenciano// dice pero es que la demás gente no me habla en valenciano/ y digo pues háblales tú en valenciano/ dice ¡ay! no es que me da vergüenza/ digo pues igual que a ti te da vergüenza a los demás igual también les da vergüenza// to(d)o es intentarlo// y ya se me quedó así más calla(d)o*
(Entrevista 24 – VAL02411MB06)

A informante introduz a narrativa apresentando o contexto e o seu interlocutor e, em seguida, a informação principal que desencadeia o desenvolvimento da interação, isto é, o fato de ela supostamente não falar em valenciano com o namorado. Na sequência, seguindo a cronologia de eventos, a informante esclarece para o seu interlocutor que, sim, fala em valenciano com ele. Desse modo, as formas em destaque fazem parte de cláusulas que podem ser consideradas parte do plano central da narrativa, isto é, *figura*. São eventos reais, dinâmicos e completos, com sujeitos identificáveis (“*mi novio*” e “*yo*”) e agentivos. As demais cláusulas nos parecem se aproximar mais do plano de *figura 1*, pois apresentam situações que contribuem para o desenvolvimento da interação. Prossigamos com a análise de outro trecho:

- (73) *empecé trabajando// porquee yo tengo una sobrina// bueno/ mi marido tiene una sobrina que trabaja en una oficina/ y me comentó tía/ ¿Ø quieres venir a limpiar?/ y yo dije sí/// pero fíjate/ iba DOS HORAS/ CADA QUINCE DÍAS/ que ¡vamos!/ eso se lo ofrecen a alguien/ y se ríe// pero yo dije vale/ que ¿tengo para el pan?/ pues bueno/ para el pan// entonces empecé a ir// la empresa/ fue subiendo// y entonces/ en vez de ir cada quince días/ yo iba todas las semanas///*
(Entrevista 11 - VAL01112MC02)

No fragmento (73), a informante relata que começou a trabalhar porque sua sobrinha, que trabalhava em uma empresa, ofereceu-lhe a oportunidade de realizar serviços de limpeza. O foco principal é, portanto, o início da experiência de trabalho da entrevistada. Nesse sentido, a forma verbal de segunda pessoa do singular “*quieres*” parece estar mais centrada no plano *figura*, uma vez que se liga diretamente à ação de limpar realizada pela falante.

O exemplo a seguir refere-se a um fragmento já abordado em outro nível. No entanto, revisitamo-lo a fim de realizarmos uma análise mais centrada nos elementos do plano discursivo e como as formas de tratamento emergem nessa organização discursiva. Examinemos:

- (74) porque viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre// digo (risas)/ *¿la dentadura de su mamá? en la mesita/ y dice es que yo cuando vengo los miércoles y los viernes a verla/ tiene que llevarla puesta digo ¡ay! ¿y eso por qué?/ dice es que si nos está muy fea/ digo pues mire yo si le voy a dar de comer se me puede ahogar/ como **usted** comprenderá// pues cuando yo venga que la tenga puesta/ digo ¡mire! en la mesita está// coja **usted** y póngasela// porque dentro de cinco minutos yo se la voy a quitar/// así que cuando **usted** quiera/ Ø puede venir a la hora que Ø quiera/ le cuesta poco ponérsela/ ¡ah yo no!/ ¡pues yo tampoco!* (risas) (Entrevista 14 – VAL01413MC03)

O fragmento acima aborda a exigência de uma senhora — filha da paciente — para que sua mãe esteja usando dentadura durante suas visitas. O esqueleto da narrativa, isto é, a ação central, se desenvolve em torno da instrução dada pela informante (enfermeira) à interlocutora (filha da senhora): já que ela reclama da ausência da dentadura, que a coloque ela mesma. Assim, a interação se constrói em torno dessa ação, que se torna o ponto focal do relato.

Inicialmente, em “*porque viene un día un- otra/ preguntando por la dentadura de su madre*” a informante estabelece o cenário e segue apresentando o padrão de comportamento da sua interlocutora e a razão pela qual sua mãe deve usar a dentadura “*es que si nos está muy fea*”. Essas passagens se aproximam mais do plano *fundo*, pois dão suporte para a ação principal. Em seguida, a expressão “*como **usted** comprenderá*” reforça a justificativa para a preocupação evidenciada em “*pues mire yo si le voy a dar de comer se me puede ahogar*”. Assim, ela contribui para contextualizar a razão de um possível engasgamento. Embora se relacione com a preocupação com a dentadura, não constitui a ação central do relato. Portanto, caracteriza-se mais como plano de fundo na estrutura geral do discurso. Ao não estar tão distante do ponto focal da narrativa, ou seja, está mais próxima da ação central de colocar a dentadura, encontra-se, assim, mais próxima do plano *fundo 1*, conforme a categorização de Chedier (2007).

A narrativa segue em direção ao que é central, a ação principal relacionada à dentadura. Em “*coja **usted** y póngasela*”, as formas de tratamento em destaque emergem no plano *figura*, visto que essa expressão constitui a estrutura básica a partir do qual o discurso progride. Na parte final do relato, as formas pronominais surgem em contextos do plano *fundo 1* e *fundo 2*. As expressões “*cuando **usted** quiera*” e “*a la hora que **quiera***” contém cláusulas temporais associadas ao *fundo 1*, enfatizando a temporalidade e flexibilidade de tempo para

ação de visitar a genitora a fim de realizar a ação principal mencionada anteriormente. Por outro lado, a expressão “*le cuesta poco ponérsela*” sugere um contexto mais próximo do *fundo 2*, visto que aponta para a causa ou o motivo pelo qual a sua interlocutora pode colocar a dentadura em sua mãe, ou seja, “*porque le cuesta poco*”.

Ao examinarmos o comportamento dessas formas no relevo discursivo das entrevistas, observamos certa consonância com os achados da investigação em Pontes e Silva (2023). Ao analisarem as formas *tú*, *vos* e *usted*, em peças teatrais nas variedades do espanhol uruguaio e argentino, associadas à noção de *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*, os autores esperavam que as formas *tú* e *vos* fossem favorecidas nos dois primeiros tipos de planos. Por outro lado, *usted* seria predominante no plano *fundo 2*. Os dados da pesquisa confirmaram a hipótese inicial para a amostra referente à Argentina, no entanto, houve ocorrência da forma *usted* em contextos tidos como menos marcados: *figura* e *fundo 1* na amostra uruguaia.

Tendo em vista que os planos discursivos dizem respeito ao modo como os falantes organizam o discurso em diferentes camadas, sua associação com o princípio de marcação é imprescindível, pois este, como motivação cognitivo-comunicativa subjacente ao uso da língua, diferencia elementos marcados de não-marcados. Nesse sentido, há a tendência de que unidades linguísticas menos marcadas ocorram em contextos também menos marcados e vice-versa. Seguindo esse entendimento, os planos *figura* e *fundo 1* são tidos como contextos menos marcados devido à facilidade com que as informações fluem nesses contextos específicos. Em outros termos, nesses planos, a narrativa é compreendida de maneira mais eficiente e mais rápida em comparação com o *fundo 2*, que se apresenta como um contexto mais marcado. Considerando esses aspectos, nossas expectativas também se alinham às dos autores supra.

Na análise qualitativa dos dados, a observação do comportamento das formas *tú* e *usted* nos permitiu compreender como essas formas são destacadas, influenciando a organização do discurso e revelando padrões distintos a partir da identificação dos elementos marcados e não-marcados nos diferentes contextos. Com efeito, a forma inovadora *tú*, elemento menos marcado, prevaleceu nos contextos também menos marcado de *figura* e *fundo 1*, embora não tenha sido possível verificar ocorrências desse tipo no plano *fundo 2*. Acreditamos que o número reduzido de entrevistas analisadas, bem como a consideração apenas da porção do texto relativa às sequências narrativas, possa ter contribuído para esse aspecto.

Ademais, houve registro da forma mais marcada *usted* não apenas no contexto mais marcado, mas também nos planos *figura* e *fundo 1*. Conforme previsto por Dubois e Votre (2012), ocasionalmente, formas linguísticas marcadas podem ocorrer em contextos menos

marcados. Ocorrências desse tipo podem configurar-se como estratégias para garantir uma comunicação mais eficaz e clara e, dessa forma, estabelecer um equilíbrio cognitivo contextual que visa à compreensão mútua entre os interlocutores da situação comunicativa.

A partir das análises empreendidas, observamos que a consideração dos planos discursivos (*figura, fundo 1 e fundo 2*) revela-se fundamental para uma compreensão mais abrangente de como as formas de tratamento se encaixam nos contextos comunicativos. Além disso, o acionamento do princípio funcionalista de marcação, dentro dessa perspectiva, reflete o modo como as formas *tú* ou *usted* são mobilizadas para transmitir significados específicos e garantir a eficácia da comunicação.

5.5 Súmula do capítulo

À luz do Funcionalismo Linguístico e com suporte da Linguística Cognitiva, apresentamos neste capítulo a análise qualitativa das 12 entrevistas selecionadas para a composição da nossa amostra, oriundas do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL). Embora não tenhamos recorrido a programa estatísticos, as ocorrências analisadas foram codificadas e quantificadas para fins de frequência de uso em dois níveis analisados. Desse modo, visando maior precisão e minimização de possíveis erros, utilizamos o *software* Atlas.ti para essa finalidade.

A análise das formas *tú* e *usted*, bem como as formas dos seus respectivos paradigmas pronominais, foi realizada a partir da consideração de três níveis de análise, a saber: nível sintático-discurso, nível pragmático-discursivo e nível textual-discursivo. Nos dois primeiros níveis, consideramos a totalidade da amostra selecionado e, no último, consideramos o quantitativo de 6 entrevistas cujos dados não foram contabilizados em termos de frequência de uso. No que se refere aos dois primeiros níveis, após analisar os inquéritos com o programa Atlas/ti, identificamos 595 ocorrências de *tú* e *usted*. A forma *tú* foi predominante, representando 520 casos, enquanto *usted* e seu paradigma apareceram apenas 75 vezes. Essa análise abrangeu manifestações explícitas e implícitas, conforme explicado nos procedimentos metodológicos.

No nível sintático-discursivo, objetivamos exibir aspectos de codificação das formas de tratamento *tú* e *usted* tanto no contexto da frase como no contexto do discurso. Para isso, consideramos a análise dessas formas a partir da função sintática que desempenham na oração (sujeito e objeto de pessoa). Os resultados, obtidos através do *software* ATLAS/ti, revelam uma predominância significativa da forma *tú* em função de sujeito e objeto. Além

disso, compreende-se que o uso das formas de tratamento em questão está associado ao grau de proeminência (Langacker, 2008), evidenciando diferentes formas de construção do significado a partir da seleção de uma forma ou outra.

Já no nível pragmático-discursivo, a pesquisa concentra-se, a princípio, no uso dêitico das formas *tú* e *usted*, com ênfase nos usos dêíticos não prototípicos desses pronomes. A análise, guiada pelos princípios funcionalistas descritos na seção metodológica, aborda diversas funções, são elas: *generalização*, *generalização focalizada*, *desfocalização* e *encobrimento do eu*, delimitando-as com base no delineamento proposto por Pulido Astorga (2016). Os resultados quantitativos e percentuais, obtidos por meio do *software* Atlas.ti, revelam nuances significativas nos usos dessas formas de tratamento.

Finalmente, no nível textual-discursivo o foco recai nos planos discursivos, especificamente *figura*, *fundo 1* e *fundo 2*, a partir de seis entrevistas selecionadas dentre as demais. Apesar de não se concentrar em dados quantitativos, a análise revela que a forma *tú* prevalece nos contextos menos marcados de *figura* e *fundo 1*, enquanto *usted* ocorre em diferentes planos. Essa observação alinha-se com um estudo anterior (Pontes; Silva, 2023) em peças teatrais do espanhol uruguaio e argentino, destacando a importância da associação entre planos discursivos e o princípio de marcação funcionalista. A análise contribui para compreender como as formas de tratamento se apresentam na organização discursiva e contribuem para eficácia da comunicação. A seguir, apresentamos os aspectos conclusivos do presente estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como foco uma investigação morfossintática de cunho funcionalista sobre as diferentes funções indexadas pelas formas *tú* e *usted* na função de sujeito e pelas formas dos respectivos paradigmas na função de objeto, no espanhol oral de Valência. A análise explorou o impacto de funções no nível sintático, pragmático, textual e discursivo no uso dessas formas. À guisa de conclusão, retomamos o percurso realizado, desde as propostas iniciais até a análise e discussão dos resultados, destacando as principais contribuições do trabalho e apontando possíveis direções para investigações futuras.

Como esperado, o primeiro capítulo é dedicado à introdução e à contextualização do tema. Abordamos o estado da arte a partir de trabalhos que se dedicaram ao estudo das formas de tratamento no contexto hispânico, tais como as pesquisas de Molina (2002), Hummel (2010b; 2010c), Venezuela, Álvarez Muro e Freitas Barros (2010), Orozco (2010), Calderón Campos e Medina Morales (2010), Sanromán Vilas (2010), Avendaño de Barón (2014), Bertolotti (2015), Sampedro Mella (2015), Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017) e Pontes e Silva (2023).

Em seguida, sublinhamos certas lacunas nessas análises, como a demanda por uma variedade teórico-metodológica mais ampla e a escassez de bibliografia sobre estudos desse tipo no espanhol peninsular, conforme assinalado por Calderón Campos e Medina Morales (2010). Finalmente, delineamos os objetivos desta pesquisa, que se concentraram na análise multifuncional das formas *tú* e *usted* em uma comunidade de fala peninsular, levando em consideração diferentes níveis de análise, são eles: o sintático-discursivo, o pragmático-discursivo e o textual-discursivo.

O segundo capítulo concentrou-se na exposição dos sistemas pronominais de tratamento no contexto hispânico. Para isso, utilizamos as pesquisas de Carricaburo (1997) e Fontanella de Weiberg (1999), que inicialmente abordaram o sistema pronominal de tratamento hispano-americano, explorando o uso das formas que o compõem em diversos países dessa região. De maneira similar, apresentamos em seguida o sistema pronominal de tratamento relacionado à Espanha e resenhamos as contribuições de Blas Arroyo (1994-1995), Morín, Almeida e Rodríguez (2010), Sanromán Vilas (2010) e Aijón Oliva (2009), que centraram seus estudos em comunidades de fala espanhola. Além disso, abordamos os trabalhos de Biq (1991), Kluge (2005), Fernández Mallat (2011), Rivadeneira Valenzuela *et al.* (2017), Lima (2018) e Ponte e Silva (2023), dada a relevância teórico-metodológica desses estudos para esta pesquisa.

No terceiro capítulo, inicialmente, apresentamos o referencial teórico que fundamentou nossa pesquisa, nomeadamente os pressupostos teóricos do Funcionalismo Linguístico, mais especificamente o de vertente norte-americana (Givón, 1971, 1979, 1984a, 1984b, 1984c, 1985, 1990, 1991, 1995, 2001, 2002 e 2005; Hopper, 1979, 1991; Hopper; Thompson, 1980; Hopper; Traugott, 2003, Traugot; Heine, 1991; Heine; Claudi; Hünemeyer, 1991; Bybee, 2016, 2020; Bybee; Hopper, 2001). Além disso, considerando a notável afinidade entre o Funcionalismo e a Linguística Cognitiva, apresentamos o *princípio de proeminência* proposto por Langacker (1987, 1991, 2007, 2008), o qual foi acionado na análise que conduzimos.

No quarto capítulo, delineamos os procedimentos metodológicos que nortearam nossa investigação, fundamentados nas bases teóricas previamente mencionadas. Nesta etapa, esclarecemos a categorização da pesquisa com base na abordagem metodológica, nos objetivos estabelecidos e nas técnicas empregadas. Detalhamos a composição da amostra, formada por 12 entrevistas selecionadas do *corpus Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de Valencia* (PRESEVAL), além de abordar o universo da pesquisa e os dados desconsiderados. Apresentamos os níveis investigados, destacando as funções analisadas em cada um deles. Nesta seção, descrevemos o procedimento de contagem dos dados, conduzido por meio do programa Atlas.ti, ao qual utilizamos para a contagem dos dados coletados.

No quinto capítulo, apresentamos e discutimos os dados com o auxílio das porcentagens obtidas a partir do *software* supracitado. Contando com os *insights* extraídos das pesquisas revisadas, formulamos antecipações cruciais para nossas hipóteses, especialmente ao prever que, na comunidade de fala analisada, a forma *tú* se destacaria em uso quando comparada à forma *usted*. Após uma minuciosa análise dos questionários e a subsequente categorização utilizando a plataforma ATLAS/ti, obtivemos um conjunto total de 595 dados relacionados às incidências de *tú* e *usted*, incluindo as formas pronominais de seus paradigmas. Dentro desse quantitativo, destaca-se um número significativamente maior da forma *tú*, utilizado tanto como sujeito quanto como objeto, totalizando 520 ocorrências, enquanto o pronome *usted*, juntamente com seu paradigma, registrou apenas 75 dados do total mencionado.

No nível sintático-discursivo, consideramos o papel crucial do discurso na compreensão de expressões linguísticas alternativas. Nosso foco foi exibir a codificação das formas de tratamento nesse nível, considerando sua função (sujeito e objeto de pessoa) nas orações. Os resultados obtidos, organizados e quantificados pelo *software* mencionado, revelam dados alinhados com nossas expectativas. Das ocorrências totais, 423 correspondem às formas

tú e *usted* como sujeito, enquanto registramos 172 usos das formas *te*, *a ti*, *le* e *a usted*. Ademais, há disparidade significativa no uso das formas *tú* e *usted*, com uma predominância substancial das primeiras, representando 64,2% em função de sujeito e 23,2% em função de objeto, em comparação com apenas 6,9% e 5,7%, respectivamente, para a forma *usted*.

Nossa análise no nível pragmático-discursiva se concentrou nos usos não prototípicos dos pronomes de tratamento, buscando aprofundar a compreensão das funções que permeiam essa prática linguística. Vale ressaltar que consideramos também os usos na função dêitica e, em seguida, delimitamos algumas das funções que transcendem esse uso, foram elas: *generalização*, *generalização focalizada*, *desfocalização* e *encobrimento do eu*.

De acordo com os resultados, as formas *tú* e *usted* são empregadas em função dêitica em 181 instâncias combinadas, sendo *tú* predominante com 520 ocorrências em comparação com 75 de *usted*. Por outro lado, houve predomínio expressivo de *tú* em funções dêíticas não prototípicas, com 414 registros, o que evidencia a preferência por essa forma na indeterminação referencial. A tipologia *generalização focalizada* foi a mais frequente, representando 46,1% do uso das formas em funções dêíticas não prototípicas, seguida por *generalização* (25,6%), *desfocalização* (15,3%) e *encobrimento do eu* (13%). Quando analisadas separadamente, a forma *tú* foi predominante, sendo mais utilizada na função *generalização focalizada* com 46,1%. As demais funções incluem *generalização* com 24,6%, *desfocalização* com 15,3%, e *encobrimento do eu* com 12,8%. No que se refere à forma *usted*, houve pouca presença, com registros apenas na tipologia *generalização* (1,1%) e *encobrimento do eu* (0,2%), mas não observamos usos em *generalização focalizada* e *desfocalização*.

Ao analisar as formas *tú* e *usted* no nível textual-discursivo, optamos por uma abordagem qualitativa, explorando seu comportamento nos planos discursivos de *figura*, *fundo 1* e *fundo 2* a partir de seis entrevistas do quantitativo selecionado. Notamos que a forma *tú* prevaleceu nos contextos menos marcados, enquanto *usted* foi observado em contextos mais marcados e também nos menos marcados. A associação dessas formas com os planos discursivos revela padrões distintos, destacando como elas influenciam a organização do discurso e se adaptam a diferentes contextos comunicativos. Essas observações corroboram a importância do princípio de marcação funcionalista na compreensão do uso dessas formas de tratamento.

Em suma, os resultados demonstram indiscutivelmente a preferência pela forma *tú* na comunidade de fala valenciana. Esse fato se alinha às mudanças nas práticas linguísticas experimentadas em diversas comunidades de fala hispânica. Para além dessa predileção, fica

evidente que as formas sob análise são sensíveis a fatores como o grau de proeminência com o qual os elementos são codificados na comunicação, adaptando-se às nuances exigidas pelo contexto; ao modo como o falante estrutura o seu discurso, evidenciando padrões de marcação nos planos *figura* e *fundo*; bem como emergem como elementos linguísticos multifacetados, desempenhando distintas funções pragmático-discursivas que transcendem as simples normativas de tratamento.

Os resultados demonstraram claramente que os falantes fazem um uso criativo da linguagem, e que as escolhas não dependem somente da aplicação estrita de categorias fixas. É necessário levar em consideração fatores e elementos textuais, linguísticos, pragmáticos e cognitivos presentes no contexto em que o discurso ocorre. Dessa forma, destacamos como contribuições deste estudo os seguintes aspectos:

- a) realização de uma análise multifuncional, sob a ótica do Funcionalismo Linguístico, das formas de tratamento *tú* e *usted* em uma comunidade de fala peninsular, visando a contribuir para preencher a lacuna identificada por Calderón Campos e Medina Morales (2010) em relação ao escasso número de estudos nessa variedade do espanhol em comparação com outras.
- b) diversificação na abordagem teórico-metodológica. A pesquisa engloba o estudo das formas de tratamento em diferentes níveis de análise: sintático, pragmático, textual e discursivo. Essa perspectiva busca dar respostas às preocupações de Calderón Campos e Medina Morales (2010) sobre a escassez de abordagens metodológicas distintas das até então empreendidas, e Aijón Oliva (2009) sobre a necessidade de investigações que transcendam os fatores relacionados aos atributos do sujeito e investiguem motivações, por exemplo, cognitivas.

Como sugestões para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação do *corpus*, a fim de aumentar a representatividade da amostra e proporcionar uma visão mais abrangente do fenômeno linguístico estudado. Ademais, seria pertinente que mais pesquisas se debruçassem sobre o estudo das formas de tratamento *tú* e *usted* sob um viés pragmático na variedade do espanhol peninsular, tendo em vista que os poucos trabalhos aos quais tivemos acesso concentram-se, em sua maioria, nas variedades americanas e abordam predominantemente o *voseo* (Cf. Hummel; Kluge; Vásquez Laslop, 2010). A comunidade de fala valenciana, assim como outras comunidades peninsulares, constitui um espaço profícuo para investigações que

busquem compreender de que modo fatores pragmáticos próprios da interação verbal influenciam a dinâmica de uso das formas mencionadas.

Nessa esteira, seria igualmente relevante explorar outras funções sintáticas além de sujeito e objeto, examinando, por exemplo, outros contextos de complementação e adjunção que possam oferecer novas interpretações a um fenômeno amplamente estudado, com uma vasta bibliografia dedicada à análise das formas de tratamento em diversas variedades do espanhol. Ao adotarem essas recomendações, pesquisas dessa natureza não só aprofundam a compreensão sobre a dinâmica de uso dessas formas, como também contribuem para a consolidação de estudos sobre a variação sintática em espanhol, área que só começou a ser investigada sistematicamente nas últimas décadas (*Cf.* SERRANO, 1999) e que, conforme evidenciado na revisão da literatura, ainda permanece pouco explorada.

REFERÊNCIAS

ACADÈMIA VALENCIANA DE LA LLENGUA. **Dictamen de la Acadèmia Valenciana de la Llengua sobre los principios y criterios para la defensa de la denominación y la entidad del valenciano**. Valencia: Acadèmia Valenciana De La Llengua, 09 set. 2005.

Disponível em:

<https://www.avl.gva.es/documents/31595/0/Dictamen_AVL_2005_cast.pdf/1fe8d0a9-f39e-49f7-baf0-9c46382abd8e>. Acesso em: 20 abr. 2023.

AGULLÓ CALATAYUD, V. Análisis de la realidad sociolingüística del valenciano. **Pappers**, v. 96, n. 2, p. 501-514. 2011.

AIJÓN OLIVA, M. A. La elección de segundas personas y la construcción de identidades contextuales en el discurso radiofónico de una comunidad peninsular. **Pragmática Sociocultural**, v. 7, n. 2, p. 125-154. 2019.

AIJÓN OLIVA, M. A. Tú y usted como estrategias de estilo y persuasión en la comunicación publicitaria. **Revista Electrónica de Estudios Filológicos**, Murcia, n. 18, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.tonosdigital.es/ojs/index.php/tonos/article/view/338/261>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

ÁLVAREZ MURO, A.; CARRERA DE LA RED, M. El usted de solidaridad en el habla de Mérida. In: SCHRADER-KNIFFKI, M. (Ed.). **La cortesía en el mundo hispano**: nuevos contextos, nuevos enfoques metodológicos. v. 15. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2006. p. 117-130.

ÁLVAREZ MURO, A.; FREITES BARROS, F. Los estúdios sobre pronombres de segunda persona em Venezuela. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 325-339.

AMPARÁN, C. A.; LÓPEZ GALLEGO, A. El enfoque dramático en Erving Goffman. **Revista Polis**, n. 2, p. 239-235. 2000.

ANDRADE, C. Q. **Tu e mais quantos? A segunda pessoa na fala brasiliense**. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

AVENDAÑO DE BARÓN, G. S. Formas pronominales de tratamiento y cortesía en el habla de Tunja, Colombia. **Folios**, Bogotá, ano 2014, n. 39, p. 31-49, 2014. Disponível em: <<http://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RP/issue/view/234/showToc>>. Acesso em: 8 nov. 2022.

AZOFRA SIERRA, M. E. Morfosintaxis diacrónica. In: RIDRUEJO, E. **Manual de lingüística española**. 96-132. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019.

BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P. e FIORIN, J.L. (coord.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1999.

BAUER, M. W.; GASKELL, G (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

BERTOLOTTI, V. **A mí de vos no me trata ni usted ni nadie**: sistemas e historias de las formas de tratamiento en la lengua española en América. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

BERTOLOTTI, V. La gramaticalización del usted: un cambio lingüístico en proceso. Evidencias en el Uruguay del siglo XIX. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 1, n. 12, p. 147-177. 2010.

BIDOT MARTÍNEZ, I. La desfocalización del centro deíctico personal a través de la segunda persona del singular, **Boletín de Lingüística**, v. 20, n. 30, p. 62-87. 2008.

BIQ, Y. The multiple uses of the second person singular pronoun *ni* in conversational Mandarin. **Journal of Pragmatic**, v. 16, n. 4, p. 307-321. 1991.

BLAS ARROYO, J. L. **La interferencia lingüística en Valencia (dirección: catalán-castellano)**: estudio sociolingüístico. Castellón: Publicacions de la Universitat Jaume I, D. L., 1993.

BLAS ARROYO, J. L. Los pronombres de tratamiento y la cortesía. **Revista de Filología**, n. 13, p. 7-36. 1994.

BLAS ARROYO, J. L. De nuevo sobre el poder y la solidaridad: apuntes para un análisis interaccional de la alternancia tú/usted. **Nueva Revista de Filología Hispánica**, n. 2. v. 42, p. 385-414. 1994b.

BLAS ARROYO, J. L. Tú y usted: dos pronombres de cortesía en el español actual. Datos de una comunidad peninsular. **E.L.U.A.**, n. 10, p. 21-44. 1994-1995.

BLAS ARROYO, J. L. **Sociolingüística del español**. Desarrollos y perspectivas en el estudio de la lengua española en contexto social. 3. ed. Madrid: Cátedra, 2005.

BOLINGER, D. To catch a metaphor: you as norm. **American Speech**, v. 54, n. 3, p. 194-209. 1979.

BORJA MOLL, F. **Gramàtica Històrica Catalana**. Valencia: Universitat de València, 2006.

BORREGUERO ZULOAGA, M.; HERRERO RUIZ DE LOIZOGA, F. J. La gramaticalización del lat. *tota via* en español y en italiano: valores temporales y adversativos. **Zeitschrift für romanische Philologie**, v. 135, n. 4, p. 1007-1041, 2019.

BRAUN, F. **Terms of address**: problems of patterns and usage in various languages and cultures. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton de Gruyter, 1988.

BRAVO, D. ¿Imagen “positiva” vs. imagen “negativa”? : pragmática socio-cultural y componentes de face. **Oralia**, n. 2, p. 155-184. 1999.

BRIZ GÓMEZ, A. **El español coloquial en la conversación**. 1. ed. Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1998.

BROWN, R.; FORD, M. Address in American English. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, v. 62, n. 2, p. 375-385, 1961.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. *In*: SEBEOK, T. A. (ed.). **Style in Language**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1960, p. 252-281.

BUENAFUENTES DE LA MATA, C.; PRAT SABATER, M.; SÁNCHEZ LANCIS, C. **Gramática histórica del español**: morfología flexiva. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona Servei de Publicacions, 2015.

BUZÓN GARCÍA, J. M. **La expresión de la futuridad en el español de Valencia**. 2013. 890 f. Tese (Doutorado em Estudos Hispânicos Avançados) - Facultat de Filologia, Traducció i Comunicació, Universitat de València, València, 2013.

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. *In*: JANDA, R. D.; BRIAN, D. J. (Orgs.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J. L. **Mudança linguística**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BYBEE, J.; HOPPER, P. (Eds.). **Frequency and the emergency of linguistic structure**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2001.

CALDERÓN CAMPOS, M. Formas de tratamiento. *In*: IZQUIERDO, A.; ENGUITA UTRILLA, J. M. (Orgs.). **La lengua española en América**: normas y usos actuales. València: Universitat de València, 2010a. p. 225-236.

CALDERÓN CAMPOS, M. Variantes formales y valores semánticos de (v)os(otros) en la diacronía del español. *In*: CASTAÑER MARTÍN, M. R.; LAGÜENS GRACIA, V. (Eds.). **De moneda nunca usada**: estudios filológicos dedicados José Maria Enguita Utrilla. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, 2010b. p. 135-147.

CALDERÓN CAMPOS, M.; MEDINA MORALES, F. Historia y situación actual de los pronombres de tratamiento en el español peninsular. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 195-222.

- CALSAMIGLIA BLANCAFORT, H.; TUSÓN VALLS, A. **Las cosas del decir: manual de análisis del discurso**. Barcelona: Editorial Ariel, 2002.
- CANO AGUILAR, R. **El español a través de los tiempos**. 2. ed. Madrid: Arco/Libros, 1992.
- CARRASCO DÍAZ, S. **Metodología de la investigación científica**. Lima: Editorial San Marco, 2005.
- CARRICABURO, N. **Las fórmulas de tratamiento en el español actual**. Madrid: Arco Libros, S.A., 1997.
- CASTILHO, A. T. A gramaticalização. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, v. 19, p. 25-63, 1997.
- CASTILHO, A. T. Funcionalismo e gramática do português brasileiro. In: SOUZA, E. R. (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-42.
- CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 2000. 205p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
- CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR, C. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHEDIER, Carolina Moreira. **Perfil de figura/fundo em crianças com e sem queixas escolares**. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- CIULLA, A.; MARTINS, Mayara Arruda. Um estudo sobre classificações de tipo dêiticos. **Revista de Letras**, v.2, n. 16. 2017.
- CLAIRIS, C. El funcionalismo lingüístico. **Onomázein**, Santiago de Chile, v. 1, p. 71-80. 1996.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, S. M. (Org.). **Gramaticalização e mudança linguística**. 1. ed. Belo Horizonte: FALE/UFGM/VIVA VOZ, 2018.
- COSERIU, E. **Gramática, semántica, universales: estudios de lingüística funcional**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Tradução de Prof. Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSERIU, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1967.

CROFT, W. **Typology and universals**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introducción a la lingüística cognitiva**. 1. ed. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1999.

CUNHA, M. A. F. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 157-192.

CUNHA, M. A. F. Transitividade e passiva. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 43-61. 1996.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. **Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas**. *In*: CUNHA, M. A. F.; CEZARIO, M. (Orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1. ed. Rio de Janeiro: Manuad X: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional: teoria e prática**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. **Linguística Funcional: teoria e prática**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

DANOVA, M. (2020). La vigència del sistema pronominal tripartit tu/vós/vostè en català contemporani, **Revista Estudis Filològics i de Traducció (EFIT)**, n. 1, p. 51-73. 2020.

DEMELLO, G. Tú impersonal en el habla culta, **Nueva Revista de Filología Hispánica**, v. 48, n. 2, p. 359-372. 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DÍAZ-CAMPOS, M. **Introducción a la sociolingüística hispánica**. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Part 1: the structure of the clause. 2. ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

DIVINO, L. S. A. **Tu e você em cinco estados do nordeste a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil: um estudo variacionista**. 2020. 254 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DUBOIS, S.; VOTRE, S. J. Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico. In: VOTRE, S. J. (Org.). **A construção da gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 49-71.

EGUILUZ, L. Fórmulas de tratamiento en el español chileno. **Boletín de filología**, n. 14, p. 169-233. 2018.

FABRA, P. **Gramática de la lengua catalana**. Barcelona: Tipografia L'Avenç: Massó, Casas & C^a, 1912.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 5. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

FÉLIX-BRASDEFER, J. C. **Pragmática del español**: contexto, uso y variación. 1. ed. London/New York: Routledge, 2019.

FERNÁNDEZ MALLAT, V. El ‘voseo mixto verbal’ de hablantes chilenos en Montreal: estudio de caso en un contexto de contacto dialectal. **Boletín de Filología de la Universidad de Chile**. v. 46, n. 2, p. 35-58. 2011.

FERNÁNDEZ, M. Pronombres de segunda persona y fórmulas de tratamiento en español: una bibliografía. **Revista de Lingüística en la Red**, Alcalá de Henares, n. IV, p. 1-52. 2006.

FERNÁNDEZ, M.; GERHALTER, K. Pronombres de segunda persona y fórmulas de tratamiento en español: una bibliografía (1867 – 2016). **Revista de Lingüística en la Red**, Alcalá de Henares, n. XIV, p. 1-161. 2017. Disponível em: <http://www.linred.es/monograficos_pdf/LR-monografico15-articulo4.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

FERRARI, L. V. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística I**. Objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, F. I. Deixis e pragmática linguística. In: FARIA, I. H. *et al.* (Orgs.). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996. p. 437-445.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. Sistemas pronominales de tratamiento usados en el mundo hispano. In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. (Orgs.). **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Espasa, 1999. v. 1, p. 1300-1425.

FUENTES RODRÍGUEZ, C. **Diccionario de conectores y operadores del español**. Madrid: Editorial Arco/Libros, S. L., 2009.

GANCEDO RUIZ, M. **Evolución de la imagen de rol familiar en el teatro de finales del siglo XIX a mitad del XX**. Su manifestación en la atenuación e intensificación de los actos directivos. 2019. 505 f. Tese (Doutorado em Estudos Hispânicos Avançados) — Faculdade de Filologia, Tradução e Comunicação, Universidade de Valência, Valência, 2019.

GARCÍA GODOY, M. T. El tratamiento a los progenitores en el español peninsular (siglo XIX). Contraste de dos variedades geográficas. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ

LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 595-617.

GARCÍA, E. C.; OTHEGUY, R. L. Being polite in Ecuador: Strategy reversal under language contact. *Língua*, v. 61, n. 2-3, p. 103-132. 1983. DOI 10.1016/0024-3841(83)90029-3.

Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0024384183900293?via%3Dihub>.

Acesso em: 14 out. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. *In*: HAIMAN, J. (Org.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985. p. 187-219.

GIVÓN, T. Isomorphism in the grammatical code. *In*: SIMONE, R. (Ed.). **Iconicity in Language**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1995. p. 47-76.

GIVÓN, T. Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations. *Studies in language*, v. 15, n. 1, p. 85-114. 1991.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. Nova York: Academic Press, 1979a.

GIVÓN, T. Prolegomena to discourse-pragmatics. **Journal of Pragmatics**, North-Holland, v. 8, p. 489-516. 1984c.

GIVÓN, T. **Syntax and Semantic**. v. 12. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1979b.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984a.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v.1. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. v.2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984b.

GIVÓN, T. **Syntax**: an introduction. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia**: Materiales para su estudio I. Nivel sociocultural alto. Valência: Universitat de València, 2001.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio II.** Nivel sociocultural medio. València: Universitat de València, 2005.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **El español hablado de Valencia: Materiales para su estudio III.** Nivel sociocultural bajo. València: Universitat de València, 2007.

GÓMEZ TORREGO, L. **La impersonalidad gramatical: descripción y norma.** Madrid: Arco Libros, 1994.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Orgs.). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GONZÁLEZ VERGARA, C.; HUGO ROJAS, E. Cuando te lo piden, uno no siempre sabe qué decir: uno y tú como estrategias evidenciales en el español de Chile. **Actas del IV Congreso Internacional de Letras “Transformaciones Culturales. Debates de la teoría, la crítica y la lingüística en el Bicentenario**, p. 647-654. 2012.

GÖRSKY, E. M.; TAVARES, M. A. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v. 15, n. esp., p. 79-101. 2013.

GÖRSKY, E. M.; VALLE, C. R. M. A variação estilística em entrevistas sociolinguísticas: uma (re)leitura do modelo laboviano. In: GÖRSKY, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística.** Florianópolis: Insular, 2014. p. 67 – 92.

GRANADOS ROMERO, I. Formas de tratamiento en una comunidad rural: Rute (Córdoba). **Alfinge**, v. 30, p. 73-106. 2018.

GRANDE ALIJA, F. J. Di (tú) que como marcador del discurso. **ELUA: morfosintaxis en construcción**, Anexo VI, p. 133-156. 2019.

GUIMARÃES, T. A. A. S. **Tu é doido, macho! A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza.** 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

HALLIDAY, M. *Explorations in the Functions of Language.* London: Edward Arnold, 1973.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Language, Context and Text: aspects of language in a social-semiotic perspective.** London: Oxford University Press, 1989.

HAMMERMÜLLER, G. Evolución de las formas de tratamiento del español medieval hasta el siglo XVI. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010b. p. 507-550.

HAVERKATE, H. **La cortesía verbal**: estudio pragmalingüístico. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

HAVERKATE, H. **Speech acts, speakers and hearers**: reference and referential strategies in Spanish. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1991.

HERNÁNDEZ ALONSO, C. **Gramática funcional del español**. 3. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1984.

HÉRNANDEZ ALONSO, C. **Gramática Funcional del español**. Madrid: Editorial Gredos, S.A, 1984.

HIDALGO NAVARRO, A. Sobre los mecanismos de impersonalización en la conversación coloquial: el tú impersonal. **E.L.U.A**, v. 11, p. 163-176. 1996-1997.

HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. *In*: GIVÓN, Thomas (Org). **On understanding grammar**. Nova Iorque: Academic Press, 1979.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. *In*: E. Traugott, B. Heine (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. v.1. p. 17-35.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56. Baltimore, 1980.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge University Press, 2003.

HORA, D. Estilo: uma perspectiva variacionista. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.;

NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014. p.19-30.

HUGO ROJAS, E. Las formas de segunda persona singular como estrategias de evidenciales. **Revista de Lingüística Teórica y Aplicada**, v. 49, n. 1, p. 143-167. 2011.

HUMMEL, M. El estudio de las formas de tratamiento en las antillas hispanohablantes. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010b. p. 293-323.

HUMMEL, M. El estudio de las formas de tratamiento en Perú. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010c. p. 375-398.

HUMMEL, M. Reflexiones metodológicas y teóricas sobre el estudio de las formas de tratamiento en el mundo hispanohablante, a partir de una investigación en Santiago de Chile. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas**

de tratamiento en el mundo hispánico. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010a. p. 101-162.

HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010.

HUMMERMÜLLER, G. Evolución de las formas de tratamiento del español medieval hasta el siglo XVI. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. P. 507-530.

KANY, C. **Sintaxis hispanoamericana.** Madrid: Editorial Gredos, 1969.

KLUGE, B. El uso de formas de tratamiento en las estrategias de generalización. *In*: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 1107-1136.

KLUGE, B. Las fórmulas de tratamiento en un corpus chileno. *In*: NOLL, V.; ZIMMERMANN, K.; NEUMANN-HOLZSCHUH, I. (Eds.). **El español en América: aspectos teóricos, particularidades, contactos.** Lengua y sociedad en el mundo hispánico, v. 11. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2005. p. 169-188.

KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico.** México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 734-754.

KNAUER, G.; BELLOSTA VON CÖLBE, V. La variación sintáctica como reto teórico: una introducción. *In*: Knauer, G.; Bellosta von Cölbe, V. (Eds.). **Variación sintáctica en español: un recto para las teorías de la sintaxis.** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2005. p. 1-11.

KOCH, I. G. V. (2015 [2004]). **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas** 2. ed. São Paulo, SP: Contexto.

KOCK, I. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
LANGACKER, R. W. **Cognitive Grammar.** A basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. W. Cognitive grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics.** New York: Oxford University Press, 2007. p. 421-462.

LANGACKER, R. W. **Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar I: Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LAPESA, R. **Historia de la lengua española**. Madrid: Gredos, 2008.

LARA BERMEJO, V. **Historia de los pronombres de tratamiento iberorromances: Península Ibérica, América, África y Filipinas**. v. 92. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2022.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. 1. ed. München/Newcastle: Lincom Europa, 1995.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LIMA, J. V. M. **Análise socioestilística da variação entre as formas de tratamento *tú* e *usted* no espanhol oral de Valência**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

LIMA, J. V. M.; COAN, M.; PONTES, V. O. Variação entre as formas de tratamento no espanhol oral de Valência. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 41, e47584, p. 1-11. 2019.

LIMA-HERNANDES, M. C. O princípio da iconicidade e sua situação no português do Brasil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 8, p. 83-96. 2006.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 3ª Ed. Madrid: Editorial Gredos, 2004.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LUDWIG, R. Lingüística funcional, teoría de la marcadez y español de América: el caso del habla chilena. **Boletín de Filología**, v. 35, n. 1, p. 275-316, 1995.

LYONS, J. **Introducción al lenguaje y a la Lingüística**. 1. ed. Barcelona: Editorial Teide, 1984.

LYONS, J. **Semantics 2**. London/New York/Melbourne: Cambridge University Press, 1977.

MARÇALO, M. J. B. M. **Introdução à Linguística Funcional**. Lisboa, PT: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodología científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodología do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 225 p.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In*: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, M. **Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTINET, A. **Estudios de sintaxis funcional**. Tradução de Esther Diamante. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

MARTINET, S. Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle? **Alfa**, v. 38, p. 11-18, 1994.

MARTINS, M. A. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2019.

MATTE BON, F. **Gramática Comunicativa del Español**. 11. ed. Madrid: Edelsa, 2008.

MEDINA LÓPEZ, J. Esbozo de una bibliografía del tratamiento. **Anuario de Letras**, n. 30, p. 233-248. 1992.

MEDINA LÓPEZ, J. Panorama sobre el estudio de las formas de tratamiento en el español de Canarias. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 225-245.

MEDINA MORALES, F. La metodología en los estudios sobre formas y fórmulas de tratamiento en español. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 21-56.

MEDINA-RIVERA, A. **Phonological and stylistic variable in Puerto Rican Spanish**. 1997. 209 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculty of the Graduate School, University of Southern of California, Los Angeles, California, 1997.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1912. p. 130-148.

MEIRELES, S. M. **A negação sintaticamente explícita em diálogos falados do português e do alemão**. 1991. 108 f. Dissertação (Mestrado em Línguas e Literatura Alemã) – Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

MENÉNDEZ PIDAL, R. **Manual gramática histórica española**. Madrid: Espasa-Calpe, 1985.

MODESTO, A. T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: a alternância “tu/você” na cidade de Santos-SP**. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MOLINA, I. Evolución de las fórmulas de tratamiento en la juventud madrileña a lo largo del siglo xx: un estudio en tiempo real. In: Rodríguez, F. (coord.). **El lenguaje de los jóvenes**. Barcelona: Editorial Ariel social, 2002. p. 97-135.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. 4. ed. Barcelona: Ariel Letras, 1986.

MORÍN, A.; ALMEIDA, M.; RODRÍGUEZ, J. Variación y cambio en el sistema pronominal de trato: el caso del español canario. In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 717-734.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ no português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MOURELLE DE LEMA, M. El valenciano, lengua autóctona. **Thesaurus. Revista Digital del Instituto Caro y Cuervo**, v. 37, n. 2, p. 255-267. 1982.

MOYNA, M. I.; BLAS ARROYO, J. L. Pragmatic variation and forms of address. In: KOIKE, D. A.; FÉLIX-BRASDEFER, J. C. (Eds.). **The Routledge Handbook of Spanish Pragmatics: Foundations and Interfaces**. London/New York: Routledge, 2021.

MUHR, T. ATLAS/ti: a prototype for the support of text interpretation. **Qualitative Sociology**, New York, v. 14, n. 4, p. 349-371. 1991.

NARO, A. J. Variação e funcionalidade. **Revista de Estudos da Linguagem**, vol. 7, n. 2, p. 109-120. 1998.

NARO, A. J.; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. São Paulo, **D.E.L.T.A.**, v. 5, n. 2, p. 169-184. 1989.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. A interface sintaxe, semântica e pragmática no funcionalismo. **D.E.L.T.A.**, v. 33, n. 1, p. 25-43. 2017.

NEVES, M. H. M. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. esp., p. 71-104. 1999.

NEVES, M. H. M. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review Anthropology**. Califórnia: University of California, 1984. p. 97-117.

NUYTS, J. Cognitive linguistics and functional linguistics. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007. p. 543-565.

OCHS, E.; SCHEGLOFF, E. A.; THOMPSON, S. A. **Interaction and Grammar**. Cambridge: Cambridge university Press, 1996.

OROZCO, L. La extensión del tuteo en la ciudad de Guadalajara (México). In: HUMMEL, M.; KLUGE, B.; VÁSZQUEZ LASLOP, M. E. (Orgs.). **Formas y fórmulas de tratamiento en el mundo hispánico**. México, D.F.: El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 2010. p. 771-791.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PENNY, R. **Gramática histórica del español**. Tradução de José Ignacio Pérez Pascoal e Maria Eugenia Pérez Pascoal. Cambridge University Press, 1993.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. p. 165-218.

PICHLER, H. Methods in discourse variation analysis: reflections on the way forward. **Journal of Sociolinguistics**, Hoboken, v. 14, n. 5, p. 581-608. 2010.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística Funcional, Linguística Cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 16, Número Especial Comemorativo, p. 595-621, nov. 2020.

PONTES, V. O.; SILVA, R. F. Marcação / não marcação das formas de tratamento *tú, vos e usted* via planos discursivos. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 17, p. 1-24. 2023.

PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

PULIDO ASTORGA, P. **Análisis contrastivo de las funciones pragmático-discursivas de la segunda persona del singular no deícticas en español y en inglés**. 2016. 80 f. Monografía (Graduação em Traducción Inglés-Español) — Departamento de Lenguas y Traducción, Facultad de Artes y Humanidades, Universidad Católica de Temuco, Temuco, 2016.

PULIDO ASTORGA, P.; RIVADENEIRA VALENZUELA, M. “En la vida *teníh* que luchar para salir adelante”. Variación pragmático-discursiva y sociolingüística en los usos no deícticos de la segunda persona del singular en el español de Chile, **Onomázein: Revista de lingüística, filología y traducción de la Pontificia Universidad Católica de Chile**, n. 37, p. 16-40. 2016.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática básica de la lengua española**. 1. ed. Buenos Aires: Espasa, 2011.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Madrid: Espasa, 2009.

RIGATUSO, E. M. “¿De vos, de tú, de usted?” Gramática, pragmática y variación: hacia una reinterpretación de los pronombres de tratamiento en español bonaerense. In: REBOLLO COUTO, L.; LOPES, C. R. S. (Orgs.). **As formas de tratamento em português e espanhol: variação, mudança e funções conversacionais/Las formas de tratamiento em português y español: variación, cambio y funciones conversacionales**. Niterói, RJ: EduFF, 2011. p. 381-407.

RIVADENEIRA, M. *et al.* Variación pragmático-discursiva de la segunda persona del singular en el español de Chile: una propuesta de análisis multifuncional. **Onomázein: Revista de lingüística, filología y traducción de la Pontificia Universidad Católica de Chile**, n. 37, p. 60-90. 2017. Disponível em: <http://onomazein.letras.uc.cl/Articulos/N37/37_8-Rivadeneira.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2021.

SAMPEDRO MELLA, M. Las formas de tratamiento en un corpus de entrevistas semidirigidas de español de Galicia. **Revistas de Estudios Lingüísticos de la Universidad de Alicante, Alicante**, n. 30, p. 319-344. 2015. Disponível em: <<http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/5770>> Acesso em: 02 jun. 2021.

SANKOFF, D. Statistics in sociolinguistic. In: MESTHRIE, R. (Ed). **Concise encyclopedia of sociolinguistics**. Oxford: Elsevier Science Ltd, 2001. p. 828-834.

SANROMÁN VILAS, B. El uso de *tú* y *usted* en los jóvenes de Cádiz. In: HUMMEL, M.;

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCHIFFRIN, D. **Approaches to discourse**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publisher, 1994.

SECO, M. **Gramática esencial del español**: introducción al estudio de la lengua. 3. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

SERRANO, M. J (ed.). **Estudios de variación sintáctica**. Madrid: Iberoamericana, 1999.

SERRANO, M. J. Análisis cognitivo-discursivo y situacional de las formas de tratamiento en función de sujeto y de objeto en español. **Spanish in context**, v. 15, n. 1, p. 103-126. 2018.

SERRANO, M. J. El continuo sintaxis-discurso-pragmática en el análisis de la variación sintáctica en español. **Neophilologische Mitteilungen**, v. 111, n. 2, p. 175-197. 2010.

SERRANO, M. J. El pronombre *tú* como recurso objetivador en español: variación textual y discursiva, **Borealis: An international Journal of Hispanic Linguistics**, v. 2, n. 1, p. 179-197. 2013.

SERRANO, M. J. Going beyond address forms: variation and style in the use of the second-person pronouns *tú* and *usted*. **Pragmatics**, v. 27, n. 1, p. 87-114. 2017.

SERRANO, M. J. **Gramática del discurso**. Madrid: Editorial Akal, 2006.

SILVA, A. S. Perspectivação conceptual e gramática. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 12, n. 1, p. 17-44. 2008.

SILVA, A. S. A linguística cognitiva: uma breve introdução ao novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v. 1, p. 59-101. 1997.

SILVA-CORVALÁN, C.; ENRIQUE-ARIAS, A. **Sociolingüística y pragmática del español**. 2. ed. Washington, D.C: George Washington University Press, 2017.

SILVEIRA, E. **O aluno entende o que se diz na escola**. Rio de Janeiro: Ed. Dunya, 1997.

SILVEIRA, E. **Relevância discursiva**: o discurso do adulto vs. o discurso do aluno. **Cad.Est.Ling**, v. 27, p. 27-45, 1994.

SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-121.

STOLL, E. La fórmula de tratamiento *señorita* en el español peninsular comparada con el *fräulein* alemán. Modificaciones de significado y empleo. In: SCHRADER-KNIFFKI, M. (Ed.). **La cortesía en el mundo hispano**: nuevos contextos, nuevos enfoques metodológicos. Madrid: Iberoamericana, 2006. p. 79-95.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1985.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. Tese (Doutorado em Linguística), UFSC, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento sociolingüístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

TAYLOR, J. R. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TORREJÓN, A. Acerca del voseo culto de Chile. **Hispania**, Birmingham, v. 69, n. 3, p. 677-683. 1986.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.) **Approaches to Grammaticalization**. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamim, 1991.

USTEDEO. In: **Diccionario de la lengua española**: Edición del Tricentenario. Madri: Real Academia Española, 2023. Disponível em: <<http://dle.rae.es/>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. A construção de uma variável estilística complexa para medir a configuração da entrevista sociolingüística. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 30-45, maio/ago. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p30-45>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação lingüística na entrevista sociolinguística. *In*: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. (Orgs.). **Variação Estilística**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 93-121.

VÓS. *In*: **El Gran Diccionari de la Llengua Catalana**. Barcelona: Grup Enciclopèdia, 1998. Disponível em: <https://www.diccionari.cat/cerca/gran-diccionari-de-la-llengua-catalana?search_api_fulltext_cust=v%C3%B3s&search_api_fulltext_cust_1=&field_faceta_cerca_1=5065&show=title>. Acesso em 21 abr. 2023.

VOTRE, S. J. **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.